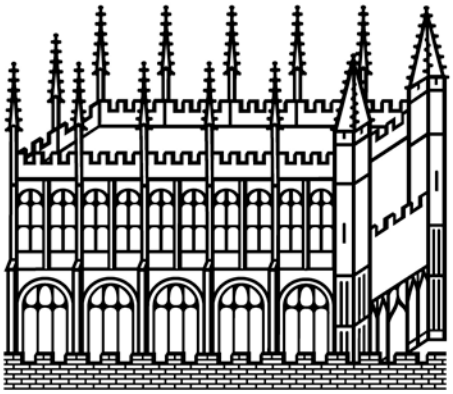

Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

F 274 (Finch)

THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que ſe repreſentárão nas Caſas dos Theatros públicos do Bairro Alto, e Mouraria,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por * * *

TOMO QUARTO

Contém
- Filinto
- Encantos de Circe.
- Semiramis.
- Encantos de Merlim.

LISBOA.

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1792.

Com Licença da Real Meza da Commiſsão Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros

Vende-ſe na meſma Officina.

Foi taxado eſte Livro em papel a trezentos e vinte reis. Meza 29 de Outubro de 1792.

Com tres rubricas.

FILINTO
PERSEGUIDO, E EXALTADO.

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro público da Mouraria.

ARGUMENTO.

Policrates Rei dos Samios, Pai de Filinto e Adaſtro, por ſer mais amante deſte, que do outro, o pretendia collocar no Real Throno, não obſtante ſer filho ſegundo: o que não levando a bem Filinto, não quiz eſtar pelo juramento, e por iſſo julgado por deſobediente, era aborrecido do Pai. Elle amava a Irene, Princeza da Perſia, que no meſmo Palacio aſſiſtia em habitos de homem, e com o nome de Carpio; para ter melhor occaſião de matar a Policrates, o que ſempre Filinto embaraçava, noticiando a ElRei, que guardaſſe a vida, por haver traidor occulto; e ElRei julgando pela paſſada deſobediencia ſer o meſmo filho o traidor, o mandou prender, e ultimamente matar; do que ſe livrou por conjuração da plebe, que o acclamou Rei dos Samios. Tudo o mais ſe verá da contextura da meſma Obra.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Templo com Ara, e Simulacro do Sol.*
II. *Camera com hum bofete.*
III. *Gabinete.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Parque Real.*
II. *Sala Regia com cadeiras.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Carcere.*
III. *Praça Real com apparato para a coroação.*

A Scena ſe repreſenta em Seleucia, Provincia ſujeita ao Imperio da Perſia.

INTERLOCUTORES.

Policrates, *Rey dos Samios, amante de Eſtella.*

Filinto, *Primogenito de ElRey, amante de Irene.*

Adaſtro, *Filho ſegundo de ElRey.*

Alicandro, *General das Armas, e amigo de Filinto.*

Irene, *Princeza da Perſia, em habito de homem, com o nome de Carpio.*

Eſtella, *Irmã de Alicandro, e amante de Filinto.*

Pedreneira, *Criada de Eſtella.*

Deſenfado, *Gracioſo, Criado de Irene.*

Macaco, *Sevandija de Palacio.*

Soldados.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Perſpectiva de Templo conſagrado ao Sol com Ara, e Simulacro do meſmo, no qual eſtará El Rei, e Filinto, Adaſtro, Deſenfado, e Macaco.

CORO.

Do throno a eleição
Examine Febo,
E as luzes inſpire
Para os acertos.

Rey. FIlhos bem ſabeis, que deſte Reino não ſou menos Pai do que voſſo. A vós vos devo o affecto, e o Reino hum juſto ſucceſſor, que ſeja digno Athlante deſta Monarquia. Hoje he o deſtinado termo da minha eleição.

Mac. Se Voſſa Mageſtade quer fazer eleição, ahi tem já dous irmãos.

Deſ. E ſe forem preciſos mais para a meza, aqui eſtou eu.

Adaſt. Do teu querer, Senhor, ſó pende a minha ſórte.

Mac.

Mac. Ora eſperem; eu cuidava, que iſto era por eleição, mas já vejo que he por ſorte.
Filint. E a qual de nós approva o teu affecto?
Rey. Eſtão tão conformes os voſſos méritos, que não divisa preferencias o meu exame. Diſſimularei o amor de Adaſtro. *á part.* Mas para que conſiga a minha eleição o effeito, quero, por evitar diſcordias, que ambos jureis neſte dia guardar conſtante fé, e rendida vaſſallagem a quem for o feliz objecto dos meus votos. Eſta he a Ara, aonde a voſſa obediencia ſeja o deſempenho do meu goſto; e eſte o Numen, que ſerá teſtemunha dos voſſos proteſtos.
Deſ. Ui, ſenhores, nós ſomos as teſtemunhas, e elles são os que jurão? *Para Mac.*
Mac. Sim, ſenhor; querem que vejamos, para não jurarmos falſo. *Para Deſenf.*
Filint. Eu, que do Throno ſou primogenito, dar juramento tal não conſinto. *á part.*
Adaſt. Seja, Senhor, a minha promptidão abono da minha obediencia. Sem duvida ao Throno hoje o ſeu amor me eleva. *á part.*

Ajoelha diante da Ara do Sol, e canta o ſeguinte.

RECITADO.

Nas tuas aras, ſagrado Numen,
Proteſta Adaſtro, e jura de conſagrar
Ao futuro Monarca rendimento, e fé;

E quando falte ao que promette,
Se lhes transformem em opacas trévas
Os raios, que luminoſo gyras. *Levanta ſe.*

Deſ. Arre como jura!

Rey. Amado filho, chega aos meus braços: e tu, Filinto, examina na obediencia de teu menor irmão a ſatisfação cabal do meu deſejo. *Abraça a Adaſtro.*

Mac. He muito bom enſino de Pai, ver peccar o filho, e dar-lhe os amães! Se elle lhe dera a mão para o levantar da culpa, lá tinha deſculpa. *á part.*

Adaſt. Duvidoſo ſe calla. *á part.*

Rey. Que vacillas? Não cumpres o meu mando? Em que te demoras? *Para Filint.*

Deſ. Antes por elle cumprir com os mandamentos, he que não jura. *á part.*

Filint. Senhor..... eu..... não.....

Mac. Parece que não aſſina. Eſte fim, que guarda os preceitos á riſca, o primeiro faça o que quizer; mas o ſegundo não jurarás. *á p.*

Rey. Promptamente obedece.

Filint. Em fim, Senhor, queres que eu jure? E dize-me, com que razão eſpira ao Solio Adaſtro? Ignoras por ventura, que ficão os ſeus annos inferiores á minha idade? Não ſabes os triunfos que deve a tua Coroa á minha eſpada? Em que te ſervio Adaſtro, para lograr comigo os privilegios da competencia? Lograr os teus agrados, pódem fim fazello

mais

mais venturoſo, mas não mais benemerito; que as honras do deſtino não devem tirar a gloria á heroicidade. Pois ſe nada ignora a tua intelligencia, ſuperfluo imagino o juramento.

Mac. Quando elle não tiveſſe outro jus, baſtava-lhe o de *jure jurando*, *juxta textum in lege*..... mas não vai a oſtentar.

Rey. Não ſó, ingrato, vive na minha memoria impreſſo o que me narras, mas ainda na eſféra da lembrança eſtão mais vivos outros cuidados. Lembra-me que a inimiga Irene amaſte: lembrão-me os ſuſpiros, que exhalaſte, quando da minha mão a ſua morte viſte: e julgo que ſe ainda hoje vivêra, faltáras ao meu decoro, ſómente por ſatisfazer aos teus affectos.

Deſ. Pois que vai? ElRei cuida que minha Ama eſtá morta; que faria, ſe ſoubeſſe que anda em Palacio feita homem. *á part.*

Mac. Eu ſupponho que os dous vem conjurados. *á part.*

Filint. Apague, Senhor, o teu poder, apague eſſe amoroſo incendio, que te inflamma no peito Adaſtro: ſejão os teus affectos degráos por onde ſuba ao Throno. Mas eu farei que a plebe....

Rey. Como, atrevido, tens temeridade para os ameaços?

Deſ. Iſto parece-me que não pára aqui; mas com effeito não quero ver no que topa: vou-me eſgueirando a contar á machafemea de

de minha Ama o que ſe paſſa; pois quiz fazer-me neſta eleição andador de novas.

Mac. Ah Senhor, eſpere, que poderá ſervir para teſtemunha; que iſto ſempre parará em morte. *Para Deſenfado.*

Adaſt. Rei, Pai, e Senhor, ſuſpende as iras: ſeja de Filinto o Reino, que eu para timbre da minha gloria muito conſigo no favor que logro.

Rey. Não: para caſtigo do ſeu atrevimento farei que neſte dia te veja a ti ſó conſtituido Monarca do meu Reino, por ver ſe póde collocallo a plebe á eminencia de que o priva a minha graça. *Vai-ſe.*

Deſ. Eu ſupponho que ElRei quer tirar os olhos ao Principe; pois dizer-lhe que neſte dia o ha de ver ſó Monarca, he certo que o quer cegar; mas eu vou dizer a minha Ama, que venha evitar eſta cegueira. *Vai-ſe.*

Filint. Em fim, temerario, podes, ſem que te embargue o pejo, ainda ſer objecto da minha viſta.

Adaſt. Aſſim fallas, ſoberbo, com o teu Monarca? Não ſabes que dos meus decretos vive pendente a brevidade da tua morte? Procura pois no ſilencio os privilegios á tua vida; ou a minha eſpada.... *Empunha.*

Mac. Tenha máo. Ui, Senhor, Voſſa Alteza mais pequena quer ſer Principe, ou Rei de armas?

Filint. Que intentas, traidor? Ainda na tua

frente não aſſentou a tyrannia a Coroa. Muito ufano te tem a idéa de huma eſperança; mas conſidera que na tua eſcolha ainda ha o prazo de hum dia para o arrependimento.

Mac. Sim, ſenhor, elle já eſtá arrependido, ſenão aqui eſtou eu por elle, que todos ſomos peccadores.

Sahe Irene em trage de homem com o nome de Carpio, e Deſenfado.

Deſ. Senhor Carpio Irenico, he iſto que lhe digo: ElRei eſtá muito aſſanhado, e quer cegar ao Senhor Filinto, ſe não ſe oppõem a eſta deſgraça, ficará ſem a menina dos ſeus olhos.

Iren. Calla-te, não manifeſtes quem ſou. *a Deſenfado.* Principes, ceſſe o voſſo enfado; que não he juſto offuſque a Seleucia os jubilos, que hoje goza eſſe apaixonado certamen, que em vós ſe encerra.

Deſ. Ahi vai minha Ama apregoar as pazes. *á part.*

Adaſt. Diſſimularei. *á part.* Eſſe ſómente he o meu deſignio; porém não devo á ſorte eſſa ventura.

Filint. Que fingida modeſtia! *á part.*

Mac. Não, o Senhor Adaſtro por ſi he hum coiradinho: o outro he que he mais traquinas.

Filint. Que dizes, atrevido?

Mac. Digo, que Voſſa Alteza he mais reſingueiro, e o ſeu manito he mais medroſo.

Adaſt.

Adaſt. Calla-te, ou te matarei.

Mac. Ainda que me mate, verá ſe não fallo.

Iren. Patente he á minha experiencia a decoroſa humildade de Adaſtro.

Filint. Ai, caro amigo, e como ignoras que he rebuço da traição aquella caricia!

Adaſt. Ouves aquelles écos? Pois julga pelas chammas que no ſemblante atêa, o irado lume que no peito guarda.

Deſ. Ainda não ha de eſtar eſcaldado. *á part.*

Iren. Baſta, Principe: parte deſte lugar: não faças, que a impaciencia chegue a romper os decoros á tua ſoberania.

Adaſt. Satisfaço o teu goſto; mas peço-te, que lhe intimes as veras, com que extremoſo o adoro: dize-lhe, que nelle reconheço o meu Monarca, e que venturoſo lhe obedeço como Soberano. *Vai-ſe.*

Deſ. Ora vá-ſe andando lo ſalſinha.

Mac. Bello era eſte Adaſtro para ſer mulher; porque tinha o eſſencial que he ſer mudavel. Quem viſſe as furias, com que elle eſtava, havia cuidar que elle era alguma couſa por eſſes ares; no cabo he hum pateta. Ora vamos chegando para palacio. Se ſerão já horas? Ah Senhor, iſto ſerá já tarde? *Para Deſenſado.*

Deſ. Não: porque, voſſa mercê não vê alli o Sol? *Apontando para o Simulacro.*

Mac. Ah, ſim, já vejo que he tarde.

Deſ. Porque.?

Mac.

Mac. Porque aquillo he Sol poſto.
Deſ. E voſſa mercê vê iſſo?
Mac. Sim, ſenhor.
Deſ. Então não ha mais ir á India.
Mac. Pois, Senhor, regale-ſe, e adeos.
Deſ. Voſſa mercê quer companhia?
Mac. Não, ſenhor, porque eu não ſou Capitão. *Vai-ſe.*
Deſ. Sim: mas alvora como hum Sargento.
Filint. Bella, e adorada Irene....
Iren. Suſpende a voz: calla o meu nome, e chama-me Carpio, que não quero communicar ainda ás paredes deſte Palacio aquelle arcano, de cuja ignorancia ſó eſtão livres os noſſos peitos.
Filint. Ninguem nos ouve, mais que eſſe Criado, cuja fé ſerve de depoſito a eſte ſegredo. Sabes, querida Irene, que intenta meu Pai uſurpar-me o merecido Solio?
Iren. Já Deſenfado me deu eſſa noticia. Mas dize-me; que obſtaculo intentas á ſua tyrannia?
Deſ. Ainda mais? Diſſe que lhe havia arrancar os olhos fóra, ſó para que não viſſe o outro feito Monarca.
Filint. E que poſſo eu fazer?
Iren. O que? Quanto aſpirar o teu deſejo. Anciоſo te venera o povo: elle póde na correcção deſte delicto dar ſatisfação a duas queixas, á minha vingança, e á tua uſtiça.
Filint. Ai meu bem, e que me pedes?
Deſ. Se ella lhe dá o remedio, pede-lhe á apaga. *Iren.*

Iren. Sabes quem ſou?

Filint. Venturoſo não ignoro que és a melhor parte da minha alma.

Deſ. Sim, que eſta Irene he os ſeus peccados. *á part.*

Filint. Sei que da Perſia és a ſoberana Princeza.

Iren. Sabes que do violento impulſo de Policrates foi meu Pai deſpojo? Sabes que avarento do meu ſangue, deſprezando os troféos do meu Reino, quiz fazer alvo das ſuas tyrannias o meu peito?

Deſ. Eis-alli o que he ter os peitos brancos, que logo todos querem atirar ao alvo. *á part.*

Iren. Pois ſabe, que o traje que obſervo, he hum diſſimulado para o ſeu eſtrago: hoje renderá o aleivoſo alento, que reſpira.

Filint. Deoſes, que eſcuto! Meu Pai! He poſſivel, que quando es o extremoſo mimo dos ſeus agrados, recompenſes com huma tyrannia tantos affectos?

Deſ. Não fora elle mulher. *á part.*

Iren. Gratifico-lhe as honras como Carpio, e aborreço-o tyranno como Irene.

Filint. Ai infeliz! Em fim que determinas?

Deſ. Ella he determinada. *á part.*

Iren. Se intentas com amoroſo vinculo unir a minha alma aos teus affectos, tu meſmo has de ſer o defenſor da minha injuria; a ElRei has de dar a morte.

Filit. A meu Pai? Em vão o intentas.

Iren. Pois, ingrato, ſe o teu braço me nega

o deſempenho da vingança, outro tenho já na minha defenſa, a cujo extremo goſtoſa recompenſo com a minha mão: tu perderás ſem remedio neſte dia hum Pai tyranno, e huma eſpoſa amante.

Filint. Ah falſa, são eſtas as finezas, que me proteſtaſtes? Para que me diſſeſte, que á minha preſença te conduzia amor, ſe, a pezar da experiencia, ſó em ti examino odio?

Iren. Em quanto foi juſto, ElRei occultava o odio; mas quando o vejo para comtigo ingrato, rompe os laços a deſeſperação.

Filint. Eu Parricida! He premio eſte para quem te adora?

Iren. Baſta de adular-me, que já ſei me não amas.

Filint. Que dizes? Não és tu o idolo que idolatro?

Deſ. He bem herege! *á part.*

Iren. Aqui ſe encaminha Eſtella; e pois os teus favores logra, ella te reſponderá.

Filint. Não he amor o agrado, que a Eſtella moſtro: ſei que meu Pai a adora; e na attenção, que lhe guarda, a hum inimigo liſongeo.

Sahem Eſtella, e Pederneira.

Iren. Oh que ditoſa foi, Senhora, a tua vinda, pois eximiſte de hum damno a quem na tua auſencia ſó vive dos ſuſpiros!

Eſtel. Quando Carpio o affirma, ſerá o meu credito mais divida, que jactancia.

Deſ.

Deſ. Ai, ai, que lá vem Pederneira fuzilando como hum raio! *á part.*

Ped. Oh, cá eſtá o meu Deſenfado muito divertido. *á part.*

Iren. Filinto, que te idolatra, melhor ſaberá dizer-te o que padece.

Filint. Piedoſos Ceos! Que violento eſtilo he eſte de matarme? *á part.*

Eſtel. Em fim, Senhor, pôde na luta dos affectos conſeguir o meu amor os rendimentos? He poſſivel, que no teu peito eſtão memorias minhas? *Para Filinto.*

Iren. Só tu és o enleio goſtoſo dos ſeus cuidados.

Filint. Quem? Eſtella? *Para Irene.*

Iren. Calla-te, perjuro. *Para Filinto.*

Ped. E como eſtará minha Ama ſofa! *á part.*

Deſ. Ah Pederneira, quem te tocará a fogo! *á part.*

Eſtel. Oh, como no ſilencio, que inculca, deſapprova os ſuſpiros, que me exaggeras! *Para Iren.*

Iren. Sabe que de teus raios he amante gyraſol Filinto, e aquella mudez, que argues, he mais abono de que te idolatra. Não ſabes, que a formoſura ao tempo que anima, tambem ſuſpende? Deixa que negue agora ás ſuas vozes o goſto que entrega á ſua elevação.

Deſ. Muito empenhada eſtá minha Ama neſtes amores. *á part.*

Eſtel. Por mais que as tuas expreſsões queirão

cortar os fios á minha duvida, o deſvio dos ſeus olhos he manifeſto indicio para o meu cuidado.

Iren. Eſſe retiro he preciſo effeito do ſeu pejo; talvez que a minha auſencia lhe eſtrague a cobardia.

Ped. Sim, aquillo nelle he vergonha, que eu bem lha conheço.

Filint. Ai, meu bem, e como he falſo o que proferes! *Para Irene.*

Iren. Tudo he verdade, traidor. *á part.* Não duvides pois, Senhora, dos ſeus rendimentos, quando eu ſou fiel teſtemunha dos ſeus cuidados; e para que te deſenganes, eu me auſento, e verás ſe não leva a ſua fineza muitos exceſſos á minha intimativa.

Eſtel. Oh, e como temo, que me deſengane!

Iren. Não quero criminar-te eſſe receio, por te não uſurpar a prova de que a Filinto eſtimas; mas ſabe, que á minha experiencia ſobra o conhecimento da ſua conſtancia.

ARIA.

A fé de todo o amante
He ſempre mal ſegura;
Chora, promette, e jura;
Mas logo o ſeu querer,
Se he facil em morrer,
Se guia a enganar,
Depois diz, quando ingrato
Já de adorar ſe cança:

Não

Não he huma mudança
Defeito no adorar. *Vai-ſe.*

Def. Ora minha Pederneira até logo.
Ped. Vai-ſe? Mas diga-me, aonde quer que nos vejamos?
Def. Eu te procurarei na caixa da iſca. *Vai ſe.*
Eſtel. Agora, amado bem, que a falta de Carpio concede com mais deſafogo o indulto ás tuas vozes, falla, não te ſuſpendas: declara-me eſſe goſtoſo incendio em que te abrazas.
Ped. Senhora, não tens que fazer com elle, que eu ſei, que tem muita vergonha; mais repara-lhe tu nos beiços, e verás como eſtão encarnados.
Filint. Que importuna! Eſtella, ſe amante o meu deſcanço eſtimas, no eſquecimenro deſſe amor, que dizes, acharás o antidoto ao meu tormento; vê que ſimulacro és aos cultos de Policrates; e ſe ſoubeſſe que nas tuas aras aceitavas outra victima, talvez que na pyra de ſeu peito as chammas amoroſas ſe trasladaſſem em iradas labaredas para a vingança; e aſſim.....
Eſtel. Embarga o ſuſto; fia do meu cuidado eſſa incumbencia; e verás como a gloria, a que aſpiro, não paſſa os foros do noſſo ſegredro.
Filint. Sim; porém Carpio....
Eſtel. Carpio he fiel, e approva o noſſo amor.
Filint. Muitas vezes differe o coração dos labios, e ſe não temêra....
Ped. Ei-lo-ahi, como he tão perfeito, por força havia de ter algum ſenão.

Eſtel. Se outro embaraço não tens para adorar-me, já podes concede-me a gloria, que ſolicito.

Filint. Ainda outro obſtaculo he remora dos meus deſejos.... Eſtella adeos.

Eſtel. Eſpera, relata-me qual ſeja: porque o não expreſſas?

Filint. Por te evitar hum enfado, e por me eximir a hum pejo.

Pe l. Eu apoſtarei, que he falta de vontade; pois iſto de querer he ſó do que ſe compõem; mas como elle tem pejo, talvez que o mova. *á part.*

Eſtel. E pretendes que fique duvidoſa?

Ped. E qual he a duvida.

Filint. Não, não: mas devo auſentar-me.

Eſtel. Em vão o intentas, ſem que primeiro diſſolvão as minhas duvidas os teus acentos.

Ped. Ai, Senhora, elle não aſſenta em couſa certa, porque quer que fique a duvida em pé.

Filint. Em outra occaſião....

Eſtel Superflua he toda a inſtancia para a eſcuſa.

Ped. Não tem que fazer; ha de dar-nos o goſto de o ouvirmos.

Filint. Pois já que a tua curioſidade quer indagar os íntimos archivos de meu peito, ſabe que nas luzes de outros raios vivo amante maripoſa; outro norte ſigo; não te quero, e já me canço de ouvir-te: a eſperança, que te dou de amar-te, he o deſengano de não querer-te.

Ped. Elle andou como hum negro, mas eu não vi fallar mais claro. *á part.*

ARIA.

Filint. Se te promette acaſo
O meu ſemblante affecto,
Vè que te mente o aſpecto,
Vê que te engana, ſim.
Se a outro bem adoro,
A ti ſó te aborreço,
E ſe eu de ti me eſqueço,
Eſquece-te de mim. *Vai-ſe.*

Ped. He bom arrevimento! Ai, Senhora, elle deſpede ſe como quem vai de caminho.

Eſtel. Soberanos Deoſes, que he o que por mim paſſa! Eu ſendo objecto dos deſprezos a hum ingrato, que ſempre foi a imagem dos meus cultos? Mas que aguardo, que não gaſto na vingança o tempo, que permitto á queixa! Morra Filinto no meu peito; farei que o odio de Policrates lhe deſtrua a máquina da ſua ſoberba; direi que contra o ſeu decoro ſolicita os meus affectos; e farei que meu irmão Alicandro ſe offereça ao partido de Adaſtro.

Ped. Ai, Senhora, deixa-te de paixões, e dize-lhe que o leve o diabo, e mais quem lhe quer bem.

Eſtel. Que dizes? Tu não vês, que eu ſou quem o idolatra?

Ped. Eu, Senhora, não te rogo as pragas a ti, ſenão áquelle norte, que elle ſegue, que ſuppenho ama tanto a tal menina, que bebe por ella os ventos. *Eſtel.*

Eſtel. Calla-te, que ſuppoſto que ingrato, he tanto o que lhe quero, que julgo me ſocegará, ſe nas aras das minhas queixas rendeſſe o ſeu amor por victima do aggravo.

Ped. Oh, pois ella para victima he muito boa rez.

Eſtel. Porém como me eſqueço do ſeu deſprezo? Vença a minha ſoberania ao meu affecto: morra, torno a dizer, morra Filinto.

Sahe Alicandro.

Alic. Querida irmã, tempo ha que te buſca a minha diligencia com algum cuidado.

Eſtel. He tão opportuna a occaſião em que chegas, que ſupponho a regulaſte pelos meus deſejos.

Alic. Nunca mais ancioſo procurei a tua preſença.

Eſtel. Nem já mais a tua me foi tão neceſſaria. Sabe pois. . . .

Alic. Eſcuta: ElRey, cego do amor de Adaſtro pretende preferillo no Throno a Filinto; a Plebe toda em bandos dividida murmura a injuſtiça: tu, que de ElRey dominas o alvedrio, pódes compaſſiva, e juſticeira fazer, com que o ſeu acordo melhore tantos damnos.

Pedr. Sim: lá o vai elle agora acordar. Ora o diacho não tem ſono. Não, olhe Senhor Alicandro, dahi dormir.

Alic. Faze pois, Senhora, que ſeguindo a razão, eleve ao Solio o ſoberano Filinto, em cujo heróe ſuſtente o pezo eſta Monarquia.

Eſtel.

Eſtel. Que dizes? Filinto heróe! Hum ſoberbo, que imagina, que quanto a impulſos do deſtino goza, tudo he tributo, que ſe lhe paga?

Alic. Que mudança he eſta, que encontro nas tuas vozes? E crês....

Eſtel. Creio preciſo o ſeu eſtrago para o noſſo credito.

Ped. Faz como mulher honrada. *á part.*

Eſtel. Proxima eſtá a occaſião da ſua deſgraça: não te opponhas tu de alguma ſórte á ſua ruina.

Alic. E quem póde, Senhora, mudar o teu peito para tantas iras?

Eſtel. Não te pertence o exame do que callo.

Alic. Sim, mas julgarão pouca eſtabilidade no teu genio.

Eſtel A's vezes he prudencia avariedade.

Ped. Se iſſo fora verdade, ninguem era mais prudente, que as mulheres, porque ninguem mais mudavel, que ellas; mas como a prudencia he parte do juizo, não para nós que todas ſomos humas varias. *á part. Vai-ſe.*

Eſtel. Vê o que te encommendo, e fio o deſempenho na obrigação do teu ſangue. *Vai-ſe.*

Alic. Fruſtrado he o ſeu intento contra a minha divida: fiel ſerei a Filinto; que não devo manchar hum amor tão certo nas contingencias de ſer, ou não juſtificada a tua queixa.

ARIA.

ARIA.

A' onda, que inconſtante
Se move a todo o inſtante;
Ao vento, que ordinario
Tem por firmeza o vario,
Excede na mudança
O feminil ardor.
Ai de quem triſte eſpera
No voſſo amor certeza,
Se tendes ſó firmeza
Em nunca ter amor! *Vai-ſe.*

SCENA II.

Camera de ElRey com bofete. Sahe Deſenfado.

Deſ. ORa vamos ver ſe Pederneira veio já para caſa; pois como são horas de ferir lume queria petiſcar com ella o meu bocado. Ai negra rapariga, trazes-me tão cego, que te não poſſo ver! Mas como hei de eu ver, ſe me falta a menina dos meus olhos? Mas eſperem: que venho eu cá fazer ſem os traſtes, que ella me pedio? Vamos andando, antes que ella por ahi venha: mas não, eſperemos, que para tudo haverá deſculpas; em a gente tendo fazenda, logo tem muito remedio. Mas aqui ſinto paſſos, ſe ſerá ella? E's tu minha...

Sa-

Sahe Filinto com huma carta na mão.

Filint. Quem eſtá aqui! Porém que vejo o criado de Irene! Alguma traição receio *á part.*

Deſ. Ai deſgraçado de mim! Lá vai o meu credito com o diacho. Elle certamente cuida, que eu vinha dormir com ſeu Pai, pois na ſua camera não tinha mais que fazer; mas a culpa tem Pederneira, que me mandou vir a eſte quarto, para agora me fazerem a cama. *á part.*

Filint. Não reſpondes? A que entraſte neſte ſitio?

Deſ. Quem dera diſſo para hum empenho.

Filint. Que dizes?

Deſ. Os traſtes de Pedorneira que.....

Filint. Não te entendo.

Deſ. Pois he hum aſno. *á part.*

Filint. E dize-me, (Ai de mim! Se ſerá ccuſa de Irene? *á part.*) tu vieſte ſó?

Deſ. Sim, Senhor, eu ſou ſó o cáqui.

Filint. Aparta-te pois deſte lugar.

Deſ. Qual, não me vou: ſe eu quero eſperar por ella: aſſim era eu aſno, que perdeſſe a tolá.

Filint. Vai-te, ou te matarei.

Deſ. Ui, Senhor, ſe eu tenho neceſſidade de eſtar aqui, hei de cá vir ſem fazer meus feitos?

Filint. Já a impaciencia.....

Deſ. Ora tenha mão: eu me vou, mas ſaiba que me auſento porque me manda, ſenão, não

não lhe havia obedecer. (*Retira-ſe ao Baſtidor.*) Mas daqui verei o que faz, que ſupponho quererá eſperar por Pederneira; que a tolice foi dizer-lhe eu ao que vinha. *á part.* Ah Senhor do arame, puxe-me aqui para eſte baſtidor. *Eſconde-ſe.*

Filint. Sem offender ao bem, que adoro, venho cumprir com as obrigações do ſangue. Nos mudos caracteres deſte papel (*Tira hum papel*) veja meu Pai o perigo, a que eſtá expoſto: o damno lhe communico, mas que he Irene o author lhe occulto. Aqui pois..... Mas que vejo? ElRei ſe encaminha á ſua habitação: que farei? Se chega a ver-me, ſabe que o aviſo he meu, e ha de conſtrangerme a declarar-lhe o réo: aqui me occultarei.

Põem o papel ſobre o bofete, retira-ſe ao baſtidor, e ſabe Deſenfado.

Deſ. Ai, que hiſtoria he eſta? Sua Alteza jogando as cartas ſó! Se ſerá ella fradinho da mão furada? Ora vamos ver, que tratada he eſta, que talvez me ſirva de alguma couſa. (*Sabe*) Ah não me enganei, aqui eſtão letras, então já poſſo comprar a Pederneira o que ella quizer. Mas aqui vem ElRei, verei ſe me quer rebater a divida. *Pega nos papeis.*

Filint. Que vejo? Sahirei a caſtigar-lhe a ouſadia: mas ElRey... *Faz que ſabe, e retira-ſe, á part.*

Sa-

Sahe ElRei, ſem ver a Deſenfado.

Rey. Que pertenda hum filho ingrato pôr ſujeições aos meus decretos! Não ſei como a impaciencia me não mata. *á part.*

Deſ. Senhor, aqui eſtá o filho da folha. *Com o papel na mão.*

Sahem Eſtella, e Pederneira.

Rey. Mas que vejo! Que motivo, meu bem, te obriga a conceder me a gloria de ver-te n'eſta eſtancia? *Para Eſtella.*

Eſtel. Agora vinganças. *á part.* O procurar na tua preſença aſilo para tanto inſulto, que ainda não baſta neſte Palacio conſeguir os teus favores para eximirme de attrevidos aggravos.

Deſ. ElRei, como percebeo que iſto era couſa de letra, faz ouvidos de Mercador. *á part.*

Rey. E quem he o ſacrilego, que offende na tua deſatenção o meu reſpeito? Que delicto encontrou em ti a ſua barbaridade?

Ped. Cá eſtá Deſenfado, verei ſe me traz o que lhe pedi. *á part.*

Eſtel. O delicto, que o move, he a minha conſtancia para os teus affectos.

Ped. Ora vejão minha ama como mente. *á p.*

Rey. Manifeſta-me o traidor, e verás no ſeu eſtrago o deſempenho da minha ira.

Eſtel. Hum filho teu procura com repetidas inſtancias uſurpar o ſocego ao meu deſcanço: ſolícito amante me perſegue, e eſcuto os ameaços

ameaços da minha morte, quando os meus enfados dão a reſpoſta aos ſeus deſvélos.

Filint. Deoſes, que ouço! *á part.*

Ped. Ai Senhor, hontem eſtava elle de ſórte, que punha os olhos em alvo. *Para ElRey.*

Def. E a ti nada te paſſa em claro.

Rey. Do meu querido Adaſtro não póde ſer a offenſa: Filinto he o falſo.

Eſtel. Não ſe enganou, Senhor, a tua idéa: Filinto he o que importuno amante me ſegue: vê que he Principe, e conſidera o remedio preciſo para tão grande aſſalto.

Def. O verdadeiro he deixar-lhe avançar a brecha. *á part.*

Filint. Ai infeliz, tudo ſe conjura contra a minha ſorte. *á part.*

Def. Talvez que iſto ſeja alguma Carta de amores, que elle deixaſſe aqui para que ella a viſſe; mas ElRei premiará a minha lealdade. Senhor.... *Para ElRey.*

Rey. Como permittis, ſoberanos Deoſes, tal atrevimento? Suſpende, Senhora, o teu cuidado, que eu darei no ſeu caſtigo ſatisfação a tantas queixas; farei... mas baſta, tu o verás.

Filint. Dura pena! *á part.*

Eſtel. Não foi a minha induſtria fruſtrada idéa para a minha vingança. *á part.*

Def. Senhor, Voſſa Mageſtade não ouve?

Rey. Ah ingrato filho! Mas quem eſtá aqui? *Para Deſenfado.*

Def. Eu Senhor, que eſtou com eſta petição eſperando que Voſſa Mageſtade acabe de deſ-

deſpachar: aqui verá a minha fé, e os meus ſerviços.

Dá o papel a ElRey, o qual o lê para ſi.

Eſtel. Se eu pudera, Senhor, executar o ſeu caſtigo.... Mas que myſterioſo papel lhe traslada as côres para o ſemblante, que ao examinallo attento, o vejo abſorto? *á part.*

Deſ. Não digo eu? São ciumes; hoje andará tudo azul, ainda que elle eſtá-ſe fazendo de mil cores. *á part.*

Ped. Que papel ſerá aquelle? Deve ſer algum deſafio. E como eſtá deſmaiado! Ora não ha couſa como o medo, que faz ter cara de homem branco. *á part.*

Rey Piedoſos Ceos, ha mais infortunios, que ſe conſpirem contra a minha vida? Ha mais infauſto dia?

Deſ. Olhe, ahi verá o que me deve Voſſa Mageſtade.

Eſtel. Que ſubito motivo occaſiona, Senhor, os teus cuidados?

Rey. Vem cá, dize-me, quem te deu eſte papel? *Para Deſenſado.*

Deſ. Iſſo he curioſidade minha.

Sahe Adaſtro.

Adaſt. Pai, e Senhor: mas que vejo? Tu com aſpecto alterado?

Rey. Ouve, amado filho, e perde as duvidas no ſuſto. *Lê ElRey a Carta.* Policrates, quem preſumes amigo, caviloſo arma ciladas á tua vi-

vida. Neſte dia ſe te prepara o golpe: morrerás, ſe os que mais amas, não deſvias da tua preſença: quem te aviſa he fiel; crê-o, e vive.

Eſtel. O horror me paſma!

Deſ. Ai que eſtou perdido! *á part.*

Ped. Lá vai Deſenfado com a breca! *á part.*

Rey. Dize, traidor, quem me enviou eſte papel, ou perderás a vida. *Para Deſenfado.*

Deſ. Eu Senhor, vim.... peguei no papel.... (Ai que hoje me leva o diabo!) *á part.*

Ped. Deſenfado eſtá galante papel! *á part.*

Filint. Miſero Pai! *á part.*

Adaſt. Alviçaras, induſtrias, não percão as minhas traças eſta occaſião. *á part.* Se queres que te defenda, calla-te. *Para Deſenfado.*

Deſ. Oh lá ſe quero: ſim ſenhor, mas olhe não me pregue o calo. *Para Adaſtro.*

Rey. Não falla Adaſtro? Eſtella emmudece? E tu traidor te callas?

Eſtel. A confuſão me embarga as vozes *á part.*

Adaſt. Senhor ſe até agora callou eſſe criado, foi por querer com o ſilencio illuſtrar a tua fé; e ſe as minhas vozes te não expreſſárão logo ſer eſſe papel artificio da minha vigilancia, foi por te occultar o réo, que tanto eſtimas.

Deſ. Eis-alli a verdade, e por final que eſtava ſobre aquelle bofete.

Rey. Que dizes?

Adaſt. Delirio he, Senhor, aquelle do ſeu ſuſto; que eu ſou o author deſſe aviſo, e do ſeu ſegredo quiz fiar eſta incumbencia.

Filint.

Filint. Ah falſo! Ah mentiroſo! *á part.*

Rey. Tu conheces o réo, e ainda negas ás minhas iras eſſe deſafogo?

Deſ. Agora que eſtão ás razões, me vou ſem fazer bulha. *á part. e vai-ſe.*

Ped. Como ſe foi Deſenfado, vou ſaber da minha encommenda. *á part. e vai-ſe.*

Adaſt. Adorado Pai, ſeja a tua clemencia caſtigo do imaginado arrojo. *Ajoelha.* Baſta que fique ſegura a tua vida com o arrependimento de quem buſcava a tua morte: não queiras manchar o teu ſangue com a tua eſpada: Filinto he, Senhor, o réo; vê que he teu filho, e meu irmão. Aſſim grangearei a Filinto mais odios de ElRei. *á part.*

Filint. Pezares, como me não eſtragais a tolerancia? *á part.*

Rey. Levanta-te, Adaſtro, e dize-me quem te communicou eſſe ſegredo?

Adaſt. O meſmo Filinto. Elle convidando me por ſocio para os teus eſtragos, me deſcubrio ſeu peito; e vendo que da ſua traição recuſava a companhia á minha fidelidade, jurou na minha preſença a tua morte. Eu levado do ſuſto, e prezo da piedade, quiz neſſe papel noticiar-te o golpe, ſem te dizer o braço.

Sahe Filinto.

Filint. Adaſtro mente, que eſſe papel he feito por Filinto.

Adaſt. Porém que vejo? *á part.*

Eſtel. Que examino? *á part.*

Rey.

Rey. Filinto occulto no meu quarto? *á part.*

Adaſt. Importa-me esforçar o engano para conſeguir a Coroa. *á part.* Prova he eſta, Senhor, do ſeu delicto.

Filint. Mentes, traidor, que a minha fé ſó me rege os paſſos á ſua viſta: o empenho de ſalvar-te, foi quem me deteve neſte ſitio. Vê, Senhor, que hum vaſſallo, que eſtimas, procura inceſſante a tua mortal ruina.

Sahe Irene.

Iren. Quem for traidor ao meu Monarca, achará na reſiſtencia do meu braço hum obſtaculo para os ſeus intentos.

Filint. Só a preſença de Irene faltava para o meu martyrio. *á part.*

Rey. Ai caro amigo, vê neſſe papel as penas, que o fado me deſtina.

ElRey dá o papel a Irene, e eſta o lê.

Iren. Diſſimularei o meu delicto. *á part.* De quem he, Senhor, eſte aviſo? Sabes o author do crime? *Para ElRey.*

Adaſt. Eſta noticia deve Policrates á minha fé.

Filint. Eſſe falſo te engana: eu fui, Carpio, o author daquelle aviſo.

Iren. Ah falſo! *á part.*

Rey. Pois que te dilatas, que o réo me não publicas?

Filint. Não me permitte a ſorte eſſe privilegio.

Iren. Com eſſa induſtria pretendes, fementido, dar deſculpas ao teu engano? Em que repa-

ras?

rás? Se o delicto diſſeſte, para que o author nos occultaſte? A fidelidade já eſtá quebrada; dize pois, ou ás minhas mão.... *Ajoelha aos pés de ElRey.* Senhor, deſculpa os meus exceſſos, pois o teu amor me guia os paſſos, que eu não te aggravo, quando por teu reſpeito aſſim me altero. *Levanta-ſe.*

Eſtel. Que valor!

Rey. Ai verdadeiro amigo, quanto te devo!

Iren. Oh quanto te enganas na fé, que em mim preſumes! *á part.*

Rey. Aprende, ingrato filho, naquelle peito nobre a ſer fiel, Elle, ſendo eſtrangeiro, move-o o meu favor; e tu, ſendo meu filho, eſqueces-te do ſangue.

Filint. Oh como ignora, que Irene he o maior inimigo da ſua vida! Porém o amor me obriga a que me calle. *á part.*

Adaſt. Falla: quem tem por aſilo a innocencia não emmudece.

Filint. Defender-me não poſſo; porém ſem culpa vivo.

Iren. A minha preſença o ſoffoca. *á part.* Falla traidor. *para Filint.*

Filint. Tambem Irene goſta de matar-me? *á p.*

Rey. Adaſtro, aquelle ſilencio he clara confiſsão do ſeu delicto.

Adaſt. Nunca Adaſtro mente, quando comtigo falla.

Iren. Se hum mentiroſo buſcas, em Filinto o encontras.

Filint. Muito me ſupporto. Carpio, baſta de apurar-me, tu queres.....

Iren. Quero que ao teu Rei eximas dos cuidados, declarando o agreſſor de tanto inſulto.

Filint. Dize-me, e que poſſo eu dizer?

Iren. Dirás, tyranno, que eu ſou o ingrato contra o meu Rei. Dirás que tu és o fiel, e eu o traidor, exime-te da culpa, e põem em mim a nota. Não dizes iſto?

Rey. Pouco importára, que elle mo diſſera, quando a minha experiencia he teſtemunha da tua fidelidade.

Iren. Oh ſe o coração de Filinto fora tão ſincéro!

Rey. Traidor o reconheço, pois nem riſca a ſuſpeita, nem o perdão me roga.

Filint. Defender-me não poſſo; porém ſem culpa vivo.

Adaſt. Vive ſem culpa, quem nega a hum Pai a obediencia para o juramento?

Eſtel. Não te crimina a ouſadia de perſeguir-me amante?

Rey. Ver-te no meu quarto occulto não he indicio da tua traição?

Iren. Não te accuſa eſcrever hum papel, e callar-te abſorto, quando agreſſor te inquiro?

Filent. Todos me arguis de traidor, e a reſpoſta que tenho, he o ſentimento com que lido. Sou fiel, e mais não digo.

ARIA.

Tyranna a minha ſorte
A minha morte ordena,
Hum falſo me condemna,
Hum ímpio, huma inimiga,
Hum Pai: tudo he pezar.
Ao ſeu rigor violento
Os move tão ſómente
O ver-me innocente
Para me ver penar. *Vai-ſe.*

Rey. Olá, os paſſos de Filinto ſe examinem.
Iren. Eu ſerei, Senhor, quem obedeça aos teus decretos.
Adaſt. Ainda temes hum ingrato á viſta de tanto fidedigno?
Rey. Ainda o traidor eſtá incerto ao meu conhecimento.
Iren. Pódes duvidar da minha fé?
Rey. Não, amigo, antes da tua diligencia fio a exacção de tanta tyrannia: procura tu ſaber quem me pretende a morte.
Iren. Oh ſe ſoubeſſe, que eu ſou quem lhe ſolicita breves os inſtantes da ſua vida. *á part.* Ninguem com maior ancia ſerá executor dos teus preceitos. *Para El Rey.*
Rey. Não ſinto perder hum filho ingrato, a preço de alcançar hum ſubdito conſtante. *Vai-ſe.*
Adaſt. Pôde algum dia, Senhor, chegar á tua idéa a traição de Filinto? *Para Eſtel.*

Eſtel. Sempre da ſua ſoberba varicinei eſte ſucceſſo. *Para Adaſtro.*

Iren. Suſpendei os écos, Adaſtro, mova-te ao ſilencio ver, que Filinto he teu irmão mais velho; e tu, Eſtella, conſidera que he teu Monarca.

Adaſt. Que piedade! *á part.*

Eſtel. Que defenſa! *á part.*

Adaſt. Não eras tu até agora quem lhe deſejava a morte?

Eſtel. Pois para que nos argues, quando tu foſte o exemplo das noſſas iras?

Iren. Eu poſſo dizello, e vós deveis callar-vos.

Adaſt. Parece que no teu peito ſó tem lugar a inconſtancia, pois apenas o ſuſpiravas morto, quando logo te empenhas para os ſeus auxilios.

Iren. Da voſſa fantazia he quimera a minha mudança, que eu ſempre ſou o meſmo Carpio.

Eſtel. O meſmo? Eu não te entendo.

Adaſt. Eſſas palavras não são verdadeiras imagens de hum ſó penſamento.

Iren. Se outro julgais que he, bem preſumis. *Vai-ſe.*

Eſtel. Grande myſterio inclue nas palavras que profere!

Adaſt. E tu dás credito ás ſuas vozes? Enigmas são as práticas dos validos, e quanto menos ſe explicão, mais applauſos logrão.

Eſtel. Eu confeſſo, que o não comprehendo; pois em hum ſó inſtante o vejo mudar de aſpecto, e penſamentos. Ai infeliz de mim, que temo o que ignoro, e ignoro o que eſpero!

ARIA.

ARIA.

Duvido o que eſpero,
E temo o que ignoro,
Alegro-me, e choro,
Sem ſaber por que.
O ſuſto me mata,
Mas neſta mudança
A minha eſperança
Me alenta o viver. *Vai-ſe.*

Adaſt. Coração, não deſmaies na empreza: grande gloria devo á ventura das minhas aſtucias: com eſte engano lograrei o Sceptro.

OITAVA RECITADA.

Suppra o engenho as faltas do deſtino,
Que nem ſempre a traição he vilania;
Nem devo ſupportar, ao que imagino,
Attento ao bem alheio, a ſorte impia.
Ao regio ſolio de que o fado indigno
Por menor me privou a tyrannia,
Hoje me eleve, e eſpero neſte empenho
Riſque a nota do vil o agudo engenho.

ARIA.

Não tema o peito
Já mais os damnos,
Se os meus enganos
Forem aſſim.
E quando ao goſto
Falte a victoria,
Ficar-me-há a gloria
Do intento em fim. *Vai-ſe.*

SCE-

CSENA III.

Viſta de Camera. Sabe Pederneira.

Pedern. ORa já me vai tardando o Senhor Deſenfado: elle depois que lhe eu pedi os brincos, as meias, os ſinaes, anda fugindo de ſe encontrar comigo. Eu não vi melhor modo para a gente ſe livrar de amantes, do que he pedir-lhe, que elles por ſi ſó dão ſuſpiros, e ais. Verdade he que tambem de nós ſó recebem parolas. Tomára que já me trouxera eſta tolá para me pegar a outro; que nós ſomos como peſſas de leilão, que vamos para quem dá mais. Cuidão eſtes basbaques que em nos dar muito, que logo nos cativão; mas não ſe enganão, que nós ſó nos vendemos, quando a poder de dinheiro ſomos compradas. *Batem dentro.* Mas alli ſinto gente, ſupponho que ſerá elle. Quem he?

Vai abrir a porta, e ſahe Macaco.

Mac. Quem ha de ſer, bella Pederneira, de quem a minha cara de aſſo tira tantas faiſcas, que cada hum *contempta magnum excitavit incendium.* Quem ha de ſer, ſenão o teu Macaco, que prezo nas correntes de teus olhos anda ſempre amarrado ao polido cepo do teu nariz.

Pedern. Ora, Senhor Macaco, vá bugiar, e

não

não ſeja atrevido vir deſinquietar ao ſeu quarto huma donzella.

Mac. Ai menina, eu não cuidei que era deſcredito hir aos quartos em que morão as donzellas: ainda que niſto me parece que fallas com encarecimento: mas ſabe que eu vinha...

Pedern. Ao que vinha? Diga, ao que vinha ao meu quarto?

Mac. A fazer horas.

Pedern. Pois va-ſe andando, que não eſtou para ouvir as ſuas badaladas, e macaquices.

Mac. Ora vejão a bugia, tu cuidas que eu ſou algum mono.

Pedern. Senhor Nico, faça o que lhe digo, va-ſe andando, que eſtou eſperando por gente.

Mac. Já entendo: ſuppoſho que he algum ſalafrario, que vem peſcar em Pederneira. *á p.* Pois Senhora, eu não me vou.

Pedern. Porque não?

Mac. Porque? Eu não ſou capaz de apparecer diante de gente?

Pedern. Eu eſtou em minha caſa, e poſſo levantar-me ás maiores com voſſê.

Mac. Eſpera não te levantes comigo. Ah Senhores tão máo ſou eu, ſe que levantão as pedras contra mim? E pergunto, eu não poſſo ſaber o que eſſe ſujeito cá vem fazer?

Pedern. Não, Senhor, que cada qual vem ao ſeu negocio.

Mac. Pois eu não ſó ſou capaz de fallar em negocios, mas de untar as máos com humas boas luvas.

Pedern.

Pedern. Que ouço! Eſte ſim, que he bom para amante, que logo promette do pé para a mão. *á part.* Pois ſe v. m. quer ficar, eſta caſa eſtá muito ás ſuas ordens. Mas que me ha de v. m. dar de eſtar aqui?

Mac. Darte-hei quanto tu quizeres.

Pedern. Pois eu o que quero são huns brincos, humas meias, e huns ſinaes.

Mac. Ui! iſſo não he nada para quem tanto deſeja fazer-te a vontade. Mas eu tambem quero.....

Pedern. Que quer?

Mac. Eu quero fazer comtigo hum ajuſte.

Pedern. Primeiro me ha de paſſar para cá o ſinal.

Mac. Sim, no ſinal não haverá duvida.

Pedern. Ora diga, diga o que quer?

Mac. Eu quero fazer com voſſê hum ajuſte; quanto me dá, e prometto ſer ſeus amores?

Chega Deſenfado ao baſtidor.

Deſ. Parece-me que ouço cá fallar: antes que entre verei o que ſe diz. Mas ai, ai meus peccados, cá eſtá o Sevandija mór! Tomára ſaber que confiança tem para cá entrar eſte Sevandija? Vejamos o que diz. *á part.*

Pedern. He boa hiſtoria! Com que eu he que lhe hei de dar? V. m. pede como quem ſe deſpede.

Mac. Pois não diz o que me dá?

Pedern. Dar-lhe-hei muita pancada.

Sa-

Sahe Deſenfado aos murros a Macaco.

Deſ. Eu vou emparelhado neſſe ajuſte: mas que contratos são eſtes? *Dalhe.*

Mac. Ah que delRei. Ah Senhora, o Senhor he ſeu marido?

Pedern. Não, mas eſtamos ajuſtados.

Mac. Então viſto eſtarem ajuſtados, não os quero eſtorvar. *Faz que ſe vai.*

Deſ. Ah Senhor Sevandija, venha cá, a que entrou v. m. aqui?

Mac. Eu ſim.... fui.... e vim.... mais ella.... porém paciencia. *Faz que ſe vai.*

Pedern. Eſpere: Ui tão feio he eſte homem, que lhe mete medo? Não quero que Deſenfado deſconfie de mim, e ao depois me não dê os traſtes. *á part.* Diga ao que veio, e não ſe aſſuſte.

Mac. O que hei de eu dizer? mas já me occorre. *á part.* Eu, Senhor, tive noticia que eſta menina tinha neceſſidade de huns traſtes para ſeu uſo, vinha a trazer-lhos, e no tempo do ajuſte ſuccedeo v. m. vir á pancada.

Deſ. Iſto he verdade, porque ella me tinha a mim feito a meſma encommenda. *á part.* Mas diga-me; e como ſoube v. m. que eſta rapariga neceſſitava diſſo?

Mac. Cá por certos ſinaes.

Deſ. Não ha duvida que ella mos tinha pedido. *á part.* E diga-me tralos ahi?

Mac. Aqui ſó tenho os ſinaes das pancadas que v. m. me deu.

Deſ.

Deſ. Ora pois vá buſcar eſſas couſas.

Mac. Sim, Senhor, mas por quem hei de perguntar quando cá vier?

Deſ. Porque? v. m. não me conhece que eſtivemos acolá no Templo?

Mac. Sim, mas não lhe ſei o ſeu nome.

Deſ. Olhe quando cá vier pergunte por Deſenfado Pederneiro. E ſe v. m. tardar, por quem hei de inquirir?

Mac. Se eu tardar, não tem mais que perguntar por mim.

Deſ. Pergunto, como he o ſeu epitheto?

Mac. O meu nome he que ſupponho quer ſaber?

Deſ. Sim, Senhor.

Mac. Pois eu chamo-me Bonecro.

Deſ. Aonde aſſiſte?

Mac. Aqui entre os baſtidores; porque v. m. não vê as luzes que eſtou eſpalhando?

Deſ. Deve de ſer alguma vêla de ſebo.

Mac. Mas fallando como gente, com perdáo de v. m. eu chamo-me Macaco Gonçalves Barulho, ſou aqui Criado delRei, e muito amigo do Senhor ſeu Amo, e de ſeu Pai, que eſtá gozando do inferno.

Deſ. Bom he ter amigos, que huns puxão pelos outros. Pois Senhor Macaco Gonçalves Barulho, aqui eſtou para lhe obedecer.

Mac. Aos pés do Senhor Deſenfado Pederneiro. *Vai-ſe.*

Deſ. Muito bons çapatos e muito boas meias! Ora minha Pederneira.....

Pedren. Primeiro que tudo ſaibamos ſe me traz

traz òs traſtes, quando não póde-ſe hir ſafando.

Deſ. Eis-ahi porque eu não trago comigo traſtes.

Pedern. Porque?

Deſ. Por me não ſafar.

Pedern. Pois não mos comprou?

Deſ. Não, mas andei traſtejando todo o dia para os achar.

Pedern. E então o que fez?

Deſ. Eu poſſo mais que fazer-me em pedaços por ti.

Pedern. Aſſim o ſupponho, que voſſê já quebrou comigo.

Deſ. Como quabrei, ſe nós ainda não fizemos os noſſos contratos?

Pedern. Diga, porque me não trouxe os brincos?

Deſ. Porque são difficultoſos a achar; ſe tu quizeres cadeados iſſo a cada porta.

Pedern. E as meias tambem as não achou?

Deſ. Eu ſim achei algumas meias feitas, mas quero deixallas acabar.

Pedern. Arre lá co'deſmazello! nada acha.

Deſ. Tomára-me eu achar, que ando bem perdido por ti.

Pedern. E os ſinaes? He capaz de dizer-me na minha cara, que os não ha.

Deſ. Não, nos ſinaes não foi o deſcuido, o diabo foi eſquecerem-me.

Pedern. Ora pois vá já, e logo buſcallos.

Deſ. Primeiro temos nós que fazer.

Pedern. O que?

Deſ. Quero buſcar hum pé de cantiga para te ſocegar.

Pedern.

Pedern. Agora que eſtou com preſſa he que ſe quer pôr de re, mi, fa, ſol?

Deſ. Ora faça alguma couſa, Senhora Iſabel Macáo.

Pedern. Lá vai, Senhor João Gomes.

DUETO.

Deſ. Se eu morrer enfeitiçado,
Choro, lambo, meu feitiço.

Pedern. Vá-ſe embora dezaſtrado,
Ha de ſer para mor diſſo.

Deſ. Iſſo meſmo, e porque?

Pedern. Ha de ſer para mor diſſo.

Deſ. Venha cá.

Pedern. Não, não quero.

Ambos. Ora vá, vá bugiar.

Deſ. Ai minha Iſabel não fujas.

Pedern. Paſſa fóra.

Deſ. Ai, ai, agora.

Pedern. Paſſa fóra.
Vá-ſe, vá-ſe.

Deſ. Não, não quero.

Ambos. Ora vá, vá bugiar

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
OF
OXFORD
LIBRARY

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Viſta de Parque Real. Sahe Eſtella.

Eſtel. OH que funeſto allivio he o de huma vingança! e quantas vezes me tem aſſaltado o arrependimento, pois temo ſinta Filinto com os meus enganos os ſeus eſtragos!

Sahe Filinto.

Filint. Em fim, tyranna Eſtella, eſtás ſatisfeita já com a minha ruina?

Eſtel. Amado Principe, Senhor..... O pejo me ſoffoca. *à part.*

Filint. Em fim tiveſte coração para ultrajar-me?

Eſtel. O teu deſprezo foi, Principe, o motivo do meu cego arrojo; porém agora aos teus pés ſatisfarei com as minhas lagrimas a tua offenſa: perdoa-me o aggravo: eu direi a Policrates a minha culpa, e a tua innocencia: ſaberá que eu fui.....

Filint. O meu eſtrago; e a tua ruina: nada executes, que poderá ſer maior prova eſſa piedade: antes eſtimo a nota que padeço, do que ver em meu Pai a ſuſpeita de que me adoras, e que da paixão movida nos disfarces da tua culpa querés amante eximir-me a hum precipicio.

Eſtel.

Eſtel. Quanto para o teu perdão me intimar o teu preceito, ſerá empenho da minha obediencia: manda, ordena quanto quizeres, que nunca em mim verás a repugnancia; porém has de eſquecer o meu delicto.

Filint. Se tanto queres obedecer-me, ſeja recompenſa do teu crime o não amar-me.

Eſtel. Tyrenna ſentença! Ai, e como hei de deixar de querer-te?

Filint. Eſta ſatisfação ſó peço á tua culpa.

ARIA.

Eſtel. Callando ſentirei
O meu deſtino avaro:
Mas que te não ame, oh caro,
Difficil me ſerá.
Em que te offende ingrato
O meu amante peito?
Não baſta eſtar ſujeito?
Pois que lhe queres mais? *Vai-ſe.*

Filint. Oh quem pudéra conſeguir em Irene a piedade, como em Eſtella logro os rendimentos. *Quer hir-ſe.*

Sahe Irene.

Iren. Suſpende o paſſo, infame.

Filint. Ainda me perſegues, falſa?

Iren. Ainda não eſtá ſatisfeita a minha ira.

Filint. Vás por ventura a duplicar infamias á minha innocencia?

Iren. Vens por ventura a decifrar naquelle papel o aggreſſor do crime?

Filint.

Filint. Em que te offendeo aquelle papel com o ſeu aviſo, ſe eu ſó conſegui os creditos de delinquente? Vê que me reporto, e baſte.

Iren. E eu em que te aggravei, ſe os meus exceſſos ſó forão para acreditar a minha lealdade?

Filint. Pois ſe ainda na tua lembrança conſervas alguns ſinaes do meu amor, ſó te peço, que a morte, que intentas contra meu Pai, a traslades compaſſiva para o meu peito.

Iren. Eu, Filinto, não ſei confundir aggravos com amores: eu amo ao filho, e aborreço ao Pai, e deſta ſórte ſatisfaço a meu Pai defunto.

Filint. Se tu procuras ſatisfação a hum inſulto commettido, eu pretendo os deſvios a hum golpe deſtinado, e mais razão tem a minha defenſa, do que a tua vingança.

Iren. Pois ingrato, já que he tão diminuto o teu affecto, que cedem as ſuas vehemencias a alheias deſgraças, ſegue os teus intentos, que os meus ſerão deſde hoje transferir em odio, quanto o carinho ſoube grangear affecto: deſde hoje ſerão os noſſos deſvelos ſómente para os males: tu dirás a ElRei, que eu ſou o traidor, e eu com as minhas aſtucias, esforçando o engano do teu crime, farei que as minhas induſtrias ſuperem as tuas verdades.

Filint. Meu bem, ſuſpende as iras.

Iren. Sofóca as vozes: não pertencem a quem te buſca os damnos, eſſes epithetos.

Filint. E o meu amor?

Iren.

Iren. Se queres que te eſcute, deixa o amor, e falla-me em vingança.

Filint. Pois eu devo.....

Iren. Eſquecer-te de Irene.

Filint. Pois Irene adeos: e já que he tanta a tua tyrannia, hirei buſcar na morte huma piedade: a ElRei direi que ſou o réo, e acabarei na vingança, que de mim tome, a infeliz vida, que tanto me maltrata. *Faz que ſe vai.*

Iren. Eſpera, não te auſentes.

Filint. Deixa, Senhora, apreſſar os meus paſſos para a minha morte.

Iren. Ouve: eſſe arrojo que intentas, nem a ElRei exime da minha furia, nem a ti de huma ruina.

Filin. Baſta-me para gloria huma innocencia; mas já que de outra ſórte não cedem as tuas iras aos meus deſgoſtos, ſaberá ElRei que tu és o traidor.

Iren. Vai falſo, vai perjuro, ſolicita os meus damnos, que acharás em mim a meſma recompenſa, e verás ſe a minha fé não te uſurpa das veias o fementido ſangue. *Faz que ſe vai.*

Filint. Eſpera ingrata: ſe o meu ſangue intentas, victima aos teus olhos farei deſta innocente vida.

Tira de hum punhal para ferir-ſe, e ſahe ElRey.

Rey. Suſpende traidor o arrojo

Iren. Oh Deoſes!

Rey. Ingrato contra hum amigo que tanto quero, procuras neſſe ferro a ſua morte? Nega

ago-

agora o teu crime, dize que he falſo, mas os meus olhos ſerão teſtemunhas do teu arrojo.

Filint. Verdade he, Senhor, o meu delicto; eu ſou quem te aggrava, e a Carpio offende, e ſó a minha morte ſatisfará tantas injurias.

Iren. Soberanos Deoſes, não deſampareis aquella innocente vida. *á part.*

Rey. Olá da minha guarda, levai a Filinto, e nunca da ſua preſença falteis hum ſó inſtante.

Sahem alguns Soldados.

Iren. Senhor, Filinto não queria a minha offenſa; cégo da ſua pena quiz fazer o proprio peito ſalvo dos ſeus ameaços.

Rey. Em vão intentas com piedoſo engano eximillo aos meus furores. Dize me pois, porque te retiravas?

Iren. Não era cobardia o meu deſvio.

Filint. Até na compaixão que moſtras indicas que me aborreces. Se intentas com eſſa piedade accumular inſtantes á minha vida, ſabe que he tyrannia eſtorvar a minha morte.

Rey. Satisfarás eſſe deſejo: poucos inſtantes terão os teus alentos falſos.

Iren. Ai infeliz! *á part.* Senhor, modera a cólera, pois no ſeu caſtigo com mais vehemencia creſce a tua ruina. Filinto ainda não declarou o réo, e póde ſer que eſte não execute o golpe, por ver que Filinto o ſabe. Se a morte lhe dás, poderá com menos ſuſto executar o traidor os ſeus intentos.

Rey. Bem te occorreo o meu perigo. Oh quan-

to te devo! Nunca, querido amigo, te tires do meu lado.

Filint. Talvez que neſſa vigilancia cumpras as leis ao fado. Dize-me, Senhor, não póde ſer Carpio quem te offenda?

Iren. Eu traidor?

Filint. Em qualquer póde occultar-ſe o inimigo. Senhor, da tua cautella ſó fia a tua vida.

Rey. Calla-te, infame, e parte.

ARIA.

Filint. Infame me julgas?
Que pena tyranna!
Vê bem quem te engana:
Que pena he callar!
Sou filho, e tu Pai,
Uſurpa-me a vida;
Mas vê que a ferida
Na falta que faço
Te póde matar. *Vai-ſe com os Sold.*

Iren. Vacilante eſtá ElRei. *á part.*

Rey. Muitas são as provas da traição de Filinto. *á parte.*

Iren. Se eſtará ElRei por ventura fazendo reflexão nas palavras daquelle ingrato. *á part.*

Rey. Carpio traidor? porque motivo? *á part.*

Iren. Se a ſua deſconfiança ſe encaminha á minha ſuſpeita, perco todos os meios para os meus deſignios; porém agora que a occaſião me ſegura a felicidade com não ter teſtemunhas do delicto.... *á part. Tira a eſpada.*

Rey.

Rey. Filinto para ſe eximir da culpa, impõem a Carpio a nota. *á part.*

Iren. Seja a ſua vida victima nos altares da minha vingança. *á part.*

Vai a ferir ElRey por detraz, e ſabe Adaſtro.

Adaſt. Senhor.

Iren. Oh Deoſes, que infeliz acaſo! *á part.*

Adaſt. De que te ſervia, Carpio, o mortal inſtrumento, que na mão empunhavas?

Iren. Valha-me a induſtria. *á parte.* Para depollo como troféo ás plantas d'ElRei meu Senhor; que pôde haver quem caviloſo quiz manchar com eſcrupulos a minha fé; e primeiro eſtá a minha honra do que a minha vida. Eu traidor! oh Deoſes! Não podia o tyranno Filinto pôr mais injurioſa mácula á minha alma. Aos teus pés. (*ajoelha.*) Soberano Monarca, offerece Carpio a eſpada, e a liberdade, e ſó pede a reſtituição, quando no conhecimento do traidor fique deſperſuadida a ſuſpeita da ſua infidelidade.

Rey. Que fiel ofrenda! Levanta-te, e recebe a tua eſpada.

Iren. Soccorro aſtucias. *á part.* Senhor, a minha obediencia agora não he devida.

Rey. Eu to peço, e ElRei to manda.

Iren. Pois deſta ſorte executo o teu goſto, e cumpro o teu preceito, e já, Senhor, que a tua benevolencia procura reſtituir-me o credito, permitte ao menos que de Palacio me auſente, por eximir-me á inſolencia de que ſegunda vez me ultrajem.

Rey. Não, antes quero que tu ſejas a el da minha vida.

Iren. Eu, Senhor?

Rey. Sim.

Iren. E quem me ſegura a fé de quantos ſe jurão contra a tua vida? Se eu foſſe ſó.

Rey. Tu ſó has de ſer quem me aſſiſta: p cura das minhas guardas as que mais fiei forem, e buſca o traidor.

Iren. A minha obediencia deſempenhará o preceito. Alviçaras fortuna, he chegada minha dita ao porto da minha eſperan *á parte. e Vai*

Adaſt. Não he pouca ventura, Senhor, tanta em hum eſtrangeiro vaſſallo, mas repara q he preciza muita cautella contra o teu deſtin

Rey. Hoje ſubirás comigo ao throno, e não ſe opp rá tanta traição facilmente contra dous Monarca

Adaſt. Mais neſſe intento ao traidor incitas. A terado tem Filinto a plebe, e ſe a raiz ná cortas a tantos damnos, creſceráõ os ſeus de ſignios: o remedio he facil, poſto que peno ſo; ſe Filinto deſte tumulto he cabeça, cor tada eſta ceſſaráõ os membros.

Rey. Eu não me animo.

Adaſt. Diſſimula, coração: até eu de imaginallo tremo. *á part.* Outro remedio tambem te fica: rende-lhe voluntariamente o ſolio, e de mim te eſquece; e quando iſto não baſte para ſegurança da tua vida, aqui eſtá o meu ſangue; que feliz victoria alcanço, ſe a preço da minha vida te reſtitua a tua paz.

Rey.

Rey. Os parpados ſinto inundar de pranto: oh venturoſo Pai, que tal filho logras! *á part.* Não, a tua vida eſtimo ainda mais que os meus alentos.

ARIA.

Adaſt. Vivirei ſe a minha vida
For amparo á ſua ſorte:
Morrerei, ſe a minha morte
For allivio a tanto mal.
Em ſeguir os teus preceitos
Alcanço a melhor victoria,
Nem pretendo melhor gloria,
Que ſorte ſempre leal. *Vai-ſe.*

Rey. Não erão as minhas conjecturas, Filinto he o falſo; morra, ainda no meio de tanto aggravo me embaraça as iras o paternal affecto. *Vai ſe.*

SCENA II.

Sala regia com cadeira, ſabe Irene.

Iren. NO fogo da vingança, e nas chammas do affecto arde o meu coração: ai infauſto Filinto, deſculpa os meus exceſſos, que o amor os não dicta, quando a paixão ſómente os inſinúa; não he poſſivel deſpojar da vida ao barbaro Policrates, mas ſe a minha diligencia não conſeguir o intento, antes renderei á Parca a vida, que eſtar vendo o motor da minha injuria.

Deſ.

Sahe Deſenfado.

Deſ. Graças a Deos, que já appareceo a menina perdida,

Iren. Deſenfado.

Deſ. Tudo he Deſenfado, e aſſim ſe paſſa o tempo: Senhora, que fazes que não he poſſivel achar-te; o certo he que tu andas muito perdida.

Iren. Que dizes, eſtás louco?

Deſ. Pois não he aſſim, huma Princeza, que não he lá muito feia, andar ſempre mettida entre homens.

Iren. Como ſempre ao lado de ElRei me obriga aſſiſtir á minha occupação, eſſe o motivo porque não me encontras.

Deſ. Eu, Senhora, não quero andar aos encontrões comtigo, baſta-me que tenhas a gloria de ſaber de mim.

Iren. Deixa loucuras, e dize-me; o que fazes?

Deſ. Sim, agora he que me perguntas o que faço, bem póde a gente morrer, e a ti daſſete bem diſſo; mas olha que ſe te morrer o Deſenfado, que póde ſer que andes mais afflicta; mas tu fias-te de mim porque ſabes que homem morto não falla.

Iren. Pois tu que tens?

Deſ Ai Senhora, huma couſa que não deixa a ninguem ter nada de ſeu; ſinto hum mal procedido de hum bem, tenho cá humas taes coſegas no coração, que parece hum rato que me eſtá ſempre a roer.

Iren.

Iren. Eu não te entendo.

Deſ. Verdade he, Senhora, que elle mal ſe entende, mas olha iſto he huma couſa doce, que ao depois bem ſe amarga, he huma mania de tal ſorte, que choro tanto, que ás vezes me vem as lagrimas aos olhos: ora elle eſtá bem claro.

Iren. Eu não te comprehendo, vê bem o que dizes.

Deſ. Ai, Senhora, como hei de ver ſe eu anlo cego?

Irei. Que dizes, tu cego?

Deſ. Sim, Senhora, que me atirou a deſgraça com huma Pederneira á minha viſta, e como não deitava fogo, veio tirar-me o lume dos olhos.

Iren. Deixa-te de graças, e explica-te melhor.

Deſ. Ora eu digo o meu mal por enigma: he huma couſa que não ſe compra bem que ſe venda.

Iren. Iſſo he amor?

Deſ. Ah, eis-lo ahi, penetraſte o fino do meu coração.

Iren. Pois tu padeces eſſa goſtoſa pena?

Deſ. Sim, Senhora, ando meſmo penando de goſto.

Iren. Não póde ſer; amor como Rei ſó tem a ſua eſféra nos illuſtres peitos.

Deſ. Quem amor? o outro he huma criança, ſabe lá o que he brio.

Iren. No peito de hum humilde criado, não ſe encerra amor.

Deſ. Ui, eu cá ſempre fui criado com muito amor.

Iren.

Iren. Deixa loucuras, e adeos; que El
me eſpera. *Quer hir*

Deſ. Ah Senhora, tenha mão da parte d'El

Iren. Que me queres?

Deſ. Pois tu não, não deſejas ſaber as min
inclinações.

Iren. Não.

Deſ. Ora he a primeira mulher que vejo ſ
ſer curioſa de ſaber as vidas alheias. *á pa*
Pois não hei de dizer tas, ſenão olha c
ao depois has de ouvir-me.

Iren. Não me permitte mais demora a min
occupação.

Deſ. Ora ouve, que não gaſto mais temp
do que em quanto as digo. Ai Senhora, a
cada vez que fallo niſto de amor, arrepão
ſe-me as carnes. Has de ſaber que amo tá
cego a huma Pederneira, que ando feito ou
tro Pigmalião adorando as pedras. Eu ben
conheço que ella he muito amoruda, ma
tambem me faz deſconfiar o pedir-me nun
traſtes, que iſſo he o diabo.

Iren. Fica-te embora. *Quer hir-ſe*

Deſ. Eſpere, que agora he o meu empenho.

Iren. Acaba, e mais me não dilates.

Deſ. Eſta tal rapariga he criada ou para me-
lhor dizer luzida eſtrella deſte ceo de Pala-
cio: não te eſcandalizes, que *nò és compa-
ra bellezas, el referir perfeciones*: e por in-
curtar razões, quero que tu te empenhes
com ElRei para que me faça Capitão, dan-
do-me a companhia da Pedarneira.

Iren.

Iren. Eſtás louco?

Def. E logo proteſto, que não quero mais augmento; porque de nenhuma ſorte quero ſer Coronel.

Iren. Tu não ſabes quem eu ſou, atrevido?

Def. Sei, que és huma grande pedreira para ElRei; e aſſim eſpero deſſa pedreira a minha Paderneira.

Iren. Pois ſabe, que a tua loucura te evita os ſupplicios da tua ouſadia.

Def. Não quer que caze com Pederneira? Pois tambem Voſſa Alteza não ha de cazar com Filinto, que *ſolatium eſt miſeris ſocios habere penates.* Eu direi a Sua Mageſtade, que Voſſa Alteza he hermafrodito.

Iren. Infame, ás minhas máos.... *Dá-lhe.*

Def. Ah que d'ElRei, que me mata o hermafrodito de meu Amo! *gritando.*

Sahe Macaco.

Mac. Que gritaria he eſta?

Def. Acuda-me, Senhor Macaco Gonçalves Barulho.

Iren. Calla-te, ou te matarei.

Mac. Aqui eſtou: que me queres, homem?

Def. Ai Macaco, coca nelle, coca nelle.

Iren. Ai de mim! Se me declara eſte infame, finalizou a eſperança da minha idéa. Que farei? Mas lograrei com agrados o que não conſigo com violencia. *á part.* Deſenfado, fica-te embora, e farei por ſatisfazer ao teu empenho. *Vai-ſe.*

Def.

Def. Ora pois, ficamos niſſo? Olhe, e veja ſe lhe póde ſacar tambem o dote, que he o principal.

Mac. Que hiſtoria era cá eſta do Irmão fradinho?

Def. Que ha de ſer? He que eu queria fazer meu Amo terceiro cá de certa ordem e..... Eu não ſei o que digo. *á part.*

Mac. E que?

Def. Então dizia-lhe que aceitaſſe, que lho havia agradecer muito meu Irmão fradinho.

Mac. Ah, cuidei, que era alguma couſa de importancia.

Def. E quando foſſe, a v. m. que lhe importava?

Mac. A mim nada: mas vamos ao que importa: v. m. não me dará noticias daquella menina, que certamente, olhe certamente.....

Def. Certamente o que?

Mac. Certamente nada.

Def. Pois ella he peixe?

Mac. Não: antes pelas boas carnes he que eu o dizia.

Def. Não ſeja aſno, e ſaiba que eſſa rapariga eſtá para ſer minha mulher.

Mac. Iſſo em v. m. he graça; mas olhe, ſe v. m. ſe quizeſſe desfazer della.....

Def. Ai meus peccados, que me vem pedir a mulher! Mas verei o que me diz. *á part.* Olhe, verdade he, que ſe não fora ter-lhe promettido de cazar com ella, tambem a vontade não he grande.

Mac. Pois então deixe-a para mim, que tenho huma forte vontade.

Def.

Deſ. Meus ditos, e meus feitos: mas verei ſe poſſo tirar a eſte tolo alguma tolã para comprar os traſtes de Pederneira, ſenão ella pouco fará em ſe mudar para Macaco, e mandar-me a mim bugiar. *á part.*

Mac. Pois então em que ficamos?

Deſ. Que remedio tenho eu, ſenão ſer paciente? Se eu achaſſe alguem que quizeſſe cazar com ella em meu lugar....

Mac. Pois que duvída? Aqui eſtá Macaco para ſupprir o ſeu lugar.

Deſ. Sim, hum Macaco lá póde ſervir de Deſenfado; mas não eſtá ahi toda a conta.

Mac. Não lhe faz conta?

Deſ. Se eu tiveſſe algum dinheiro com que rebateſſe o eſcrito de caſamento.....

Mac. Ui, eſſa he a duvida? Quanto quer?

Deſ. A mim baſtava-me dez meias dobras.

Mac. Sim, eu lhas darei dobradas.

Deſ. Pois iſſo ha de ſer depreſſa; ſe as não traz ahi, vá buſcallas, ande, que o embarga.

Mac. Tenho medo, que v. m. me embargue o caſamento. Mas eu vou, e quero pedir-lhe hum favor.

Deſ. Diga.

Mac. Quizera que v. m. me levaſſe hum eſcrito, para ver ſe Pederneira com os meus incendios ſe desfazia em fogo, em ordem a pegar a mécha dos meus deſejos.

Deſ. Ui! pois não? Primeiro te hei de eu comer a iſca. *á part.*

Mac. Pois eu vou buſcar o dinheiro: até logo;

go ; eſpero da mercê que me faz , que não falte a eſta honra. *Vai-ſe.*

Deſ. Vá certo , que cá o eſpero. Pois que vai ? Eu feito terceiro de Macacos ! Ora vejão com aquella cára de ſaguim , tambem quer cazar ! Mas venha agora a laia , que depois lhe chegarei ao pelo.

ARIA.

Deſ. Senhores , caluda :
Deixem vir Macaco
Que , como tabaco ,
A's ventas por brinco
Lhe quero chegar.
Depois que o dinheiro
Nas máos acolher ,
Mandallo-hei beber
Daquillo , daquillo ,
Etcetera callar.

Sahe Pederneira.

Pedern. Lindamente ! lindamente !

Deſ. Ora eſtimo que tiveſſe eſta occaſião de me ouvir.

Pedern. V. m. cantando ? iſſo he ſinal de alegria.

Deſ. Antes quem canta , he porque eſtá triſte.

Pedern. V. m. triſte ? Náo , quem não tem cuidados ....

Deſ. A'gora não tenho cuidados : já eu hoje fui á rua dos ourives mercar huns brincos.

Pedern. Que diz ? Voſſé brinca ? E trouxe-os ?

Deſ. Náo , porque não levava dinheiro.

Pedern.

Pedern. Então que foi lá fazer?

Deſ. Fui ſaber-lhe o preço. Olha eſtavão lá huns bem baratos.

Pedern. Quanto querião por elles?

Deſ. Erão muito baratos.

Pedern. Pois por quanto os davão?

Deſ. Eu não ſei, porque não lhe fiz o preço.

Pedern. Ora vá-ſe embora, não ſeja deſavergonhado de me vir lograr outra vez: vá-ſe, vá-ſe. (*Sahe Macaco.*) Mas ahi vem Macaco, agora me vingarei, dando-lhe zelos. *á part.* Meu Macaco....

Deſ. Ai que ella prega-me o mono com Macaco! *á part.*

Mac. Eſpera, rapariga: bem ſei, que queres cazar comigo. *á part.* Senhor Deſenfado, aqui eſtá o dinheiro, e faça-me o favor de ſe retirar.

Deſ. Cahio na corriola: vou comprar os traſtes de Pederneira, para lhe abrandar a raiva. *á part.* Ah Senhor, e o eſcrito?

Mac. Já não he precizo: como eu lhe poſſo fallar, a minha palavra he propria eſcritura.

Pedern. Meu Macaco, não me reſpondes?

Mac. Digo, que já cá tem feito com ella que ſeja minha amiga, que eu bem o vejo no modo de fallar.

Deſ. Iſſo ſim: pois eu havia deſcuidar-me? E ella eſtá ſegura em que v. m. lhe quer bem: he capaz de ſe fazer grave: fique-ſe com ella, e adeos *Vai-ſe.*

Pedern. Foi-ſe embora, ſem fazer caſo de mim.

Ago-

Agora ſe Macaco fora mais de meu gof
tambem o caracol de Deſenfado havia p
ao ſol ; mas como he o meu odio , não qu
com elle graças. *Faz que ſe*

Mac. Ella ahi começa com deſdens. *á p.* O
v. m. quer que a roguem ?

Pedern. Que diz ?

Mac. Já me diſſerão , que v. m. ſe havia
zer toda aquella de manto de ſeda.

Pedern. Ora não ſeja aſno , vá-ſe embora.

Mac. Ah Senhores , olhem como ſe fing
á part. Voſſé , como ſabe que morro em
verdo , por iſſo he que aquillo...

Pedern. Ora eſtá bem tolo !

Mac. Ora menina , compadece-te de mim.

Pedern. Tomára-o eu ver padecente.

Mac. Viſto iſſo , mandas-me pôr em tres páos
Mas olha que já eſtou feito em pedaços.

Pedern. Pois eu não quero nada com quebrad

Mac. Olha a tolla , tomáras tu cazar comigo
que nunca te havia faltar ſenão tudo , o q
houveſſes miſter.

Pedern. Vá-ſe , Senhor quebrado , que não ſe
vé para marido inteiro.

Mac. Ora não te movem eſtes requebrado
amores ?

Pedern. Senhor Macaco , vá-ſe embora , qu
já fede.

Mac. Não póde ſer , que eu ſou o teu Macaqui
nho de cheiro. Mas já que ella me deſprez
por bem , quero ver ſe a levo por mal *á part*
Oh deſavergonhada, oh grandiſſima porcalhon

Pedern

Pedern. He baſtante atrevimento ! tome , tome. *Dá-lhe.*

Mac. Ora graças a Deos , eſtava ahi ſem me dar nada. Não ha couſa como por mal : vejão logo como me deu pancadinhas de amor. *á part.* Ora vem cá minha eſpoſa conſorcia.

ARIA.

Pedern. Paſſa fóra Macaco ,
Ai , ai que me come!
Se tu não és home ,
Não tenhas amor.
Vai lá para o mato
Buſcar companhia ;
Eu ſou cá bogia
Para ter de ti dó? *Vai ſe.*

Mac. He forte disfarçar ! Ella vai como hum raio , mas todo aquelle fuzilar vem a dar em calmaria : digo iſto , porque já me calmou. Aquelles enfados he o meſmo que *reñir para mas querer.* Vou dar os agradecimentos a Deſenfado , por eſte paſſatempo. *Vai-ſe*

Sahem Filinto , e Alicandro.

Alic. Quem recuſa hum amparo , juſtifica o rigor da ſua ſorte. Deſeſperação , e não valentia , Principe , he criminar o zelo , que a minha amizade tem conquiſtado ao vulgo.

Filint. Só a tolerancia deſvanece o rigor do fado.

Alic. Sempre a ventura foi antipoda do merito ;

to; não fies pois, Senhor, na tua innocencia a tua vida.

Filint. Bem que efflicta a minha alma, não ſente o rigor da injuria, quando conſerva os timbres da conſtancia.

Alic. Sim, mas quando a plebe examina hum ſupplicio, ſempre conjectura antecedente o aggravo.

Filint. Eu ſatisfaço-me com ſaber que innocente morro.

Alic. Pois ainda a pezar deſſe esforço, farei que as mais fieis eſquadras te uſurpem as violencias de teu injuſto Pai.

Filint. Sim; mas eſſa piedade, he mais traição do que fineza.

ARIA.

Alic. Se não pódes contender
Com o rigor do injuſto fado,
Não pretendes deſgraçado
Eſtorvar o meu valor.
Ao furor de hum Pai tyranno
Hei de oppor-me como amigo,
E verás neſte perigo
Se he conſtante o meu amor.

Vai-ſe.

Sahe Adaſtro.

Adaſt. Que vejo! tu eſtás ſó?

Filint. Enganas-te, que ſempre a deſventura he minha companheira.

Adaſt. Já eſtá ſegura a tua felicidade: brevemente ſerá ElRei o nuncio deſta noticia.

Filint.

Filint. Oh que infeliz ſou! Pois na tua preſença me ha de fallar ElRei.

Adaſt. Pois que querias, ſoberbo? Que os meus ouvidos não teſtemunhaſſem os teus enganos? Querias dever ás tuas liſonjas o que nega a juſtiça á tua culpa?

Filint. He falſa a tua idéa, que não ſabe ter pejo quem vive izento de ter commettido o aggravo. A dor, que tenho de ver-te, he conſiderar, que o teu ſangue ha de ficar deſluzido com a minha nota.

Adaſt. Pouco ſinto eſſa pena, quando ella ha de ſer a coroa do meu merecimento, e o merito da tua Coroa.

Sahem ElRey, e Irene, a qual fica ao baſtidor.

Rey. Vigia, Carpio, a entrada deſta eſtancia, e neſſa mais proxima eſcute Eſtella os meus decretos.

Iren. Já te obedeço. *retira-ſe ao baſtidor.*

Rey. Adaſtro, parte deſte ſitio.

Adaſt. Que me auſente? E quem no meu retiro ſerá parte da minha razão?

Rey. Eu a defendo.

Filint. Fique, ſe quizer.

Rey. Não, comtigo quero eſtar ſómente.

Adaſt. E fias-te, Senhor, da ſua companhia?

Rey. Cumpre o que te ordeno, e cala-te.

Adaſt. Já te obedeço. Oh como temo que Filinto me entregue. *á part. e vai-ſe.*

Rey. Filinto, toma aſſento, e ouve-me. Juiz,

ou Pai venho á tua preſença: ſe Pai me eſtimas, verás aonde chega o meu affecto; e ſe Juiz me intentas, executarei comtigo o meu decoro.

Filint. Não te temo Juiz, e Pai te idolatro. *aſſentão ſe.*

Rey. Poſſo eſperar da tua obediencia deſempenhos a hum meu decreto?

Filint. Eu to prometto.

Rey. Pois em quanto fallo, attenda o teu ſilencio.

Iren. Que dirá? *á part.*

Rey. Filinto, de mil crimes as minhas evidencias ſabem que tens ſido author. A obediencia negaſte a hum juramento: hum papel me entregarão, que me aviſa de huma traição; e no tempo em que a perplexidade me não diſſolvia a duvida, te vi no meu quarto occulto. Que mais indicio? O meſmo Adaſtro me diſſe que tu.....

Filint. E julgas ſer verdade?....

Rey. Satisfaze á promeſſa, ouve-me, e calla.

Iren. Infeliz Principe! *á part.*

Rey. Simulacro és das queixas de Adaſtro; a Eſtella pretendes, e ameaças; a Carpio quaſi aos meus olhos quizeſte dar a morte: tudo te accuza, e por mais que os vaſſallos rebeldes.....

Filint. Vê, Senhor, que são falſos.....

Rey. Ouve-me, e calla-te. Vê pois quantos ultrajes me tens feito, e quantas obrigações me cercão para o teu caſtigo; mas trocando em

em amor a ira, te perdo-o, e nos meus braços te rogo, que confeſſes o traidor. Não procura hum Pai offendido outra ſatisfação mais qua fé, e arrependimento.

Iren. Suſpenſo eſtá Filinto: oh queirão os Deoſes, que não declare os meus intentos. *ápart.*

Filint. Fallar não poſſo.

Rey. Se o temes pela vida do réo, eu lhe perdo-o, e ſeja a minha mão o abono da minha palavra. *Dão as mãos.*

Iren. Ai de mim, que temo ſe declare! *á part.*

Filint. Pois Senhor, com eſſe ſeguro direi...

Sahe Irene.

Iren. Senhor, eſqueces-te de que eſpera Eſtella as tuas reſoluções?

Filint. Oh Deoſes! *á part.*

Rey. Não: bem me lembra; auſenta-te.

Iren. E no entanto que direi?

Rey. Dize o que quizeres.

Iren. Já te obedeço. Perfido, não falles.

á part. para Filint. e retira-ſe.

Filint. Oh quanto comigo he cruel Irene! *á part.*

Rey. Dize pois, reconcilia em mim aquelles affectos, que a offenſa tinha ſepultados: explica-te: porém de que te turbas?

Filint. Piedoſos Ceos! *á part.*

Rey. Já te penetro: não póde reſiſtir o affecto ao nome de Eſtella: tambem ſatisfarei a eſſe deſejo com a ſua poſſe: bem ſei que a ado-

ro, mas ſerá a reſiſtencia propria imagem de Alexandre na mais rica oblação de huma Campaſpe: tua eſpoſa ſerá Eſtella.

Filint. Ao dizer-te o réo talvez que tu não creias. . . . .

Sahe Irene.

Iren. Senhor, importuna Eſtella queria entrar neſta habitação, e por obſtar-lhe o intento, fiz que ſe retiraſſe.

Rey. E auſentou-ſe?

Iren. Sim, Senhor.

Rey. Apreſſa-te, e procura obviar-lhe os paſſos.

Iren. Calla-te perjuro. *para Filint. Vai-ſe.*

Rey. Falla, pois já Eſtalla he tua, e tudo o que intentares: ainda te ſuſpendes duvidoſo?

Filint. A Eſtella aborreço, e fallar não poſſo.

Rey. Pois tyranno, morrerás infame, como viveſte falſo. Que mais queres de mim? O throno? a eſpoſa? o perdão? nada te move? Mas já ſei, que ſómente aſpiras á execução do voto que fizeſte: a minha murte queres; aqui tens o meu peito; traſpaſſa-mo, tyranno, pois ſem defenſa o exponho ás tuas iras.

Sahe Irene.

Iren. Como ſem defenſa? ſe o meu braço ha de ſer muro, que ſe exponha aos damnos?

Rey. Parte a conduzir Eſtella.

Iren. Já te obedeço. *Vai-ſe.*

Filint. Senhor, ſe a Eſtella adoro, permitta o Ceo. . . . .

Rey. Suſpende, perjuro, os écos.

Sa-

Sahem Irene, e Eſtella.

Eſtel. Aqui me tens, Senhor, ſubordinada ao teu preceito.

Rey. Filinto eſcuta; eſta he a ultima vez, que a minha piedade te offerece, ou a conſervação, ou a ruina: ſe o réo declaras, Eſtella, e o meu throno ſerão premios, que te ſatisfação; e ſe ainda o encobres, o carcere, e a morte ſerão caſtigos da tua pertinacia. Eu me retiro, porque o meu reſpeito não prenda as tuas vozes: a Carpio o dize. Não deſprezes a minha reſolução; vê que te quer com vida, quem com deſengano te falla.

Filint. Ai infeliz! Irreſoluto me vejo *á part.*

ARIA A 4.

Rey. O que négas, filho ingrato,
Faz que eu creia que és traidor.
Filint. Se a traição não te recato,
Ser não poſſo aggreſſor.
Eſtel. Dize o réo, porque ſe ſaiba,
Que da culpa livre eſtás.
Iren. Falla, dize-nos qual ſeja
O traidor, que o crime faz.
Filint. Oh Deoſes, quem me condemna,
O meu meſmo amor ſerá;
Pois ſe o digo, he dura pena,
E ſe o callo, he forte mal.
Rey. Barbaro, traidor inhumano.
Eſtel. e Iren. Comtigo cruel ſerás.
Filint. Deixai-me, crueis tyrannos,

Dei-

Deixai-me Já reſpirar.

Todos. Oh Deoſes, é que tormento

Rey.
Eſtel. *Filint.* } fomenta { na ira / no peito / do zelo } a dor!
Iren.

Rey. Reſolve, infiel perjuro,
Meu furor deſenganar.

Eſtel. Attende do Pai a queixa,
E ſocega-lhe o ſeu mal.

Iren. Se o traidor lhe não revellas
Tu ſem duvida o ſerás.

Filin. Para que, ſorte inimiga,
Quiz a vida dilatar?

Todos. Oh que pena na alma ſinto
Com tão perfido furor!

Vai ſe ElRey.

Iren. Venturoſos amantes! Oh quanto o meu affecto eſtima os voſſos jubilos! Em zelos ardo. *á part.*

Filint. Ainda te burlas da minha pena?

Eſtel. Parece que irreſoluto vacilla? *á part.*

Iren. Falla: agora emmudeces?

Filint. Oh Deoſes! Deixa-me.

Iren. ElRey me deſtinou para o exame da tua eſcolha, ou a Eſtella, ou a prizão.

Eſtel. Reſolve pois no que determinas.

Filint. Carpio reſolva: a minha vontade ha muito que he já ſua: ſeguirei os dictames da ſua reſolução.

Iren. Ah falſo, como de mim te vingas! *á p.*
Vê, Principe, que eu não ſei.....

Filint.

Filint. Mais do que atormentar-me. *Vai-ſe.*
Iren. Deoſes, que lhe direi? *á part.*
Eſtel. Dos teus labios eſtá pendente toda a minha gloria.
Iren. Eu julgo, que Filinto, ſem algum reparo aceitaria o teu conſorcio.
Eſtel. Grande fora a ventura, ſe o meu amor o conſeguíra.
Iren. E tu o adoras?
Eſtel. Amante o idolatro.
Iren. E o pertendes eſpoſo?
Eſtel. Quando a tua fineza mo confirme.
Iren. Pois he fruſtrada a tua eſperança.
Eſtel. Porque?
Iren. Valer-me-hei deſte engano para não perder a Filinto. *á part.* Poſſo, Senhora, communicar-te hum ſegredo?
Eſtel. Declara-o ſem receio.
Iren. Pois ſabe (perdoa-me o arrojo) que amante te idolatro.
Eſtel. A mim? que dizes?
Iern. Sim, Senhora, que fora deſcredito das luzes o não communicar incendios.
Eſtel. E dize-me, Carpio, que incentivo te obrigou a tanto exceſſo?
Iren. A gloria de adorar-te, naſceo em mim de ver-te.
Eſtel. Pois ſó de ver-me chegaſte a idolatrar-me?
Iren. Sim, Senhora, que a tua viſta, e a tu formoſura não pódem conceder demoras á idolatria.

Eſtel.

Eſtel. Em fim ver-me, e adorar-me tudo foi ao meſmo inſtante?

Iren. Pouco prazo preciſa amor para os triunfos, ſe com armas de fogo ſó executa os tiros. Ora attende.

SONETO.

Da morte o Baſiliſco cega o raio;
Eſte na viſta, aquelle nos ardores;
Hum diſpende dos olhos os rigores,
Outro faz do rigor na viſta enſaio.
Para acabar da vida o verde maio
Qualquer tempo he baſtante a ſeus furores,
Pois hum n'um abrir de olhos, nos fulgores
Outro, tudo reduzera a deſmaio.
Baſilisco he amor, porque da viſta
Me reſulta o eſtrago, a que me entrego;
He raio, porque cega quanto aviſta:
E ſe exemplo és de amor, querido emprego,
Foi preciſo ficar em tal conquiſta
Morto a teus olhos, e a teus raios cégo.

Eſtel. E para que até agora callaſte eſſe affecto?

Irene. Porque o reſpeito foi remora das minhas vozes.

Eſtel. Eſtimo eſſa fineza, mas já não poſſo correſponder aos teus extremos.

Iren. Para que, tyranna homicida, me alentas na eſtimação da minha fineza, ſe a morte me dás tambem no deſengano?

Eſtel. Carpio, repara que Filinto confiou da tua fé o reparo á ſua vida, e aſſim...

Iren.

Iren. Em vão intentas, que não ſou tão barbaro, que haja de ſer verdugo do meu proprio goſto.

Eſtel. Conſidera, que a Filinto matas, ſe o contrario intentas.

Iren. He tutelar o Ceo das innocencias.

Eſtel. Pois em vão procuras na minha conſtancia mudança para os teus affectos.

Iren. E que te move a tanta tyrannia?

Eſtel. Eſſa cruel ſentença, que relatas.

Iren Paciencia.

Eſtel. Sempre ſerás o objecto dos meus odios.

Iren. Terei ao menos na tua companhia hum refrigerio.

RECITADO.

Ai de mim infeliz!
Na luta de amor, e odio vivo confuſa:
Se o odio me incita á morte de Policrates,
O ſer do meu Filinto Pai me embaraça as acções
Amo a Filinto, e me arrependo do perigo
Que lhe cauſo; Deoſes valei-me
Em tanta multidão de penas.

ARIA A DUO.

Eſtel. Ingrato, não me negues
O bem, que tanto adoro.
Iren. As lagrimas, que choro,
Tyranna não deſprezes.
Eſtel. Pois falſo } o meu peito
Iren. Pois firme }
Ambos. Cruel acharás

Iren.

Ireu. Ai doce homicida,
Suſpende a eſquivança.
Eſtel. Se perco a eſperança,
A vida aborreço.
Ambos Que a vida ſem gloria
He duro penar.

ACTO III.

SCENA I.

Jardim. Sahem Macaco, e Deſenfado.

Deſ. ORa Senhor, dê-me noticia das ſuas fortunas.

Mac. Ai meu amigo, deixe beijar-lhe os pés em agradecimento do ſeu favor.

Deſ. Pois então o que lhe ſuccedeo?

Mac. O que havia de ſer? Começou a Senhora Pederneira a fazer-ſe grave ao principio; mas ao depois foi dando de ſi.

Deſ. Pois fez-lhe algum favor?

Mac. Sim, Senhor, fez-me a fineza de me dar dous murros. Olhe, aquillo he que he dar de véras, tudo o mais he graça.

Deſ. Grande honra! E como ficaria v. m.ce contente!

Mac. Olá, pois não? baſtava-me ſer couſa da ſua mão.

Deſ.

Deſ. Sim, que *manos blancas nò offeden.* Ora ſempre he bem tolo o tal Macaco. *á part.*

Mac. Ora diga-me: ella tem lhe fallado em mim?

Deſ. Iſſo a todo o inſtante; hoje me deu ella os agradecimentos de lhe dar tão bom noivo.

Mac. Iſſo he liſonja.

Deſ. Náo, não he.

Mac. Pois parecia-me: mas já vejo que tudo mereço.

Deſ. Tambem me diſſe, que morria por v. m. Olhe, ſabe agora o que ha de fazer? he deſprezalla, e não lhe dizer finezas; e verá como ella ſe desfaz toda em amores.

Mac. De véras? Oh meu Deſenfado, de veras? Iſſo he verdade? Ora v. m. ſaberá, como eu me faço grave.

Deſ. Em ordem a que me não perſiga a pequena, e ainda que ella já eſteja bem comigo pelos traſtes que lhe dei, com tudo mulheres são muito arriſcadas. *á part.*

Mac. Ainda não poſſo crer, que Pederneira eſtalla por mim.

Deſ. Sim: mas tu não te livras de alguns eſtouros. *á part.*

Mac. Ora adeos, que me não poſſo deter: veja ſe lhe preſto para alguma couſa, e não me poupe: bem ſabe.... mas adeos *Vai-ſe.*

Deſ. Bem ſei que he hum aſno. Ora vamos ver ſe o Senhor meu Amo pedio já a ElRei a minha Pederneira, que eſta noite faço tenção de a render; parece-me que a eſtou vendo feita minha marida &c. &c. *Vai-ſe.*

Sa-

Sahem ElRey, e Alicandro.

Rey. Não, não quero que morra; dilatado privilegio lhe tem concedido a natureza.

Alic. Senhor, quem te ſegura, que o Povo alterado não procure ao depois punir a tua inclemencia na morte de Filinto?

Rey. Procura tu ſocegar o vulgo com a tua preſença, mas ſeja dividida dos hombros a cabeça.

Alic. Vê, Senhor, ſe encontra a tua piedade outro remedio.

Rey. Outro não ha.

Alic. Pois, Senhor, eu devo.....

Rey. Obedecer-me: parte; que he á minha vida preciſa a ſua morte.

Alic. Penando hirei cumprir os teus preceitos; mas em fim obedecerei aos teus decretos. Bem ſei, que a Filinto adoro; mas tambem conſidero, que ſou teu vaſſallo. Hirei conſervar-lhe a vida. *á part.* O Ceo te guarde.

Vai-ſe.

Rey. Ai infeliz de mim! E quantos aſſaltos ferem meu triſte peito! Em quanto a doce paz me ſuſtentava o Reino, tudo era gloria; mas quando para reparo do meu ſuſto ha de preceder de hum filho o eſtrago, tudo he martyrio; e..... mas as lagrimas, e a pena me uſurpão as potencias para o acordo.

Com o lenço nos olhos.

Sahem Eſtella, e Pederneira.

Eſtel. Rei, e Senhor, que fazes? Em que te di-

dilatas que ao tumulto não corres? A plebe toda ao Palacio ſobe, e pelo ſeu Principe Filinto exclama.

Pedern. Ai Senhora, deixa-o aſſoar primeiro.

Rey. Não terá muita demora o deſpacho ás ſuas petições; ſem dilação lho entregarei, mas ſem alentos: de hum vaſſallo amigo a ſua morte fiei, e julgo, que já agora a ſua obediencia terá deſempenhado as minhas ordens.

Eſtel. Deoſes, que ouço! Senhor, o que fizeſte?

Rey. Vingar a Mageſtade, e o teu repudio.

Pedern. Logo a mim me cheirou a luto, quando vi a ElRei com choradeiras. *á part.*

Eſtel. Ai infeliz! *á part.* Senhor, revoga os teus decretos: Filinto não te offende: o meu engano, Senhor, he quem te ultraja.

Rey. Que dizes!

Eſtel. Eu, Senhor, ſou quem a Filinto amava; e por ſentir que os ſeus repudios naſciáo do teu reſpeito, commovida da injuria de deixar-me, quiz impôr ao ſeu peito o meu delicto.

Rey. Que dizes? Tambem tu és traidora?

Eſtel. Eu ſou, Senhor, quem merece o caſtigo da tua indignação: obre na maldade o poder, não na innocencia: morra Eſtella, porque Filinto viva.

Pedern. Ora viva, e reviva. *á part.*

Rey. Pois não he culpa o ſolicito deſvélo de matar-me? Não he culpa o pretender-te, quando

do ſabe que eu vivo de adorar-te? Morrerá ainda a pezar deſſa piedade.

Eſtel. Senhor, ſuſpende as iras: olha que a hum penſamento he grande recompenſa a vida de Filinto; e ſe aos meus rogos não cedes os furores, ficarei confirmando por adulação os teus affectos.

Rey. Como adular-te quem ſó fazia timbre de querer-te? Em doce hymenêo pertendia elevar-te ao throno; mas já que tambem és infiel, caſtigarei no meu vencimento as tuas tyrannias.

Pedern. Eſtou tremendo que ſe enfade comigo. *á part.*

Eſtel. Movão-te, Senhor, as minhas ſupplicas.

Rey. Parte, Eſtella, que augmentas neſſes rogos mais incentivos para os ſeus eſtragos.

Pedern. Olhe o negro aquelle! *á part.*

ARIA.

Eſtel. Se a Tigre hyrcana
Vê que lhe morre
O filho amado,
Ligeira corre
A defendello
Do caçador.
Mas tu violento,
Barbaro exangue
Só no teu ſangue
He que executas
O teu furor. *Vai ſe e Pedern.*

Rey.

Rey. Piedoſos Ceos, como permittis tantos ultrajes!

Sahem Irene, e Deſenſado.

Def. Ou Pederneira, ou digo, que tu és mulher.

Iren. Calla-te infame. *para Deſenſado.* Senhor, não te dilates: corre diligente a ſatisfazer o Povo na entrega de Filinto, a cujo empenho correm innumeraveis turbas aclamando a tua vida em tumultuoſos écos.

Def. Iſſo não he o que nos importa: pois então? declaro, ou pede Pederneira para mim. *a Irene.*

Iren. Ha maior deſeſperação! *á part.*

Rey. Tanto amparo o ſoccorre? Pois ſe por hum breve eſpaço domar a ſua furia, pouco ſentirei os ſeus atrevimentos.

Iren. Porque?

Def. Vamos a iſto? *a Iren.*

Rey. Porque já entreguei a incumbencia da ſua morte ao braço de Alicandro.

Iren. Que dizes? Ai infeliz! Revoga, (oh Deoſes) revoga, Senhor, eſſe decreto, que eu ſerei o feliz nuncio deſſa piedade.

Rey. Em mim a não ſolicites, que já me ſerve o ſeu damno para o meu ſeguro.

Def. Palavra de Rei não torna a traz.

Iren. Como, Sobereno Monarca, queres em hum ſó inſtante offuſcar tanto applauſo á tua fama? Melhor luſtre he, Senhor, a piedade do que a tyrannia. Mudar em venturas

ras as felicidades, oſtentação he ſó de ſ
rania; pois no que ſe faz, ſe indica o que p
Maior applauſo conſeguio Tito na pieda
que Nero na inclemencia. Vê pois Senho

Rey. Que Filinto he traidor.

Deſ. Que meu Amo he mulher. *á p*

Iren. Mas conſidera, que Filinto he aqu
o amado filho, a quem a tua Coroa con
tantos lauros: vê, que da tua alma he
neroſa prenda; não tires inadvertido ao
Imperio a melhor columna.

Deſ. Tambem tu és muito bom varão. *á p*

Iren. Vê Senhor.....

Rey. Calla-te, Carpio: ai de mim!

Deſ. Ora pede-lhe já a Pederneira.

Iren. Como permittes que o mundo te af
te de tyranno? Ai, não ſei como a p
me não mata! *á p*

Deſ. Iſſo he o que te eu digo? Pois a
verás, Senhor....

Iren. Ai de mim, que eſte infame me
trega! *á p*

Rey. Que dizes?

Deſ. Saiba Voſſa Mageſtade.

Iren. Ai de mim! Deſenfado, calla-te, que
te faço o que queres. Logo perderás a v
á p

Deſ. Pois então acabemos, ſe não.....

Rey. Que dizias?

Deſ. Iſſo que agora lhe dirá meu Amo.

Iren. Rei, e Senhor, ſe a fé que te conſa
póde ſervir de merito.....

D

Deſ. Forte empenho! ElRei não tem mais remedio, que dar-me a Pederneira. *á part.*

Iren. Eſta te empenho na vida de Filinto: vou (reſolve Senhor) a dilatar-lhe a vida?

Rey. Sim, Carpio, apreſſa-te a embaraçar-lhe a morte.

Deſ. E Pederneira onde fica, Senhora minha Ama?

Rey. Que diz eſſe Criado? Porém Alicandro! oh Deoſes!

Iren. Ah que o aſpecto lhe vejo demudado.

Sahe Alicandro.

Deſ. Aqui vem o Sabaſtião do Principe, e cedo ſerá o Carraſco de minha Ama.

Iren. Vive o Principe? *a Alicand.*

Alic. Eſpolio he já da morte.

Deſ. Rezem-lhe hum minuete pela alma. *á p.*

Rey. Ah filho amado!

Iren. Ah infauſto Filinto!

Alic. Ao primeiro golpe rendeo aquella generoſa vida, e quaſi nos ultimos parociſmos balbuciantes articulou eſtas ultimas vozes: *Vai, e a meu Pai defende*; e ao proſeguir lhe embargou as vozes o mortal deſmaio.

Deſ. Tomára eu a alva para firoulas. *á part.*

Rey. Ai infeliz! Querido Carpio, ſoccorre-me em tanta magoa.

Iren. Tu barbaro, tu ímpio lamentas a ſua morte? A quem acumulas as queixas, ſe tu foſte o author da culpa? Vai, tyranno, e em quanto palpita intercadente aquelle cora-

ção, lho arranca. Que te demora, monſtro das tyrannias? mais cruel que o meſmo Alecto, e mais barbaro ainda que Megera?

Def. E minha Ama parece-me na furia Tafunize. *á part.*

Rey. Deſſa ſorte ſe atreve ao meu decoro, Carpio? Enlouqueceo, ou diſſimula com os fingimentos?

Iren. Não finjo, tyranno: até agora he que disfarcei, por ter a gloria de matar-te.

Rey. Em que te offendeo Policrates?

Iren. Ignoras os motivos? Pois ſabe que ao meu bem mataſte.

Def. Bem morto. *á part.*

Iren. E que a meu infeliz Pai a morte déſte, hum Reino adquiriſte, e em mim huma inimiga grangeaſte. Sabe que ſou Irene, que o teu eſtrago disfarçada buſco.

Rey. Que eſcuto! *á part.*

Alic. Raro ſucceſſo! *á part.*

Def. Pois que vai? Agora fico eu ſem Pederneira, e ſem me poder vingar. Valha-te o diabo Deſenfado de hum dardo, não podias tu ter ganhado as alviçaras? *á part.*

Rey. Já deſcifro as cautelas, que Filinto intimava á minha repugnancia.

Iren. E para que ſeja maior o teu tormento, ſabe que Filinto ſó procurava a defenſa á tua vida; elle te deu naquelle papel o aviſo dos meus intentos; morreu innocente, e tu ficaſte ſem reparo ás minhas iras.

Rey. Louco eſtou!

Def.

Deſ. Não he porque deixaſſe de ſer bem aviſado. *á part.*

Rey. Olá da minha guarda, eſta ſoberba levai da minha viſta: e tu Alicandro....

Alic. Já te entendo. Irene rende-me eſſa eſpada.

Sahem guardas.

Iren. Eſta he, Alicandro. E tu, barbaro, muito te enganas, ſe atemorizar-me intentas.

Deſ. Antes que me mandem enforcar vou pedir o perdão a ElRey. *á part.* Senhor....

Rey. Quem és tu?

Deſ. Sou Criado da transfigurada Irene, que...

Rey. Pois ſeja tambem levado para o carcere, donde ſahirá a pagar no ſupplicio a ſua traição.

Deſ Ah que d'ElRei, que ſou mulher, e não quero hir lá para a enxovia.

Alic. Que dizes? Tu tambem não és homem?

Deſ. Pois não vê como ſou maricas, que tenho medo da morte?

Alic. Pois quem és?

Deſ. Eu ſou a conſtante Florinda, que ando disfarçada; e mais mande-me examinar, ſe duvida diſto.

Rey. Retiraivos da minha preſença, que me deſgoſta a ſua companhia.

Iren. Para vingar-me de que vivas triſte, baſta-me o teu delicto.

Deſ. E eu para vingar-me de ti, baſta-me a tua morte.

ARIA.

Iren. Como podeſte, oh Deoſes!
Ingrato, vil, traidor....
Mas ah, que a culpa he minha!
Sinto gelar-me o ſangue
No peito a forte dor.
Porque feriſte hum peito,
Sem culpa, infiel, porque?
Ah que o meu delicto he
Cauſa do teu furor!

Vão-ſe Irene, Deſenſado, e os guardas.

Rey. Ai de mim! Aonde eſtou, que não ſou da minha vida tragico deſpojo?

Alic. Socega-te, Senhor, e agora empenha ſómente o teu cuidado na quietação do teu Imperio.

Rey. Os deſcanços deſprézo, e ſó furioſo a morte ſolicito. Ai amado filho! *Vai-ſe.*

Alic. Olá guardas, trazei á minha preſença eſſes priſioneiros. Piedoſos Ceos, ſoccorrei os meus intentos. *á part.* Retirai-vos.

Sahem os guardas, Irene, e Deſenſado.

Iren. Que pertendes, barbaro Miniſtro do mais impio Rei?

Deſ. Eſtá já feita a forca?

Alic. Não te alteres, e ſabe, illuſtre Princeza, que o teu Filinto não eſtá morto.

Iren. Que dizes, Alicandro?

Alic. A incumbencia de matallo acceitei para defendello.

Deſ.

Deſ. Certamente que não parece criado. *á p.*

Iren. E para que occultaſte eſſa fineza a ElRei, ſe o ſeu arrependimento te deſculpava a deſobediencia?

Alic. Não ſei ſe aquella piedade ſeria fingimento.

Deſ. Bella occaſião tenho para me livar! *á part.* Pois, Senhor Alicandro, ou me ſolte, ou conto a ElRei todas eſſas arengas.

Iren. Proſegues em outra teima? Calla-te, ou tē matarei.

Deſ. Mate-me, ſe puder, porque eu eſtou obrigado a acudir primeiro á minha vida, do que á minha morte.

Alic. Já eſtás livre: auſenta-te, e faze com que ElRei te não veja.

Deſ. Acceito: adeos meus Senhores. *Vai-ſe.*

Iren. E dize-me, Alicandro, aonde eſtá Filinto?

Alic. Ainda ignorante da minha fé vive no carcere aſperando a ſua morte.

Iren. Pois ainda o não livraſte?

Alic. Como eſtá ſeguro, ando congraçando os affectos do Povo para o ſubir ao Solio.

Iren. Vamos pois.... Mas ahi vem Adaſtro.

Alic. Pois eu me auſento; procura tu ſaber os ſeus intentos para ſegurarmos os noſſo deſignios: fia-te de mim, e não temas.

Vai-ſe.

Sahe Adaſtro.

Iren. Fico ſegura: diſſimula coração. *á part.* Senhor, que te moleſta? de que eſtás triſte?

Adaſt.

Adaſt. Se tudo neſte Palacio he confuſão queres que me alegre, Carpio?

Iren. Ainda não ſabe que ſou Irene. *á part.* Pois, Senhor, que eſperas que não vamos oppornos ao tumulto deſſes rebeldes?

Adaſt. Outro ſoccorro pede o meu perigo: Filinto vou buſcar.

Iren. Examinarei as ſuas idéas. *á part.* Senhor, a hum aggreſſor de tanto inſulto pretendes libertar?

Adaſt. Não: vou procurallo para dar-lhe a morte.

Iren. Apurarei a ſua traição. *á part.* Pois tu não ſabes, que Filinto he já morto?

Adaſt. Que dizes? e porque braço?

Iren. Não ſei: confuſa chegou eſta noticia aos meus ouvidos.

Adaſt. Ou vivo, ou morto, importa-me achar a Filinto.

Iren. Eu ſerei hum executor deſſa diligencia. Ah falſo como te penetro. *á part. e vai ſe.*

Adaſt. Se Filinto me embaraça os paſſos para o throno, morra: he tyrannia, porém he neceſſario á minha conveniencia. *Vai-ſe.*

Sabe Pederneira com huma caixa, na qual taz varios traſtes.

Pedern. Ora já o Senhor Deſenfado ſe eſportulou com os traſtes, que lhe pedi: agora ſe eu tiveſſe outro a quem ſacar alguma tolá, não era máo. Ora vamos vendo o que vem na tal caixinha: cá vem as meias, e hum leque,

e he da moda; agora ſim que com iſto ſerei o chefe da francezia.

Tira da caixa hum leque da moda, e abanandaſe canta o ſeguinte

MINUETE.

Ai que ventura
Logro ditoſa!
Chinella bordada,
E meia encarnada!
Com leque da moda!
Mui França hei de ſer.
Sinaes na carinha!
Com tantos caprichos
Que bichos, que bichos,
Me háo de fazer!

Mas cá vem Macaco, fingir-me-hei muito ſua amiga, por ver ſe cahe na corriola.

Sahe Macaco.

Mac. Oh cá eſtá Pederneira! Como ſei que me quer bem, fingir-me-hei muito grave, que aſſim me enſinou Deſenfado. *á part.*

Pedern. Meu riquinho Macaco.

Mac. Ella comigo; quero fazer-lhe hum deſprezo amante. *á parte.* Arre para lá, não ſeja tola. *a Ped.*

Pedern. He bem ſalvage! Mas vamos á noſſa con-

conveniencia. *á part.* Que tens contra mim? que te fiz eu, meu Macaquinho?

com caricias para Macaco

Mac. Não foi máo deſdem; proſeguirá na meſma fórma. Ah Senhores, muito devo áquelle Deſenfado! Tambem ſe elle me não contaſſe tudo, cahia eu agora como hum tolo. *á part.*

Pedern. Não reſpondes á tua Pederneira, que tanto te quer?

Mac. Pois que vai! Ah Senhores, muito devo a Deſenfado. *á part.* Já lhe diſſe, que não foſſe tola. *a Ped.*

Pedern. Elle eſtá impertinente, mas hei de lograllo. *á part.* Pois eſtás mal comigo, meu Macaquinho?

Mac. Ella eſtá-ſe deſfazendo por inſtantes; mas a quem não renderão eſtes meus dengues? Quero-lhe fazer huma meiguice, dando lhe hum bofetão. *á part.* Para que não ſeja impertinente, tome, tome. *Dalhe.*

Pedren. Oh inſolente, oh deſavergonhado, calle-ſe, que voſſé mo pagará. *Quer hir-ſe.*

Mac. Venha cá, que eſtes melindres forão para que voſſé viſſe, que lhe quero a dar-lhe com hum páo.

Pedern. Vá-ſe embora, que o não quero ver mais.

Mac. Pois então vem cá, que eu te botarei os olhos fóra.

Pedern. Só ſe voſſé me der o que lhe pedir.

Mac. Sim: pede, pede.

Pedern.

Pedern. Promette não faltar?

Mac. Se eu faltar, eu chegue a ſer teu marido.

Pedern. Deme cá a ſua mão.

Mac. Pois para iſſo eſtavas com vergonha? Ah Senhores, muito devo a Deſenfado, e vejão a brevidade com que fez que me déſſe a mão. *á part.* Ora aqui eſtá a minha mão.

Pedern. Pois quero que voſſé me compre hum afogador.

Mac. Ui, para iſſo aqui eſtou eu, que ſou notavel para Carraſco. Mas como nós já eſtamos cazados.....

Pedern. Que diz, cazados?

Mac. Sim; porque nós não demos as mãos?

Pedern. Ora he bem tolo; mas ſeguirei a ſua aſneira. *á part.* Ah, ſim, não me lembrava.

Mac. Ora pois, eu o que quero he muita ſizudeza; e dize-me, queres o affogador do peſcoço, ou da garganta?

Pedern. Do peſcoço; porque, não he tudo o meſmo?

Mac. Não, que ha huns da garganta, outros do collo.

Pedern. Pois traga o que lhe parecer.

Mac. Em quanto ao meu parecer, o melhor era não trazer nenhum; mas por lhe fazer o goſto, eu vou buſcallo: ſer-mz muito ſizuda, ſenão.... Ora adeos. *Quer hir-ſe.*

Sahe Deſenfado.

Deſ. Por onde andará Pederneira? Mas oh, ella cá eſtá com Macaco. Ai que iſto me não cheira bem. *á part.* *Pedern.*

Pedern. Importa-me disfarçar, por não perder o affogador. *á part.*

Mac. Oh meu amigo, ſó voſſé ſabe enſinar: ella começou com muitos amores, eu dei-lhe hum bofetão, ella reguingou, eu chamei-a, ella retrocedeo, e agora eſtamos muito amiguinhos. *a Deſenfado.*

Deſ. Ai, eu eſtou perdido! Oh menina, v. m. não me conhece?

Pedern. Eu ſó para o ſervir.

Mac. Olhem aquelle propoſito: como he já mulher, vejão o reſpeito que me tem. *á p.* Ah Senhor Deſenfado!

Deſ. Deixe-me ſo tola. *Dalhe.*

Mac. Irra Senhor Deſenfado.

Deſ. Arre meu Macaco. *aos murros.*

Pedern. Vou-me eſgueirando, antes que aquelles carolos me venhão dar na cabeça. *Vai-ſe.*

Mac. Ah que d'ElRei, que me matão.

Deſ. Que he de Pederneira? Eſgueirou-ſe? *Olhando para todas as partes.*

Mac. Olhe, olhe, ella alli eſtá. Agora marcho, já que me tocárão a caixa. *Vai-ſe.*

Deſ. Eſpere maganão: foi-ſe? calle-ſe que eu o apanharei ás unhas, e a maganeta já ſe não lembra do que lhe dei? Pois tome.

ARIA.

Deſ. Eu feito Bezerro!
Arre meu Macaco,
Não cabe no ſaco
Já tanto aturar.

A gente em me vendo,
De medo tremendo,
Julgando me touro
De mim fugirá.
A moça he velha,
E em meu deſabono
Pregando-me o mono,
Hum touro me faz. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Carcere, no qual eſtará Filinto, e Irene ao baſtidor ſem eſpada.

Iren. NÃo mentio Alicandro, quando a eſte ſitio os paſſos me encaminha: ainda o meu bem vive ſem damnos, brevemente com a vinda de Alicandro ficará ſem ſuſtos. *á part.*

RECITADO.

Filint. Injuſtos Deoſes,
Deſeſperado me tem as voſſas iras:
De que me ſerve o não ter culpa?
Aſſim péza Aſtrea na balança
As injuſtiças?
Sem duvida conſegue a innocencia
Os meſmos effeitos, que o delicto.

Iren. Para evitar as traições de Adaſtro, venho ver a Filinto, em quanto para o ſeu ſoccorro não chega Alicandro. *á part. e ſabe.*

Filint.

Filint. Rigoroſa Irene, ainda neſte carcere quéres augmentar as tuas tyrannias?

Iren. Pois para que ſaibas quem he Irene....

Sahe Adaſtro fallando para dentro.

Adaſt. Não duvideis, Soldados, a minha entrada, que ElRei me envia.

Iren. Que vejo!

Adaſt. Carpio, tu aqui ſem eſpada para a minha defenſa?

Iren. Ao conceder-me faculdade os guardas, que de Alicandro são confidentes, não eſtivera ſem eſſa prevenção para os teus auxilios.

Filint. Até neſte lugar intentas, traidor, inſultar-me?

Adaſt. Suſpende as vozes, ou te matarei.

Puxa a eſpada.

Iren. Ai de mim! *á part.* Senhor, vê que he diminuto caſtigo eſſe golpe para o ſeu merecimento; pois a morte que ſente, ſuaviza na gloria do braço, que lha ameaça. Permitte, que as minhas queixas ſatisfação ás noſſas vinganças: bem ſabes que Filinto procurou tirar-me a vida, e aſſim me pertence a execução da ſua morte.

Filint. Deoſes, não baſta de tormentos! *á part.*

Iren. Ai Alicandro, como te demoras! *á part.*

Filint. Tambem Carpio he traidor?

Adaſt. Calla-te, ou perderás a vida.

Filint. Diſpara o golpe, infiel, uſurpa-me com a morte tantos motivos para o meu tormento.

Adaſt.

Adaſt. Morre, tyranno. (*ſuſpende-ſe*) Mas ai; que o valor me falta. *á part.*

Iren. Soccorro, ſoberanos Deoſes. *á part.*

Filint. Barbaro, que te ſuſpende?

Iren. Muito tarda Alicandro. *á part.*

Adaſt. Não ſei que razão me obriga a ſuportar as iras. *á part.*

Iren. Senhor, em que vacillas? Dám e eſſa eſpada, eu lhe arrancarei aquella falſa vida; eu ſó baſto para terror de hum inſolente.

Adaſt. Toma, Carpio, execute a tua vingança o que não podem conſeguir as minhas acções. *Dá a eſpada a Irene.*

Iren. Agora verás, traidor, ſe tens algum reparo.

Filint. Que intentas?

Iren Meu bem, toma eſta eſpada para a tua defenſa. *Da-lhe a eſpada.*

Adaſt. Que fazes? Tu contra mim, Carpio?

Iren. Já não ſou Carpio, agora ſou Irene.

Adaſt. Pois, traidores, acudiráõ obedientes as guardas ás minhas vozes, para caſtigar o voſſo atrevimento. Olá.

Filent. Suſpende os écos, ou te matarei.

Sahem Alicandro, e os guardas.

Alic. Filinto?

Adaſt. Ah defende, Alicandro, o teu Principe.

Alic. A Filinto defendo. Senhor, vem com a tua preſença ſatisfazer os alvoroços, com que te eſpera o vulgo: livre eſtás: aqui tens eſtes guardas para a tua defenſa, que eu me au-

auſento a procurar mais realces á minha conſtancia. *Vai-ſe.*

Adaſt. Piedoſos Ceos, tudo ſe conjura contra a minha ſorte.

Iren. Vem, amado bem, ſegue os meus paſſos, que ou hei de acabar a vida, ou levantar-te ao ſolio.

Filint. He poſſivel, querida prenda, que vejo na correſpondencia da tua fidelidade deſvanecidos os temores da minha ſuſpeita? Oh quanto me peza ter-te negado os creditos de firme.

Iren. E póde, Senhor, o teu receio preſumir infamias á minha fé conſtante?

Filint. Não me arguas, Senhora, deſſe delicto, quando ſó a minha deſgraça formava eſſas conjecturas.

ARIA.

Meu bem, não duvides
Da fé que te guardo;
Porque Fenix ardo
Na pyra de amor.
Deſterra o receio,
Se chegas a ouvir-me;
Vê bem que ſou firme,
E deixa o temor. *Vai-ſe.*

Adaſt. Oh quanto me affronta o meu delicto! *á parte.* Sobe, Senhor, ao Throno, que o fado te deſtina, e ſaſtisfaze no meu peito as minhas ambicioſas culpas: aqui me exponho a receber ſem reſiſtencia o golpe.

Filint.

Filint. Eſta he a tua eſpada: acceita-á, e vive; e nos meus braços te prometto eſquecer-me dos teus delictos.

Dá Filinto a eſpada a Adaſtro, e depois de o abraçar vai-ſe com os guardas.

Adaſt. Oh generoſo peito! Vejão agora os meus intentos os deſenganos: pouco importa a traição, quando a innocencia tem por patrona dos Deoſes a piedade. *Vai-ſe.*

CSENA III.

Perſpectiva de Praça á viſta de Palacio Real; com apparato magnifico para a coroação. Sahem alguns Soldados brigando com a guarda Real, a qual fogo, e com ElRei, o qual cahindo ſahe Irene de mulher com hum punhal na mão.

Rey. PErfidos, ainda não lograſtes o voſſo vencimento. *Cahe.*

Iren. Olá Soldados, deixai á minha ira a mais vingança.

Quer ferir a ElRei, e ſahe Filinto.

Filint. Suſpende-te, Senhora: Irene, que determinas? Pai, e Senhor, nada receies, quando tens ao teu lado proximo a Filinto.

Iren. Impios Ceos, até agora me eſtorvais as iras? *á part.*

Rey.

Rey. Que vejo! Filinto, he poſſivel que os meus olhos te vem ſem damno?

Filint. Graças aos Ceos, que vivo para tua defenſa.

Rey. E a quem devo a fineza da tua vida?

Sahe Alicandro.

Alic. Eu, Senhor, fui quem ſeguindo as leis da minha amizade, faltei aos teus decretos; e ſe te aggrava a innobediencia, a minha morte ſatisfará a culpa.

Rey. Que heroico delicto!

Sahem Adaſtro, Eſtella, e Pederneira.

Adaſt. Pai.....

Eſtel. Senhor.....

Adaſt. Compaſſivo ou juſticeiro te rogo do indulto o perdão, ou da morte a pena.

Eſtel. Eu, Senhor, com a meſma ſupplica te peço o eſquecimento da minha offenſa.

Mac. Ai, ai, quem me acode! *Dentro.*

Pedern. Que gritaria ſerá eſta?

Mac. Ah que d'ElRei. *Dentro.*

Sahem Macaco, e Deſenfado aos murros.

Deſ. Pois que cuida? que tudo he femea? Mas aqui eſtá ElRei macho.

Rey. Suſpendei-vos.

Deſ. Aqui eſtamos todos ſuſpenſos.

Mac. Ai, ai, que me derreou o palaio! He o que tem quem ſe mete com mulheres alheias. *á parte.*

Adaſt.

Adaſt. e Eſtel. Aos teus pés, Senhor... *ajoelhão.*

Rey. Filinto, como aggravado, ſatisfará aos voſſos rogos.

Filint. De tudo ſe eſquece Filinto: e tu, Senhora, ou deixa o odio, ou perde-me o affecto. *a Iren.*

Iren. Já não póde reſiſtir o meu amor. A' viſta da generoſa liberdade, com que perdoas, quem haverá que aos teus exemplos fuja? Já da minha memoria a vingança excluo.

Deſ. Oh cá eſtá já minha Ama ſem calções, e eu livre de me ver em calças pardas.

Rey. Para que o meu Throno conſiga a maior gloria, ſóbe Filinto, e no conſorcio de Irene teça Hymenêos táo immortaes os laços, que nem a Parca poſſa dividir com a ſeparação as voſſas almas.

Filint. e Iren. Que ventura! *Dão as mãos.*

Rey. E tu, Adaſtro, dá a mão de eſpoſo a Eſtella, que deſta ſorte lhe ſatisfaço o muito que lhe quero.

Adaſt. e Eſtel. Venturoſo já obedeço. *Dão as mãos.*

Mac. Ah Senhor Deſenfado, v. m. quer alguma couſa deſta rapariga? ſenão peço-a a ElRei.

Deſ. Paſſa fóra Macaco. Ingentiſſimo Policrates, Rei dos Samios, a quem a fama celebra táo ditoſo, que morreo enforcado; não te admire, que em dia táo feſtivo aſſiſta na tua preſença o Deſenfado, e ſó te empenha em dar-me a Pederneira, para que aos toques

do meu amor tanto ſe accenda no ſympatico fogo, que no muito que arder, poſſa ſahir alguma couſa á luz.

Rey. Eu lo concedo.

Deſ. Beijo eſſes fidalgos calcanhares.

Levanta-ſe.

Mac. Iſſo he zombação! Ah dinheiro, que me deixaſte vendido! *á part.*

Pedern. Vamos a iſſo, que eſtou já morrendo por eſſas couſas. Ora pois, eu por mim aqui eſtou.

Deſ. E eu não eſtou aqui, ſenão por amor de ti. Ora dame cá eſſa mão de vaca.

Dão as mãos.

Mac. Se v. m. caza com a vaca, certos são os touros.

Deſ. Sim; mas v. m. Senhor Macaco, nunca eſcapará de algum boléo, ainda que ſeja em pedrouços.

Rey. Sóbe, Filinto, ao merecido Solio.

Sobem ao Throno Filinto, e Irene, e ſe faz a coroação.

Rey. Invictos Perſianos, eſte he o voſſo Monarca, e eſta a minha Coroa, que a impulſos do goſto transfiro da minha para a ſua frente: applaudi com venturoſos cantos eſte diminuto premio dos ſeus merecimentos, e os deſejados júbilos dos voſſos affectos.

CORO.

Ao Throno ſe eleve
O Heroico Filinto,
Pois que offenſas premêa
Com beneficios.

FIM.

OS ENCANTOS DE CIRCE,

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico da Mouraria.

ARGUMENTO.

DEpois de abrazada Troia, naufragando Ulyſſes por diverſos mares, chegou a aportar na Ilha Circea, que era dominada por Circe, grande Magica, a qual com encantos lhe transformou os companheiros em differentes animaes; porém Ulyſſes ſoccorrido da Deoſa Juno os livrou; e não podendo reſiſtir ao poderoſo attractivo da formoſura de Circe, ſe deixou ficar no ſeu Palacio, com diſcommodo grande da ſua jornada, e de ſeus companheiros; e ſendo por algumas vezes admoeſtado dos ſeus, nada o movia mais do que os amores de Circe; até que vendo em certa occaſião aos ſeus pés as armas de Achilles, reſoluto, e valoroſo ſe auſenta. O mais conſtará do contexto da hiſtoria.

INTER-

INTERLOCUTORES.

Ulyſſes, *I. Galan.*
Lidoro, *II. Galan.*
Archelão,
Archia, *Gracioſo.*
Companheiros de Ulyſſes.
Cupido.
Muſica.
Juno.
Venus.
Circe.
Aſtrea.
Iris, *Gracioſa.*
Ninfas de Circe.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Boſques com viſta de mar.*
II. *Campos ſem viſta de mar.*
III. *Campos, e viſta do Palacio de Circe.*
IV. *Sala.*
V. *Sala differente.*
VI. *Boſques.*
VII. *Sala.*
VIII. *Jardim como de noite.*

SCENAS DO II ACTO.

I. *Campos.*
II. *Sala.*
III. *Campos.*
IV. *Ante-Camera.*
V. *Jardim.*
VI. *Boſques.*
VII. *Sala.*
VIII. *Camera.*
IX. *Boſques, e mar como no primeiro Acto.*

ACTO I.

SCENA I.

Boſques, e mar; a huma parte clamores de nauticos, e de outra parte Muſica.

Ulyſ. JA' que tanto contra nós ſe moſtra o fado, ſeja a confuſão dos clamores triſte lenitivo da pena. *Dentro.*

Circ. Já que tão favoravel a ſorte ſe nos oſtenta, ſeja a conſonancia das vozes ſonoro iman da alegria. *Dentro.*

Vozes no mar. Irado Neptuno.

Muſic. Pacifico Phebo.

Vozes no mar. Ceſſem tuas iras.

Muſic. Brilhem teus luzeiros.

Vozes no mar. Abrandem clamores tão pouca piedade.

Muſic. Não manchem as nuvens tanto luzimento.

Paſſa Circe, e as Ninfas á viſta, e torna a entrar dizendo:

Vozes no mar. Piedade.

Muſic. Prazer.

Vozes no mar. Soccorro.

Muſic. Alegria.

Vozes no mar. Sem rumo, e ſem norte nos ſepulta o mar.

Muſic.

Muſic. Com gloria, e com goſto nos feſteja o dia.

Aviſta-ſe a náo, e dizem.

Vozes no mar. Hum monte á viſta ſe nos offrece, aonde arribados poderemos ſalvar as vidas.

Circ. Siga-me a Muſica ao Jardim, aonde alegres paſſemos a féſta. *Dentro.*

Ulyſ. Piedade, Deoſes immortaes.

Arch. Tem piedade de mim, Jupiter Tonante, pois me tem feito o temor extravagante de mim meſmo.

Hum Já mais pacifico o mar com o embate dos montes nos permitte ſeguro porto.

Ulyſ. Gozemos todos da deſejada terra.

Saltão em terra Ulyſſes, Archia, Arqueláo, e mais companheiros de Ulyſſes.

Ulyſ. Oh grata (ainda que deſconhecida) terra! recebe benigna a eſtes miſeros naufragantes.

Arch. Oh terra ingrata, e deſconhecida, que ha tanto tempo eſtás de mim auſente!

Ulyſ. Penetremos, fieis companheiros, o intrincado deſtes boſques, e o aſpero deſtes montes, até deſcubrirmos alguns veſtigios de ſerem habitados; pois no fragoſo parecem mais domicilio de feras, que habitação de creaturas humanas.

Todos. Todos te obedecemos. *Vão-ſe.*

Arc. E eu tambem, que em materias duvidoſas ſempre he bom ſeguir aos mais.

Vai-ſe.

Ulyſ.

Ulyſ. Que terra tão agreſte ſerá eſta, em cuja tragoſa aſpereza ſó ſe ouvem horridos bramidos de feras, e nas concavidades dos montes ſó ſe eſcutão triſtes écos de infame multidão de aves nocturnas? Não vi mais incultas ſalvas!

ARIA.

Onde eſtou, immortaes Deoſes?
Que incognita terra he eſta,
De tão aſpera floreſta
Inacceſſa á gente humana?
Só de feras domecilio,
Das ſombras palacio horrendo,
Onde julgo, e onde entendo,
Que ſó habita o fero horror.

Sabe Lidoro.

Lid. Incauto peregrino, ſe acaſo és companheiro dos outros, cuja innocente ignorancia injuſtamente caſtiga Circe, procura ſalvar a vida, ſe não os queres acompanhar na morte.

Ulyſ. Já que te mereci o aviſo, mereça-te mais clara noticia do que tão confuſo me dizes; pois nem ſei aonde eſtou, nem o como me poſſo livrar.

Lid. Sabe, pois, que eſtás no monte Circeo, aonde a Magica Circe tem o ſeu Palacio, ao qual chegando teus companheiros a pedir-lhe benigna hoſpedegem, logo os transformou em differentes animaes, e aſſim coſtuma fazer a quantos miſeros naufragantes o mar aqui arro-

arroja, como o publicão os triſtes gemidos das feras, e aves; e ainda a maior parte deſſe arvoredo, de que vês coroados os montes, são racionaes (ſe immoveis) creaturas, e vaſſallos de ſeu tyranno Imperio. Ai de mim, com que pena o relato!

Ulyſ. Como pois vives tu izento, aonde publícas haver tanta crueldade?

Lid. Não vivo izento, antes, como os mais, choro a minha pena: e ſaberás, que ſou Lidoro, que aportando, como tu neſta infauſta terra, vi a Aſtrea, que era huma Ninfa de Circe, e a amei com extremo, com a dita de huma licita correſpondencia; o que ſabendo-o a cruel Circe a transformou a ella em arvore, tão injuſtamente, pois que huma eſquiva, como Dafne, ſe converta em duro tronco, pouca mudança faz; porém que padeça o meſmo methamorphoſes, quem ſe compadece do tormento de amor? injuſto caſtigo! Porém julga maior a minha magoa, pois me permittio a liberdade para maior exceſſo da minha pena: e aſſim ando por eſtes rochedos acompanhado a Eco nas queixas, que ella tem de Narciſo, e eu de Circe.

Ulyſ. Muito ſinto, Lidoro, o teu tormento, e agradeço o teu aviſo; porém não tenho de me auſentar, porque ſe não ha de dizer, que Ulyſſes fugio do perigo, deixando nelle a ſeus companheiros.

Lid. Pois ſe eſtás deſſe parecer, fica-te embora, que eu vou continuando meu pranto.

ARIA.

ARIA.

Reſpondendo o Eco.

Na eſperança deſeſpero, eſpero.
Quando eſpero hum impoſſivel: poſſivel.
Se o penar he infallivel, fallivel.
E he falivel o alcançar, cançar.
Já me canſa o procurar curar.
Quem curar poſſa eſte ardor. dor.
A meu peito amante inflamma flamma.
Eſta flamma, eſta loucura: cura.
Cura não tem, porque dura, dura.
Outro tanto como a cauza, cauza.
Que me cauza eſte penar. penar.

Vai-ſe.

Ulyſ. Laſtimado me deixa ſeu triſte pranto. Mas ai de mim, que farei em tanta confuſão!

Muſica. Não temas, heroico Grego,
Que Juno te ampara
De Circe, com tanto
Que venças de amor o encanto.

Apparece Juno em huma nuvem com flores.

Jun. Ulyſſes, guarda eſſas flores, que ellas te defenderáõ da venenoſa magica de Circe.

Vai repetindo a Muſica o quarteto acima.

Ulyſ. Já que, ó ſoberana Deidade de Juno, te dignas amparar-me, nada temerá o meu va-

valor; nem permittirei tregoas ao deſcanço, ſem ver em liberdade a meus companheiros.

Vai-ſe.

Muſic. Contra Ulyſſes vem
A pedir favor
De amores a Deoſa
Ao Deos de amor.

Apparece Venus, e Cupido em outra nuvem.

Venus. Bem ſabes, Cupido, com quanta cauza devo perſeguir eſte tyranno Ulyſſes, porque foi hum dos que mais motivárão a ruina da infeliz Troia; e aſſim arma contra elle as tuas penetrantes ſettas; e já que Juno o defende dos encantos de Circe, tu o has de render ao cruel encanto de amor.

Cupid. Eu te ſeguro, querida Mái, introduzir-lhe mais incendios em ſeu peito, do que elle cauſou em Troia.

Venus. Seja hum incendio caſtigo de outro incendio, e fiquem ſuas cinzas ſupultadas em tal eſquecimento,

Que nunca fique delle mais memoria,
E com elle ſe acabe o nome, e gloria.

Vão-ſe.

Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. Aonde eſtarás, funeſto palacio, laſtimoſo mauſoléo de tantas vidas? Mas que vejo!

Sahem Circe, e as Ninfas.

Circe. Invicto Ulyſſes, ſejas bem vindo a eſta terra,

terra, aonde a minha hoſpedagem te ſuaviſe os trabalhos do mar.

Ulyſ. Balliſſima Circe, recebe compadecida a eſte miſero peregrino, e ache em ti tanta piedade, como no mar achei rigores.

ARIA.

Circ. Terás valoroſo Ulyſſes
Em meu generoſo trato
O obſequio amante, e grato,
Que merece o teu valor.
Verás hoje em meu abrigo,
Que de meu peito hoſpedado,
Te ſuaviſa o meu cuidado
Do mar o cruel rigor.

Vai-ſe e as Ninfas.

Ulyſ. Oh nova eſpecie de Crocodilo, pois cantas para matar!

SCENA II.

Campos ſem viſta de mar. Sahe Archia feito porco.

Arch. QUe eſcapando eu de ſer no mar cavallo marinho, me chegue a ver aqui porco montez! que podendo Circe fazer-me jumento de algum ſaloio (que ſó eſtes naſcêrão para jumentos) me faça andar com o fucinho feito lavrador dos valles, e cabouqueiro dos montes! Ora ninguem faz porcadas com mais limpeza. Que tal

tal para mulher de hum marchante? Mas ter acçóes tão porcas quem me parece ſer tão ſenhora, que a julgo deſcendente da Imperatriz Porcina! Mas por certo tinha eu de me ver feito hum pai de leitões; porém aqui não ha mais remedio que paciencia que não gurinhate.

ARIA.

Senhor Archia Leitão,
Que fucinho he eſte ſeu?
Quem tal trombada lhe deu?
Quem o fez tão cabeçudo,
Tão trombudo, e cabeludo
Como o mais atroz javardo?
Todo o brio, e toda a força
Tem na ponta do nariz:
E da boca, o que me diz
Tão aberta, e tão reſgada
E a dentada, e aqueixada
Maior que a de hum Tubarão? *Vai-ſe.*

SCENA III.

Campos, e viſta do Palacio de Circe. Sahem Ulyſſes, Circe, Iris, e mais Ninfas.

Circ. JA' que, ó valeroſo Grego, és tão invencivel, que até ſoubeſte vencer meus encantos, ainda que ajudado de divindades, te rogo me queiras dar alguma noticia dos teus ſucceſſos.

Ulyſ.

Ulyſ. Dilatados tem ſido os progreſſos da minha vida, e depende de largo tempo a narração delles; mas por te obedecer os relatarei em ſumma, por ver que nunca o pouco moleſta, nem o breve cauſa enfado.

RECITADO.

Eu ſou Ulyſſes, minha patria Grecia,
Rendi a Troia, em chammas a abrazei,
E de Achilles as armas forte herdei,
Das Sereas venci o cantar ſereno;
E ao forte Gigante Polifemo;
Ao mar me entrego, mas Venus irada
Com ventos deſcompoz a minha armada.

ARIA.

Deſſe mar ha já ſeis annos,
Que navego as ondas frias,
Com tormentos, com fadigas,
Varios climas tolerando,
Já de Venus perſeguido,
Já dos ventos combatido.
E neſta terra apartado
Com encantos me perſegues,
Mas os Deoſes me defendem
De tão venenoſo mal.

Iris. Já vejo, que he decantada a vida deſte homem, pois cantando a foi contando.

Circ. Peço-te, famoſo Grego, deixes ſocegar mais os furioſos ventos, e refazer-te em meu Palacio das moleſtias do mar; que depois

pois mais ſeguramente poderás com teus companheiros ſeguir teu caminho.

Ulyſ. Que efficazes são os rogos da belleza! *á part.* Não duvido obedecer-te, como veja hoje a meus companheiros reſtituidos á ſua antiga fórma, e juntamente huma Ninfa tua, que por delictos de amor padece por prizão hum duro tronco.

Iris. Melhor era que eſtiveſſe em hum aljube, que he aonde ſe pagão de amor os delictos.

Circ. Como eſtá á tua viſta, nella começo a ſervir-te. Aſtrea perde a fórma de arvore, que Ulyſſes apadrinha teus erros.

Sahe Aſtrea de huma arvore.

Aſtr. Deſejára ter tantas linguas, como as folhas em que eſtava transformada, para cabalmente agradecer-te, ó inclito Ulyſſes, tanto bem que de ti recebo.

Sahe Lidoro.

Lid. Ainda que eſtava occulto (vendo tanta ventura) não me permitte o amor, e o agradecimento demora em me proſtrar a teus pés.

Ulyſ. Trocai ambos o agradecimento em reciprocas finezas; pois como era injuſto o caſtigo, vos era devido o beneficio.

Circ. Vai Ulyſſes com os mais para o meu palacio, em quanto te mando teus companheiros.

Ulyſ. Obedecendo te ſirvo.

Iris. Não são os Gregos tão feios como eu cuidava.

Vão-ſe

Vão-ſe todos, e fica Circe ſuſpenſa.

Circ. Que deſinquieto cuidado ſerá (oh Deoſes) o que eſte naufrago Grego me cuſta? Será compaixão, ou ſerá affecto?

Arch. Será. *Dentro.*

Circ. Quem me reſponde?

Sahe Archia ainda feito porco.

Arch. Será (dizia eu) tempo, Senhora, de ſe quebrar o fedario a eſte porquihomem?

Circ. Tu és dos companheiros de Ulyſſes? Proſegue, que bem te ouço, pois para mim he perceptivel a voz de qualquer animal.

Arch. Venho, Senhora, dizer-te, que deſejo tornar ao meu antigo albernós de embreada lona; pois como ſou toſco, não me dou bem com veſtido de ſedas.

Circ. Explica-te mais.

Arch. Digo, que ſe fora poſſivel não ſer quem ſou, quizera ſer quem fui.

Circ. Tambem eu me vejo tão outra de mim meſma, que a mim me deſconheço.

Arch. Ah que tu tornarás a ſer quem eras de antes, e eu não ſei ſe ſerei quem de antes era; porque receio fazer huma grande jornanada neſta porcatica fórma.

Circ. Que jornada he?

Arch. He, Senhora, hir da Porcalhota para o chão de Eſtira-corda; do chão de Eſtira-corda para o Mata-porcos; do Mata-porcos para a Chamuſca; da Chamuſca, para a Cutella-

tellaria ; da Cutellaria para a Certá ; e depois diſto andar em bocas do mundo , e tomarem-me entre dentes.

Circ. Queres dizer , que receias que te matem ?

Arc. Se vai a fallar verdade , o viver porcamente máo he ; porém o morrer , ahi torce a porca o rabo.

Circ. Vai deſcançado , que tu , e os mais companheiros de Ulyſſes daqui a pouco eſtareis com elle. *Vai ſe.*

Arch. Oh vivas como a Fenix , ainda que morras como ella , quando quer renaſcer. *Vai ſe.*

SCENA IV.

Sala. Sahem Lidoro , e Aſtrea.

Lid. QUerida Aſtrea , ainda não creio que alcanço a gloria de te ver , poſto mo certifique a tua preſença.

Aſtr. Por mais que o teſtemunhem meus olhos , amado Lidoro , ainda duvido ſe he certa a ventura que logro.

ARIA A DUO.

Lid. Doce bem ,
Aſtr. Amado emprego ,
Lid. Que ventura tão goſtoſa !
Aſtr. Oh como ſou venturoſa ,
Amb. { Pois ditoſa / Pois ditoſo } a ver-te chego !
Lid. Eſta dita ,

Aſtr. Eſta gloria
Lid. Por empreza,
Aſtr. Por victoria
Lid. Publique amor por eſpanto
Ambos. A pezar de todo o encanto. *Vão-ſe.*

SCENA V.

Sala. Sahe de huma parte Archia, e de outra Iris juntamente.

Iris. AI!
Arch. Ui!
Iris. Ai que medo que tomei!
Arch. Ui, que liberdade que perdi!
Iris. Eſtou ſem vida.
Arch. Eſtou ſem alma.
Iris. Fiquei ſem ſangue no corpo.
Arch. Fiquei ſem lume nos olhos.
Iris. Que medo que me metteo!
Arch. Que ſetta que me tirou!
Iris. Ainda não eſtou em mim!
Arch. Menina ſocegue-ſe, e diga-me ſe acaſo he da obrigação da Senhora Circe?
Iris. Sim ſou.
Arch. Como he bella! Diga-me mais, ainda que mal pergunte, ſabe tambem alguma couſa daquelles encantos-zinhos.
Iris. Porque o quer ſaber?
Arch. Porque depois que a vi, ſinto cá por dentro das veias huns formigueiros, cá pelo coração huns ſuſtos, olhe aſſim a modo de

que

que quero tornar a ſer pai de leitões: não me explico bem; ſinto cá hir-me inclinando mais ao animal, que ao racional, e aſſim lhe peço que ſe me quer converter em algum quadrupe, me faça ſeu cachorrinho de fralda.

Iris. Não o quero cão de fralda, que não tem mais preſtimo que de ladrar; e como Circe partio para a caça por divertir a Ulyſſes, quero que ſeja podengo para que me traga alguns coelhos *Vai-ſe.*

Arch. Para que traga coelhos? Eu os tragarei. Ora eu cuidava que ſó as mulheres Gregas erão inclinadas ao verbo *do*, *das*. *Vai-ſe.*

SCENA VI.

Boſque, e eſtrondo de caça.

Ulyſ. VOarás remontada Garça mais ligeira com as penas, que te accreſcentar eſta ſeta. *Dentro.*

Sahe Circe.

Circ. Por ver que me vem ſeguindo Ulyſſes me retiro a eſte lugar, mais apartada das que me acompanhão. Oh nunca dos Troyanos incendios eſcaparás, cruel Ulyſſes, pois tens introduzido ſegunda Troya em meu peito. *retira-ſe.*

Sahe Ulyſſes ſem ver a Circe.

SONETO.

Os magicos encantos que intentaſte,
Que pouco importa, ó Circe, o ter vencido;
Se tal belleza vendo, ſuſpendido,
Com tão doce veneno me encantaſte:
Tambem conheço, ó Juno, que amparaſte
Meu peito, como tinhas promettido;
Mas que importou então ſer ſoccorrido,
Se outro maior encanto me deixaſte?
Deſprezar póles, Circe, empenho tanto;
E ſe he melhor que a arte a natureza,
Ceſſe da magica o cruel eſpanto;
Pelo lindo transforma ſem defeza,
Nem preciſas uſares de outro encanto,
Tendo maior encanto na belleza.

Circ. Que te traz, Ulyſſes, tão ſuſpenſo, que deſconfia o meu cuidado ſe te acharás pouco ſatisfeito da minha hoſpedagem?

Ulyſ. Antes muito diverſa he a cauſa que tão diſtrahido me tem; pois he ſó o admirar o poderoſo effeito de tua formoſura, que tão eſquecido me traz de mim, que ſó de te adorar me lembro.

Circ. Aſſim o permitta amor. *á parte.* Como conheço que iſſo são hyperboles da tua eloquencia, te não reprehendo o arrojo de me fallares com menos reſpeito. Que mal reprehende quem o meſmo que reprehende deſeja! *á part.*

Ulyſ.

Ulyſ. Se queres que mude de eſtilo, ſeja para te agradecer o concederes a meus companheiros a ſua racional liberdade, ainda que me parece que ma tiraſte a mim antes de lha dares a elles.

Circ. E iſſo he mudar de eſtilo, ou mudar para peior?

Ulyſ. Culpa a tua formoſura, que ella cauſa em mim o arrojo de que me criminas; e em ſer a tua belleza tão culpada, venho a ter a maior deſculpa.

Circ. Suſpende a voz que..... Mas para evitar eſſas temeridade, proſigamos a caça. Que mal me esforço! *á part.*

Faz que ſe vai.

SONETO.

Ulyſ. Attende ó bella Circe. *Circ.* Que procuras?

Ulyſ. Que ſaibas que te adoro. *Circ.* Iſſo he engano;

Ulyſ. Aſſim permitta amor. *Circ.* Oh Deos tyranno! *á part.*

Ulyſ. Que teu deſdem ſe acabe. *Circ.* Oh que loucuras?

Ulyſ. Sempre firme ſerei. *Circ.* Como o aſſeguras?

Ulyſ. Com ſer amante eterno. *Circ.* E's inhumano.

Ulyſ. E meu amor tão fino. *Circ.* He louco inſano.

Ulyſ. Mil finezas fará. *Circ.* Não são ſeguras.

Ulyſ.

Ulyſ. Ceſſem já teus rigores. *Circ.* Não te creio;
Ulyſ. De ſer conſtante juro. *Circ.* Será dita *á part.*
Ulyſ. Nunca me mudarei. *Circ.* Ah que receio;
Ulyſ. Rendido me tem já. *Circ.* Gloria infinita, *á part.*
Ulyſ. Ai adorado bem! *Circ.* Ai doce enleio! *á part.*
Ulyſ. Amor me fará teu, *Circ.* Elle o permitta. *á part.*
Vai-ſe Circe.

ARIA.

Ulyſ. Eſpera, ingrata, eſpera,
Que poſto tyranna féra
Tua viſta me maltrata,
Mais o não te ver me mata.
Suſpende o ligeiro paſſo,
Das almas tyranno laço;
Mas ſe foges, cruel, tanto,
Eu te ſigo com meu pranto. *Vai-ſe.*

Sahem Lidoro, e Aſtrea.

Lid. Que eſcaſſa he a ſorte, querida Aſtrea, nos breves minutos que me concede para ver-te, quando tão liberal foi nos dilatados ſeculos que me deu de auſencia!

Aſtr. Mais me devo eu queixar de ſua crueldade, pois me negou com a tyrannia do encanto o ſenſivel, para mais tormento meu; porque o maior que me afflige he o não te amar o tempo que não ſenti.

Lid.

Lid. Eu me confeſſarei ditoſo, ſe não for mudavel o amor que publícas.

Aſtr. Eterna ſerá minha firmeza. Mas Circe torna a eſte ſitio; e como temo o ſeu rigor, tanto a meu pezar experimentado, eſta noite te fallarei no jardim de Palacio. Vai-te que lá te eſpero.

Lid. Seculos ſerão para mim os minutos que dura o dia. Oh que pouco dura huma gloria! *Vai-ſe.*

Aſtr. Oh que breve he o tempo de huma alegria!

Sahe Circe.

Circ. Aſtrea, de ti confio o maior cuidado de meu peito, que como experimentada me ſaberás valer. Para eſta parte vem Ulyſſes: eu me retiro em quanto lhe has de dizer, que eſta noite lhe queres fallar no meu jardim.

Aſtr. Senhora, ſe eu..... a Ulyſſes.....

Circ. Não tens que replicar, porque quero em teu nome dar deſafogo a meu coração.

retira-ſe.

Aſtr. Ai de mim! que farei em tanta confuſão de penas! pois no jardim me ha de eſperar Lidoro.

Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. Gyráſol amante das luzes de Circe, mal poderei guar os paſſos, não ſendo em ſeu ſeguimento.

Aſtr. Ulyſſes, eſta noite vos eſpero no jardim de Palacio, que me importa fallar-vos.

Ulyſ.

Ulyſ. Não faltarei em ſervir-vos.

Aſtr. Oh permittão os Deoſes que não vás! *Vai-ſe.*

Ulyſ. Que ſó a Circe não encontre!

Sahe Archia.

Arch. Iſto de caça não entendo, mais que caſſa a eſcota.

Ulyſ. Não a diviſo em todo o boſque.

Arch. Ah Senhor, quero-te pedir hum favor; e he, que vás caçando, mas por eſte boſque não mates a nenhum porco.

Ulyſ. Porque o dizes?

Arch. Porque he a melhor gente de quantos animaes ha; e eu quando fui ſeu companheiro experimentei nelles a maior amizade, e amor que podia ſer.

Ulyſ. Deixa loucuras.

Arch. Digo-te, Senhor, a verdade, que os porcos deſta terra devião de ter boa criação, porque todos, ſem me conhecerem, me cortejavão grandemente.

Ulyſ. Pois pedirei a Circe que torne a mandarte acompanhallos.

Arch. Não he preciſo; agradeço o cuidado: porém ſe queres orar por mim, ſó lhe pede que faça porca a minha bolça, pois anda ſempre a couſa mais limpa que tenho viſto.

Ulyſ Eſtá bem; vamos para Palaço, que como nos perdemos na caça, ſupponho que Circe já ſe auſentaria.

Arch. Vai com Jupiter, que eu vou ver ſe en-

encontro algum final *ex inſtituto* de vinho venal. Ah Senhor, forte ſaudade tenho das tavernas da Grecia!

Ulyſ. Ai de mim! Ninguem me falle em Grecia. *Vai-ſe.*

Arch. Ai de mim! Ninguem me falle em tavernas. *Vai-ſe.*

SCENA VII.

Sala. Sahe Iris.

Iris. ORa que ſeja poſſivel que ha tantos annos eſtamos aqui peior que Amazonas; (pois nem de anno em anno fallamos a homem algum) e que vindo agora eſte par delles, he como ſe não foſſe! Porque Ulyſſes vái-ſe adjectivando com Circe; os mais que tinhão algum geito, tanto que ſe apanhárão outra vez feitos gente, calcurriárão para o navio, ſem que ficaſſe hum Grego a quem me aggregar: ſó aqui ficou hum Archia, que he muito bom tacão: elle ſim me quer bem, mas como não tem que dar, nada de mim eſpere.

ARIA.

Hum Grego me quer
A' Grecia levar;
Mas ſe eu for por mar
Grega ſeja eu,
Porque eu bem eſcuſo
Ser peixe mulher.

E mais ſendo elle
Hum tão boa peſſa,
Embora me deixe:
Por certo que nelle
Ganhava bom peixe.

Sahe Archia.

Arch. Em ditoſa hora, ó Iris, largo as vélas ao meu atrevimento; pois vejo que nas nuvens do teu canto eſtá eſſe arco prometendo bonança ao tímido beixel de meu amor, que tanto receia nevegar o cabo da tua belleza.

Iris. Na verdade tão cativo eſtás de mim?

Arch. E tão cativo que ſe me vieſſem reſgatar, me faria hum renegado de Grecia, ſó por eſtar na maſmorra da tua graça.

Iris. Tão bem te pareço?

Arch. Já que és Iris, por arcos te explico a tua belleza; porque comparo as tuas ſobrancelhas aos arcos da Capella; os teus olhos ao arco do Cégo; o nariz ao arco dos Prégos; a boca ao arco das Mentiras; o peſcoço ao arco do Eſpinho; o corpo ao arco do Garajão; e toda tu és hum arco da velha; e ſendo toda arco, não vi couſa mais deſarcada.

Iris. Não te pareça que menos agradada eſtou de ti; e por praças te retratarei: e aſſim he a tua teſta praça vaſia; os teus olhos praça do Remolares; o nariz praça do Caſtello; a boca praça da Palha; o peſcoço praça do

Pe-

Pelourinho; o corpo praça morta; e ſendo tu homem de tantas praças, não vi homem de menos praça. *Vai-ſe.*

Arch. Parece que lhe não agradou o retrato, ſe já não he que por ſer já noite, não deve apparecer eſte arco da velha. *Vai-ſe.*

SCENA VIII.

Jardim como de noite. Sahe Circe.

Circ. QUe pouco deſcança quem padece os deſſaſocegos de amor! Ai Ulyſſes, que tanto contra mim converti o veneno, que em teu damno fabricava!

DECIMA.

Se o Baſiliſco homicida
Vê no eſpelho o ſeu retrato,
Ficando o chryſtal intato
A ſi proprio tira a vida.
Eu aſſim inadvertida
Dentro em ſeu peito me vi,
E indo apurar alli
Do maior veneno o effeito,
Ficando livre ſeu peito,
A mim propria me offendi.

Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. Que pouco ſocega a quem deſpertão de amor os cuidados! Ai Circe, que por deſfazer teus encantos, nelles perdi a vida!

DE-

DECIMA.

Se a Maripoſa brilhar
Vê da luz a ardente flamma,
A vida perde na chamma,
Quando a procura apagar.
Aſſim vendo a Circe obrar
Os venenos que obſervei,
Desfazellos procurei;
Porém como erão tantos,
Hindo a desfazer encantos,
Nos encantos me abrazei.

Fica Ulyſſes da parte de Circe, e ſahe da outra parte Aſtrea.

Aſtr. Já Circe a meu parecer anda no jardim. Oh permittão os Deoſes não encontre com Lidoro!

Sahe da outra parte Lidoro, e fica da parte de Aſtrea.

Lid. Não te pareça obſcura noite, que, a pezar de tuas ſombras, deixarei de gozar os reflexos do aſtro que ſigo.

Circ. Porém ſe me não engano, hum vulto ſe me apropinqua. Oh queira amor ſeja Ulyſſes.

Aſtr. Hum vulto diviſo, ſupponho que Ulyſſes ſerá.

Circ. Sois Ulyſſes?

Ulyſ. A obedecer voſſos preceitos, bella Aſtrea, cuidadoſo venho.

Circ. Julgo não duvidareis ſer pequeno o arro-

jo

jo de confeſſar-ſe voſſa quem vos deve a liberdade.

Ulyſ. Eſta voz he de Circe: fingirei. *á part.* Ainda que no meu peito ſó aſſiſte Circe, ſempre deſejei fugir ás cenſuras de ingrato.

Aſtr. Sois Ulyſſes?

Lid. Não ſou, ingrata, ſenão Lidoro.

Aſtr. Ai de mim, que fui inadvertida!

Lid. Para iſto me chamaſte, ingrata? Oh caſtigue amor tanta falſidade.

Aſtr. Suſpende a voz, Lidoro.

Ulyſ. Mas que rumor he eſte?

Circ. Quem dá aqui vozes? Aſtrea, Nize, Laura.

Sahem as Ninfas com luzes.

Circ. Mas que vejo!

RECITADO.

Circ. Como, atrevidos, intentais aſſim.....

Ulyſ. Eu, Senhora.....

Aſtr. Se entrei fui.....

Lid. Ai de mim!

Circ. Meu rigor ſe verá, cruel, tyranno,

Ulyſ. O meu erro,

Aſtr. Rogada.

Lid. Cruel engano!

Circ. Caſtigar em todos com razão intento,

Ulyſ. Deſculpe amor

Circ. Tanto atrevimento.

ARIA A 4.

Circ. Se profana o voſſo arrojo
Deſte ſitio o Ceo ſagrado,
Ulyſ. Amante,
Aſtr. Humilde,
Lid. Proſtrado,
Ulyſ. Pedir,
Aſtr. Chorar,
Lid. Sentir,
Circ. Caſtigar,
Todos Será forçoſo,
Circ. Caſtigar } o intento { voſſo
Todos Deſculpar } { noſſo
Circ. Ide-vos já, antes que
O caſtigo em vós comece.
Todos Tal rigor, Senhora, ceſſe,
Lid. Que os crimes,
Aſtr. Que cauza
Ulyſ. Amor,
Circ. Bem merecem } tal rigor.
Todos Não merecem }

Vão-ſe todos.

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Campos. Sahem Circe, e Aſtrea.

Cic. AInda que ſegura eſteja no firme amor de Ulyſſes, como á maior ventura perſegue a maior emulação, quero aqui retirada ouvir o que os ſeus companheiros vem fallando.

Aſtr. Entre eſte arvoredo nos podemos occultar. *retirão-ſe.*

Sahem Archia, Arqueláo, e os mais companheiros.

Arch. Como digo: tanto me quizera elle a mim, como quer a Circe: tem-lhe hum amor que he huma couſa grande.

Arq. Se he aſſim, tarde hiremos a Grecia.

Arch. Ainda peior he, que hontem elle, e mais ella.... Mas não importa, não importa.

Circ. Ah traidor! *á part.*

Arq. Cruel deſgraça!

Arch. Outra couſa mais péſſima; que eſta noite os vi eu a ambos no jardim..... Mas nada, nada.

Arq. Fera deſdita!

Arch. Que ſeria ſe viſſem hir eu muito deſcui-

cuidado, e dar com elles..... Mas andar; andar.

Arch. Que tanto valor viva eſquecido de ſi; e dos ſeus?

Arch. Tudo iſto he nada; mas ſe ſoubeſſem perder-me eu em Palacio, e hir dar de repente no quarto de Circe, e..... Mas não quero fallar.

Arq. Que vencendo tantos perigos ſe deixaſſe vencer de huma mulher!

Arch. Senhores, eſtoura hum pelo outro.

Circ. Não ſei como me reporto! *á part.*

Arq. Vamos, companheiros, tratar do remedio. *querem hir-ſe.*

Arch. Olhem, eſperem; elles ambos cada vez que lhe parece.... Mas não quero dizer.

Arq. Vamo-nos. *Vão-ſe.*

Arch. Elles vão ardendo; e que ſeria ſe eu lhes diſſeſſe que tambem vi em huma noite...

Sahem Circe, e Aſtrea.

Circ. O' que traidor?

Arch. Nada, Senhora; porque fazia eſcuro: Ai pobre Archia! *á part.*

Aſtr. Os Gregos, Senhora, são muito falſos; juſto he que eſte atrevido pague ſemelhante traição.

Arch. Porque? a Senhora Circe empreſtou-me alguma traição para haver de a pagar?

Circ. Hoje meu caſtigo ſerá ſatisfação de ſua aleivoſia.

Arch. Deſta vez porco *me fecit. á part.* Senhora,

ra, eu nada diſſe, porque tudo o que diſſe foi nada; não importa, não quero fallar, não quero dizer.

Circ. Neſſe nada dizias muito; e porque outra te não aconteça, ſahe ao campo acompanhar as féras. *Vão ſe.*

Arch. Rogo-te, Senhora.... mas foi-ſe: ai de mim, que já ſe me vai arrepiando a pelle; deſta vez me transformo em algum porco eſpim, ou em algum ouriço cahceiro. *Vai ſe.*

Sahem Ulyſſes, e Aſtrea.

Ulyſ. Belliſſima Aſtrea, eſtimo a occaſião de encontrar-vos, tanto pela gloria de vos ver, como por ſaber o que me ordenaveis no jardim; quando Circe me embaraçou o fallar-vos.

Sahe Lidoro.

Lid. Aſtrea fallando com Ulyſſes! Ah crueis zelos! *retirado.* *á part.*

Aſtr. Só Circe vos poderá dizer o que vos queria.

Lid. Ah cruel, ah falſa, que pouco duravel foi tua firmeza! *á part.*

Ulyſ. Não vos embarace o dizeres-mo receio algum, pois vede que eſtamos ſós.

Aſtr. Só Circe vos póde dar reſpoſta, que eu não vos quero nada.

Lid. Ah tyranna até lhe pedes zelos de Circe? *á part.*

Aſtr. E dai-me licença, que me importa auſentar-me. Ah Lidoro quem te vira! *á part.*

Vai Aſtrea para bir-ſe, e encontra-ſe com Lidoro.

Aſtr. Mas ai de mim! Meu bem.

Lid. Ai de ti que és falſa, e ai de mim que experimento os teus enganos, e os deſſe cruel peregrino, pois me deo huma vida para me dar mil mortes!

Ulyſ. Suſpendei a voſſa queixa, pois em nada vos offendi.

Lid. Negares o que vi he ſegunda offenſa, e aſſim tirai-me de huma vez a vida, ficareis pago da que me déſtes, quando foſtes cauſa de que eſſa féra deixaſſe os boſques, para ſó fazer eſtragos no meu peito.

Aſtr. Ai triſte, infeliz!

Empunhão as eſpadas, e ſahe Circe.

Circ. Suſpendei-vos; que he iſto, Aſtrea?

Aſtr. Senhora, perſumindo Lidoro que eu amo a Ulyſſes.....

Crc. Baſta; e adverti Lidoro, que ſegunda vez não perturbeis a quieta hoſpedagem com que ſirvo a Ulyſſes, porque experimentareis o caſtigo.

Lid. Senhora, ſaberás que.....

Circ. Não tendes que me dizer, e ſó vos importa cuidar no que vos encommendo: vamos Ulyſſes, vem Aſtrea. *Vão-ſe.*

Lid. Que mais generos de tormentos (ai de mim!) ſe pódem inventar contra hum infeliz? Oh Deoſes, para que me permittis huma vida

vida ſujeita a tantas mortes? Que cobardes que ſois, oh deſgraças, pois ſempre me accommetteis juntas! Mas como eſtou coſtumado ao voſſo mal, por iſſo vivo com o voſſo veneno. Ah cruel Aſtrea! és falſa a quem te ama, por amares a hum falſo eſtrangeiro? Mudaſte de huma firmeza, para ſeres firme a quem aprendeo do mar a mudança? Ah tyranna, amor te caſtigue, já que tanto ao amor offendes.

ARIA.

Falſa, féra, ingrata, cruel,
Em que te offendeo meu peito?
Se em mim vês de amor o effeito,
Que mais quer teu deſamor?
Vou-me a queixar de ti
A's aves, penhas, e fontes,
Aos valles, e aos montes
Por tão tyranno rigor. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Circe, e Ulyſſes.

Circ. POr mais que me certifiques as véras do teu amor, nunca me poderás eximir de hum cuidado, que muito me aflige.

Ulyſ. Grande he o que me cauſas na demora de mo dizeres.

Circ. Mas temo de que o ſaibas, porque duvido da tua firmeza.

Ulyſ. Tem de meu amor toda a ſegurança, que nem todo o poder do fado me poderá fazer mudavel.

Circ. Neſſa confiança te manifeſto, que o meu temor naſce de que os teus procurem caminhos de me deixares.

Ulyſ. Perde o receio, idolatrado bem: como em ti vivo, ſó morto me poderáõ de ti auſentar.

Circ. Não são baſtantes eſſas promeſſas a izentar-me de ſuſto.

Ulyſ. De que modo, pois, te hei de ſegurar a minha firmeza? Se algum dia em mim hover mudança, permittão os Deoſes.....

Arq. Não permittão os Deoſes. *Dentro.*

Ulyſ. Quem me contradiz?

Sahem Arqueláo, e os mais companheiros.

Arq. Não permittão os Deoſes, Senhores, que livrando-nos da rigoroſa guerra de Troya, do ſuave golfo das Sereas, do horrido rigor de Polifemo, das iras de Venus, e Neptuno, paſſando tantos climas, e mares, tormentas, e furioſos ventos, hoje torpemente amortecidos nos tenha o teu deſcuido, ſem eſperança de vermos a amada patria. Deſperta pois do lethargo em que te vês ſepultado, e vem a ſer immortal brazão da Fama, e ſenão permitte-nos licença, que ſem a tardança de huma hora havemos largar as vélas ao favoravel vento.

Circ. Quanto temo eſte conflicto!

Ulyſ.

Ulyſ. Fieis companheiros, e amigos (ai de mim!) eu vos acompanho. *quer bir-ſe.*
Circ. Não era iſſo o que pouco ha te ouvi dizer.
Ulyſ. Mas hi-de-vos ſem mim, ou não vos vades. *vem para Circe.*
Arq. O deixarmos de partir he impoſſivel.
Ulyſ. Vamos: porém como ſem Circe?
Circ. Attende, Ulyſſes, ás finezas que me deves.
Ulyſ. Ide-vos livres, já que amor me prende.
Arq. Lembre-te tua patria, eſpoſa, e fama.
Ulyſ. Eu vos ſigo, leaes amigos. *vai para elles.*
Circ. Já te eſqueces, ingrato, de tantas promeſſas, que a tua fingida firmeza me fazia?
Ulyſ. Razão tens Circe; largai as vélas, e gozai da doce liberdade. *vem para Circe.*
Arq. Pois fica-te ſem nós. *Vão-ſe.*
Dentr. Viva Grecia, viva Marte.
Ulyſ. Mas eſtas vozes..... Arqueláo eſpera, detente. *vai para elles.*
Circ. Pois queres deixar-me, cruel?
Circ. e Ninf. Viva Venus, viva amor.
Arq. Que ordenas? *Sahe.*
Ulyſ. Que vos vades, e pubiliqueis que mais poderoſos são os venenos de Venus, que os antidotos de Juno. *vem para Circe.*
Arq. Pois fica-te com Venus, que Marte nos ſeguirá. *Vai-ſe.*
Dentr. Viva Grecia, viva Marte.
Ulyſ. Eſta voz me arrebata.
Circ. e Muſic. Viva Venus, viva amor.
Ulyſ. Eſta me eleva, e ſuſpende.
Dentr. Viva Grecia, viva Marte.

Circ.

Circ. e Muſic. Viva Venus, viva amor.

SONETO.

Ulyſ. Em meu peito abrazado hoje ſe encerra
A mais dura peleija, e cruel contenda;
Marte ſe esforça para que me renda,
Amor para vencer-me me faz guerra:
Marte traz por eſcudo a patria terra,
Amor traz por brazão a doce offrenda;
Se procuro que hum de outro me defenda
Vejo que amor a Marte em fim deſterra:
Entrou no coração amor glorioſo,
E em teu nome de Marte defendeo-me,
Fazendo-o, ó Circe, tu mais poderoſo:
Marte em fim ſe auſentou, amor rendeo-me,
Sendo em meu coração mais victorioſo,
Pois a Marte venci, e amor venceo-me.

Muſic. Viva Venus, viva amor.

ARIA A DUO.

Ulyſ. De amor a doce victoria
Se decante por memoria.
Circ. E da fama por proeza
Seja a mais egregia empreza.
Ulyſ. E a ſeu poderoſo ardor
Ambos. Se ſiga eterno louvor.
Ulyſ. Contra o poder de Marte
Vença amor em toda a parte.
Circ. Se de Marte unico eſpanto,
Dos corações doce encanto.
Ulyſ. Se por timbre,

Circ.

Circ. Se por gloria
Ambos. De tudo alcança victoria. *Vão-se.*

SCENA III.

Campos. Sahe Archia feito mono.

Arch. ORa a Senhora Circe pregou-ma de maço, e mona! Sem fazer outro mal algum, que dizer muito mal della, logo me pregou eſte mono; que não podia ſer peior para mim o caſtigo, que ver-me com habito monacal, e andar com o cabello de monete. Oh Baco, que conſintas que ſe chegue a ver ludibrio dos cepos, quem foi o maior venerador das cepas! Que o que foi ſempre tão boa vaſilha, ſe veja hoje tão macaco! Porém já me occorre, que Circe deve de ſer do rancho da mangerona, e por iſſo me quiz fazer o ſeu anagrama mona negra.

Sahe Circe.

Circ. Segaro o meu amor na conſtancia de Ulyſſes, vendo que agora goza do brando ſomno, venho communicar ás flores a minha alegria.

Arch. Ai que eila lá vem! Se me ouvio faz-me hum certão de animaes; porém ſupponho que algum cuidado a traz divertida; quero-me queixar, por ver ſe ſe compadece de mim. Oh deſgraçado mono, que poſto tenhas criado callo aonde callo, o não tens ainda criado na paciencia! *Circ.*

Circ. Quem dá aqui vozes?

Arch. Eu, porque não tenho outra couſa que dar.

Circ. De que te queixas?

Arch. De que havendo hum Cicero, que orou por Archia poeta, não haja hum Cicero que ore por Archia mono.

Circ. He juſto caſtigo da tua lingua.

Arch. Senhora, ſe o confeſſar-me arrependido he baſtante deſculpa da minha culpa, te rogo, que aſſim como já me alimpaſte da porcaria em que me vi, me alegre tambem para que deixe de eſtar ſempre feito hum mono.

Circ. Sim o farei, ſe me reſponderes ao que te perguntar, que ſe pela lingua foſte caſtigado, quero que por ella ſejas abſolvido.

Arch. A tudo o que quizeres me offereço.

Circ. A pergunta he, ſe há outro encantador maior do que eu?

Arch. Quando *ſic quærit*, reſpondo que ſim ha, e eſte he o amor.

Circ. Eſpero pela prova.

Arch. Ainda que nunca o provei, eu me explico o melhor que poſſo, e a approvação ficará da tua parte. He pois Cupido o mais egregio encantador, pois vemos que a cada canto encanta, em quanto o diabo esfrega hum olho; porque elle transforma os zeloſos em tigres, os deſvanecidos em pavões &c. que niſto muito o aſſemelhas; porém o mais he que ſe converte a ſi em mas fórmas que

o

o meſmo Proteo, couſa em que muito te excede, não desfazendo na tua peſſoa; porque elle he para os eſtudantes bicho eſcolaſtico; para os coſinheiros bicho da coſinha; para os carpinteiros bicho carpinteiro; ſendo para os do mar carangueijo, e para os da terra lagartixa; para os eſteireiros mono, *ſicut, & nos*, conforme o adagio *pregavit monum criancæ meæ*; he para os velhos caruncho; para os meninos leſma; para os valentes ſerpe; para os tímidos bico da toca; para os ſabios lagarto; para os neſcios grão beſta; para os admirados bicha de ſete cabeças; para os aleijados cobra; para os cegos toupeira; para os corcovados camello; para os poetas camelleão; para os.....

Circ. Não proſigas mais, que bem dizes ſer Cupido o mais famoſo encantador, como ſe vê em Ulyſſes, que vencendo os meus encantos, ſó os de amor não póde vencer: vaite, e torna a cobrar a tua primeira fórma.

Arch. Para a cobrar, como cobra vou mudar eſta pelle, que tem ſido para mim peior que a pelle de todos os diabos. *Vai ſe.*

Circ. Cupido, que poderoſo he o teu encanto, pois a magica ſó transforma os corpos, porém tu encantas as almas!

ARIA.

Amor, teu encanto activo
Cauſa mil transformações,
Deixando nos corações

Só

Só os timbres do adorar:
Quem padece o teu veneno,
Para tudo fica cego,
Não tendo maior emprego,
Que os empenhos do amar. *Vai-se.*

SCENA IV.

Sala. Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. AOnde eſtará Circe? ou para melhor dizer, aonde eſtarei eu? pois ſe aſſiſte em meu peito, nelle ſó a devo procurar. Porém ſe não ſei de mim, como em mim a acharei? E aſſim tão perdido ando, que igualmente me procuro a mim, e a Circe. Mas que portento vem meus olhos?

Apparece Juno em huma nuvem, cantando a Muſica o ſeguinte quarteto.

Muſic. Deſperta Ulyſſes,
Que o mundo te chama
A dares aſſumpto
Ao clarim da fama.

Jun. Ulyſſes, rompe os enganoſos laços deſſe confuſo labyrintho, que amor tecido tem em teu damno; e ſe amortecido te vês, deſperta, que o mundo te eſtá chamando para eternos applauſos. Não ſeja huma mulher remora de tanto valor.

Vai-ſe,

Vai ſe, repetindo a Muſica o quarto acima.

Ulyſ. Dizes bem, ó ſuprema Deidade de Juno. Mas ai que Circe auſente..... Porém o valor viva, que ſó merece eternos altares na immortalidade, quem erige troféos ao valor.

Muſic. Ao amor.

Ulyſ. Mas quem me contradiz?

Apparece Cupido em huma nuvem, cantando a Muſica o ſeguinte quarteto.

Muſic. Amor ſegue Ulyſſes
Por troféo luzido,
Que he doce victoria
Ser de amor vencido.

Cupid. Segue-me Ulyſſes por troféo luzido,
Que he doce victoria ſer de amor vencido.

Diſpara huma ſetta contra Ulyſſes, e vai ſe, repetindo a Muſica o quarteto.

Ulyſ. Sulpende a crueldade, ó Deos tyranno, não executes tua ira em hum peito rendido; e ſe he indigna acção do valor repetir golpes em quem eſtá morto, para que diſparas tuas ſettas, não havendo em meu coração já lugar para novas feridas? Se eſtou rendido para que te armas contra mim? Se eſtou prezo, para que accumulas grilhões? E ſe eſtou morto para que repetes golpes? Oh não fulmines iras contra hum rendido, prezo, e morto.

ARIA.

ARIA.

Se rendido, e já ſem vida,
Mal reſpiro, e mal alento,
Porque com rigor violento
Flechas vibras Deos tyranno?
Ceſſe tanta crueldade,
Deos Cupido, cruel amor,
Baſte já tanto rigor. *Vai-ſe.*

Sahe Archia.

Arch. Graças a Jupiter que me torno a ver em Palacio como gente.

Sahe Iris.

Iris. Aonde eſtiveſte até agora, que tanto tempo ha que te não vejo!
Arch. A culpa teve Circe, que ma fez boa.
Iris. Pois o que te fez?
Arch. Fez me hir daqui ao beco do monete.
Iris. Não te entendo.
Arch. Fez-me andar dançando monoetes.
Iris. Ainda te não explicas?
Arch. Quiz que por todos os caminhos foſſe o meu nome monoſillabo.
Iris. Apoſtarei que eſtiveſte feito mona?
Arch. Advinhaſte; nem mais nem menos.
Iris. E já o não és? Oh daſgraçado homem!
Arch. Pois ſou deſgraçado em não ſer já mona?
Iris. Sim, porque ſendo mono, e Archia, vinhas a ter huma monarquia.
Arch. Ora não me mortifiques mais; e ſe iſſo

são

são arrufos do paſſado retrato, eu me retrato do que diſſe, e te peço queiras hum dia ſer ſó arco da Conſolação para eſte padecente de amor, que pelo grilhão da tua belleza o leva o carraſco do teu rigor a padecer na forca da tua tyrannia.

Iris. Se tu fores para mim arco do ouro, não ſó para ti ſerei arco da Conſolação; porém eſtarás ſempre no arco da minha graça.

Arch. Bem te entendo; mas ſe eu não tenho que dar-te mais que o meu coração?

Iris. Pois vai-te, que eu não ſou melro para me ſuſtentar de coraçõe.

Arch. Pois que queres em fim?

Iris. Queria que foſſes rico como hum porco; já que és feio como hum mono. *Vai-ſe.*

ARIA.

Arch. Se eu ſou feio, carrancudo,
Corcovado, manco, e torto,
Cara de mono, fucinho de porco,
Mais me alegro de aſſim ſer.
Por iſſo eſtou mais contente,
Mais alegre, e ſatisfeito,
Que as mulheres por ſeu geito
Sempre querem o peior. *Vai-ſe.*

Sabe Lidoro.

Lid. Que não encontre a Ulyſſes, para que, ou tirando-lhe a vida me não cauſe tanto tormento, ou dando-me a morte não finta tantos rigores!

Sa-

Sahe Archia ſem o ver Lidoro.

Arch. Para aqui veio Lidoro. Oh cá eſtá. Aqui começo a vingar-me de Aſtrea ajudante mór dos encantos.

Lid. Oh cruel fado, que até me concedes a vida, porque a aborreço!

Sahe de todo Archia, e anda como procurando.

Arch. Para aqui não a vejo, nem para alli, nem para acolá, nem para cá.

Lid. Que he o que pertendes?

Arch. He cá certa couſa; já mais achei couſa que buſcaſſe!

Lid. A quem procuras?

Arch. Eu a alguem procuro, mas não he a v. m. Tomára que elle me puxaſſe pela lingoa. *á part.*

Lid. Pois vai-te procurar a quem buſcas.

Arch. Sim, Senhor: mas acaſo veria por aqui... Mas não. Que ſeja poſſivel que nada me pergunte? Máo era para enqueredor. *á part.*

Lid. A ninguem tenho aqui viſto.

Arch. Ora vou-me: valha-te a fortuna por Aſtrea.

Lid. Aſtrea? Que dizes? Eſpera, eſpera. Ai de mim! A quem vens buſcando?

Arch. He cá huma peſſoa a quem trago hum recadinho de importancia. Com licença. *faz que ſe vai.*

Lid. Eſpera, Archia, tu não nomeaſte a Aſtrea? A ella he que procuras?

Arch.

Arch. Parece que pegou a iſca? pois vamos chegando-lhe a mécha. *á part.* A ella procuro da parte de Ulyſſes, e aſſim não me detenha, que importa muito.

Lid. Detem-te, dize-me (valhão-me os Deoſes! *á part.*) que lhe manda dizer Ulyſſes?

Arch. He certa couſa que importa a ambos, e he de ſegredo: deixa me hir.

Lid. Muito agradecido te ficaria ſe me manifeſtaſſes eſſe particular.

Arch. Vá ácerca diſſo huma hiſtoria. Eſtando eu em Grecia, (que ainda que he região muito larga, he muito eſtreita a defluxos) deo-me tal eſquinencia, que não podia abrir a boca, e eſtando em tal conſternação, que nem huma ſó palavra podia dar, minha mulher que tinha já experiencia, e conhecimento da minha natureza, metteo-me huma colher de parta na boca, e logo ficou franca, e daſimpedida para tudo.

Lid. Já te entendo.

Arch. Eſpere, não meta a hiſtoria a bulha, que falta applicalla. E aſſim, Senhor meu, o medo he eſquinencia, que não deixa paſſar a voz da garganta: *Vox faucibus hæſit*, e ſó a prata, e o ouro he remedio contra a eſquinencia do medo. Parece que já me entende?

Lid. Eſta cadeia ſupponho terá a preciſa virtude?

Arch. Se não for de latão, ſim Senhor, mas ella peza muito baſtante.

Lid.

Lid. Relata-me pois, o que manda Ulyſſes dizer a Aſtrea.

Arch. Manda-lhe dizer, que no Jardim a eſpera para gozar dos ſeus favores.

Lid. Suſpende a voz, que com eſſas palavras me tiraſte á vida.

Arch. Pois então ſupponha que não lhe digo nada.

Lid. Vai-te, e deixa-me.

Arch. Como a cadeia eſtá recolhida, e Aſtrea encravada, obedeço. *á part. e vai ſe.*

Lid. Não te pareça, traidor Grego, que tão ſeguramente has de gozar os favores deſſa ingrata; dem-me os Ceos vigança. *Vai-ſe.*

SCENA V.

Jardim. Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. MUito tarda Circe em vir hoje a eſte jardim, ſe he que o amor me não faz parecerem horas os inſtantes.

Da outra parte Lidoro retirado.

Lid. Cá eſtá eſte cruel naufrago, a quem o mar arrojou de ſi, por não poder conſentir em ſeus puros chryſtaes o veneno de tão falſo peito: aqui retirado ſolicitarei a minha vingança.

Sahe Aſtrea da parte de Ulyſſes.

Aſtr. Aonde eſtarás, Lidoro querido, que te não encontro, por mais que te procuro.

Lid.

Lid. Certo he o meu mal, pois já a tyranna Aſtrea o vem buſcando. Oh rigoroſa pena!

Ulyſ. Na verdade, bella Aſtrea, que mais feſtejão eſtas flores a voſſa vinda que a da Aurora.

Aſtr. Que ſeja tão infeliz, que buſcando a Lidoro ſó encontre ſempre Ulyſſes! *á part.*

Ulyſ. Não vos merece o meu affecto reſpoſta?

Lid. Que melhor, que dar ouvidos ás tuas liſonjas. *á part.*

Aſtr. Ulyſſes, buſcai a quem vos ama, que eu a quem me ama buſco.

Ulyſ. Se buſcais a quem vos ama, ſó a mim podeis buſcar.

Lid. Mentes, traidor, que mais amo eu, ainda que menos ditoſo. *ſahe.*

Aſtr. Valha-me Jupiter!

Sahe Circe.

Circ. Procurando-te vinha, Ulyſſes, e eſtimo achar-te aqui: vem comigo, e tu tambem Aſtrea.

Ulyſ. Só obedecer-te intento. *Vão-ſe.*

Lid. Ah cruel fado, que nunca me concedes lugar para a vingança de hum deſeſperado peito!

ARIA.

Como vivo, como alento!
Como ſem mais embaraços
O coração a pedaços
Não exhala a minha dor?

Como ſem alma reſpiro
Neſte morrer inhumano?
Oh rigor o mais tyranno
De mais tyranno rigor! *Vai-ſe.*

CSENA VI.

Boſque. Sahe Arqueláo, e os mais companheiros.

Arq. BEm ſabeis, amados companheiros, o como nos ſahio fruſtrada a fingida jornada que propozémos a Ulyſſes; que he certo não havia permittir a noſſa lealdade hirmo-nos ſem elle; e pois vemos quão pouco effeito reſultou do paſſado intento, outro ſe me offerece propor-vos, que me parece mais efficaz.

Hum. Saibamos o que intentas.

Arq Que procuremos occaſião de o acharmos ſó, e lhe levemos as armas do valoroſo Achilles, que me parece que vendo-as, não ſoffrerá o ſeu valor o deſprezallas com o eſquecimento; antes lembrado de ſeu brio, e fama, talvez rompa os duros laços de táo cruel encanto.

Todos Todos te ſeguiremos.

Arq. Vamos pois a tratar do modo, e da melhor occaſião de ſe executar. Porém lá vem Archia, elle ajudará melhor o noſſo intento.

Sahe Archia.

Arch. Muito bem me vinguei de Aſtrea. Mas quem eſtá aqui? *Arq.*

Arq. Sejas bem vindo, Archia, que de ti eſperamos ſaber.....

Arch. Se he couſa de Circe, e Ulyſſes, náo me perguntem nada, que eſtou ameaçado a ſer Elefante ſe fallar.

Arq. Deixa loucuras; e ſabe, que nos has de introduzir em palacio, para com as armas de Achilles vencermos o deſcuido de Ulyſſes.

Arch. Deſſa conta que voſſés fazem, náo quero ſer addição.

Arq. Iſto ha de ſer, e tu nos has de guiar.

Arch. Eu ſer guia? Náo me metto em taes contradanças.

Arq. Pois para que náo deſcubras o noſſo ſegredo, hirás prezo ao navio. *pegão nelle.*

Arch. Iſſo he como quem diz, ou ſer Elefante ou hir prezo; mas eu me defenderei aſſim. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Arq. Calla-te, infame, ou morrerás.

Arch. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Sahe Circe.

Circ. Quem ſe queixa aqui?

Arq. Perdidos ſomos.

Arch. Ah que de Circe.

Circ. Socega-te, e dize de que te queixas, que deſejarei ter motivos para a minha vingança.

Arq. Oh que mal fiz em me declarar com elle! *á part.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Relata-me o de que te queixas.

Arch. *Infandum Regina jubes renovare dolorem.*

Arq. De hum fio pendem as noſſas vidas.
á part.

Arch. Ah que de.....

Circ. Adverti, que ſe he o que preſumo, que não vos háo de valer os contravenenos de Ulyſſes. Proſegue tu.

Arch. Senhora, bem deſcuidado de ſemelhante encontro cheguei a eſte lugar, aonde eſſes crueis Archicidas.

Arq. Ai de nós! *á part.*

Arch. Derão comigo, e apenas derão, eis-que derão em dizer, que eu havia hir com elles para Grecia, que eſtavão de partida; e tanto derão em ateimar, que derão em me começarem a dar; e de ſórte me davão, que darião reſto de mim, ſe não vieſſes a tempo de me valeres; e como não quero com elles dares, nem tomares, deixa-os hir para onde nunca mais dem comigo.

Arq. Melhorou-ſe o noſſo fado. Mais ſubtil he Archia do que eu cuidava. *á part.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Outra couſa imaginava eu que ſeria; porém como os deſejo auſentes, eſtimo as noticias que me dás. E vós outros podeis hir-vos, que aſſim evitareis a mim deſgoſtos, e a vós algum caſtigo. *Vão-ſe.*

SCE-

SCENA VII.

Sala. Sahe Iris.

Iris. QUe tenha eſte Grego Archia tomado á ſua conta quererme bem, quando não lhe baſtando ſer tão pobre, he de tão máo fucinho! E quer que lhe moſtre boa cara, diſſo póde eſtar livre.

ARIA.

Negra cara hei de moſtra,
Se amarella a não tiver,
E boa cara farei
Se muitas caras trouxer.
Quando me trouxer mais cara,
Me ha de achar mais baratinha,
Se Archia tiver carinha,
O meu carinho achará.

Sahe Archia.

Arch. Em ditoſa hora venho, minha querida Iris, pois mereço eſtar na tua lembrança.

Iris. Será para maior eſquecimento, em quanto ſó tiveres eſſa cara.

Arch. Iſſo te merece, cruel, o meu amor?

Iris. Quem não dá para os gaſtos, não pede contas.

Arch Ora deixa de me atormentar.

Iris. Tanto te deixarei, que já me vou.

Faz que ſe vai.

SO-

SONETO.

Arch. Eſpera mais hum pouco. *Iris.* Vou-me andando.
Arch. Não te auſentes, tyranna. *Iris.* Vou fugindo.
Arch. Tão feio te pareço? *Iris.* Es muito lindo.
Arch. Attende a meu amor. *Iris.* Eſtou ninando.
Arch. Suſpende a tyrannia. *Iris.* Eſtou zingando.
Arch. Vê que triſte padeço. *Iris.* Eſtou-me rindo.
Arch. Não ſejas tão cruel. *Iris.* Eſtou frigindo.
Arch. Olha que por ti morro. *Iris.* Eſtou ſornando.
Arch. Amor louco me tem. *Iris.* Ai que doudice!
Arch. Elle cego me faz. *Iris.* Ai que cegueira!
Arch. O juizo me tira. *Iris.* Ai que tolice!
Arch. Movão-te minhas ancias. *Iris.* Forte aſneira!
Arch. Meus ſuſpiros eſcuta. *Iris.* He parvoice.
Arch. Attende a meu chorar. *Iris.* Vai rir á feira. *Vai-ſe.*

ARIA.

Arch. Ai de mim que ſe eſgueirou!
Cego, e louco me deixou:
Eſtou cego, eſtou tolo,
Já me deu volta o miolo.
Subio-me amor á cabeça,
E ma tomou com tal preſſa,

Que

Que me deu com a bóla á ſola
E tola me fez a tóla. *Vai-ſe.*

SCENA VIII.

Gabinete. Appareceráõ Circe, e Ulyſſes aſſentados, e as Ninfas.

Ulyſ. PArece, ó bella Circe, que poz o amor toda a ſua efficacia, e exhaurio todo o ſeu poder em me fazer ditoſo; pois não pôde chegar a mais a minha gloria, nem paſſar a maior auge a minha ventura.

Circ. Agora creio, querido Ulyſſes, que ha gloria que poſſa ſatisfazer o deſejo humano; pois não he poſſivel deſejar, mais bem que o que poſſuo, nem appetecer mais dita que a que logro.

Muſic. Amor não póde dar mais,
Nem eu mais appetecer,
Que o ſer duravel tal gloria,
Que o ſer eterno tal bem.

Ulyſ. O que bem o explica o doce de voſſa melodia!

Circ. Oh que bem o expreſſa o ſonoro de voſſo accento!

Ulyſ. e Muſic. Amor não póde dar mais,
Circ. e Muſic. Nem eu mais appetecer,
Ulyſ. e Muſic. Que o ſer duravel tal gloria,
Circ. e Muſic. Que o ſer eterno tal bem.
Muſic. Que o ſer duravel tal gloria,
Que o ſer eterno tal bem.

Ador-

Adormece Ulyſſes, e levanta-ſe Circe.

Circ. Suſpendei a voſſa ſuave harmonia, que eſtá Ulyſſes pagando o devido tributo ao deſcanço; e em quanto o occupa o brando ſono, vinde comigo preparar-lhe novos recreios a ſeu goſto. *Vai ſe.*

Sahem Arqueláo, Archia, e os mais que trazem o arnez de Achilles.

Arch. Ei-lo ahi eſtá ſem tugir, nem mugir.

Arq. Opportuna occaſião nos offerece a ſorte para apurarmos o reſto da noſſa eſperança. Aqui ponho, Ulyſſes, a teus pés o forte arnez do valoroſo Achilles: permittão os Deoſes ſeja deſpertador de teu eſquecido brio.

Põem Arqueláo o arnez aos pés de Ulyſſes.

Arq. Vamos, amigos, eſperar o effeito deſta ultima experiencia. *Vão-ſe.*

Ulyſ. (*em ſonhos*) Que me queres, Achilles? Deixa-me pallida ſombra, que affligir-me vens deſſes Elyſios campos: eu não deſprezo as tuas armas; não me ameaces, que em nada te offendo. *deſperta.* Ai de mim! que triſte illuſão do ſono, pois me parecia ver a Achilles queixoſo contra mim da ignavia, e frouxidão com que deſprezava as ſuas armas. Mas que vejo! O ſeu arnez proſtrado a meus pés? Iſto he mais que aſſombro; iſto não he ſó illuſão! Valha-me Jupiter. Ai Achilles, que baſtante razão tens de quei-

queixar-te, vendo a meus pés o gravado arnez de ouro, a quem são pequeno throno as azas da Fama! Oh que rhetorico me reprehende, e que efficaz me perſuade! Comtigo pertende a minha reſolução defender-me (ai de mim!) dos ſuaves encantos de Circe.

SONETO.

Chega a meus braços, oh arnez luzido,
Não eſtejas na terra aſſim proſtrado,
Que ſe mereces ſer tão ſublimado,
Como te vejo eſtar tão abatido! *Levanta-o.*
Perdão te peço, de que entorpecido
Por mim te vejas em tão triſte eſtado;
Se do clarim a Fama tão lembrado,
De hum lethargo de amor tão eſquecido.
Vamos pois dar aſſumpto á egregia Fama,
Vencendo tu de amor a ardente pyra,
Pois ſó o ouro reſiſte á forte chamma.
Auſentemo-nos pois, porque ſe infira,
Que fugindo de amor venci a flamma
Porque ſó vence a amor quem ſe retira.

Vai-ſe.

Sahe Circe.

Circ. Aqui deixei a Ulyſſes. Como não eſtá aqui? Porém talvez que a procurar-me o auſentaſſe amor. Oh que mal ſofre meu peito eſte breve tempo, que ſem elle eſtou!

RECITADO.

Aonde eſtás, doce emprego? Dize aonde
De meus olhos amor cruel te eſconde?

Che-

Chega Ulyſſes, pois ſabes que os meus braços.
Não são duras prizões, ſim brandos laços
Vem onde alcances por glorioſa palma
Ancias do coração, ſuſpiros da alma.

ARIA.

Aonde eſtás, querido amor,
Sem huma alma, que te adora,
Que no pranto iguala a aurora,
E no ardente imita ao Sol?
Eſte pranto aplacar vem,
Eſte incendio apagar trata;
Pois com tua viſta grata
Pára o pranto, e ceſſa o ardor.

Mas como não ouves, Ulyſſes, as minhas vozes? Sem duvida que no Jardim eſtarás, qual Narciſo entre as flores. *Vai-ſe.*

SCENA IX.

Boſques com viſta de mar. Sahe Ulyſſes com o arnez veſtido, e Archia.

Ulyſ. GRaças a Jupiter, que já eſtamos á viſta do eſcaler, que nos eſpera.
Arch. E graças a Baco, que já eſtamos ſem ver a Circe, que nos eſpanta.

Sahe Lidoro.

Lid. Até aqui te venho, Ulyſſes, ſeguindo, para ſatisfazer minha vingança, ſem que poſſa facilmente ſervir-me Circe de embaraço.

Arch. De embararaço nos vem v. m. ſervir agora.

Ulyſ. Lidoro, os voſſos zelos são injuſtos, pois eu nunca amei a Aſtrea, ſenão a Circe: tanto que agora me vou embarcar por fugir de ſeu bello encanto. Ah tyrannas lembranças! *á part.*

Lid. Por ſatisfeito me dera, vendo que te auſentas. Mas como pódes negar que amavas a Aſtrea, ſe por eſſe criado lhe mandaſte dizer que te fallaſſe no Jardim?

Ulyſ. Iſſo he falſo.

Arch. Ahi entro eu agora. O que eu lhe diſſe, Senhor Lidoro, foi mentira? Pelo lago Eſtygio lhe juro que o fiz por me vingar de Aſtrea, que me accuſou a Circe, e juntamente adquirir aquella cadeia, que devia de ſer de ouro muito brando, pois já ſe derreteo toda; e porque vou embarcar, lha não reſtituo; porém em vindo a frota, eu pagarei a v. m. ſem falta.

Ulyſ. Pertendeis mais alguma couſa?

Arch. Ora acabe, que ſe perde a maré.

Lid. Sempre fico ſatisfeito, ainda que me fica o eſcrupulo de não ſaber o que vos queria Aſtrea aquella noite, que vos mandou hir ao Jardim.

Ulyſ.

Ulyſ Nem o ſei, porque nunca mo diſſe; e vede que mais ſatisfação quereis.

Arch. He boa matraca!

Lid. Como do maior cuidado eſtou livre, não quero de vós mais, que a auſencia que pertendeis; porque nem morto vos quero preſente: ide-vos com Jupiter.

Arch. Ora acabe com iſſo.

Ulyſ. Os Deoſes vos guardem. *Vai-ſe.*

Arch. A's ſuas ordens, Senhor Lidoro. Em vindo a frota..... já ſe ſabe que a cadeia de v. m.....

Lid. Vai-te louco.

Arch. Bolaverunt. *Vai-ſe.*

Lid. Mais ſocegado ficaria de meus zelos, ſe não me faltaſſe ſaber a que eſperava Aſtrea a Ulyſſes aquella noite no Jardim, que nunca lhe explicou o que era.

Sahem Circe, Aſtrea, e Ninfas.

Circ. Ai Aſtrea, que não ſei o que me prognoſtica o coração em não achar a Ulyſſes!

Iris Nem do marabuto do Criado apparece fumo, nem raſtro.

Aſtr. Alli eſtá Lidoro: talvez ſaiba delle.

Circ. Dizes bem, Lidoro, viſte a Ulyſſes?

Lid. Pouco ha ſe foi embarcar com ſeus companheiros.

Circ. Que dizes? Ai de mim! Segui-me todos.

Vão-ſe para a parte por onde entrou Ulyſſes, e appnrece da meſma parte huma náo.

Dentros

Dentro. Boa viagem, boa viagem.

Torna a ſahir Circe, e todos.

Circ. Eſpera, enganoſo Grego, falſo Ulyſſes, que eu me vingarei: eſſas ſalgadas ondas ſe transformem em vorazes chammas, e abrazem a eſſe ingrato.

Começa o mar a arder.

Arch. Oh Senhores, demos depreſſa com a bomba, que nos abrazamos. *Dentro.*

Ulyſ. As flores de Juno me valeráõ contra teus encantos. *Dentro.*

Deita huma flor da náo ao mar, e apaga-ſe o fogo.

Arch. Ah Senhor, muito nos quer Circe, pois vendo que intentámos fazer viagem, nos queria dar crena ao navio.

Circ. Ai de mim, que como te amparáo tantas Deidades, de pouco ſerve a minha ira! E já que o fado, e os Deoſes tanto contra mim ſe conjuráo, tomarei vingança com dar-me morte. E tu, Lidoro, vive feliz com Aſtrea, que ſempre te foi firme, pois ſe aquella infauſta noite chamou a eſſe ingrato ao Jardim, foi porque eu lho ordenei. Vivei vós, e morra Circe.

Lid. Mil vezes feliz, quem alcança tão ditoſo deſengano.

Aſtr. Ditoſa eu, pois ficas certo da minha firmeza.

Muſic.

Muſic. Soberano Neptuno, *no mar.*
Circ. Iracundo Boreas,
Muſic. Brando te moſtra,
Circ. Furioſo te oſtenta,
Muſic. Em favor de Ulyſſes,
Circ. Contra o falſo Ulyſſes,
Muſic. Com quietas ondas,
Circ. Com cruel tormenta. *Vai-ſe.*
Muſic. Benigno Zefiro,
Ampara os nauticos,
Que ſem ti miſeros
Se virão naufragos.

FIM.

SEMIRAMIS
EM BABYLONIA,

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico do Bairro alto no anno de 1741.

ARGUMENTO.

SEmiramis Rainha dos Aſſirios em huma batalha que deu aos Bactros, e Medos, libertou ao marido priſioneiro ElRei Atalo, e cativou a Zomira Princeza dos Bactros, e a Idaſpe Principe dos Medos, amante de Zomira, a qual vendo a Nino, Principe dos Aſſyrios, o ama, e o rende á ſua belleza. Semiramis pede a ſeu eſpoſo Atalo em premio da fineza de o livrar lhe permitta o reinar ella hum dia: elle o concede, e aſſim o jurão os Aſſyrios. Elevada ao Throno, manda logo prender a ElRei ſeu eſpoſo com intento de reinar ella toda a vida: dá liberdade a Idaſpe, e a Zomira, e por elles manda matar o marido para mais aſſegurar o Throno; o qual por induſtria de ſeu filho Nino he livre de todas as traições, e reſtituido ao Throno; o que tudo melhor conſtará do contexto da obra.

INTERLOCUTORES.

Atalo, Rei de Babylonia.
Semiramis, Rainha dos Aſſyrios, ſua mulher.
Nino, Principe ſeu filho, amante de Zomira.
Idaſpe, Principe dos Medos, amante de Zomira.
Arbace, General dos Aſſyrios.
Zomira, Princeza dos Bactros.
Faneca, Gracioſa ſua Criada.
Veſugo, Gracioſo Criado de Nino.
Soldados, e Povo.

A Scena ſe figura em Babylonia.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Campina.*
II. *Apoſentos Reaes.*

SCENAS DO II ACTO.

I. *Praça de Babylonia com frontaria de Palacio Real.*
II. *Sala Real.*
III. *Jardim com huma fonte com a eſtatua do Sol.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Parques de Palacio Real.*
II. *Carcere.*
III. *Galaria correſpondente ao Templo do Sol.*

ACTO I.

SCENA I.

Campina raza ſemeada de cadaveres, carros de mato quebrados, tendas de campanha cahidas, Cidade de Babylonia ao longe com o rio Eufrates, e eſtará em habito guerreiro a Rainha Semiramis com a eſpada na mão, ſeguida de Soldados. atraz ElRei Atalo, Zomira, e Idaſpe priſioneiros, e Arbace ſolto.

Semir. HEróes valentes, já he noſſo o campo; ao brilhante raio da minha eſpada ſe deve a victoria. Não vos dem ſuſtos as inimigas tropas, e as contrarias fileiras. Já dellas meu braço triunfou, já Aſſyria livre ſe vê.

Rey. Oh minha eſpoſa, oh gloria minha, e minha libertadora, mais te devo que a vida na liberdade, pois aquella ſem eſta, pouco ou nada ſe eſtima.

Semir. Atalo, Rei, eſpoſo meu, em ti grilhões? De teus pés paſſaráõ hoje aos deſſes vencidos.

Rey. Não, Semiramis, não; já que venceo o teu braço, vença tambem o teu peito: menos generoſo não faça o teu animo a vingança da minha injuria, que tanto mais te vingas, quanto mais perdoas. *Idaſp.*

Idaſp. Não percas o coſtume da tua crueldade. Sabe que eu não ſou ſómente o General dos Bactros; em mim tambem vês d'ElRei dos Medos (que ás tuas máos rendeo a vida) o unico de ſete filhos, que ao teu furor reſervou dos Deoſes a piedade. Eſte que falta de acabar, agora o pódes fazer: ſó com Zomira não ſejas cruel, e baſte para ſeu tormento a lembrança do nobre ſangue, que ha pouco em ſeu Pai derramaſte.

Zomir. Não, Idaſpe, não rogues por mim: piedade não buſca quem ſó a morte deſeja: ſiga a filha o infeliz deſtino do Pai.

Rey. Princeza, ainda nos meus pés ſuſtento o pezo dos grilhões: não imagines finjo em mim a piedade, para que execute em ti o martyrio. Teu Pai ſim morreo ás minhas máos, mas da meſma ſorte que eu podia acabar ás ſuas. Os effeitos da guerra dá os a fortuna, e não o valor. Não me gloreio do golpe, antes lamento o eſtrago. Neſtes braços (como amigo) o recebi moribundo. Nelles me diſſe: já que ficas vencedor, ſalva-me a filha; ſeja brazão da tua gloria o favor do ſeu amparo. Em mim (lhe diſſe eu) terá o amor de Pai, que em ti lhe roubou a fortuna: ſerá, não minha eſcrava, mas de meu filho eſpoſa. Pede-me juramento da palavra, dou-lho com a promeſſa, e eſpira contente.

Zomir. Se o amor de Zoroaſtro aſſim o queria, o meu o não quer. Depois da ſua morte não

póde haver para mim allivio, nem eſpoſo. Tu com te moſtrares benigno vencedor; pódes fazer o meu odio menos juſto, mas não menos grande. Tirou-me com a victoria o Ceo a vingança: eſta ſó queria. Vê agora, ó Rei ſe temo a morte. O meu penſamento te deſcubro, porque mais te irrite.

Semir. Baſta; põem já freio á tua ira. E tu o vem pôr ao furor dos Aſſyrios guerreiros.

a Atalo.

Rey. Vamos, e ſeja maior o dia no cumprimento do promettido. Quero que ſe vinculem os applauſos da victoria, aos deſpoſorios de Nino. Hoje eſpoſa te feſteja toda a Aſſyria; e já que por ti ſe vê livre, por ti ſeja alegre. *Vai-ſe.*

Semir. Arbace, a Babylonia manda dar a noticia do triunfo, e entre tanto a Nino conduze. Eſſes priſioneiros no Palacio fiquem, e depois nos buſca.

Arbac. Irei a obedecer aos voſſos preceitos, e dar noticia das voſſas glorias *Vai-ſe.*

ARIA.

Sem. Se hum eſpirito elevado
Inda em ſexo menos forte
Nunca teme a dura morte
Nem a triunfos eſpirar.
O meu peito em que ſe alenta
De Mavorte o furibundo,
Com valor a todo o mundo
Inda eſpera conquiſtar. *Vai ſe.*

Zomir.

Zomir. Quanto variou ſobre noſſas armas a fortuna! Morreo meu Pai, e tu ao matador vences, e prendes: e quando do barbaro Rei, e ſoberba Rainha entendiamos que tomavamos a juſta vingança, reduzindo com ferro, e fogo a laſtimoſo eſtrago todo o campo, então nos tira a fortuna outra vez a victoria das máos, e nos tece os grilhões para os pés.

Idaſp. As minhas prizões me não laſtimáo, ſó as tuas me atormentão. Mas para que he temellas, ſe eu terei o martyrio, e tu terás eſpoſo?

Zemir. Não me accreſcentes a dor; e lembre-te ſó que te amei. Mas tu, quem me aſſegura ſe depois de diſtante dos meus olhos ſerás conſtante, quanto eu ſerei fiel? Ah que eſta triſte duvida me fará á eſcravidão mais penoſa!

Idaſp. Com eſſa duvida offendes a minha conſtancia.

ARIA.

Sabe amor, que nem o fado,
Nem o infauſto da ventura
De adorar tal formoſura
Nunca me hão de apartar.
Firme amante hei de ſeguir
Eſſe aſſombro de belleza,
E o exemplo da firmeza
No meu peito has de achar. *Vão-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Apoſentos Reaes. Sahem Nino, e Veſugo.

Nino. CErta he já a victoria.
Veſug. Será; mas eu ainda me não dou por ſeguro.
Nino. He eſcuſado o temor.
Veſug. Eu ſim o eſcuſára, mas elle he o que ſe mette comigo.
Nino. Ao primeiro, e repentino aſſalto, que entre as ſombras da noite lhe deu o noſſo campo, fugirão os Bactros.
Veſug. Iſſo foi eſtremunhados com o ſono.
Nino. Eu o vi ao romper da alva do alto deſſa torre.
Veſug. Tambem eu, ainda que a eſſas horas eſtava a roncar.
Nino. Já he vão o temor.
Veſug. Em mim ainda não he vão, porque me apanhou muito em cheio.
Nino. Eſpalhe-ſe pela Cidade o alegre aviſo, e torne a nós a aſperança.
Veſug. Queira Baco não venha em ſeu lugar a caridade.
Nino. Acabe no povo o ſuſto, e ſocegue a paz no Reino.
Veſug. Sim, Senhor; paz, e mais paz, que iſto de guerras não goſto.
Nino. Sempre has de ſer cobarde?
Veſug. Olhe V. Alteza, aſſim ſerá, mas ambos vimos os touros de palanque.

Nino.

Nino. O preceito de minha mãi me enclauſtrou.

Veſug. E o medo da minha cabeça me prendeo. Mas ahi vem.....

Nino. Vê quem he, Veſugo.

Veſug. He o Senhor Arbaça.

Nino. Arbace?

Sahem Arbace, Zomira, Idaſpe, e Fáneca.

Arbac. Por mim, ó Principe, fallem hoje eſtes grandes deſpojos.

Nino. Como?

Arbac. Venceo, ó Nino, aquella heroica Mãi, que o Ceo vos concedeo: voſſo Pai ſe acha livre: eſta he Zomira filha d'ElRei Zoroaſtro morto na guerra, e eſte Idaſpe filho d'ElRei dos Medos; a ſua prizão ſerá eſta galaria, em quanto eu torno ao campo. *Vai-ſe.*

Veſug. E quem ſerá aquelloutra Senhora? Puzlhe os olhos, e não ſei que me eſtão dizendo as tripas.

Nino. Não permittais, Senhora, que a voſſa deſgraça faça tão cruel impreſſão no voſſo peito: menos grave he a infelicidade, ſe vos ficou toda a gentileza: ſocegai o coração, e obſervai o meu, que vos entrega a piedade, e reſerva os ſuſpiros.

Zomir. De ti a piedade? he couſa que não quero. Ainda não comprehendeſte aonde chegão os limites da minha pena, e os exceſſos da minha ira? A meu Pai vejo morto ás máos do teu: eu lhe deſejo a morte, e a ti,

por

por filho ſeu, tambem a deſejo: não faça injuſto o meu deſejo a tua piedade.

Nino. Com eſſa narração de teus males os meus não evitas, porque mais os dobras. Eu ſó choro os teus damnos, porque vingallos não poſſo. Attende porém, Zomira: de meu Pai o ſangue já o não poſſo render a teus pés, do meu poſſo fazer ſacrifico ás tuas plantas.

Zomir. Hum, e outro deſejo eſpalhar.

Veſug. A rapariga he bem carniceira! *á part.*

Zomir. Mas o teu não buſco da tua mão, com o meu proprio braço quero apagar eſte deſejo da minha vingança. Ah coração meu, deſarma-te do furor. *á part.*

Veſug. Fóra com a menina! Eſta he de hum olho! Façamo-nos na volta; talvez por cá corra o vento mais favoravel.

Chega-ſe para Faneca.

Nino. Eſſes são os teus votos, eſtes os meus; que eſperas? Tira-me a eſpada, ſatisfaze o teu, e meu deſejo neſſa vingança. Que te ſuſpende?

Veſug. Eſtá boa offerta! E ſe lhe dá na cabeça esfuracar-nos a todos? Apello eu por v. m. *para Faneca.*

Fanec. Eu não me aſſuſto com tão pouco.

Veſug. Eſtará coſtumada a mais.

Idaſp. Oh Zomira, ou lhe tira a vida, ou tira delle os olhos: não he elle merecedor do emprego da tua viſta.

Zomir. Só irada o vejo.

Idaſp.

Idaſ. Mas ſempre o vês.

Veſug. Tomára eu a v. m. tambem enfadada comigo.

Fanec. Para que ?

Veſug. Para que eſſes dous olhos ſe peſpegaſſem em cima deſta cara.

Fanec. Teria que ver.

Veſug. Se não tinha que ver , teria que luzir.

Fanec. Em que ?

Veſug. Em que ſe verião ſaltando entre eſtas grenhas de Polifemo eſſes dous cagalumes de Cupido.

Nino. Que mais tardas , Zomira ? Não ſei que te ſuſpende , quando a vida te entrego.

Zomir. Ao meu furor não facía huma victima voluntaria. E tu não és aquella , que primeiro ſe deve á minha pena ? Não me obrigues , em quanto priſioneira me lamento : faze que eu ſeja livre das cadeias , que eu deſafogarei , ... mas no meu pranto.

Nino. Em ti cadeias , Zomira ? Eſta he a galaria Real : eſta ſerá a tua prizão , e tu a minha.

Zomir. Ah Nino ! Oh Deoſes ! Deixa-me , e vai-te , que eu mais ſinto o meu damno na tua viſta.

Nino. Belliſſima Princeza , aſſim pões a quem fino te adora , hum tão cruel preceito ? Talvez o não fizeſſes , ſe quanto he cruel tu alcançáras. Mas já te entendo , ſó para principiares a vingar-te me queres deſpedir.

Canta Nino a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Sim, eu já me auſento, eu me retiro,
Bem que afflicto ſuſpiro;
Mas ſei que eſta alma amante
He por ti obediente, e a ti conſtante.

ARIA.

Ah tyranna! ah bella ingrata!
Pois o queres, eu me auſento:
Mas attende ao meu tormento,
E ao contínuo ſuſpirar.
Neſta auſencia, e em tal retiro
Obediente por amante
Sempre a teu amor conſtante
O meu peito acharás. *Vai-ſe.*

Zomir. Ai de mim! que grande deſaſocego ſente a alma! *á part.*

Idaſp. Não ſó o attendes, mas ainda com os olhos o ſegues?

Zomir. Ah que não ſó com os olhos o ſigo, mas tambem com o coração o acompanho. *á part.*

Veſug. Tambem eu não tiro os olhos: mas...

Fanec. Mas que?

Veſug. V. m. deſvia-me as ſobrancelhas.

Fanec. Não lhe quero diſparar os arcos.

Veſug. Não importa, que já cá tenho as ſettas; e mais meta-me a mão no ſeio, e verá a brecha que me abrio. *Idaſp.*

Idaſp. Em que imaginas, Zomira? que ſuſpensão he eſſa?

Zomir. No meu deſtino; que hei de querer para a vingança propria ſer algoz do ſangue alheio?

Idaſp. Mas não do de Nino.

Zomir. O de Nino tambem.

Idaſp. Que cuſtoſa o proferes!

Zomir. Crê embora, que o não aborreço, mas não que a morte lhe não quero.

Idaſp. Não, que o não creio: diſſe-te que te amava: aquellas doces palavras de bella, e amada não ſei que indicão: eu bem ouvi que das offenſas ſe lembrou o teu coração, mas em vão eſpera a morte de hum Pai a ſua vingança, ſe na tua mão a deixa. *Vai ſe.*

Zomir. Agora que eſtás livre, falla, coração meu. Aonde eſtá o amor de Idaſpe! O odio de Nino aonde eſtá? Oh como rendes os teus enfados áquella preſença! Muito te agrada, eu o ſinto: o vello te deſvéla, o fugir-lhe te martyriſa.

ARIA.

Ai de mim triſte cuidado
Fluctuando em tanta pena
Quando a ſorte te condemna
A hum contínuo ſuſpirar.
Entre o odio, e entre amor
Vive o peito em dura guerra,
E na duvida que encerra
Sempre amor quer triunfar.

Vão-ſe. Veſug.

Veſug. V. m. vai depreſſa? *detendo a Fanec.*

Fanec. Sim, que vou acompanhando minha Ama.

Veſug. Não neceſſita diſſo, que já eſtá bem criada.

Fanec. Eu o ſou de v. m.

Veſug. Pois então tetei a confiança de mandar o que queria pedir.

Fanec. O que?

Veſug. Que me ouça duas palavrinhas ahi pelo poſtigo da orelha.

Fanec. Não poſſo, que ſou ſurda.

Veſug. Pois ajuntarnos-hemos ambos, porque eu ſou cego.

Fanec. Pois buſque quem o guie.

Veſug. Por iſſo procuro eſſa cachorrinha.

Fanec. Não eſtá máo o deſcanço.

Veſug. Melhor ſeria, ſe ſeus braços ſerviſſem de encoſto aos meus.

Fanec. Os favores aſſim ſe coſtumão por cá pedir?

Veſug. Não, minha Senhora, mas aſſim ſe coſtumão fazer.

Fanec. Pois advirta.....

Veſug. O que?

Fanec. Que ás mulheres, como eu ſou, não ſe falla deſſa ſorte.

Veſug. V. m. perdoe; como ainda lhe não ſei o geito á lingua, errei a proza; mas ſe v. m. quizeſſe.....

Fanec O que havia de querer!

Veſug. Dar-me duas liçóes para ficar meſtre.

Fanec.

Fanec. Tomára-lhe o deſenfado.

Veſug. Pois ha mais que tello. Ora venha hum abraço.

Fancc. Ai não ſeja louco, que vem gente.
Vai ſe.

Veſug. Qual gente? Eu a eſtas horas não conheço.....

Sahem Semiramis, e Arbace com baſtão.

Semir. Que dizes?

Veſug. He cá huma couſa. Se não aballa tão depreſſa leva o abraço. *á part.*

Semir. Que buſcas aqui?

Veſug. Huma couſa que trazia na mão, e me cahio por entre os dedos.

Arbac. Ratira-te.

Veſug. Sim, Senhor bigodes de ſofrêgo. De boa eſcapou a moça: mas ella cahirá na ratoeira. *á part. e vai-ſe.*

Semir. Eu te tenho eleito General; e ainda que outro o pertende, ſó a ti o entrego. O ſuperior governo das armas em ti terá a ſua defeza: o meu voto te fez: não baſta? A ti o baſtão te entrego.

Arbac. Por mim o não empunho; já Aſſyria em mim culpa a eſcuza: eu ſó o recebo, para que por vós ſe reja: reſpeitavel o farei com o voſſo mando.

Semir. No teu valor eſtá a minha eſperança: eu pedirei ajuda ao teu braço. Bem sei que injuſto te parecerá o meu deſejo, mas...

Arbac. Eu não devo imaginar qual ſeja o intenten-

tento, ſó me pertence executar a ordem: o voſſo goſto ſerá a minha obediencia. *Vai-ſe.*

Semir. Oh meu amado Menon, que foſte o primeiro, e ſó poſſo dizer o meu eſpoſo! Eu te vejo, eu te ſinto, ainda depois de tantos annos que Atalo te tirou de meus braços com a vida para me pôr nos ſeus como conſorte. Ah juſta vingança! Não me atormentes mais, ſombra adorada; eu o aborreço por ti, e o aborrecerei: mas deixa-me fingir amor, em quanto....

Sahe El Rei.

Rey. Por ti, bella Semiramis, ſe vê alegre toda a Aſſyria; vem a gozar dos teus triunfos, bella eſpoſa.

Semir. Em eſſe nome eſtão fundados todos os meus triunfos.

Rey. Eſtes louvores são devidos á tua gentileza, e á tua valentia: vem a empregar os olhos nos troféos deſſe invencivel braço.

Semir. Não; aqui fica, e comigo te ſenta; porque quero ſocegar com a tua viſta o meu coração. (*aſſentão-ſe.*) Ainda não ſinto ſegura a alegria em o teu livramento; porque ainda trago impreſſos em meus penſamentos os teus grilhões. Já eſtás livre, amado eſpoſo meu. Ainda o não creio.

Rey. Oh doces palavras! oh agradaveis viſtas! Livre eſtou; mas ao teu valor o devo: aſſim o contempla a minha liberdade, para que mais ſe glorie a tua victoria.

Semir.

Semir. O meu triunfo he ſó o teu goſto, mas não te nego que ſe augmenta a minha gloria, em ver que te livrou a minha eſpada. Perdoa á minha ſoberba em tanta gloria.

Rey. Com chamar-lhe ſoberbo não deſdouras o teu affecto. Vem ao teu triunfo, eſpoſa, vem para o meu ſolio.

Semir. Ao teu ſolio eu?

Rey. Sim, comigo has de reinar.

Semir. Eu reinar comtigo? Oh Deoſes! Já chegou a hora da minha vingança. *á part.* O premio he maior que o merecimento: ao ſolio ſó ſe eleva a minha attenção, e não o meu penſamento: mas ſó quero, meu Rei, que quando nelle te aſſentares, eu aos teus pés eſteja.

Rey. Não, ao meu lado has de eſtar.

Semir. Quanto he grande o teu coração! Mas.....

Rey. Não te opponhas ao meu goſto: generoſo te offereço, e te fallo amante: tudo deve o meu amor á tua valentia.

Semir. Eſtou vencida; já não quero recuzar huma honra amante, que mais a ti me entrega: ſó em fazella menos grande, farei mais juſta a tua mercê. Eu diminuo o teu poder, acceitando o teu favor: dividido em nós o mando, ſerá menor em ambos o imperio. Teu ſeja o ſuperior, e ſeja ſempre; mas porque queres que eu reine igualmente, faça-ſe o teu goſto, mas o teu poder ſe ſalve. Hum dia ſó quero mandar ſobre o teu

thro-

throno como Senhora abſoluta: ſe aſſim me concedes, aſſim o acceito, e ſe mais me queres conceder, obrigas-me a náo acceitar.

levantando ſe.

Rey. Attende. Teu louvor ſerá, náo culpa minha, o ſer táo pouco: digno he o teu merecimento de maior premio. Náo queres mais reinar que hum ſó dia? pois ſeja hoje: vem eſpoſa, vem ao teu ſolio, e ao teu mando.

Semir. Já me verei vingada. *á part.*

ARIA.

Rey. Vem eſpoſa muito amada
Rege, manda, e tudo impera,
Que eu amante já quizera
Todo o mundo a ti proſtrar.
Se em meu peito já dominas,
Pouco faço em dar-te hum reino;
Que eſſas prendas peregrinas
Mais merecem alcançar. *Vão ſe.*

Sahem Nino, e Arbace.

Nino. Arbace, ah fero Arbace! tu tiraſte a eſta innocente alma o ſeu deſcanço, e a ſua paz.

Arbac. Que afrontas, ó Principe, são eſtas? De que delicto de mim ignorado me vejo réo? Quando menſageiro de huma victoria a ti venho, e te entrego os mais excellentes deſpojos, então me reprehendes?

Nino. Neſtes deſpojos me roubaſte o meu ſocego. Zomira. . . .

Arbac.

Arbac. Já te entendo; a viſta da tua priſioneira, e da tua inimiga te ferio o coração.

Nino. Eſte ſuſpirar to diga: ſim, Arbace, aquelle primeiro inſtante que vi dos ſeus olhos as luzes (oh que delicioſa lembrança!) perdi dos meus o ſocego.

Sahe Faneca ao baſtidor.

Fanec. Que fará minha Ama? Mas aqui eſtá o Principe.

Arbac. E que eſperas do favor de Zomira, que tem jurado de te tirar a vida, e a de teu Pai? Deixa, deixa.....

Nino. Arbace, ſe me queres aconſelhar, que não ame a Zomira, he vão o conſelho: deixa-me, deixa-me ſó com os meus penſamentos, que ao menos nelles ſerei feliz, quando em me não favorecer ſeja deſgraçado.

Arbac. Prompto te obedeço, e ſó te lembro, que o odio em mulher ou dura pouco, ou não ſe extingue. *Vai-ſe.*

Sahe Veſugo ao baſtidor.

Veſug. Se andará por aqui..... Mas não anda que eſtá parada.

Nino. Deſpreza-me embora, minha amada Zomira, e ajunta aos teus deſprezos os deſdens. *Vai-ſe.*

Sahe Faneca.

Fanec. Ai como me cheira a naſcerem alegres pazes de duras guerras! O Principe Nino confeſſa que morre por Zomira, e minha

Ama já lhe não vive deſinclinada; parece-me que teremos, em vez de ſocos de Marte, ſopinhas de Hymenêo.

Sahe Veſugo.

Veſug. Viſto iſſo tambem poderei ter quinháo na vaca?

Fanec. Que ſempre eſte maldito me apareça a eſtas horas!

Veſug. Eu nunca falto a horas de comer.

Fanec. Diz bem, que he peior que ſarna.

Veſug. E tu és peior que tinha, pois não te poſſo pegar, nem por hum cabello.

Fanec. Voſſé por ſer diabo he que me parece hum tinhoſo.

Veſug. Olha: eu iſto de tinha ſim a tinha algum dia, mas agora já não tenho o que tinha.

Fanec. Pois ſe não tem já, não o quero.

Veſug. Porque razão?

Fanec. Porque ſó quem dá he bom para amante; voſſé como já não tem, não póde dar; porque ninguem póde dar o que não ſerve para amante.

Veſug. A rapariga he ſofiſtica em fórma! Pois adverte, que ainda que não tenha, ſempre te poſſo dar; porque não dá quem tem, ſenão quem quer bem.

Fanec. Comece já a fazer a experiencia, para que eu dê melhor credito ás ſuas palavras.

Veſug. Eu o que tenho aqui mais á mão são os meus braços: aqui os tens á tua ordem.

Fanec.

Fanec. Retire ſe, que eu não os quero.
Veſug. Pois que mais queres de quem eſtá perdido?
Fanec. O que? Nada, couſa nenhuma.
Veſug. E até para maior deſgraça me roubárão hum coração que eu tinha, a quem queria muito.
Fanec. Pois buſque-o lá em quem lho roubou.

ARIA A DUO.

Veſug. Dá-me, ingrata, o coração
Pois, tyranna, mo roubaſte.
Fanec. Eu ſupponho te enganaſte,
Que eu não ſou quem to furtou.
Veſug. Eſſe dengue mo roubou.
Fanec. Tal não ha.
Veſug. Por vida minha.
Fanec. Oh aleivoſo!
Veſug. Oh cachorrinha!
Fanec. Tal não digas } não ha tal.
Veſug. Eu não minto }
Veſug. Eu to dou de boa-mente,
Mas não ſejas tão ingrata.
Fanec. Tal comigo não ſe trata,
Ambos. Que eu não ſou para enganar.

Vão-ſe.

ACTO II.

SCENA I.

Praça de Babylonia com viſta de Palacio Real. Arcos triunfaes erigidos em honra de Semiramis com throno mageſtoſo para a coroação da meſma. Povo, Soldados com bandeiras brancas. El Rei Atalo ſobre o throno, Semiramis ao lado direito, Nino ao eſquerdo, em degráos mais baixos. Arbace, e os Grandes do Reino em pé junto ao throno.

Rey. VAſſallos, eis-aqui o voſſo Rei livre já dos ſeus contrarios: ſujeitos aos grilhões ſe vião meus pés. Vede: (*moſtra a cadêa*) eſta era a minha deſgraça, e peior ſeria a voſſa, vendo abrazar ás violencias do inimigo fogo todo o Reino. O invencivel braço de Semiramis reclamou a victoria. Eſta he a grande triunfadora, (*para Semiram.*) eſta a noſſa fortuna, e a noſſa gloria: livres, a deſempenho do ſeu valor, vos acclamais. A não ſer o ſeu braço, lamentarias, ó infeliz Cidade, o teu eſtrago, em mares de pranto, e em diluvios de ſangue: applaude a quem te ſalva, e hoje feſtiva repete, que Semiramis viva.

Todos.

Todos. Viva, viva.

Rey. Só com alegres vozes o beneficio ſe não paga. Neſte dia, por ſer de gloria para ella, e para nós de liberdade, Semiramis reine ſobre o meu throno, que com o Sceptro defendo: no dia do ſeu triunfo tenha abſoluto imperio: mande, e governe como Senhora. Eſte, ó Principe, he o meu voto.
Do noſſo cativeiro hoje nos priva,
Hoje reine abſoluta, e ſempre viva.

Todos. Reine, e viva, viva.

Rey. Tu ſerás a noſſa Rainha; todos o approvão, e obedecer-te jurão aos altos Deoſes. Zomira, e Idaſpe venhão; e para fazer mais alegre hum tão grande dia, ſe conceda a paz aos Bactrianos. Nino ſe deſpoſe com Zomira, e venha a taça nupcial.

Chega hum Criado com huma taça, que dará a Semiramis a ſeu tempo.

Semir. Já que te agrada que eu reine, e mande em eſte dia, deixa, que da minha mão venha neſſa taça a paz de Hymenêo.

toma a taça.

Sabem Idaſpe, e Zomira.

Rey. O teu goſto ſe cumpra, Principe: qual ſeja o voſſo deſtino ouvireis de Semiramis: hoje empunha o Sceptro, e o diadema cinge: eu já não ſou voſſo Rei.

Deſce ElRei do Throno, e coroa a Semiramis, a qual ſe aſſenta no lugar aonde elle eſtava, e canta-ſe o ſeguinte.

CORO.

Ao Throno, ao Throno
A noſſa triunfante:
A noſſa reinante
Ao Throno, ao Throno.

Semir. Atalo, dizei-me quem em Aſſyria hoje reina?

Rey. Tu reinas, tu mandas: o noſſo deſtino eſtá no teu imperio.

Semir. Já que eu mando, toda a pompa triunfal ſe deite a terra: ao povo ſe eſpalhe ouro, e prata, para que aos humildes chegue tambem a liberalidade: os deſpojos inimigos ſe dividão entre os Soldados, e aos mais aſſignalados eſmaltem o peito precioſas joyas de finas pedras: levantem-ſe muito mais ſoberbos, e mais elevados os muros de Babylonia, para que o inimigo aſſalto não tire aos Cidadãos o ſeu deſcanço: ſeja minha pompa mais falicidade alheia, que propria.

Rey. Oh grande mulher!

Nino. Oh grande Mãi!

Todos. Oh grande Rainha!

Semir. Chega, Zomira: na minha mão eſtá a taça nupcial; eſpoſa de Nino te quer Atalo.

Idaſp.

Idaſp. Zomira, lembre-te que ſeu Pai ao teu matou.

Zomir. A ſombra paterna ſei que ainda ver-te ſangue das feridas, e ainda não acho vingança das offenſas.

Rey. Primeiro ſe conceda a paz, e depois do Hymenêo ſe trate.

Semir. Paz, e Hymenêo te agrada? Pois a taça ao chão, e as bandeiras a terra. Eſte he o Hymenêo, e eſta he a paz.

Atira com a taça ao chão, abatem os Soldados as bandeiras, e deſce do Throno Semiramis.

Rey. Oh feroz mulher!

Nino. Oh cruel Mãi!

Semir. Arbace, Atalo ſe prenda.

Rey. A mim, Semiramis? Ao teu Rei? Ao teu Eſpoſo?

Semir. A tua Rainha ſou eu, e prezo te quero.

Rey. Sonho eu, ou tu deliras?

Semir. General, obedece. *a Arbac.*

Rey. E tu és tão atrevido com o teu Rei?

Arbac. O meu Rei he aquella: a execução, e a fé hoje ſó devo guardar a quem o Sceptro vejo reger.

Rey. Aſſyrios, eu ſou o voſſo Rei.

Semir. A voſſa Rainha ſou eu; vós aſſim o juraſtes aos Deoſes.

Rey. Tu os deves reſpeitar em mim; vê que no ſemblante moſtro ainda fóra do ſolio dos altos Deoſes os ſoberanos raios: vê-me, e treme

treme de mim: ainda que ſujeito ao ſolo, os Deoſes me fizerão teu Rei, e Rainha eu ſó te fiz. Cruel com elles, e comigo hoje, te vejo, teme o ſeu, e meu enfado

Semir. A' manhã o temerei, hoje reino.

Rey. He eſta a Aſſyria? He eſta a minha Rainha? Não, vós não ſois Aſſyrios; entre vós não eſtou, eſtou entre os Bactros á ſomba de Zoroaſtro, que hoje matei, eſte he o que rege o meu ſolio. *Vai ſe com Arbae.*

Semir. Tudo ao meu mando ſe obre. Hum dia não he breve para quem ſabe mandar. Guardas, a Zomira, e Idaſpe nos ſeus quartos reſervai. Nino, ſerá tua eſpoſa outra formoſura; os Soldados eſtejão ſobre as armas. Grandes, vós me ſegui, e ſeja a voſſa obediencia o meu preceito. Eu reino eſte dia, vós me fazeis voſſa Rainha: o juramento eſtá dado, o deſtino de Aſſyria hoje eſtá em mim, que hoje governo.

A R I A.

Hoje tudo a meu preceito
Se ſujeite humildemente,
Quando em ira o peito ardente
Tanto exhala o ſeu furor.
Se até agora a chamma occulta
Se enclauſtrou dentro no peito,
Moſtre agora o ſeu effeito
Reſpirando o forte ardor. *Vai-ſe.*

Sa-

Sahe Veſugo.

Veſug. Que alvoroço he eſte? huns para aqui, outros para alli? Não ſabem que as mulheres são vingativas: fez muito bem a Senhora Semiramis. ElRei Atalo matou-lhe o ſeu marido, e depois emnoivou-ſe com ella, e ella agora parece que quer emnoivar-ſe com outro. Se eu foſſe mulher havia fazer peior, já que elle foi tolo, que lhe vai entregar o governo a huma deſgovernada. Mas ahi vem a Senhora Faneca, que já lhe peſquei o vulto, e lhe fiſguei o nome: ſó o abraço não poſſo ver na rede. Mas aqui me eſcondo traz de deſte arco, para ver ſe acho modo de a metter na dança. *eſconde-ſe.*

Sahe Faneca.

Fanec. Eu venho tonta; não poſſo achar a minha Ama; o Principe Idaſpe não apparece; a Rainha eſtá huma polvora, e entendo que tudo parará em fogo. Em negra hora vim acompanhar a Princeza á guerra.

Veſug. Eu ſaio pé ante pé a ver ſe poſſo fiſgar o abraço. *vai ſahindo.*

Fanec. Mas quem eſtá aqui?

Veſug. Valha-te hum dardo, que logo peſcaſte eſte deſgraçado Veſugo, que no mar de amor ſe vai alentando com a iſca do teu deſdem.

Fanec. Nunca na rede do meu affecto ha de cahir eſſe Veſugo.

Veſug. Calla-te, que ainda te ha de eſcapar pela malha algum favor.

Fanec.

Fanec. Não ſe cance que de mim não ha de ver boia.

Veſug. Minha adorada Faneca,
Suſpende a tua aſpereza,
Quando no mar da firmeza
Por ti corro ſéca, e méca:
Valha te menina, a bréca,
Já que aſſim de mim não goſtas:
Dize, por que me deſgoſtas
Com tão continuo rigor?
Pois, ou me faze hum favor,
Ou me deixa aqui em poſtas.

Fanec. Em poſtas merecia voſſé feito: mas deixemo-nos diſſo, diga-me: ſabe aonde eſtá minha Ama?

Veſug. De Amas não ſei, da Criada bem poſſo fallar quando eſtou tão cativo deſſes olhos.

Fanec. Deixe-ſe de comprimentos, que lhos não eſtimo.

Veſug. Ah tyranna, que aſſim me queres pôr á curta!

Fanec. Não eſtou para detenças; ſe me não dá noticias de minha Ama, vou buſcar quem mas dê.

Veſug. Porque, receas ficar deſaccomodada?

Fanec. Não o receio, mas ſempre me aſſeguro; e aſſim por aqui me ſirvo. *Vai-ſe.*

Veſug. Eſcuta, eſpera, ó Faneca ingrata. Ora com bem lhe amanheça, logrou-me no melhor tempo da noſſa pratica; calla-te que eu te

te andarei pelos alcances. Ora vamo-nos tambem por eſta parte, que todos os rios vão dar ao mar. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Sala Real. Sahem Semiramis, e Idaſpe metendo a eſpada na cinta.

Semir. JA' concedi aos Bactros as pazes, e a vós a liberdade. Eſſa he a voſſa eſpada, cingi-a ao lado, Principe.

Idaſp. Senhora, huma mercê tão grande....

Semir. Não tendes que me agradecer; conveniencia minha he eſſa davida. Attendei, eu ſubi ao Throno, e delle não quero baixar: quereraõ os Aſſyrios que eu delle á manhã deſça, mas vós nelle me haveis de ſuſtentar; fazei que eu delle não ſeja expulſa. Vede agora ſe he conveniencia minha a voſſa eſpada.

Idaſp. E minha a gloria, que terei de ſervirvos: eu farei que ſe ajunte o meu campo, e ao voſſo mando o terei prompto.

Semir. Semiramis vos ſerá agradecida.

Idaſp. A hum Principe fallais, que ſó obedecer-vos deſeja.

Semir. Tudo alcanço, e agradeço: a Zomira eu ſei que amais.

Idaſp. Tambem ſei que a ama Nino: ſua ſerá, pois lha quer dar Atalo.

Semir. Se Atalo torna a reinar, não a eſpereis; mas ſe eu fico reinando, ſerá voſſa: ella

por

por mim vos falla e vos diz: Idaſpe, amado bem, nem ſempre féra Eu comtigo ſerei, deſcança, eſpera.

ARIA.

Idaſp. Oh meu peito ſempre amante,
Neſta empreza toma alento;
Diminue o teu tormento,
Pois te deves alentar.
Se até agora entre receios
Sempre andavas ſuſpirando,
Bem pódes hir-te alentando
Neſſa gloria de eſperar. *Vai-ſe.*

Sahe Nino.

Nino. Livre eſtá Idaſpe?
Semir. Sim, Nino.
Nino. E meu Pai?
Semir. Ainda eſtá prezo.
Nino. Ai de mim!
Semir. Que temes?
Nino. Juſto he o temor: ingrato vos ſerá Idaſpe: contra vós deſpirá a eſpada; e quando ſeja hum traidor, e hum aleivoſo, terá a deſculpa no voſſo exemplo.
Semir. A quem fallas?
Nino. A huma Mãi.
Semir. E a huma Rainha tambem.
Nino. Sim; mas fallo por hum Pai, e por vós meſma fallo: reſoluto me faz a ſua deſgraça, e a voſſa gloria.
Semir. Sim; queres livre a teu Pai? Elle o ſerá:

ſerá : mas ceda-me para ſempre o Reino , e depois tenha a liberdade.

Nino. Toda a ſua eſperança deve ſer a liberdade ; mas com tanto pezo iſſo he delicto....

Semir. Calla-te : com fazeres que eu o advirta , já o não pódes fazer que o não commetta.

Nino. Senhora , aſſim correſpondeis ao amor de hum marido , e.....

Semir. Eu ſei as razões que tenho : em me conceder dominio hum dia , me deu força para deſejallo em todos. Atalo aqui vem logo , eu quero-te ouvir falla com elle , ſem que elle me veja ; fazer que elle conſinta com a minha vontade : o Throno já mo não póde tirar ; elle mo deu , e tirarmo não deve : eterna prizão o eſpera , ſe elle não cede : deixa que elle falle claramente , e não faças movimento , que eu dalli te eſcuto , e vejo ; e dos teus aviſos elle he que ha de pagar a pena ; e primeiro que elle ſuba ao Throno , lhe hei de tirar a vida.

Põem-ſe Semiramis ao baſtidor , e ſahe El Rei ſolto.

Rey. Já , ó filho , me vejo em liberdade. Que furor accommette a Rainha ? Eu te confeſſo que peior ſorte eſperava do ſeu delirio. Mas aſſim recebes tão triſte a hum Pai , a hum Rei ?

Nino. Pai , que ſó eſte nome vos poſſo dar , que eſſe de Rei já o ignoro.

Rey. He porque hoje não mando ? Por ventu-

ra

ra eu não ſou Senhor? E não tornarei brevemente a reinar?

Nino. Pai.....

Rey. Falla, que me queres dizer?

Nino. Aſſim fallo por vós..... quer a Rainha.....

Rey. Continúa, não confundas humas palavras com outras.

Nino. Quer a Rainha, que hoje lhe cedaes para ſempre o Imperio, ou que para ſempre ſejais priſioneiro.

Rey. Detem-te; aonde achaſte eſſa lei tão cruel?

Nino. Ella me ordenou que aſſim vos fallaſſe.

Rey. E tu o podeſte proferir? Ah barbara mulher!

Nino. Calai-vos, Senhor.

Rey. Ainda me dizes que me calle? Alegrão-te as ſuas crueldades? Della ſerás tu filho, porém meu já não. Queres ver a ella Rainha, e a mim vaſſallo, feito rizo do povo, e fabula do mundo? Não te faria envergonhar hum Pai tão vil? Ah mulher ingrata!

Nino. Ah Pai, e Senhor.

Rey. Não profiras hum nome, que augmenta o teu delicto, e o meu enfado; tu não queres que eu ſeja teu Rei, e eu não quero ſer teu Pai.

Nino. Oh Deoſes!

Rey. Mas ſerei Rei a teu pezar: eu me verei depreſſa ſobre o mal concedido Throno: ao

rigor do ferro, e á violencia do veneno cahirá delle eſſa ingrata, eſſa falſa, eſſa tyranna.....

Nino. Eſcutai, eſcutai, Senhor.

Semir. Já me inteirei do ſeu deſignio. *Vai-ſe.*

Rey. Que queres que eſcute? O contrato da minha liberdade? Entregei primeiro a vida que o Reino: aſſim reſponderás a eſſa de quem és filho, e torna depois com os grilhões a ſeres tu meſmo quem mos lance aos pés.

Nino. Pai, e Senhor, juſta he a voſſa pena: deſafogue-ſe, e ſeja em mim: já vos eſcuto goſtoſo, porque já vos eſcuto ſó.

Rey. Não te entendo.

Nino. A Rainha tudo eſcutava; nem com hum aceno vos podia dar aviſo, porque era o voſſo perigo o meu final: já ſe auſentou: fallai, caſtigai-me, mas primeiro me chamai voſſo filho.

Rey. Oh amado filho! Oh mulher ingrata! Tens Nino de mim compaixão?

Nino. Aſſim tivera caminho de vos entregar o Sceptro: grandes, e pequenos tudo a Rainha tem em ſeu favor: a dinheiro os comprou; eu não ſei o modo.

Rey. Eu o ſei, porque a minha pena me deu induſtria. Eſtá prompto o veneno, cedo o beberá. Tem por coſtume hir todos os dias ao jardim a beber daquella fonte chamada do ſol; neſſa agoa levará o veneno.

Nino. Ai de mim, amada Mãi!

Rey.

Rey. Mái chamas a quem Reino, e liberdade me quer tirar? Adverte o teu perigo no meu eſtrago: para reinar me ha de tirar primeiro a vida, e depois a tua: eſte perigo te faça guardar ſegredo: ſe fallas, me perdes, e por ultimo te beijo, e te abraço. *abração-ſe.*

Nino. Oh Deoſes!

Sahe Arbace.

Arbac. Atalo, vinde outra vez á voſſa prizão: eu ſou o executor do preceito.

Rey. Pois cumpre-o.

Arbac. Aſſim o devo fazer: a Rainha vos eſpera no Jardim, para lá foi com Zomira. *para Nino.*

Rey. Nino, ſe te callas, reino; e ſe fallas, morro; ſalva-te entre nós.

Nino. E que tyranno lance he eſte meu entre vós! *Vai-ſe.*

Rey. Hoje ſerves a Rainha?

Arbac. Vós ſómente ſois o meu Rei.

Rey. Ajuntas a zombaria ao atrevimento?

Arbac. Não me faças réo deſſa culpa: he força, e não vontade: o cargo que a Rainha me entregou neſte baſtão, a voſſos pés o ponho.

Rey. Não, Arbace, obedece a quem reina.

Arbac. Vós não me credes? Moſtrarei com a minha morte a minha fidelidade. *vai a ferir ſe.*

Rey. Tanto não quero: faze que torne o teu Rei ao Throno, que a culpa já te perdo-o. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Jardim com huma fonte no meio com a eſtatua do Sol. Sahe Veſugo.

Veſug. ATraz de peſcar Faneca, huma onda ſe me vai, e outra ſe me vem: ella para por aqui entrou, mas eu aqui a não vejo: por eſta rua não, por aquella menos; ella cá pela outra: ahi vem por entre roſeiras aquella papoula da India, cercada de malmequeres: tomara-me eſconder, para ver ſe a poſſo pilhar, que ſem fruto não ha pilhar hum abraço: atraz deſta meſma fonte me occulto.

Eſconde-ſe atraz da fonte, e ſahe Faneca.

Fanec. Divertida no Jardim me apartei da Princeza. Que dilicioſa eſtancia! E mais que delicioſa aquella fonte, que a beber me convida!

Veſug. Ai, que com eſſa bebedura me creſce a agoa na boca.

Fanec. Se ſerá eſta a fonte do Sol!

Veſug. Não, he a da Lua, porque tem enchentes. *á part.*

Fanec. Peza-me não trazer porque beba.

Veſug. Se o meu copo não eſtivera ſujo, tinha boa occaſião do offerecimento.

Fanec. Que bonita figura!

Veſug. He bonito como hum ſol.

Fanec. Ora já que não trago copo, beberei na bica.

Veſug. Anda que aqui tens a do çapato, porque já lhe metti hum pé dentro.

Fanec. A ella me chego. Mas quem eſtá aqui atraz?

Veſug. Sou eu, que me eſtou aquentando ao ſol. A maldita nunca lhe eſcapo. *á part.*

Fanec. Olhem o cara do demo!

Veſug. Pois querias que foſſe bonita ſervindo em hum chafariz?

Fanec. Calle-ſe, que eſtou danada.

Veſug. Iſſo vi eu logo, quando vieſte ás ondas.

Fanec. O maldito que me fez fugir a vontade de beber.

Veſug. Tambem tu me fizeſte eſcapar a occaſião de te pilhar hum abraço.

Fanec. E ainda não tem vergonha de o dizer?

Veſug. Nem de to dar aqui já, e logo.

Vai Veſugo para dar-lhe hum abraço, ella o empurra, e o deita dentro na fonte.

Fanec. Deſta ſorte ſe caſtigão atrevidos.

Veſug. Oh mulher de huma figa, já queres que eu corra os banhos?

Fanec. Peza-me a mim..... Mas ahi vem gente; não quero que me vejão. *Vai-ſe.*

Veſug. Quem me dá a mão, que me afogo.

Sahe Nino.

Nino. Que fazes, louco?

Veſug.

Veſug. Achei boa eſta maré, e não a quiz perder. *ſahe.*

Nino. Retira-te, que vem a Princeza.

Veſug. Sim, Senhor, que nem eſtou capaz de apparecer. *Vai-ſe.*

Sahe Zomira.

Nino. Princeza?

Zomir. Enfado, volta ao meu coração. *á part.*

Nino. Hoje vos torno a ver com mais alegria, pois vos vejo na liberdade.

Zomir. Se me vedes livre, a voſſo Pai o não devo; e ſe o deveſſe, me daria pena, por lhe não ſer ingrata não vir a ſer ſua inimiga: agora o ſou, e o ſerei, ſem me moſtrar injuſta.

Nino. Não baſtará a applacar eſſa ira todo o meu amor, Zomira? Eu contra vós não tomei as armas, não deſpojei a voſſo Pai da vida: eu vos amo com aquella fé, que ſe deve a eſſe reflexo do ſol que em vós brilha; e aſſim mitigue o meu amor o voſſo odio.

Zomir. Ah como ſinto palpitar-me o coração! *á part.*

Nino. Se vós quereis, eu apagarei eſſe incendio com hum diluvio de ſangue: verei morrer meu Pai ás voſſas mãos, e depois eu pelas minhas farei que caia morto a voſſos pés.

ARIA.

Se o rigor da tyrannia
Só com ſangue ſe mitiga,
Em meu peito o ferro abriga,
Satisfaze o teu rigor.
E ſe baſta a minha vida,
A teus pés hoje rendida
Ta dedica o meſmo amor. *Vai-ſe.*

Sahe Idaſpe.

Zomir. Que he iſto, coração? Com a preſença daquelle ſemblante morre o teu enfado?

Idaſp. Já começou Zomira a voſſa vingança; eu darei fim á obra: hum grande eſquadrão tenho prompto ao meu mando.

Zomir. Já alcancei tudo da Rainha: gloria noſſa he ver pedir o vencedor ſoccorro ao vencido.

Idaſp. O ſoccorro do vencido ſempre foi perigo do vencedor. Com as meſmas armas com que ſe conſerva, ſe arruina. Náo ſó Atalo morra, morrerá Nino, e.....

Zomir. Nino eſtá innocente.

Idaſp. Náo digas iſſo, dize que Nino he amante.

Zomir. Mais augmentaria o meu odio e ſeu amor, ſe elle foſſe réo.

Idaſp. Já deſcubro o teu peito; baſta.

Zomir. E iſto he dizer que o amo?

Idaſp. A tua piedade te deſcobre. Zomira, no teu coração ardem eſſas chammas de in-

juſto

juſto amor: deixa de amar a quem ſó deves....

Zomir. Baſta.

ARIA.

Oh que pena me conſome,
Qual incendio, o meu peito,
Quaſi o coração deſfeito
Conſidero em tanto ardor.
Se o meu fado me não baſta
A matar-me em tal tormento,
Venha o novo ſentimento
Augmentar a minha dor. *Vai-ſe.*

Sahe Semiramis.

Idaſp. Mal aconſelhada mulher.

Semir. Idaſpe?

Idaſp. Senhora, já eſtão juntos os mais fortes ſoldados; falta ſó que ſe dê entrada na Cidade.

Semir. Eu darei aviſo, antes que o Sol ſe ſepulte.

Idaſp. Vós ſereis Rainha; mas Zomira já não ha de ſer minha eſpoſa.

Semir. Ainda temeis o amor de Nino?

Idaſp. O de Zomira he que temo.

Semir. E quem vos diſſe que ella o amava?

Idaſp. Ella propria.

Semir. E dais-lhe credito? Dama alguma diſſe nunca que era infiel? Só quando he mais firme, então confeſſa menos fé.

Idaſp. Se me diſſeſſe, que o amava, talvez lhe não déſſe credito; porém confeſſou-ſe compaſſiva.

Semir.

Semir. Nino vem; retira-te, e deſterra eſſe ſentimento. Compaſſiva, e não amante eſtá Zomira.

Idaſp. O tempo o dirá. *Vai-ſe.*

Sahe Nino.

Semir. Vem, filho, declarar-me de teu Pai os penſamentos, que ſó huns accentos truncados pudérão chegar aos meus ouvidos.

Nino. Elle quer reinar; ſó iſto vos não póde conceder o ſeu amor.

Semir. E ainda me ama: Não me chama cruel?

Nino. Cruel vos chama, mas he mais dor, do que ira. Senhora, elle vos ama.

Semir. E da prizão, que diz?

Nino. Eſpera antes a morte.

Semir. Nem falla de vingança?

Nino. Seria em vão a empreza: já não a póde tomar.

Semir. Nem tu me enganas?

Nino. Eu enganar-vos?

Semir. Baſta: delle quero alcançar tudo.

Sahe ElRei com guardas.

Semir. Atalo, aqui eſtá Semiramis; aqui eſtá a tua Rainha: attende para eſta obra do ſeu amor; gloria-te de me ver cingida do diadema. Pareço-te mais bella hoje que reino? Deixa que em ti repare; neſſas cadeas que arrojas, comprehendo o grande poder que me déſte. Em te fazer deſgraçado exalto os teus

merecí-

merecimentos; de gloria tua te ſerve a tua deſgraça; ſó por te ſer agradavel, quero ſer hoje cruel.

Nino. Mãi, e Senhora, não o irrites, nem o deſprezes.

Semir. Vê me, falla Atalo, dize-me ao menos que ſou traidora. Pouco he o meu poder, ſe te conſente ſofrer eſſe mal. Tu me enſinas neſſe ſilencio, que não és tão infeliz, quanto eu queria.

Rey. Oh féra! oh tigre! oh monſtro! *á part.*

Semir. Mas já ſinto por entre os beiços andarem as vozes: traga-ſe-me a coſtumada agoa deſſa fonte do Sol, mitigarei mais o incendio da minha ira neſſa derretida neve.

Aſſenta-ſe ao pé da fonte, e ſahe hum ſoldado com huma taça.

Nino. Senhora, aquelle ſilencio não he deſprezo: quando os males são grandes, perturbão-ſe inteiramente os ſentidos.

Semir. Dá-me, filho, aquella taça.

Nino. Oh Deoſes! Em que riſco me vejo. (*toma a taça.*) Oh Pai, e queres que não falle, e dê cruelmente a morte a minha Mãi? Ainda não baſta o ſilencio? Eu meſmo lhe hei de dar o veneno? Se lho dou, morre Semiramis; ſe não lho dou, morre Atalo Que hei de fazer? Pai, e Senhor, vede a morte de huma Mãi na mão de hum filho; ſe buſcais a vingança, executai-a em mim como réo da culpa: baſte o meu ſilencio para me formar o delicto. *Rey.*

Rey. Ah filho de Semiramis, tu andas louco entre nós. Eſpalha por huma vez o veneno: ou mata o Pai, ou acaba a Mãi.

Semir. Filho, nem eſſa agoa quer Atalo, que me dês? Vem, amado filho, que me ſinto abrazar.

Nino. Oh Deoſes! que farei? Infeliz Mãi! *á part.*

Toma Nino a agoa na taça, e com paſſos vagaroſos vai a dalla a Semiramis, voltando-ſe para ElRei.

Semir. Que vagaroſos moves os paſſos! Porque he eſſe receio? Tu para o Pai voltas os olhos, e elle os ſeus de ti não aparta com ira? Dá me eſſa agoa, filho.

Põe Nino a taça na fonte.

Semir. Nino, porque recuſas dar-me eſſa agoa? Teu Pai to prohibio? Deixa-me beber, que eu..... *quer beber.*

Nino. Mãi, e Senhora.....

Semir. Que me queres dizer? Continúa.

Rey. Ah louco! *á part.*

Semir. Tu te callas, e te perturbas? e até a agoa vejo infecta? que he iſto?

Rey. Falla, para que emmudeces? Cumpre o teu deſejo, filho ingrato; dize que aquillo he veneno; dize, que antes queres a minha morte, do que a ſua. Tremeſte ao executar a minha juſta vingança? Pois executar a tua crueldade: dá-me a mim o veneno; e ſe ainda

ainda não baſta, acabe a eſſes pés a vida de hum Pai á violencia de tuas máos.

Semir. Se aſſim ſe executaſſe, que juſta ſeria a tua morte, querendo a minha? O querer-te tirar o thono não era delicto meu, era pena tua; tu dos braços me tiraſte, oh barbaro, o meu primeiro eſpoſo; vingallo queria tirando-te a ti o Reino: mas tu me abriſte para maior vingança o caminho. A mim o veneno me querias dar? Pois agora has de bebello. *Dá lhe a taça.*

Rey. Eu a tomo, mas não doures com eſſe nome de vingança a tua crueldade. Eu dei a morte ao teu Menon, aſſim foi; mas, infiel belleza, não foi gloria da tua formoſura eſſe delicto? Eu fui cruel por te querer, tu és cruel para reinar; o meu delicto, por ſer de amor, tinha deſculpa; o teu na meſma ambição já leva a pena. Reina, tyranna, que eu já quero com eſte veneno, que o meu cadaver ſeja a degráo por onde ſubas a eſſe ſolio. *quer beber.*

Nino. Suſpende, Pai. Mái, he injuſta aquella morte; acabe antes ás violencias do ferro o réo; e ſe todo o ſeu ſangue ha de pagar o ſeu delicto, o que tenho nas veias tambem he ſeu, tira-mo, ou eu o tiro. *quer ferir-ſe.*

Semir. Filho, ſuſpende.....

Nino. Não te apreſſes, porque eu ſó quero, que a minha morte acompanhe a ſua.

Semir. Vê, filho cruel, porque tu vivas, elle ſe ſalve.

Deita

Deita Semiramis no chão a taça, que El Rei tem nas mãos.

Semir. Tu eſpalhavas o meu ſangue, derramando o teu. Olá, huma eſcura prizão ſeja de Atalo depoſito. Vai, que lá verás o teu deſtino. *á part.*

ARIA.

Rey. Qual hyrcana, tigre, féra
Teu coração duro, e forte,
Determina dar a morte
A quem ſó quiz adorar.
Oh rigor do meu deſtino!
Oh pensão do injuſto fado!
Quando chega a tal eſtado
O effeito de hum amar! *Vai-ſe.*

Sahe Zomira.

Semir. Chegas a bom tempo. Nino por livrar a Atalo ſe quer matar.

Zomir. Que ambos ſe percão he o meu voto.

Semir. Tão cruel te não buſco, nem quero que o ſejas; eu quero vivo a meu filho, Atalo quero que morra, livrallo não pódes. Mas ſe tu morres (*á Nino.*) ha de morrer Zomira; aqui vos deixo em conſelho. Zomira tu has de morrer ſe Nino morre. *Vai-ſe.*

Nino. Oh Deoſes! Haverá mais que me ſuccéda? Da minha morte perco a gloria, e o fruto: não ſirvo de reparo á de meu Pai, e hei de ſer occaſião da voſſa?

Zomir.

Zomir. Deixa que eu morra, que aſſim tomas vingança por parte de teu Pai com a minha morte. Morto o deſejo, e por me vingar na ſua vida até na minha o fizera. Mas ouve Nino, a ti não chega eſte odio, o amor já me não dá alento para tratar da vida, pois ſei que aos infelices não ſerve de bem. Não oſtento eſta piedade, por temer a minha morte; oſtento-a ſim por ſalvar a tua vida. Não és tu a cauſa da minha pena, e do meu incendio; ſim, vive Nino, que Zomira aſſim o deſeja.

Nino. Zomira, conheces o quanto te amo? Se alguma faiſca deſte incendio, em que me abrazo, ſe ateou em teu coração, não me encubras eſte troféo de meu amor: falla, meu bem, pois com eſta confiſsão me farás goſtoſa a vida em tanta dor: dize, Senhora, ſe neſſa pena, que tens da minha morte, tem parte o teu affecto?

Zomir. Deixa-te viver, que tu o ſaberás.

DUETO.

Nino. Não ſuſpendas eſſe alento,
Pois delle depende a vida.
Zomir. Conſervalla não duvida.
Nino. Para amar-te.
Zomir. Iſſo eſtimo.
Nino. De adorar-te ſó me animo,
Ambos { E ſó vivo de adorar
Vive embora no adorar.

Nino.

Nino. Não me occultes a eſperança
Neſſe amante deſengano.
Zomir. Se meu peito he deshumano,
Como pódes eſperar!
Ambos { Em teu peito ſoberano
Sempre amor hei de eſperar.

ACTO III.

SCENA I.

Pateo de Palacio Real. Sahem Semiramis, e Arbace.

Semir. ARbace, o tempo he breve; não arriſquemos a empreza.
Arbac. Aos Grandes do Reino já dei as voſſas ordens; em a ſala os tereis juntos: as armas eſtão promptas. O tumulto popular em eſta noite ſe não póde temer: o ouro, e a prata, que lhes mandaſte eſpalhar, os encheo de alegria; tudo eſtá ſocegado: a porta que cahe para o Oriente, eſtá aberta aos Bactros; porém de outro ſoccorro não ha noticia. Por vós eſtão os Aſſyrios: o deſejo que tendes de reinar hoje o haveis de conſegir.
Semir. Adianta-te, Arbace, e os Grandes do Reino diſpõem em meu favor: em eſta noite

noite ſe deve executar o juramento do meu imperio: em ti depoſito a defenſa, pois te confio a lealdade.

Arbac. A minha execução o dirá: fiel ſerei. Mas ſómente a Atalo. *á part. e vai-ſe.*

Semir. Atalo ha de morrer: ſó eſte intento encobri a Arbace; porque ſempre os vaſſallos amão a vida do ſeu Soberano. A mão de hum Bactro quero, que execute o golpe; e aſſim farei que ſe crea que foi induſtria de Zomira, e ſobre ella cahirá o odio de Nino, e do Reino. Idaſpe he ſó o ſabedor deſte intento, elle lhe dará o caminho.

Sahe Zomira.

Zomir. Nino vivirá, Senhora, Atalo morra: por minha mão executára o golpe naquelle tyranno, ſe eu tanto pudéra como vós.

Semir. Bem pódes, Zomira; vingue-ſe por ti teu Pai, e por mim o Eſpoſo: prompto, e calado deve ſer o golpe: hum Bactro o faça; eu dos Aſſyrios não fio que a ſeu Rei matem.

Sahe Veſugo ao baſtidor.

Veſug. Para aqui vi entrar a Princeza, e como ando á peſcaria de Faneca, quero ver ſe a poſſo agarrar com o anzol da diligencia.

Zomir. Eu o executarei; fazei vós, Senhora, que eu poſſa entrar na prizão.

Veſug. Eu não a biſpo; mas já que eſtão divertidas, darei mais hum paſſo para o meu deſengano. *vai ſahindo.*

Semir.

Semir A guarda terá ſinal ; mas.....

Zomir. Eu acompanharei os meus.....

Semir. Calla-te. (*para Zomir.*) Que andas tu buſcando ? *para Veſug.*

Veſug. He huma galinha , que me coſtuma vir pôr fóra , e queria ver ſe lhe achava o ovo. Que ſempre hei de achar eſtes eſpantalhos ! Má comichão te dê. *á part.*

Semir. Já te entendo , traidor. Tu feito eſpia ? Tu ouvindo-me os meus ſegredos ?

Veſug. Pois ſe Voſſa Excellencia mos não diſſera , nunca eu lhos ouvíra.

Semir. Ainda confeſſas que os tens ouvido ?

Veſug. Antes he couſa que eu nunca pude ter em ſegredo , porque nunca o ſoube guardar. Eu era capaz de me metter em couſas ſecretas ? Eu ? Eu ?

Semir. Mas vieſte a ouvir ?

Veſug. Eu não , Senhora , vinha a apalpar.

Semir. Olá , a eſte louco mettei na prizão para que não ouça.

Sahem Soldados.

Veſug. Ui , Senhora , ſe ſe prende por ter orelha , não faltará que fazer aos quadrilheiros na terra. Veja que eu não eſcutei.

Semir. Bem te entendo.

Veſug. Antes por voſſa inſolencia me não entender he que diz iſſo.

Semir. Levem-no.

Veſug. Não he preciſo que me levem ; faça com que me ſoltem , que eu hirei pelo meu pé. *Semir.*

Semir. Tenho dito.

Veſug. Iſto he huma injuſtiça. Eu já ouvi dizer, que os Ouvidores he que prendião, e não que prendião aos Ouvidores.

Semir. Que eſperais?

Veſug. Que V. A. me mande ſoltar, que eu prometto não ouvir mais na minha vida ſenão aquillo, que me quizerem dizer.

Semir. Já me falta a paciencia.

Veſug. Ai, Senhora, não ſe enfade, que eu vou, e torno a hir, mas tambem logo torno a voltar.

Zomir. Vai, e não tenhas receio, que te não ha de ſucceder mal.

Veſug. Viſto iſſo vou: mas já que me faz tanto favor, vá V. A. por mim, que eu ficarei com o ſeu ſegredo.

Semir. Não me ouves?

Veſug. Se V. A. não quer que eu ouça, que quer que eu faça? Mas eu vou, que não tenho outro remedio, pois a vejo enfadar porque ouvi, e agora ſe enfada por que não ouço. *vai-ſe, e os Soldados.*

Semir. Falla, Zomira.

Zomir. Eu acompanharei aos meus, e com a minha voz alentarei o ſeu braço.

Semir. Bem ſe vê que naſceſte para reinar: o imperio dos Bactros te cedo, já que te não agrada a mão de Nino. Mas elle vem.

Zomir. O noſſo intento ſe lhe encubra.

Semir. O meu fallar no ſemblante o has de entender.

Sahe Nino.

Semir. Nino, por ti eſtava fallando: a Zomira entrego o Reino dos Bactros, e para ti lhe peço a mão de eſpoſa.

Nino. A pedir, e a eſperar me convidáis; pois tambem peço que entregueis o Reino a meu Pai.

Zomir. Eſte he ſó o deſejo de Nino: em mim não emprega o ſeu affecto.

Nino. Veja eu primeiro livre a meu Pai, e depois vereis ſe vos tenho amor.

Semir. Já eſtá quaſi viſinho o novo dia. Zomira, faze por te auſentar. Nino, falla de amor. *Vai-ſe.*

Nino. Bella Zomira, deſculpe-ſe a minha dor, e o meu deſacerto, ſe ainda de meu Pai fallo.

Zomir. Em voſſo Pai quereis fallar, Principe? Pois ſegui a voſſa Mãi. Nino para que comigo vos ſuſpendeis, ſe em amor não fallais?

Nino. Oh que afflicção me combate o peito! Zomira, meu Pai eſtá priſioneiro.

Zomir. E o meu eſtá morto, e ſerve de incentivo ao meu amor o voſſo affecto; vós me augmentais a dor com eſſa lembrança: vede, vede tornar as lagrimas aos meus olhos; mas logo.... ah penſamento.....

Nino. Já vos entendo. Ai de mim! Mais ſe não tarde, Zomira; mas ſó vos peço, que não choreis: deixai, que eſſe pranto em meus olhos ſe reparta, para que com elle acompanhe a hum Pai infeliz.

ARIA.

ARIA.

Qual chuveiro deſatado,
Quando inunda o mar undoſo,
Què com vento furioſo
Tudo chega a perturbar.
Tal contemplo hoje o meu peito,
Quando em lagrimas desfeito
Tem de pranto hum grande mar. *Vai ſe.*

Sahe Idaſpe.

Idaſp. Zomira, o eſtar fallando a Nino, he dilatar a morte a Atalo; creſce a noite, e vejo que neſſa tardança ſe perde o golpe; mas a preſença de Nino vos póde esfriar para o fazer; pois eu o farei.

Zomir. Idaſpe, eu não quero ceder eſſa gloria do meu braço.

Idaſp. Vós amais a Nino, e quereis matar a Atalo? Já mais não eſpero, que de ſeu Pai a morte, e de vós a vingança.

Zomir. Não me irriteis mais; eu quero dar a morte a Atalo, e tambem não quero fingir mais comvoſco; porque tambem vos quero deſenganar, que ſó quero a Nino.

Idaſp. Viſto iſſo, já me não amais? E ainda o podeis proferir?

Zomir. Sim; porque em o dizer vos venho a deſenganar.

Idaſp. Se em mim ſempre encontraſtes amor, porque me não correſpondeis com amor?

Zomir. Eu vos quero ſatisfazer o voſſo deſejo.

ARIA.

Em mim vive huma firmeza,
Eu ſim amo, e ſou conſtante;
Mas de Nino ſempre amante
Só me hei de confeſſar.
Só a elle amor dedico,
E ſe amante me publico,
Que mais ha que publicar? *Vão-ſe.*

SCENA II.

Carcere. Sahe ElRei com cadeias.

Rey. OH mulher ſoberba, e féra, que em eſtas horrendas ſombras me ſepultas, ſatisfaze já eſſe cruel deſejo com a minha morte. Sei que o uſurpado throno, e a minha liberdade cativa não baſta a fazer-te alegre, e ſegurar-te o Reino: ſó eu o ſinto: nelle te póde ſegurar o meu ſangue.
Eſpalha-o de huma vez, eſpoſa ingrata,
A ti ſegura o Reino, e a mim me mata.
Corre a matar-me, oh perfida: em meu ſangue apaga a ſede mais cruel; mas já ſinto abrir do Carcere as duras portas. Como Rei não morro, como infeliz acabo, oh quanto o ſinto!

Sahe Nino.

Rey. Oh tu quem quer que ſejas, que da parte de Semiramis, ou menſageiro, ou miniſtro vens, ſuſpende a ſentença, embarga o golpe, que

que ainda fóra do ſolio não deixo de ſer Senhor do Reino: teu Rei ſou.....

Nino. Pai, e Senhor, eu ſou o voſſo filho.

Rey. Tu o meu filho? Agora lamento mais certa a minha morte. Tu por ordem de tua Mái ma vens dar?

Nino. Eu dar-vos a morte? Eu quiz..... vós o ſabeis.....

Rey. Sei que a quizeſte livrar do veneno. Já de hoje em diante não ſerás meu filho, e não ſei ſe ſeu. Tu matar-me queres; mas ainda me lembro do que por mim obraſte. Coração para me ferires ſei que o não terás: dá-me eſſe ferro: eu meſmo com elle me matarei. Ah cruel filho! tu és aquelle que me matas, eu ſou aquelle que ainda te amo, e te quero dar o ultimo abraço. *quer abraçallo.*

Nino. Pai, e Senhor, eſſe abraço ſó o reſervo para mo dares do ſolio; eu quero ficar por vós neſtas horroroſas trévas. Sahi, Senhor, ſahi dellas: o fiel Arbace alli vos eſpera para vos ſervir de guarda: a luz que ſahe do Carcere he pouca para o conhecimento: imaginarão os guardas, que eu que entrei com o General, ſou o que com elle ſaio. Para vos defender já tomárão os Grandes do Reino as armas; que no ſangue nobre ſempre ha lealdade: toda a demora ſerve de prejuizo. Ide, Senhor, eu fico, que aſſim vos quer matar o filho, que vos buſca.

Rey. Tu ficar aqui por mim? Oh filho da minha alma, e ſó a minha alegria, e a minha

ventura entre tantas deſgraças! Tornarei a reinar, e de hum impio, e ingrato coração poderei fazer exemplo, ſe torno ao ſolio..... Mas vamos, que com o teu amor mitigarei a minha vingança.

Nino. Com Arbace ſó póde ſahir hum de nós.

Rey. Não eſtimo a minha liberdade com o teu riſco; ſe tu aqui ficas, temo que.....

Nino. Eu vos livro, e tornando vós a reinar, não tenho que temer.

Rey. Vou buſcar a vida, e o Reino; mas primeiro que ſuba ao throno, aqui tornarei a buſcar-te. Adeos.

Nino. Livrai-vos, e reinai; mas tambem vos peço, que delle filho livreis a Mái.

Rey. Ah! porque deſſe coração generoſo não repartes com ella ingrata mulher? O ver em ti tanto amor, faz nella mais horrendo o odio. *Vai ſe.*

Nino. Já livrei a meu Pai, oh Deoſes! E que alegre eſtaria, ſe não temeſſe ainda a ſorte de huma Mái? Apenas de hum mal fujo, quando em outro topo. Tão grande he a multidão de meus pezares.....

Suſpende ſe ao eſtrondo que ſe faz, e ſahe Zomira com hum punhal na mão, e Soldados Bactros com eſpadas.

Zomir. Deſpi o ferro: Atalo, eu ſou Zomira, eſtes são os meus Bactros: iſto baſta para ſaberes o teu deſtino. Soldados, traſpaſſei aquelle peito, que o de meu Pai ferio. *Vão a ferillo.*

Nino.

Nino. Zomira, ſe eu hei de acabar, ſede vós, Senhora, a que me mateis.

Zomir. Suſpendei-vos, Soldados. Que vozes são eſtas? Ai de mim! He Nino?

Nino. Sim, Nino ſou, bella Zomira; mitigai os voſſos enfados, extingui eſſe odio: quereis vingar o ſangue de voſſo Pai? Aqui tendes o meu peito, traſpaſſai-o: mandai eſſes voſſos Soldados contra mim: acabe ás ſuas máos eſta infeliz vida; caia deſvanecida a voſſos pés; por todas as partes me firão; mas ſó lhe mandai que reſervem o meu coração para a voſſa eſpada, que não ſerá offenſa da voſſa imagem nelle eſculpida, ſendo voſſo o golpe.

Zomir. Que vos eſpalhe o ſangue? que vos traſpaſſe o coração me dizeis? Nino, não era eſte o meu intento. Eu ſim buſcava neſta prizão hum ſangue, mas não era o voſſo; ſómente em imaginar que o puz em riſco de ſe derramar, o meo nas veias ſe gela.

deixa cahir o punhal.

Nino. Se quereis derramar o de meu Pai, he vá, Senhora, eſſa piedade: ſe havemos morrer ambos, deixai que eu morra ſó. Zomira, Senhora, reparai que vos entrego o ferro. *levanta-o, e da-lho.* Eu vos offereço o peito; matai-me, e ſocegai já de todo eſſa ira; pois ſei que em eſpirar a voſſos pés, terei a minha gloria: mas ſó vos peço, que ao traſpaſſar-me o peito, me digais: Nino, eu perdo-o a teu Pai.

ajoelha.

Zomir.

Zomir. Baſta: levantai-vos, Nino, eſtou vencida, a minha vingança cede á minha dor, e ao meu affecto: o ſuſto de ter ſido a cauſa de te ver quaſi morto, me extingue o deſejo de acabar a teu Pai: apague ſe do meu penſamento de Zoroaſtro a ſombra: Atalo viva: a ſeus pés vou lançar eſte ferro, que lhe havia paſſar o peito; viva teu Pai, torne ao ſolio. Nino, eſcuta a Zomira: eu lhe perdoo.

Nino. Que ſemelhança tem o voſſo coração com a voſſa preſença? Zomira, agora daime a morte, que mais não quero.

Zomir. Eu dar-vos a morte? ah Nino! vós já de mim a não podeis temer, porque já ſabeis que vos chego a amar.

Nino. E he verdade, Senhora, que me amais?

ARIA.

Zomir. Já não póde o peito amante
Occultar o amor ardente:
Amo a ti Nino ſómente,
E a ti ſempre hei de adorar.
Já vencida me confeſſo,
E publico que te adoro:
Não te vendo, ſinto, e choro,
E me alegro em te aviſtar. *Vai-ſe.*

Nino. Socegada ſe vê a minha querida eſperança: em fim vejo já a ſua amada preſença depois de tanta tempeſtade: buſcarei a meu

meu Pai para de todo ſocegar o meu coração. *Vai-ſe.*

Sahe Faneca.

Fanec. Que deſgraçada mulher fui em vir a tal terra! Com ſuſtos na batalha, com ſuſtos no Palacio, e agora novo ſuſto com minha Ama, que ouço matára ElRei, e viera para aqui! Eu não ſei o que faço, nem aonde eſtou: entrei como louca pela cadea, quando até os guardas via della ſahir mais loucos do que eu; mas eu nem ſinto, nem vejo couſa alguma: os cabellos ſe me arrepião, as carnes me tremem. Ah Senhora, que ha de ſer de mim? Senhora?

Sahe Veſugo ao baſtidor com hum cobertor ás coſtas.

Veſug. Iſto ſerá couſa de encanto? Mandou-me para aqui a Rainha, porque eſcutava quando nada ouvia, e entendendo que tiraria o ſuſto da prizão com o ſono, me não deixão dormir hum bocado? Apenas me deito, quando outro motim ſe ouve, e o peior he que ſe achão as portas abertas, e ſem guardas: fó ouvi para aqui a modo de huns gritos de mulher que chora. Que ſerá iſto?

Fanec. Ah deſgraçada mulher! niſto vieſte a parar! *á part.*

Veſug. Tambem eu vim parar em eſtoutro. *á part.*

Fanec. Eu ſó, deſamparada, fóra da minha terra! *á part.*

Veſug.

Veſug. Tambem eu eſtou aſſim fóra de minha caſa. *á part.*

Fanec. Cativa, e preza ſem culpa. *á part.*

Veſug. Iſſo; eis-ahi o que eu padeço. Ui, quem ſerá eſta carpideira dos meus achaques? A rapariga deve ſaber da minha vida.

Fanec. Aqui morro ſem duvida.

Veſug. Iſſo agora he mais comprido, pois não quero que morra ſem luz: eu vou buſcalla depreſſa. *Vai-ſe.*

Fanec. Mas para eſta parte me parece que ſinto eſtrondo, hirei tenteando a ver ſe topo alguma peſſoa que me guie, e me ponha na porta por onde ſaia daqui, que eu já não ſei por onde vim, nem para onde vou. Mas ſe não me engano, para eſta parte me parece que vem huma luz. Sim para eſta parte. . . . .

Sahe Veſugo embrulhado no meſmo cobertor, e com huma candêa na mão.

Veſug. Ora menina, não morra ſem candêa.

Fanec. Ai mofina de mim!

Veſug. Não ſe aſſuſte de me ver, que eu ſou já couſa do outro mundo.

Fanec. Ah Senhora Zomira, acuda-me.

Veſug. Eſta he Faneca, que já a peſquei ao candeio. *á parte.*

Fanec. Senhor defunto, deixe-me, que eu não lhe tirei a ſua vida.

Veſug. Não; mas és a cauſa da minha morte.

Fanec. Pois que quer?

Veſug. Que não me faças penar.

Fanec.

Fanec. Eu o faço penar? Em que, Senhora alma?

Veſug. Em não concederes alguns favores a eſte pobre Veſugo.

Fanec. Ai negro mofino! voſſé era?

Veſug. Negro me chamas? Tens razão, pois ſou teu eſcravo.

Fanec. E porque eſtás aqui?

Veſug. Por ouvir.

Fanec. Só por iſſo?

Veſug. Sim; mas agora tambem eſtarei por apalpar: venha eſſe abraço.

Fanec. Como já vejo a porta, aſſim me auſentarei logando-o.

Apaga-lhe Faneca a luz, e vai-ſe.

Veſug. Ah perra, que me deixaſte ás boas noites, e aſſim meſmo ás eſcuras me hei de queixar dos teus rigores.

ARIA.

Se são teus olhos
Quem me dá luzes,
Em te auſentando
Eſtou penando
Sem nada ver.
Foſte-te, ingrata?
Oh que impaciencia!
Pois neſta auſencia
Cego hei de ſer. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Galaria correſpondente ao templo do Sol com throno deſtinado para receber dos Grandes do Reino as honras dos Reis de Aſſyria. Sahem Semiramis, Arbace, Grandes do Reino, e Povo.

Semir. GEneraes, poucos momentos reſtáo ao meu Imperio, e primeiro que da cabeça me deſça a Coroa, quero que de vós ſe adore a Mageſtade. Depoſtas as armas, cada hum a mim ſe incline: eu reino, e devo receber as honras devidas aos Reis. *Nenhum ſe move.* Em que ſe tarda, em que ſe imagina? Arbace, rende a eſpada, e a mim ajoelha, que os mais te ſeguiráõ, pois com o teu exemplo os advertes.

Arbac. Náo ſe deve tanta honra, a quem hum ſó dia reina; de nós ſó a deve ter aquelle, que nalceo para reinar: nada ſe deve a quem por morte, e por engano ſe quer fazer Rainha; aſſim depõem a eſpada Arbace, e aſſim ſe inclina.

Deſpe Arbace a eſpada, e juntamente os mais.

Semir. E contra quem, traidores, ſe deſpe o ferro? Contra mim? Contra a voſſa Rainha?

Sabe Idaſpe.

Idaſp. Aſſyrios, he morto o voſſo Rei, Zomira

mira executou o golpe : eu a vi armada com os ſeus Soldados , entrar na prizão a dar-lhe morte ; o Palacio eſtá já cercado dos meus : a Rainha de Aſſyria ſois vós , e aſſim.....

Sahe El Rei.

Arbac. Eſte he o voſſo Rei , a ſeus pés ponho a eſpada. *ajoelha*

Semir. Tu me enganaſte , Idaſpe.

Rey. Semiramis , (que eſte he ſó o nome que te reſta da tua deſgraça) ſó tu tiveſte a culpa : já minha eſpoſa não ſerás : o que devia ſer a tua gloria , ſe converteo em infelicidade.

Semir. Atalo , eu ainda ſou a tua Rainha : por tal me reconhece : do Solio ſó quero deſcer morta , e não deſprezada.

Rey. Eu te farei deſcer ; mas primeiro ſe traga Nino da prizão donde me tirou.

Semir. Ah filho amado ! oh triſte Mái , ſe o golpe ſe executou !

Sahe Zomira.

Zomir. Sim , executado eſtá o golpe : a vós quiz dar a morte com os meus Bactros na prizão : entre aquellas trévas imaginei vos tirava a vida.

Semir. Morreo meu filho ? Oh infeliz ! que mais me falta ? *Deſce do throno.* Atalo , apreſſa a minha morte , agora he que de todo ſou cumplice no delicto ; não baſta que o Ceo caſtigue o meu penſamento com o erro

do

do golpe. Para ti era a morte, e a meu filho ſe deu? O conſelho da execução dei a Zomira, porque o fruto queria da tua morte, e não a culpa: agora te peço que eſpalhes o meu ſangue junto ao do meu filho, e deſta que a vida lhe roubou, eu ſerei.....

vai a ferir Zomira.

Sahe Nino.

Nino. Mãi, e Senhora, que fazeis? A morte quereis dar a quem a vida devo?

Semir. Ainda vivo te vejo? Oh filho amado!

Rey. Que he o que vejo?

Zomir. Deſterre-ſe a voſſa ſuſpensão: quando entendi que deſafogava a minha pena dando a morte a Atalo, vingando a que deu a meu Pai, em ſeu lugar encontrei a Nino: á ſua preſença ſuſpendi o golpe: a ira, e o enfado ſe converteo em amor, por elle, e por ti.

aos dous.

Rey. No ſer generoſa te manifeſtas juſta.

Semir. Bella Zomira, agora ſei que foi comtigo injuſto o meu odio; porém emende-ſe com huma dadiva o erro: ſe te he agradavel a mão de Nino, da minha a toma.

Idaſp. Que fazeis, Senhora? A mão de Zomira não he minha? Cumpri a promeſſa, tereis o Reino. Em meu poder eſtá o Palacio, pois o tenho cercado; Atalo ha de morrer, e vós reinar.

Semir. Não, Idaſpe; ſobre aquelle throno, que tanto deſejei vi todos os meus infortunios,

e

e chorei todos os meus erros: obrou baſtantemente o meu furor: não quero o Reino, que he ſó de outro.

Idaſp. Se o não quereis reger, eu ſempre me quero vingar. Atalo ás minhas mãos reſervou o Ceo o teu caſtigo. Olá Bactros, ſegui o meu mando, e ao que ſe oppuzer haveis de caſtigar.

Rey. A tanto ſe arroja hum priſioneiro?

Nino. Eu vos defendo, Senhor.

Zomir A gloria de vos livrar quero ſó para mim. Bactros, quem vos governa he *Zomira*. Idaſpe, deponde as armas, e fóra do cerco de Palacio guardai as minhas ordens. Eu ſou a voſſa Rainha, eu ſou a que vos mando.

Idaſp. Ah Zomira, e não baſtava deſprezar a fé de quem te adora, ſenão ainda buſcas eſta vingança! *Quer bir-ſe.*

Rey. Não o deixeis auſentar.

Semir. Já és Rei, Atalo, já eſtás livre, não demores mais o meu caſtigo.

Nino. Pai, e Senhor, ſe hum filho... *ajoelha.*

Rey. Levanta-te; não quero eſcutar os teus rogos. Tu com falſa caricia, com enganoſa arte, Semiramis, o throno me pediſte, e depois não ſó a liberdade, mas a vida tirar-me quizeſte?

Semir. Já ſei que ſou ré da morte; iſſo baſta, vinga-te na minha vida, que eu vou já eſperar firme o golpe. *quer irſe.*

Rey. Suſpendei-a. Não imagines que ſerei tão

cruel

cruel comtigo, como tu comigo foſte tyranna: lembra-me, que te amo, e te amei muito: eſta memoria apaga aquella ira: eſqueço me da offenſa, e te perdoo o delicto.

Semir. Oh meu Rei, oh meu eſpoſo, agora mais que nunca ſoubeſte triunfar.

Rey. A vós, Idaſpe, já que tanto vos agrada o meu ſangue, eu vos entrego o Reino: eſta he a minha vingança.

Idaſp. Agora ſó a mim ſoubeſte vencer.

Nino. Já que ſois tão generoſo, oh Pai, com o voſſo inimigo, deixai que eu tambem o ſeja com o meu competidor. A mão de Roſana voſſa filha, por eſta de Zomira ſe dê a Idaſpe.

Rey. Não lha quero negar, ſe elle a chega a querer.

Idaſp. Mais que o meu throno eſtimo eſpoſa tão nobre.

Sahe de huma parte Faneca, e da outra Veſugo.

Veſug. Eſtimo que hoje ſeja dia de deſpoſorios, que tenho de pedir huma mercê.

Rey. Qual he?

Veſug. Queria que eſtes dous peixes ſe ajuntaſſem na ſelha da deſpoſação.

Rey. Não te entendo.

Veſug. Queria ajuntar a mão deſte Veſugo com a barbatana daquella Faneca a modo de quem caſava.

Rey. Eu por mim to diſpenſo.

Veſug. Voſſa Mageſtade muitos annos por eſte mal que me faz.

Fanec.

Fanec. Pois ſe não quer, ſaudades.
Veſug. Calla-te ahi tolla, que iſto he zombaria.
Rey. Ultimamente a vós, bella Zemira, por comprir o juramento, que dei a voſſo Pai, ſe quereis por eſpoſo a Nino, aqui o tendes: já ſois Rainha dos Bactros, eſte he o voſſo ſolio.
Zomir. Sigo o deſtino dos aſtros. Acceito a mão de Nino, com toda a alma.

CORO.

Vivão felices
No regio Throno;
Aſſiſta Hymenêo
A taes deſpoſorios.

FIM.

OS ENCANTOS DE MERLIM,

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico da Mouraria no anno de 1741.

INTERLOCUTORES.

Polidoro, *Principe de Polonia, amante de Roſimunda.*
Floriandro, *Sobrinho d'elRei, amante de Policena.*
ElRei de Ungria.
Roſimunda, *Princeza de Ungria.*
Policena, *Sobrinha d'elRei de Moſcovia.*
Merlim, *Magico Criado de Polidoro.*
Bigorrilhas, *Sevandija de Palacio.*
Celeſtina, *Criada de Roſimunda.*
Muſicos, Criados, e Soldados.

SCE-

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Montes , e mar.*
II. *Sala.*
III. *Jardim.*
IV. *Boſque.*

SCENAS DO II ACTO.

I. *Sala.*
II. *Ante-Sala.*
III. *Quarto de Celeſtina.*
IV. *Sala.*
V. *Pomar com huma arvore.*
VI. *Montes.*
VII. *Campo de batalha.*
VIII. *Cidade , e janellas com luminarias.*
IX. *Pomar.*
X. *Sala.*
XI. *Beſques.*
XII. *Montes , e no fim hum poço.*
XIII. *Boſque.*
XIV. *Jardim com caniços, e dous Satyros.*
XV. *Sala de eſtatuas.*

ACTO I.

SCENA I.

Eſta primeira mutação he ametade Boſque, e ametade mar. Acabada a abertura dos inſtrumentos, correm a cortina, e no interior do Theatro ſe fingirá noite eſcura, e ſoará algum eſtrondo de tempeſtade, com trovões, e relampagos, e a huma parte ſe cantará o ſeguinte

CORO.

Horrivel tormenta
De injuſtos rigores
Padece entre ardores
Hum peito que amante
Se vê naufragante
Nos golfos de amor.

Ao outro lado ſoaráõ confuſas vozes de navegantes.

Dentr. TErrivel tempeſtade; parece que contra nós outros, conjurados todos os quatro elementos, nos conduzem á ultima ruina.

Outr. Piedade Ceos Seberanos.

Creſce a tempeſtade com maior eſtrondo, e horror, e tornão a cantar o ſeguinte

CORO.

Mas tão animoſo
No empenho amoroſo,
Que não deſalenta,
Nen ſente deſmaios,
Na furia dos raios,
No centro de horror.

Dentr. Perdidos ſomos: já a não ſem governo, levada das furias das ondas, ſe encaminha áquella viſinha rocha, para acabar deſpedaçada.

1. Ai de mim infeliz!
2. Ai que me afogo!

Polid. Favor piedoſos Ceos.

Vai ſerenando a tempeſtade algum tanto, e apparecendo alguma luz ainda de longe. Sahe Floriano, e Criados.

Flor. Mal logrei o meu intento, pois com o horror da tempeſtade chegarião muito confuſos os écos da minha queixa aos ouvidos da ingrata Policena.

1. Má noite para deſcante.
2. Antes boa; porque o Ceo nos fez os baixos com trovões.
3. A função foi de eſtrondo.

Flor. Reuremo-nos para a Cidade, antes que

a luz do dia nos ponha em publico o que ſó fiei das ſombras da noite. *Vai-ſe.*

1. Vamos, que em tres dias de bom ſol não enxugo o meu veſtido: tenho medo que alguem me coma, porque vou feito huma ſopa. *Vai-ſe.*
2. Levas com tigo, Fileno, algum dinheiro?
3. Algum levo.
2. Pois eu amigo vou pingando. *Vão ſe.*

Hirá ſahindo o Sol, e ſe executará hum amanhecer o melhor que for poſſivel, e ſahe Merlim de caminho com alforjes ao hombro.

Merl. Ora ſalvè Deos a voſſa mercês: aqui venho eu, tamanho, e tão gordo. Por certo que eſtou huma galante figura! Mas com quem fallo eu? nem que aqui eſtivera muita gente! Mal peccado, que iſſo aſſim fôra! Não, eſtá iſto muito dezerto! Grande trabalho he caminhar ſó, e a pé! A noite parece que vinha á poſta comigo, porque correo tanto, que me apanhou neſte ſitio, e tambem me apanhára a chuva, e a tempeſtade, ſe não achára aqui á mão, ou ao pé eſta concavidade, em que me hoſpedou a ſenhora noſſa Mãi: alli achei huma cama que foi hum paſmo! não teria ella pulgas, nem porſovejos; mas quanto a ſer mole, iſſo como hum calhão. Tanto que me vi recolhido quiz pegar no ſono; mas não o pude agarrar, nem com quanta força tinha; e o que mais

me

me eſcandaliſou, foi entrar a enxurrada pela porta dentro a fazer-me huma viſita, ſem me dizer agoa vai. Eu quanto que vi a cova cheia, confeſſo que me deu a agoa pela barba; e como me vi tão frio, e tão molhado, eu não ſoccegaria nada; mas dormi como pedra em poço. Ei-lo vai, eu dou tudo por bem empregado, ſó por não fazer pela manhã contas com a hoſpeda. Ora Senhor Merlim, iſto he Sol fóra, quem ſe ha de hir já não chove, vamo-nos caminho de Buda, que he a Corte deſte Reino de Ungria, a ver ſe achamos lá melhor forruna que em Alva Real, que para mim foi Alva de Cão, pois me querião lá dar pão de perros. Verdade ſeja que não era premio indigno do meu merecimento; pois graças ao Senhor Pedro Bayalarde, que me fez a mim Pedro de Malas artes, enſinando-me em paga de ſervillo em Pariz, a magica branca, que para mim foi negra magica, pois não tem faltado quem pelas minhas traveſſuras me quizeſſe colher ás mãos, ſe agora me não eſcapaſſe por pés. Com que tal, ſim Senhor, para cá, para lá, foi, e tornou, torna que deixa. (*ri-ſe.*) Ah Senhores! ver como eu eſtou converſando comigo, nem que eu fora alguem! Sempre tive eſte coſtume de fallar ſó: mas ai, ai, ai, eſperem voſſes, cá eſtá hum Palacio mui grandioſo: não tinha reparado! Ora eu eſtou na Aldeia, e não vejo as caſas.

Polid.

Polid. Não ha quem me ſoccorra neſte aperto? *Dentro.*

repara Merlim.

Merl. Mas peior he eſta; cá eſtá hum miſeravel homem por iſtantes navegando para o outro mundo, e deve de eſtar-ſe deſpedindo daquelle páo, porque lhe eſtá dando hum abraço muito apertado. Coitadinho, elle eſtá de ſorte que huma onda ſe lhe vai, e outra ſe lhe vem: ora quero hir a ſoccorrelo, que em fazer bem nada ſe perde.

Vai ſe, e pela outra parte ſahe ElRei olhando para a parte por onde foi Merlim.

Rey. Naufragante infeliz, a quem o rigor do fado já prepara ſepulchro de chyſtal, não te deſanime neſte extremo conflicto o adverſo influxo da tua eſtrella, que a pezar de ſuas inclemencias o Ceo te prepara remedio a tanto damno, por meio da generoſa promptidão, com que já te ſoccorre o peregrino valor deſſe eſtrangeiro caminhante. Oh galhardo eſpirito! quanta inveja cauſas a meu Real peito! Parece que as ondas lhe obedecem, ſuſpendendo os impulſos da ſua furia, para dar lugar aos arrojos do ſeu valor; já corta o argentado campo, já chega ao miſero fluctuante, já o toma em ſeus hombros, e já o conduz á ſeca praia. Conſeguio hum troféo da meſma morte, uſurpando hum triunfo á Parca dura. Não ficará ſem premio o ſeu valor. Já o infeliz navegante beija a amada terra,

terra, já rende ao Ceo as graças, já abraça eſtreitamente a ſeu animoſo bemfeitor, e já com vagaroſos paſſos ſe encaminhão ambos á minha preſença.

Sahem Merlim, e Polidoro.

Merl. Venho feito hum frango enſopado.

Polid. Quem te deve a vida, em toda ella te ſaberá ſer agradecido: não deixarei ſem premio tanto beneficio.

Merl. Oh mal poſſo eu deſconfiar da paga, ſe já cá tenho a molhadura. Mas olá, temos gente no campo? Quem ſerá eſte cavalheiro tão circunſpecto?

Polid. Rara preſença de Ancião!

Rey. Não vos ſuſpendais de ver-me, que em mim de admirar-vos são mais dignas as ſuſpensões.

Amb. Qual he a razão que a iſſo vos move?

Polid. Hum naufrago infeliz.

Merl. Hum humilde caminhante.

Rey. Em ti me admirão as adverſidades de huma infauſta ſorte, cujo porfiado rigor não pára até offender os alentos da meſma vida. Em ti me ſuſpenderão as ouſadias de hum eſpirito bizarro, cujo elevado valor não deſcança até triunfar dos impulſos da meſma morte.

Polid. Antes, Senhor, aonde ſe apura mais o rigor de huma adverſa fortuna, he em dilatar os paſſos da vida para repetir muitas vezes os trances da morte; pois quando o

viver

viver tudo he infortunio, pôr-lhe ao fim embaraços, he tirar-lhe os limites ao tormento.

Merl. Pois eu cá no que toca a mim nunca me tive por táo valente, como agora vos pareci. Eu arrenego do demonio! não me creou para iſſo minha Mái: valente! ſalvo tal lugar, nunca ninguem tal me diſſe.

Rey. Chamar-vos valoroſo he fazer-vos injuria?

Merl. E muito atroz.

Rey. Novo eſtylo de modeſtia.

Merl. Pois ha couſa peior que ter huma peſſoa o fadario de valente? (que he peior que o de labiſome?) Ter valor he andar continuamente com hum inimigo, que conduz aos perigos, e mete nos apertos: ſó por não andar em bocas do mundo ſe não póde ſer valente, pois huns lhe chamáo o bufáo, outros o arrojado, outros o filho da velha, outros o filho da folha; e huns dizem que he tezo como hum alho, outros que não ſe rende a páo molle; e de mais que eu ſempre ouvi chamar por deſprezo, valente ſalvagem, valente eſneirão, e quem he valente diz que parte com o dente huma couſa, a que me não chega a lingua. Não ſenhor, eu não quero ſer valente, nem eu fiz acção de valor em livrar hum homem do poder de huma obobora.

Rey. Abobora chamas ao mar?

Merl. Sim, Senhor, que abobora he agoa.

Rey. Bom humor gaſtas.

Merl.

Merl. Enganais-vos, Senhor.

Rey. Porque?

Merl. Porque ſe eu o gaſtára, não o tivera.

Rey. Parece-me que encobres mais do que em ti moſtras. E vós quem ſois, que a voſſa galharda preſença eſtá dizendo em vós mais do que de vós eſpero ouvir?

Polid. Aſſim ſe me faz preciſo. *á part.* Eu, Senhor, ſou Polidoro, hum particular Cavalheiro de Polonia.

Rey. Que? De Polonia ſois? Até o nome deſſas Provincias ſe eſcuta com horror neſtas partes de Ungria, pelas ardentes, e contínuas guerras, que ha tantos annos exiſtem; de que tem naſcido a grande aversão que ſe conſerva entre os Principes de hum, e outro Reino.

Polid. Sorte inimiga! a Ungria me arrojaſtes! que bem fiz em encobrir meu Real naſcimento. *á part.*

Rey. Continuai a narração dos voſſos ſucceſſos.

Polid. Suppoſto já tendes noticia da minha qualidade, e da minha patria, agora ſabereis o motivo com que della ſahi. Em dous luſtros de idade perdi o abrigo materno, em cujo alento com intempeſtivo golpe, cortou a Parca em poucos annos muitas primaveras. Com juſtiſſimos motivos ſe achou meu Pai obrigado a reduzir ſegunda vez a liberdade aos eſtreitos laços de Hymenêo. Feita a eleição, e renovadas as luzes nupciaes, em companhia de quem havia ſubſtituir o lugar da

pri-

primeira eſpoſa, veio huma galharda Dama, ſobrinha ſua, a qual inclinada por influxos de aſtrella, ou movida por impulſos de amor, deu em querer me, creſcendo nella a affeição com o trato, ao paſſo que em mim creſcia a dureza com a porfia; que como huma vontade livre ſe não ſujeita a pagar obrigações, quando amor o não inclina a correſponder com affectos, ſempre em mim achou tibiezas, quanto mais em incendios ſe abrazava. Vivendo pois com amor, ainda que ſem eſperança, paſſeava huma tarde ſó, e penſativa, coſtumado exercicio de ſeu cuidado, pelas ribeiras do mar, de onde huns Corſarios, que emboſcados eſtavão em o receptaculo de humas cavadas penhas, a roubárão, levando-a comſigo ſem duvida a Regiões remotas. Publicou-ſe o rapto, e fiando ſó de mim o cuidado de tão importante diligencia, obrigado eu do preceito paterno, muitos mezes ha que infructiferamente a buſco, vagando em huma bem artilhada náo, por viſinhos, e diſtantes mares, com inceſſante diligencia, até que trocada a tranquillidade da ventura em horrivel borraſca de Neptuno, agitado da violencia dos mares o nadante lenho veio a achar neſſas viſinhas rochas a ultima certeza do naufragio; do qual eu fóra ſem duvida miſeravel deſpojo, a não valer-me a animoſa piedade deſte paſſageiro.

Merl. Elle he hum criadinho de v. m.

Rey.

Rey. Compadecido de voſſos infortunios, vos offereço no meu Palacio abrigo, e reparo a tantos damnos. E tu quem és, como te chamas, e aonde caminhas?

Merl. Muito pergunta o Senhor Velho, elle não deve ſer ahi qualquer peſſoa. *á part.* Como me perguntas por junto, he neceſſario reſponder-te por partes, para que aſſim fiques mais ſatisfeito. Em quanto ao como me chamo, reſpondo: que eu não ſou o que me chamo: os outros he que me chamão a mim, e por iſſo ha varias opiniões; porque cada qual diz da feſta, como lhe vai nella: huns chamão-me bom homem, outros pedaço d'aſno, outros filho de hum bebado, outros filho de huma.....

Rey Baſta: não são eſſes nomes os que te pergunto, ſenão o teu proprio nome?

Merl. Sabe Deos qual delles me vem mais proprio; mas ſe pertendes ſaber o que meus Pais me pozerão, parece-me que he Merlim; porém dahi valha a verdade, que eu era tão criança que mal me lembra.

Rey. O nome eſtá adequando, porque tu me pareces mui ſagaz.

Merl. Quem? eu? ágora (*riſe.*) Oh lembre-me Deos em bem; a ſegunda pergunta he que te diga quem ſou; a iſſo te reſponderei eu bem depreſſa.

Rey. Dize pois quem és?

Merl. Sou eu, não he aſſim?

Rey. Até ahi vejo eu; a qualidade de teus Pais he que quero ſaber.

Merl.

Merl. Iſſo agora he mais comprido, eu não me metto com as vidas alheas: ainda aſſim de minha Mãi poderei dizer, que era Angelica Godinha, mas de meu Pai advinhai lá.

Rey. Bem te acreditas.

Merl. Eu bem ſei que faço mal em me gabar; mas não eſtá mais na minha mão.

Rey. De que eſféra erão teus Pais?

Merl. Meu Pai da quarta, e minha Mãi da quinta.

Rey. Como aſſim?

Merl. He que meu Pai era aguadeiro, e minha Mãi hortolôa.

Rey. Falta agora que me ſatisfaças á terceira pergunta, que he para onde vás?

Merl. A eſſa os Anjos lhe reſpondão.

Rey. Tu não pódes?

Merl. Pois alguem neſte mundo ſabe para onde vai? Eſta noite vinha eu para dormir, e não dormi nada. Mas ah ſim: já ſei para onde vou.

Rey. Dize.

Merl. Vou para quarenta annos, que já fiz os trinta e nove. Mas agora a fallar a verdade, o meu intento era hir viver para a Corte.

Rey. Pois ficarás em Palacio, porque goſto da tua galanteria; e para mudares de veſtido, ahi tens eſſa bolça.

Merl. Vivais, Senhor, mil annos, que ſem deſembolçar dinheiro, me ſoubeſtes encher as medidas. Quem ſerá eſte cavalheiro, que dá bolças, e offerece Palacios? *á part.*

Polid.

Polid. De Principe dá moſtras a generoſa gravidade deſte bizarro ſujeito. *á part.*

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Já, Senhor, eſtá prevenida, e junta a gente para a caçada, como V. Mageſtade ordenou.

Polid. Que he iſto adverſa ſorte! Nas mãos vim dar de meu inimigo. *á part.*

Merl. Pois que vai! Não he menos que ElRei todo inteiro. *á part.*

Polid. Senhor. *ajoelha.*

Merl. Senhor. *ajoelha.*

Polid. Perdoai-me o deſconhecer em vós a Mageſtade, ſuppoſto que ignorar-vos a ſoberanîa não foi ultrajar-vos o reſpeito.

Merl. Eu ſim conheci que V. Mageſtade era peſſoa Real; mas não lho diſſe logo na cara, porque eu cá nunca fui amigo de deitar nada em roſto.

Rey. Em que o conheceſte?

Merl. Aſſim que me ſahio o trunfo de ouros, logo conheci a ElRei pela moeda.

Rey. Em Palacio vos eſpero achar a ambos, quando voltar da caçada. *Vai-ſe.*

Amb. Ambos levamos intereſſe na obediencia. *Vão-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Sala. Sahe Policena.

Polic. SAudoſas memorias, inſtrumentos crueis de meus martyrios, que em ſucceſſivo mal, de inſtante a inſtente me augmentais os pezares, negando-me até a eſperança dos allivios. Oh como ſois renazes! occaſionando de noite os meus deſvellos, motivando de dia os meus cuidados! Padeço noite, e dia. Só não acha o meu peito, nem na ſombra o deſcanço, nem na luz a alegria. Ai Polonia, doce patria dos meus deſcanços! quanto ſem ti padeço! Ai Polidoro, galhardo aſſumpto dos meus cuidados, quanto ſem mim te alegrarás! No proprio domicilio deixei a quem adoro mal correſpondida: na alheia terra achei a quem me adora deſprezado. Ai Polidoro, ai Floriandro! ſe ſe trocaſſe em voſſos peitos a dureza de hum, com a brandura de outro; nem ſentiria as importunações que me affligem, nem choraria os deſvios que me atormentão: mas já que a ſolidão me convida, e tenho aſſumpto em meus males, quero dar ao vento os écos de minhas vozes, unico allivio com que ſuaviſo os meus pezares.

Canta Policena a ſeguinte

ARIA.

Ai doces lembraças,
Se a ſorte em mudanças
Vos fez impiedades;
Matar-me a ſaudades
He duro rigor.
Do mal he o matar-me
Pois a recordar-me
A perda das glorias,
He dar ás memorias,
As forças da dor.

Sahem Roſimunda, e Celeſtina.

Roſim. Que bem ſentidas triſtezas! Que farão as alegrias a quem ſe recrêa com os pezares?

Polic. Os meus, Senhora, são táo grandes, que ſó por exceſſivos produzem contrarios effeitos.

Celeſt. Eu ſou baſtantemente mavioſa; mas confeſſo que me náo peza com os teus males, ſó por te ouvir queixar cantando.

Polid. He, Celeſtina, tal a tua liſonja, que me náo eſcandaliſo da tua impiedade.

Roſim. Náo darás, Policena, alguma breve pauſa ás tuas penas, ſe quer por moſtrar-te agradecida aos carinhos com que te ſabe tratar o meu amor!

Polic. Attenta a eſſa circumſtancia, muitas vezes quero

reprimir as minhas afflicções ; mas vendo-ſe embaraçadas as ancias , he tal a força com que me affligem , que ás vezes temo morrer , mais que da mágoa , daviolencia.

Celeſt. Ai Senhora , não faças tal , padece á tua vontade , chora a teu goſto , que a Princeza minha Senhora não he de ceremonias.

Roſim. Bem ſei que as ſaudades da Patria (da qual , nem da tua qualidade nunca me quizeſte informar) são baſtante motivo para os teus pezares ; mas a eſtimação grande com que te ſabe tratar o meu cuidado , pudera cauſar-te algum allivio.

Polic. Pois conſervo a vida , bem moſtro o que devo ao teu favor ; pois niſſo ſe reconhece mais poderoſo o teu amparo , que o meu tormento.

Roſim. De hum amante de quem vivias mal correſpondida , ſentes excelſivamente a ſeparação ; neſſa parte te não poſſo achar razão ; pois tendo aqui outro de quem te vês adorada com tal exceſſo , que ſendo Primo meu , e ignorando a eſféra do teu naſcimento , te prerende eſpoſa , attrahido das raras circumſtancias com que te dotou a natureza ; choras por quem te deſpreza , e offendes a quem te idolatra ?

Polic. Bem reconheço a verdade com que me argues : mas não fora o amor cégo , a ter olhos para ver as circumſtancias que me ponderas.

Celeſt. Ai Senhora , não ſejas daquellas , que ſe querem levadas por mal. *Roſim.*

Roſim. Ama a quem te buſca, que he pagar huma divida, e deixa a quem te foge, que he caſtigar huma offenſa.

Celeſt. Senhora, olha que ſe nos trocárão os papeis.

Roſim. Não te entendo.

Celeſt. Pois tu não eſtás perſuadindo a Policena, que queira a teu Primo Floriandro?

Roſim. Sim.

Celeſt. Pois iſſo na minha terra he ſer terceira, (por não dizer outra couſa que acaba tambem em eira) e eſſe officio he mais proprio das lacaias, que das Princezas!

Polic. Dá-me licença, Senhora, que me retire ao meu quarto, que aſſim o pede a minha indiſpoſição. *Vai-ſe.*

Roſim. Vai, Policena, que o meu goſto he o teu deſcanço.

Celeſt. Que te parece? E não deferio á tua propoſta.

Roſim. Quem he tão diſcreta diz mais com o ſilencio, que com as vozes. Notavel amor conſerva!

Celeſt. Por iſſo elle ſe lhe não tem perdido, porque o deitou de conſerva. A menina he firme como huma rocha.

Roſim. O tempo, e a diſtancia a farão mudar de parecer.

Celeſt. Para iſſo não he neceſſario tantas couſas, ainda que muitas couſas são neceſſarias.

Roſim. Explica-te.

Celeſt. Eu conheço mulheres, que por virtude de

certos ingredientes tem huma cara pela manhã, e outra á tade: vê tu se há maior facilidade em mudar de parecer. Mas fallando a outro propoſito; viſtes, Senhora, eſte novo hoſpede, que o mar nos deitou a eſtas praias?

Roſim. Não o vi: mas já me gabárão a ſuà preſença.

Celeſt. He bom enxergar; pois cuidei que era ſó eu quem o tinha viſto, e foi da janela da minha caſa; pois ſeguro-te que he bizarro, a pezar dos infortunios, e outro que com elle entrou em Palacio, que tem modo de grande maroto.

Roſim. E por iſſo te agrada?

Celeſt. Sim, Senhora, he couſa que ſe dá bem com o meu eſtomago.

Roſim. Ai amor; e que novo eſtylo de render com teu imperio o meu alvedrio he o que comigo uſaſte? He poſſivel que hum retrato mudo, huma pintura ſem alma (que acaſo achei entre os quadros de hum Jardim) foſſe Aſpid, que ſe occultou entre as flores para ferir-me com o ſeu venenoſo impulſo! *á p.*

Celeſt. Não ſei que manîa dá á menina de certos dias a eſta parte, que humas vezes fica paſmadinha, e outras ſe póem a roſnar por entre os dentes! Eu a não entendo, e receio que lhe entraſſe alguma couſa no corpo: ella eſtá divertida, quero deixalla ſó comſigo, e ver ſe poſſo ver aos meus toraſteiros. *Vai-ſe.*

Roſim.

Roſim. As letras que circulão a breve eſféra do retrato, manifeſtão ſer do Principe Polidoro. Eſte ſem duvida he o de Polonia, circunſtancias que impoſſibilitão mais o meu empenho amoroſo; por cauſa das inimizades que ha entre eſtes Reinos. Só me deixou Celeſtina, parece que me advinhou os penſamentos. Ora quero dar alimento aos olhos com o formoſo objecto das minhas idolatrias.

tira o retrato.

SONETO.

Galhardo objecto, peregrino em tudo,
Em não fallar não perdes o animado:
De ver-me a ti rendida no admirado,
Antes mais vivo eſtás quanto mais mudo.
Quando admirar tanto primor acudo,
Acho que com aſſombro duplicado,
Se vê no original, e no traslado,
Da natureza, e da arte hum douto eſtudo.
O elegante pincel tanto procura
Expreſſar o eſplendor, que na viveza
Brilhão luzes ás ſombras da pintura.
Neſſa afronta feliz da natureza,
Não ſó eſtá com eſpirito a figura,
Toda a alma eſtá em ti da gentileza.

Sahe Polidoro.

Polid. Regiamente adornadas ſe admirão as ſalas deſte ſumptuoſo Palacio. Mas quem aqui! *ficão ambos ſuſpenſos.*

Roſim. Mas quem aqui, ſem reparar.....

Polid. Raro aſſombro da gentileza! *á part.*

Roſim. Prodigioſo acaſo da ventura! *á part.*

Polid. Eſta deve ſer a Princeza Roſimunda! *á part.*

Roſim. Eſte não he o original deſte retrato? *á p.*

Polid. Não me atrevo a fallar de ſuſpenſo! *á part.*

Roſim. Não acerto a diſcorrer de admirada! *á p.*

Polid. Senhora, perdoai a hum Eſtrangeiro peregrino a ouſadia de chegar á voſſa real preſença, ſe póde a ignorancia deſculpar o atrevimento.

Roſim. Immovel me deixou eſta impenſada viſta. *á part.*

Polid. Já o voſſo ſilencio, Senhora, eſtá accuſando a minha inadvertencia; por não ſer alvo de voſſas iras, quero retirar-me dos voſſos olhos.

Roſim. Suſpendei o paſſo. Ai de mim! que dos meus olhos a culpa.... não ſei o que digo. *á part.*

Polid. Socagai, Senhora, a perturbação que a minha preſença vos cauſa; que ſuppoſto que do Reino de Neptuno me arrojou a fortuna a eſtas Regiões, não ſou nenhum monſtro marinho que vos intimide: alma racional me informa com que vos adore.

Roſim. Antes eſtais tão fóra de intimidar-me, que julgo ſegunda vez ſe origina amor das eſpumas do mar. Decóro não te percas. *á p.*

Polid. Em vós ſó devo contemplar a origem do amor; pois em vós ſó admiro a formoſura de Venus. Alma não te precipites. *á p.*

Roſim.

Roſim. Não vos toca a vós applaudir-me neſſa parte: ouſado me pareceis.

Polid. Eu, Senhora, ſe vós, de amor.... mal me explico. *á part.*

Roſim. Por mais que queira diſſimular eſta paixão, mal o conſigo. Eſtranha força de amor! *á part.*

Polid. Senhora, a humildade do meu ſujeito podeis perdoar eſta ſegunda inadvertencia. Move-ſe a lingua pelos effeitos da alma.

Roſim. He novo modo de deſculpar-vos. Aggravar de novo a culpa, affectos ſignifica?

Polid. Ninguem póde reſiſtir-ſe aos impulſos ſoberanos. No humano peito produz os ſeus effeitos huma divina belleza. Quem chega a ver vos preciſamente ha de adorar-vos; pois antes fora ſacrilega deſattenção não render adorações, quem contempla divindades.

Roſim. Bem viſto eſtais nas frazes amantes; mas buſcai objecto mais proporcionado. Que embarace o meu decoro o que appetece o meu cuidado! *á part.*

Polid. Bem reconheço, Senhora, que he tanta a diſtancia, que vai da humildade da minha peſſoa, ao elevado da voſſa ſoberania; que ainda que ſe articalem na minha boca as expreſsões verdadeiras, chegarão aos voſſos ouvidos diminutas.

Roſim. Agora me offendeis mais por enganoſo, que por atrevido. Pois quereis negar cavilo-ſo a igualdade que comigo tendes?

Polid. Que eſcuto, temores? *á part.*

Roſim.

Roſim. Não ſois vós o Princípe Polidoro?

Polid. Ainda que o queira negar a minha lingua, mal o diſſimula o meu ſemblante. *á p.*

Roſim. Já a voſſa alteração me confeſſou, quanto pudera eſperar de voſſas palavras.

Ao baſtidor por huma parte Celeſtina, e por outra Merlim.

Merl. Oh, ei-lo cá eſtá. Graças a Deos que já achei o menino perdido!

Celeſt. Oh, ei-lo acolá vem. Depois de andar quebrando as pernas, olhem onde o vim achar!

Polid. Vede, Senhora, que me não vai menos que a vida, em occultar-vos o que de vós fio.

Celeſt. Oh elle he dos que fião, pois cedo ſe perderá.

Roſim. Se vós me fias a vida, muito ha que vos entreguei a alma.

Merl. Ui, Senhores, eſte homem ſerá o diabo?

Vem ſahindo Celeſtina, e Merlim.

Roſim. Gente vem, eu me retiro: adeos Polidoro.

Polid. Força he auſentar-me: o Ceo guarde a Voſſa Alteza.

Roſim. Alma, vamos a ſentir novos cuidados.

Vai-ſe.

Polid. Amor, vamos a intentar altas emprezas.

Vai-ſe.

Merl. Ora iſſo he ceremonia: ſe eu ſoubera que havia de vir a deſaccomodar.....

Celeſt.

Celeſt. Ora iſſo para mim he eſcuſado : ſe eu ſoubera que havia vir a deſpejar a caſa. . . .

Merl. Mas já vejo que não vim de balde.

Celeſt. Mas quero finjir-me aſſuſtada. Ai , ai ! quem he ? apello eu !

Merl. Ai menina , não ſe aſſuſte , que não he nada; tão feio ſou eu que lhe meto medo?

Celeſt. Pois eu havia pôr os meus olhos na ſua cara para fazer exame.

Merl. Ouve , oh menina , ponha os ſeus olhos na minha cara , e verá como ſou bonito.

Celeſt. Bonito !

Merl. E tanto que lhe hei de levar os olhos.

Celeſt. Não levará por certo ; antes cegue que tal veja. Ai , ai como he feio !

Merl. Iſſo são os olhos de v. m. Que he iſto ? já me vio ? que ? eſcapou-lhe algum olho ?

Celeſt. E diz bem , que hum olho he ſó o que lhe podia pôr.

Merl. Eu ſou ſervidor de v. m.

Celeſt. Eu aſſento niſſo.

Merl. Que lhe faça muito bom proveito ; mas deſſa ſorte não ſei ſe a fará limpa.

Celeſt. Não , porque voſſé ſempre ha de ficar ſujo da contenda.

Merl. Fóra com a menina , que aſſim he trampoſa ! Oh , tire-me de huma duvida ; voſſé he privada cá em Palacio ? Quero dizer , ſe tem valimento com a Princeza nas couſas ſecretas ?

Celeſt. Cuida que o não entendo , porcalhão ?

Merl.

Merl. Ah tal agrado ! o modo he feiticeiro.
Celeſt. Deve ſer algum basbaque.
Merl. O, carinhos renderáõ pedras.
Celeſt. Vá-ſe embora alforreca da praia.
Merl. Eu me vou rodilha da chaminé, eſtregão da coſinha, eu me vou.

Faz que ſe vai.

Celeſt. Ai meus peccados, que ſe vai embora. *á parte.* Cio, ah Senhor, iſſo vai de veras?
Merl. Por iſſo eſtava eu morrendo. *á part.* Pois ſe vejo que me deſprezas, que queres tu que eu mais eſpere? Se continúas, vou-me como hum paſſarinho.
Celeſt. Tanto me queres já, que pódes morrer por mim?
Merl. Ui? pois não, e tu amas-me?
Celeſt. Muito: morro por ti, como gato por caſtanhas.
Merl. Olhem o amor da bisbilhoteira!
Celeſt. Vejão a eſtimação com que me trata!
Merl. He bem tirada das canelas.
Celeſt. As finezas chovem.
Merl. Vá-ſe dahi palmilha ſuada.
Celeſt. Sim me hirei, fantaſma com bigodes, viſão com calças; ſim me hirei.

faz que ſe vai.

Merl. Ai coitado de mim, que ella eſgueira-ſe. *á part.* Cio; Senhora, ouve? pois adeos?
Celeſt. Por iſſo eſtava eu eſperando. *á part.* Pois ſe vejo que me maltratas, que queres tu que eu faça? Se proſegues, adeos dinheiro.

Merl.

Merl. Ora Senhora, já que ſomos iguaes, e ſemelhantes nos genios, tratemos de nos querer daqui em diante, e deixemos razões.

Celeſt. Eu venho niſſo.

Sahe Bigorrillhas ao baſtidor.

Bigor. Que eſtará aqui fazendo ha tanto tempo eſte paſſageiro intruſo? Ai, ai, que cá eſtá tambem Celeſtina! Ai, ai, ai, eu quero ver ſe a colho em algum gualdiperio.

Celeſt. Pois Merlim, lo dicho, dicho.

Merl. Pois Celeſtina, manos a la obra.

Bigor. Póde haver maior pouca vergonha! Ajuſtando-ſe eſtão: ella prega-me certamente. Oh zelos, que como cães danados me eſtais atraſſalhando o coração: eu eſtou feito hum arenque de fumo; eu ſaio a embaraçar eſte damno, uſando da minha jurisdição. Quem eſtá aqui? *ſahe.*

Merl. He boa pergunta eſſa, nem que fizera muito eſcuro: pois v. m. não enxerga?

Celeſt. Ai coitada de mim!

Bigor. E vós, Celeſtina, que fazeis aqui com eſte homem?

Celeſt. Eu não faço nada com elle, iſſo he fallar.

Bigor. Pois em que eſtavas fallando?

Merl. Ah Senhora, o Senhor he ſeu Pai?

Celeſt. Eſtava-mos fallando nas guerras do Turco.

Bigor. Que vos importão a vós as mortes alheas? E vós com que licença entraſtes aqui neſtas ſalas? *para Merlim.*

Merl.

Merl. Com huma que aqui trago na algibeira.
Bigor. Boa graça! moſtrai-ma cá.
Merl. Sim, Senhor, com muito boa vontade: eſpere, quéla ver?
Bigor. Quero.
Merl. Pois não a tenho aqui.
Celeſt. He deſcambado.
Bigor. Oh vollé atreve-ſe ao meu reſpeito? Não ſabe que ſou Porteiro de Palacio?
Merl. Coitadinho! ſinto muito vello por portas.
Bigor. Vá ſe logo embora.
Merl. Eu não me poſſo hir.
Bigor. Porque não.
Merl. Porque tenho hum pé dormente. Celebre figura he o tal Porteiro! Ora eu quero uſar com elle a primeira traveſſura. *á part.*
Bigor. Eu vou chamar guardas, e então veremos o que vai.
Celeſt. Bigorrilhas, ora não.
Merl. Celeſtina, não eſtranhes o que vires. Ora Senhor venha v. m. cá, não ſe enfade, que eu quero já fazer tudo o que v. m. quizer. *para Bigor.*
Bigor. Não ha que tratar.
Celeſt. Ora peço-lhe eu iſſo.
Bigor. Não ha que fazer.
Celeſt. e Merl. Suſpende o rigor.
Bigor. Eſtou arrematado.
Merl. Pois ſe eſtá arrematado, he neceſſario prendello.
Bigor. Prender-me a mim? boa graça!

Vai

Vai ſubindo Bigorrilhas em huma columna, que ſe levanta do chão, e em eſtando no alto, virá de cima huma gaiola, e ficará mettido nella.

Bigor. Mas ai, ai, ai, que me levão os diabos por eſſes ares, e ventos! Não ha quem me acuda?

Celeſt. Eu eſtou tolla de tal ver.

Merl. Ora veja; voſſé eſtava contra mim, e no cabo por minha cauſa ſe vê em tantas alturas.

Bigor. Tomára-me eu ver por terra antes do que ver-me neſtes augmentos.

Celeſt. Agora não te deſvaneças de teres ſubido tanto.

Bigor. O que a mim ſe me deſvanece he a cabeça: eu deito-me daqui abaixo, mais que quebre huma perna.

Celeſt. Então ficas ſem pés, nem cabeça.

Merl. Sou tanto teu amigo, que te hei de embaraçar eſſa deſgraça. *vem a gaiola.*

Bigor. Peior he eſta! Eu prezo, Senhores? Tirem-me daqui, que eu não goſto de gaiolas.

Celeſt. Pois do que eſtá dentro nellas? huma figa.

Cantão Celeſtina, e Merlim a ſeguinte

ARIA A DUO.

Celeſt. Senhor Bigorrilhas.
Merl. Senhor Farrobilhas.
Celeſt. Se ao ar as amola.
Merl. Se eſtá de gaiola.
Amb. Queremos ſaber
Que caſta de paſſaro he voſſé.
Celeſt. Eſtá de poleiro?
Merl. He gallo cazeiro?
Celeſt. Mas olha ao ſumaio.
Merl. Pois he Papagaio.
Celeſt. Meu lourinho.
Merl. Coitadinho.
Celeſt. Dá cá o pé.
Merl. O outro, perro.
Celeſt. Toma, ah
Quer morder?
Amb. Vejão eſta ave,
Que graças que tem
Morde, e dá couces
Pedindo-lhe o pé.

Vão ſe, e em deſcendo a columna, voa a gaiola.

Bigor. Ah que d'ElRei quem me acode, que eſtou já cançado de andar abaixo, e acima; iſto he feitiçaria: eſte Palacio eſtá endemoninhado.

Sabem

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Quem eſtá aqui dando tamanhos gritos?

Bigor. Quem ha de ſer? ſou eu: não me virão na gaiola? pois eu bem alto eſtive.

Sold. 2. Que gaiola?

Bigor. Aquella em que eu eſtive á dependura.

Sold. 1. Elle eſtá louco.

Sold. 2. Ora ande, rontarrão, não eſteja aqui amotinando o Palacio.

Bigor. Vamos, que elles hão de mo pagar á poderes que eu poſſa.

SCENA III.

Jardim. Sahem por huma parte Policena, e por outra Floriandro, ſem verem hum ao outro.

Flor. FLorida Eſtancia, onde vive de Abril eterna a pompa!

Polic. Verde retiro, onde ſó permanece a Primavera.

Flor. A buſcar venho entre voſſas plantas huma flor animada, de quem eu ſou amante gyraſol.

Polic. A buſcar venho entre voſſos agradaveis labyrinthos allivio ao meu mal, já que nelles perdi a copia do meu bem.

Ambos. Colhei pois.

Flor. Oh Policena!

Polic. Oh Floriandro!

Flor.

Flor. Quanto devo á ventura o bem de ver-te!
Polic. Quanto me offende a ſorte no mal de encontrar-te!
Flor. Tanto te deſagrada a minha viſta?
Polic. Sim, que como te devo tantas finezas, ſempre a viſta do crédor ſe faz odioſa a quem ſe impoſſibilita de pagar as dividas. Tanto te alegra a minha preſença?
Flor. Sim, que como te contemplo tão divina, ſempre que te vejo ſe renova em mim o goſto de adorar-te.
Polic. Notavel he a ſua tyrannia. *á part.* Oh quem pudera achar meios para abrandar tantas durezas.
Flor. Em fim, meu bem, nem eſperança me pódes dar de que algum dia ſerei ditoſo com teu favor?
Polic. Não ſei; deixa-me, Floriandro.
Flor. Tanto te offendo em querer-te?
Polic. Sim, que as tuas perſuasões augmentão os meus martyrios.

Canta Floriandro a ſeguinte

ARIA.

Banha o mar as rochas duras,
E ſe abrandão tarde, ou cedo
As durezas do rochedo
Aos combates do chyſtal.
Só nos mares de meu pranto,
Com que enternecer procuro,
Cada vez acho mais duro,
O teu peito, e o meu mal.

Polic.

Polic. Bem reconheço, Floriandro, o quanto te devo em querer, e o quanto deves ſer querido pelas raras circumſtancias com que te enriqueceo a natureza; mas he tanta a minha deſgraça, que reconhecendo a divida, não poſſo pagar a obrigação.

Sahe Roſimunda.

Flor. Oh dura ſorte! oh rigoroſa eſtrella! Que eſteja deſattendido o merito, porque póde mais a força da minha deſgraça, que o exceſſo do meu amor!

Roſim. Primo Floriandro, como vai de cuidados? Ainda ha razão para a queixa?

Flor. Ai Senhora, que vieſſe eſta peregrina belleza ſem ſe ſaber de donde, nem como, a ſer inquietação do meu ſocego, a ſer tyranna da minha vida! Sem duvida que o Deos de amor offendido, de que a izenção de meu peito negaſſe culto a ſeus altares, quiz mandar eſte appetecido caſtigo á minha liberdade, eſta doce prizão ao meu alvedrio.

Roſim. Como he appetecido o caſtigo, ſempre ſerá glorioſa a pena; e como he doce a prizão, ſempre ſerá ſuave o cativeiro.

Flor. São taes os affectos de amor, que alimenta com o que mata, e attrahe com o que tyranniza.

Roſim. Pois para que ſe queixa quem ama, ſe acha goſto no que padece!

Polido-

Polidoro ao baſtidor.

Polid. Aqui eſtá Roſimunda, e Flòriandro; eſcutarei o que tratão.

Flor. Eu me explico melhor neſte

SONETO.

Ardo amante, e na chama appetecida,
Morro do alivio, vivo do tormento;
Se do mal, que me mata, me alimento,
Não me vai no morrer menos que a vida.
A buſcar eſte incendio me convida
No deſmaio mortal mais vivo alento:
Quando a morte he da vida hum novo augmento,
Solicitão-ſe os golpes do homicida.
He tudo extremo quanto a amar ſe ordena:
Sigo hum mal donde a vida eſtá notoria,
Hum bem deixo que á morte me condena.
No rendimento alcanço huma vitoria:
Que importa pois viver de amor na pena,
Se aſſim conſigo de morrer a gloria?

Roſim. Em quem ha tanta diſerição deixará de render-ſe? Que dureza não abrandará tanta eloquencia!

Polid. Iſto não he outra couſa que perſuadir Floriandro, e render-ſe Roſimunda.

Flor. Ai amada Prima, ſe eu foſſe tão feliz, que aſſim me ſuccedeſſe.

Roſim. Não deſmaies na empreza, que não deixarás de alcançar o vencimento.

Polid.

Polid. Declarados eſtão os meus ciumes. Injuſtos fados, apenas me entreguei aos mares de amor, logo periguei nas ſyrtes dos zelos. Mais terrivel naufragio he eſte ſegundo, que aquelle primeiro; pois em hum periga a vida, e em outro fluctua a alma.

Roſim. He notavel o exceſſo, com que adoras.

Flor. Tambem he notavel o obejecto que idolatro.

Polid. Quero ſahir á ſua preſença para moſtrar que ſei a ſua culpa.

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. Sua Mageſtade, Senhor Floriandro, perguntou por vós.

Flor. Com licença de V. A. hirei ſaber o que me ordena. *Vai ſe.*

Sahe Polidoro.

Roſim. Polidoro.

Polid. Já Polidoro não vive.

Roſim. Os meus olhos teſtemunhão o contrario.

Polid. Engana-ſe a voſſa viſta; porque não póde enganar-ſe o meu ouvido.

Roſim. Eſſe ſeria mais facil de enganar-ſe; mas não te entendo.

Polid. Não he muito, que eu a mim meſmo me ignoro.

Roſim. Declara-te mais.

Polid. Não ſei, mas baſte que ſe declare a minha offenſa.

Roſim. Que dizes? que offenſa? Notavel inquietação te altera!

Polid. Poderei, Senhora, pois de outro amor embaraçada ſe ſentia a alma, não dar lugar a que.....

Roſim. Enigmas ſão quanto me propões: de quem te queixas?

Polid. Da minha injuſta eſtrella.

Canta Polidoro o ſeguinte

RECITADO.

Naufragante infeliz, que derrotado
Das iras de Neptuno combatido
Me vi quaſi entre as ondas ſubmergido,
Porém favoreceo-me adverſo o fado;
Que da vida infeliz no beneficio
Se moſtrou mais adverſo, que propicio.

ARIA.

Que importa que o mar irado
Que importa que o fero vento
Neſſe liquido elemento
Me intentaſſe ſepultar.
Oh mal haja o duro fado
Que a mais ancias me deſtina
Se em livrar-me da ruina
Me conduz a naufragar.

Sahem por huma parte Merlim, e por outra Celeſtina apreſſados.

Merl. Senhor.

Celeſt. Senhora.

Merl. Aviſar-te venho de muitas novidades.

Celeſt.

Celeſt. A buſcar-te venho da parte d'ElRei.

Merl. O' Senhor, tem occaſião de brilhar.

Polid Em que?

Merl. Não vê que levão preza a Roſimunda? pois uſa do teu valor, e tira-a das máos á juſtiça.

Polid. Adeos Senhora, e juntamente me concede licença para retirar-me para a minha Patria, pois que ElRei meu Senhor me não impede a partida.

Roſim. Se meu Pai não quer impedilla, eu ſaberei embaraçalla. *Vai-ſe.*

Celeſt. Ora pegue-lhe lá com hum trapo quente.

Merl. Máo! Eſtás embargado na eſtalagem? Pois de veras vas-te? Para que he iſſo? Se tu eſtás prezo, como has de auſentar-te? Eu apoſtarei que te não vás, ainda que te deitem a páo.

Polid. Sempre, Merlim eſtás para graças? Oh ſe ſouberas quanto padece quem ama!

Merl. Boa graça! Pois tu cuidas que eu ſou tão papa páo, que não tenha o meu fataçaz de amor muito formoſo?

Polid. Como o amor he ſentimento, tu que te alegras, não deves ter amor.

Merl. Ai Senhor, ambos o temos; mas tu tens hum amor choramigas, e eu hum amor de rir, e folgar. Mas fallando ao ſerio, ſabe que ElRei chama ſua filha, e a Floriandro, para fazer huma conſulta ſobre o ſeu caſamento; porque varios Principes a pedem para eſpoſa; e como já entre nós não ha ſegre-

dos, pois tu já ſabes as minhas manhas, e eu as tuas qualidades, eu me offereço a ajudar-te neſte empenho.

Polid. Eu a dar-te o premio empenhado eſtou.

Merl. Eu terei induſtria para examinar tudo o que ſe paſſa, porque com huma prenda de meu meſtre Pedro de Bayalarde, que he hum anel magico, que faz inviſivel a quem o traz no dedo, poſſo entrar em qualquer parte ſeguro de ſer viſto.

Polid. Pois, Merlim, não gaſtes tempo; e pois eſſa luminoſa cauſa dos deſpenhos Icareos, corre a boſcar nas ondas refrigerio a ſeus ardores, na alameda eſpero a tua noticia. *Vai-ſe.*

Merl. Alli vem Celeſtina, ſupponho que me biſpou, e vem a mim direita como huma ſetta; mas eu não lhe poſſo por ora ſer bom. Mas ai, ai, ai, cá vem por outra parte tambem o celebre Bigorrilhas, e vem-ſe a mim como hum raio: deixem-me tirar o anel, e fazer-lhe huma peſſa, porque agora he preciſo acudir a maior empenho.

Sabem por huma parte Celeſtina, e por outra Bigorrilhas apreſſados, e ao chegar elle, ſe faz Merlim inviſivel, e elles ficão admirados.

Bigor. Senhor Merlim.

Celeſt. Senhor Merlim.

Amb. Aqui ſe pagão ellas.

Merl. Anel *me fecit.*

Amb. Mas que he iſto!

Bigor. Ha caſo ſemelhante!

Celeſt.

Celeſt. Ha caſo mais notavel!

Merl. Como ficárão tolinhos feitos figura de matachins! Eu venho já. *Vai-ſe.*

Bigor. Eu eſtou eſtupefacto.

Celeſt. Eu eſtou eſpavorida.

Bigor. Eu havia jurar que era Merlim.

Celeſt. Que era Merlim havia de affirmar.

Bigor. Aquelle homem he o diabo em carne humana.

Celeſt. Se elle não he feiticeiro, não ha verdade nas cartas.

Bigor. Ora Senhora Celeſtina, eu entendo que o fazella a v. m. Madre toca ao Senhor Merlim.

Celeſt. Veja como falla no meu credito.

Bigor. Que? arde-lhe? Voſſé quer moſtrar que quem ſe queima alhos come?

Celeſt. Alhos comerá elle para villão ruim.

Bigor. Cuida que lhe não entendo as ſuas alhadas?

Celeſt. Iſto he couſa que ſe crêa? Bom anda o meu credito.

Bigor. Bom? nunca eu o vi mais achacado, e peior ha de ſer em eu fazendo queixa a ElRei.

Canta Celeſtina a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Mofino, porco, ſujo, fedorento,
Cara de mono, orelha de jumento,
Oh permitta a fortuna em teus pezares,

Que

Que quando chocalhares,
Ao mover eſſa lingua mal dizente,
Cada palavra te eſmigalhe hum dente,
E que acabes a hiſtoria de contado,
Porque fiques de todo deſdentado.

ARIA.

Ai de mim que fui fazer!
Eu irada contra ti?
Mas ſe niſto te offendi,
Já te quero enternecer:
Promette de não fallar,
Se não vê que hei de chorar.
Ai, ai, ai, que não tem dó,
Se te chego a perſuadir,
Não me dês mais que ſentir,
Olha que to peço eu:
E tu ſerás ſempre o meu
Macaquinho, quinho có.

Sahe Merlim ao baſtidor.

Merl. Ora cá eſtamos todos.

Bigor. Por certo que me tem laſtimado as tuas lagrimas, ainda que me tem offendido as tuas iras.

Celeſt. Has de fazer queixa de mim?

Bigor. Ai amor, que me tens feito o coração n'um crivo.

Celeſt. Muito me importa que elle não deſcubra de mim nada. *á part.* Não fallas? não reſpondes?

Merl.

Merl. Com muito carinho lhe falla, e muito ſe chega á rapariga.
Bigor. Só o não farei ſe voſſé fizer huma couſa.
Celeſt. Eu, conforme ella for.
Bigor. Pois he.
Merl. Ora anda.
Bigor. Que tu.
Merl. Ora toma.
Bigor. Queres.
Merl. Aduba.
Bigor. Dár-me.
Merl. Dá-lhe, que dá-lhe.
Celeſt. Ai, acaba de declarar-te.
Bigor. Eu tenho muita vergonha.
Merl. Boa nova para o pai da criança.
Celeſt. Com iſſo te ſahes agora?
Bigor. Pois quero que voſſé me dê hum abraço muito apertado.
Merl. Iſſo he muito apertar com os amigos.
Bigor. Pois que dizes?
Merl. Quem calla parece que conſente.
Celeſt. Eu que hei de dizer? Se tu queres, toma-o, mas não to hei de dar, que não tenho confiança para iſſo.
Bigor. Sou contente: ora eu vou lá.
Merl. Ah pobre Merlim.
Celeſt. Que? tenha mão para lá, ha de primeiro prometter.
Bigor. Ui, quanto tu quizeres.
Celeſt. De não dizer nada de mim, nem de Merlim.
Merl. Iſto he defender-me, ou aggravar-me?

Bigor.

Bigor. Eu prometto.
Celeſt. Ora levante o dedo para o ar.
Bigor. Aqui eſtá levantado.
Merl. O homem tem dedo para a couſa; mas logo verá o que lhe ſuccede.
Celeſt. Ora vem já, antes que venha alguem.
Bigor. Eu vou meu bem; eſtá-me bailando o coração no peito.

Ao querer chegar, no meio dos dous ſe levantarão muitas chammas, e Celeſtina ſe vai por huma parte, e Bigorrilhas quer hir para a outra.

Bigor. Mas ai, ai, ai! que me abrazo! que me queimo! Os favores de Celeſtina, são fogo viſte lingoiça, e eu vou-me com o fogo no rabo.

Sahe hum diabrete.

Diab. Ora venha cá eſſe abraço.
Bigor. Peior he eſta, Senhor diabo deixe-me, aſſim noſſo Senhor lhe dê ſaude. Ai que me faz deitar o bofe pela boca fóra; olhe que ſe me matar, que não havemos ſer mais amigos.

Vai-ſe o diabrete, e continúa Bigorrilhas.

Bigor. Vai-te com dous mil demonios, que eu me vou por eſta parte.

Sahe hum touro.

Bigor. Ai que encontro tão terrivel! Quem me acode,

acode, que morro nas pontas de hum touro. Lá vão quatro coſtellas dentro; confiſsão.

Sahe Merlim.

Merl. Que he iſto, Bigorrilhas?

Bigor. Que ha de ſer? hum touro, que me tratou deſta ſorte.

Merl. Eſſa ſorte foi azar.

Bigor. Ai, ai, ai.

Merl. Coitadinho!

Bigor. No diabo não fallo eu.

Merl. Nem iſſo he couſa em que ſe falle. Se quererá elle mais abraços? *á part.*

Bigor. Ajuda me, Merlim, que em ſarando, eu deixarei o Palacio, que aqui andão os diabos ſoltos. Ai!

Merl. Não chores, que iſſo não he nada.

SCENA IV.

Boſque. Sahem Policena, e Celeſtina.

Celeſt. NEſte ſitio, Senhora, onde o Zefiro brandamente reſpira, cauſando hum ſuave rumor nas folhas que move, pódes hum pouco divertir-te, em quanto para o meſmo effeito vou conduzir a Roſimunda.

Polic. Agradavel retiro para o meu cuidado: aqui o ſilencio apenas interrompido do brando movimento deſtes verdes ramos, eſtá convidando a contemplações amantes: aqui parece tem a ſua propria habitação a ſaude.

Celeſt.

Celeſt. Folgo muito que te agrade. E no entanto vou aviſar a Floriandro, que já me pagou de antemão o encontro, que aqui deſeja ter ſó com ella. *á part.* Fica pois dando allivio ao teu cuidado, e não te auſentes até que eu não torne com a Princeza. *Vai ſe.*

Polic. Aqui eſpero. Notavel inquietação me tem cauſado a perda do retrato de Polidoro; pois ſendo achado, preciſamente ſerei conhecida: deſgraças minhas ſão, e novas ingratidões ſuas: ouvi boſques as minhas queixas.

SONETO.

Já paſſa a ſer verdade o fingimento
De hum cruel, de hum ingrato na figura;
Pois dar não quiz nos longes da pintura,
Nem por ſombras allivio ao meu tormento.
Deixou-me, e não ſó da arte no portento,
O inanimado daſmentir procura:
As ſemelhanças que o pincel apura
Lhe acreditão vital o movimento
Não ſómente no engano colorido
Com vida o contemplei; mas do ſeu trato
Hum traslado fiel foi o fingido:
Pois na copia que imita o termo ingrato,
Se oſtenta o exemplar mais parecido
Quanto mais de mim foge o ſeu retrato.

Mas que digo, que novidade he fugir-me hum ingrato a quem amo, hum tyranno a quem buſco, ſe nelle ſempre reconheceo tibiezas o meu cuidado? Oh duro rigor!

Quem

Quem ſempre ha de deſprezar hum amoroſo effeito!

Merl. Polidoro. *Dentro.*

Polic. Mas que eſcuto! O nome não ouvi de Polidoro? Ou eſta voz foi oraculo do deſengano, ou fantazia do deſejo. Admirada me tem neſte novo acaſo. Amor ſem duvida toma por ſua conta o affligir-me com maior eſpecialidade, talvez caſtigando com as certezas da ingratidão que ſinto, as que injuſtamente moſtro, quando reconheço, que ſómente ſabe adorar-me.

Rey. Floriandro. *Dentro.*

Polic. Já não póde enganar-me o meu ouvido; pois ſegunda vez me reſponde o verdadeiro oraculo deſtas ſelvas. Em rara ſuſpensão me vejo!

Sahe Polidoro.

Polid. A voz de Merlim ouvi, que ſem duvida anda buſcando-me; mas como não tornou a chamar-me, perdi o tino, ſem ſaber aonde. Porém que eſtão vendo meus olhos? He ſonho, ou verdade o que experimento?

Polic. Que prodigioſo acaſo! Darei credito á viſta, ou ſerá illuſão da fantazia?

Polid. Policena, he poſſivel que a ventura me depare, quando menos o eſperava, o que ha tanto tempo buſco?

Polic. He poſſivel que venha a encontrar depois de tantos déſvelos, o que tanto tenho deſejado?

Sahe Roſimunda ao baſtidor.

Roſim. Aqui encoberta deſtes verdes ramos verei o que paſſa Floriandro com Policena. Mas que vejo, penas! Polidoro he o que em lugar de Floriandro ſe acha!

Polic. Náo ſei como agradeça á ſorte o goſto de ver-te: ainda náo creio a minha ventura.

Polid. Feliz foi a minha daſgraça, ſe o naufragio que padeci neſſas rochas foi caminho para chegar a eſta fortuna. Ai Roſimunda adorada! *á parte.*

Roſim. Ah traidor! Ah falſo! E para iſto affectaſte ciumes, acumulando aggravos a quem ſó deves finezas?

Polid. Oh quanto ha que te buſco para allivio de tantos cuidados que te eſperáo.

Polic. Bem me tira a duvida, de que são os cuidados ſeus.

Sahe ao outro lado Floriandro.

Flor. ElRei me anda buſcando, pois a ſua voz ouvi; porém quero primeiro ver ſe poſſo neſte ſitio ver a cauſa de meus tormentos. Porém que he iſto, pezares! o meu lugar ſe acha ſubſtituido de hum eſtrangeiro peregrino?

Polid. Socega pois o peito, que já a ventura ſe nos moſtra favoravel.

Polic. Já com a tua viſta ſe allivião as memorias, e ſaudades que me affligem o coraçáo. Ai Polidoro ſe me amáras! *á part.*

Flor.

Flor. Ah cruel! ah tyranna! Para iſto me moſtravas rigores, deſprezando o meu nobre amor, ſe tão depreſſa te rendes a hum pobre, e derrotado peregrino?

Polid. Socega pois Policena, e diſſimula até que eu execute o que tu verás.

Sahe Roſimunda irada.

Roſim. Não verás, infiel, que primeiro verás tu os eſtragos do meu furor.

Polid. Ha mais infortunios, amor!

Polic. Não tenhas, Senhora, por infidelidade ao meu proceder até que eu o contrario te moſtre.

Sahe Floriandro.

Flor. Não me moſtrarás, tyranna, antes moſtrarei reduzida a cinzas a cauſa de tanto ardor.

Polic. Não julgues, Senhor, que..... ſem vida alento. *á part.*

Polid. Não imagines, Senhora, que.... ſem alma reſpiro. *á part.*

Cantão Roſimunda, Floriandro, Polidoro, e Policena o ſeguinte

RECITADO A 4.

Roſim. Oh mal haja quem fia na lealdade
De quem na fé de amor vive ſuſpeito.

Flor. Oh mal haja o que rende hum firme peito,
A quem tem por firmeza a variedade.

Polid. Oh não tenhas de falſo em vil conceito

A quem ſó ſe alimenta da verdade.
Polic. Oh não ſupponhas da inconſtancia effeito
O bem que o peito alcança
Que amar a vida nunca foi mudança.

ARIA.

Flor. e Roſim. Oh tyrano Deos Cupido,
Que apurando o teu rigor,
A quem mais ſe vê rendido
Es injuſto, infiel traidor.
Polic. Que feitiços me tens feito
O' Cupido ſuprior
Que ſinto abrazar-me o peito,
E appeteço mais o ardor.
Polid. Leve a vida o ſentimento
Que em tal pena, oh Deos de amor,
Será eterno o meu tormento
Se não morro a tanta dor.
Flor. Oh tyranno Deos Cupido
Polic. Que feitiços me tens feito!
Roſim. Es injuſto, infiel traidor.
Polic. O' Cupido ſuperior.
Polid. Leve a vida o ſentimento
Flor. Es injuſto
Polid. Oh Deos de amor.
Polic. Que feitiços me tens feito
Roſim. Es injuſto, infiel traidor.

Sahem Merlim ao baſtidor.

Merl. Grande rumor aqui ſe eſcuta, que ſerá?

Sahe

Sahe ElRei ao outro lado.

Rey. Não ſei que vozes confuzas aqui ouço, o motivo ſaber quero.

Já o Theatro eſtará com pouca luz.

Roſim. Não ſei como tenho ſoffrimento para não vingar-me deſta aleivoſa.

Flor. Não ſei como não ſatisfaço a minha cólera neſte tyranno.

Sahe ElRei.

Rey. Suſpendei os furores, e dizei-me a cauſa de tanto exceſſo.

Merl. Aqui he preciſo valer-me das minhas habilidades, e tomar differente fórma para livrar a Polidoro. *Vai-ſe.*

Rey. Floriandro, quem póde ſer motivo deſta confusão?

Flor. Eſſe aleivoſo que..... Mas diga-o Roſimunda, que a cólera me não deixa expreſsões para relatallo, quando mais me embaraça o teu reſpeito. *Vai-ſe.*

Rey. De ti, Roſimunda, eſpero a noticia do que cada vez mais ignoro.

Roſim. Eſſe monſtro de traições..... Mas a tua ſoberana preſença me perturba. Diga-o Policena, que ella melhor que todos o ſabe. *Vai-ſe.*

Rey. Declara tu, Policena, eſte enigma.

Polic. Pois de ambos he huma a cauſa, diga-o o Principe Polidoro. *Vai-ſe.*

Sahe

Sahe Merlim junto a Polidoro veſtido de galego, e diz para Polidoro.

Merl. Com eſte anel te pódes encobrir, va-te.

Vai-ſe.

Rey. Que he o que eſcuto! O Principe Polidoro! Alguma traição receio. Olá guardas, tragão aqui luzes.

Sahem dous Soldados.

Sold 1. Que nos manda V. Mageſtade?

Rey. Segurai-me eſſe traidor.

Sahe do chão huma véla aceza.

Merl. Não he neceſſario mandar buſcar luzes mais longe.

Sahem por huma parte Bigorrilbas, e Celeſtina por outra.

Celeſt. Que bulha ſerá eſta?

Bigor. Que motim ſerá eſte?

Rey. Chegai me eſſa luz, que aqui tudo são prodigios.

Vai Bigorrilbas a pegar na véla, e dá-lhe hum tremor.

Bigor. Ai! que he iſto! Eu eſtou tremendo por mim.

Rey. Cheguem-me eſſa luz.

Bigor. Eu não poſſo: ai, ai, que eſtou azougado.

Merl. Eſtá galante bule bule.

Rey.

Rey. Já a minha impaciencia me ſuffoca.
Celeſt. Moſtra cá eſſa luz, e vai-te abafar que eſtás com a ſezão.
Bigor. Ahi a tens.
Celeſt. Ai coitadinha de mim que me pegou o mal; e eu eſtou com convulsões.
Merl. Ella ahi em tremuras.
Celeſt. Quem me tira iſto da mão, que já não poſſo eſtar mais tempo da-lhe que darás.
Rey. Dai-me eſſa luz, barbaros. *pega na véla.*
Celeſt. Ora vejão, e ficou-me a mão toda pingada.
Bigor. Olá, ſó ElRei não ficou tremulo.

Vai ElRei chegar a Merlim, e voa-lhe a véla.

Rey. Raro aſſombro! Aqui ha grande traição.
Merl. Adeos luzes.
Bigor. Bolaverunt.
Celeſt. Deixou voar a véla; mas não eſtá mais na ſua mão.

Sahem dous guardas com luzes.

Rey. Mas maior aſſombro he o que admiro, e vejo. Que differente objecto he eſte do que até aqui imaginava!
Merl. Ora olhem de que ſe admira.
Bigor. Ui, Senhores; donde veio eſte pinto calçudo?
Celeſt. Galante badameco.
Rey. Homem, ou aborto vil deſtes boſques, dize quem és?
Merl. Eu num eſtou aborco neſtes broſques

capor porque num me bem eſtar em pé? Ai Senhores num me façáo mal ai, ai.

Rey. Sem mim eſtou! Como eſtás neſta Região?

Merl. Avijam? nome de ſoventa hora! Eu num ſum avijam nem coiza do oitro mundo.

Rey. Digo quem aqui te conduzio?

Merl. Aqui ninguem me conſumio, ſómente voſſas merces agora he que o faram ſe quigerem ſer ſerbidos.

Rey. Já perco a paciencia: homem falla verdade, e reſponde ao que te pergunto.

Merl. Se eu ſoiber, eu fallarei a berdade; mas canto ao mais, eu num ſom táo mal enſinado, que reſponda a boſſa remerencia.

Rey. Quem te mandou a eſte ſitio?

Merl. Nós biemos eu a mais oitros oito camaradas da noſſa terrinha pelegrinando ſe boſſa remerencia nos déſſe huma eſmólinha muito bem á máo, ſe num paciencia.

Rey. E com que intento vierão.

Merl. Nós num trouvemos jumento nenhum.

Bigor. Eu eſtou eſtalando pelas ilhargas.

Celeſt. Se ElRei náo eſtivera táo enfadado, eu já tinha ſoltado a gargalhada.

Sold. 1. Homem vê o que fazes, náo te finjas, e ſe és o que pareces, dize quem aqui te mandou.

Sold. 2. Se náo vê que ElRei te mandará tirar a vida.

Merl. O Senhor he ElRei? Ora loibado ſeja Deos, eu cuidaba que ElRei era oitra coiſa:

elle

elle tem o meſmo que eu tenho, e tambem anda com as pernas.

Sold. 1. Reſponde ao que te perguntão, e tem reſpeito a Sua Mageſtade. *da-lhe.*

Merl. Ai, ai, ai. A' delRei num ha juſtiça, num ha quem me acuda, lá bai o mei braço.

Rey. Não chores; vem cá, dize que terra he a tua?

Merl. Eu ſom nacidiço de Monſon, e lá me bem huma Abó das partes de Lugo, num ai num falo eu, que num he para falare: em canto cabidal num hei bergonha de nenhum; porque mei Pai me deixou humas coirelas de binhas, e mais catro bicos muito bons com que paſſaba muito bem remediado: mas ſamicas doi ao demo huns amoricos, que tuve com huma cachopa, que ſe chamaba Madanela, porque por amor della me ſahi, e para mor della me derreátão o palaio, e antances.....

Rey. Baſta, baſta, que já não ha ſoffrimento para ouvir-te. Ai de mim! grande mal receio! Soldados, levai eſſe homem, e prendei-o na torre de Palacio, que á manhã confeſſará no tormento, o que hoje nega cauteloſo. *Vai-ſe.*

Bigor. Ora criado Senhor Galego, voſſé não quer reſponder a propoſito; pois á manhã lho perguntaráõ. *Vai-ſe.*

Merl. Num, num hão de fazer mal, má oxa.

Celeſt. Lá verás quando te chegarem a roupa ao couro. *Vai-ſe.*

Merl. Boce num ſave com quem falla.

Sold. 1. Ora ande não dê ralhos.

Merl. Digo que num quero.

Sold. 2. O' magano he atrevido?

Merl. Bá lá dar no diabo; cuida que num ha juſtiça, tome, tome. *da-lhe.*

Sold. 1. O' inſolente, reſiſte, venha amarrado, que ha de ficar prezo a huma corrente.

Merl. Num me corro com iſſo (á manhã o vereis.) *á part.*

Sold. 2. Ande prezo.

Merl. Ora eſcuitem, que ſe me recordou agora huma coiſa na minha memoria: querem boces ouvir como ſe canta na minha terra, ora lá bai.

Canta Merlim a ſeguinte

ARIA.

Mei diamante d'azabiche,
Minha pelora encarnada,
Minha pedra de abada
Minha rica Madanela
Mais vella ca num ſei que
Num me leixes da linbranſa,
Porque eu leixar-te num hei.
He, he, he, faſta moreno,
He, he, he, faſta bragado:
Se nunca havedes probado
D'amor o dulce beneno,
Por frexa neſſe coſtado
O aguilhon bos chantarei.

Sold. 1.

Sold. 1. Iſſo eſtá muito bom, mas voſſé chorará á manhá pelo que hoje cantou.
Sold. 2. Venha prezo.
Merl. Se eu hei de hir prezo, lebem-me boces, que eu pélo mei pé num bou.
Sold. 1. Venha ſeja como for.
Sold. 2. Vamos.
Merl. Eu ſom o que bou agora, mas á manhá boces berão o que bai.

ACTO II.

SCENA I.

Sala. Sahem Roſimunda, e Policena.

Roſim. AQui pódes, Policena, proſeguir a narração dos teus ſucceſſos, por não perder a occaſião de fallar a ElRei meu Pai, que por eſte ſitio ha de paſſar á torre de Palacio. Ai Polidoro, que hoje me laſtimas prezo, ſe hontem me offendeſte livre! *á parte.*

Polic. Roubada pois que fui, bella Roſimunda, dos Eſtrangeiros Piratas, fazendo azas das inchadas vélas a inimiga náo, mais ligeira voava que o meſmo vento que a conduzia. Quem duvida que os effeitos da minha pena faziáo apreſſar mais a minha deſgraça? pois com

com os meus olhos dava ao mar novas correntes, e com meus ſuſpiros novo impulſo aos ares. Depois de tantos ſeculos de tormento, quantos elles contavão dias de viagem, no eſpaço de hum mez, entre varios accidentes, que não relato, chegámos a aviſtar huma dezerta Ilha, aonde para fazer agoa, tomámos terra. Deſembarcárão alguns, e com elles para divertir-me, quiz o Capitão (o qual para maior martyrio meu ſe moſtrava inclinado á cauſa da minha deſgraça) que eu tambem o fizeſſe, o que foi motivo da minha ventura; pois divertido elle no exercicio da caça, deixando a meſma ſolidão por ſegura guarda da minha peſſoa, ſe apartou de meus olhos: e como eu dos ſeus ſó deſejava auſentar-me eternamente, deparando-me a ſorte huma profunda concavidade, cuja horrivel boca cobrio a natureza de emmaranhadas ramas, antepondo os horrores da morte aos trabalhos de huma penoſa vida, entrei nella penetrando os mais íntimos ſeios daquella lúbrega eſtancia. Perdida pois com o meu retiro nos Piratas a eſperança de achar-me, porque a providencia do Ceo lhe encobrio a elles, o que a mim ſó quiz manifeſtar-me, ſe forão, entendendo ſem duvida, que a minha deſeſperação me tinha precipitado no mar. Sahi daquella eſcura habitação de noite, e no ultimo de tres dias, em que a vida ſe conſervou alimentada de frutos ſilveſtres, dei vozes á huma pequena

quena embarcação, que não longe da terra paſſava: acolherão-me piedoſos os navegantes, e como erão vaſſallos teus, me traſladárão deſde os braços da minha inſtavel fortuna, ao ſeguro aſylo de teus pés, aonde até aqui tinha vivido mais animada dos teus favores, que dos meus alentos, e aonde o Principe Polidoro, mais a impulſos de obediente, que a impulſos de amante me achou impenſadamente, ſendo o ſeu naufragio indicio da minha vida; pois quem vive entre deſgraças, ſó ſe acha pelo caminho dos infortunios.

Roſim. Suppoſta, Senhora, a verdade dos teus ſucceſſos (a qual não duvido) acompanhando o credito que ſe te deve, circunſtancias particulares que pondero; duas vezes te peço perdão, huma de não ſer até aqui o teu trato medido pelo teu merecimento, e outra pela indignação que contra ti moſtrei no paſſado ſucceſſo; pois ignorante das cauſas que me relatas, vendo-te com Polidoro naquelle ſitio julguei exceſſo indecoroſo, o que foi natural affecto.

Polic. Ai Polidoro, que quando por ti ſuſpiro, ſó ſinto o que por mim padeces!

á part.

Roſim. Não te affliias pois, Senhora, que ambas pediremos a ElRei meu Pai, a liberdade de Polidoro, o qual ſerá preciſo digas que he irmão teu, emendando de algum modo o que dizes chegaſte a declarar. Ai Polidoro,

que

que ao meſmo tempo me tens zeloſa, e laſtimada! *á part.*

Sahe ElRei, e dous guardas, e paſſa ſem reparar.

Rey. Hide adiante a franquear-me a entrada da torre, que eu meſmo quero ſer o que faça eſte exame.

Roſim. Divertido paſſa ElRei, he preciſo atalhar-lhe os paſſos. *Vão-ſe os Soldados.*

Roſimunda, e Policena ſe põem de joelhos aos pés d'ElRei, huma de huma parte, e outra da outra.

Polic. Rei Soberano.

Roſim. Pai, e Senhor.

Polic. Se he proprio em hum animo generoſo.

Roſim. Se he natural em hum Real peito.

Polic. A clemencia.

Roſim. A piedade.

Polic. Tem, Senhor, compaixão.

Roſim. Tem laſtima, Senhor.

Ambas. De huma innocencia opprimida.....

Rey. Levantai-vos, e dizei-me qual he o motivo que a tanto empenho vos move? E tu Roſimunda, como com tal efficacia me rogas? He poſſivel que haja couſa que a tanto te obrigue? Confuſo eſtou. *á part.*

Roſim. Ai ſe ſouberas o que minha alma ſente! *á part.*

Polic. Ai ſe tu viras quanto meu coração padece! *á part.*

Rey

Rey. Falla, Roſimunda, acaba.

Roſim. A rogar com tanto empenho me obriga, Senhor, o grande affecto que Policena tem grangeado em meu peito; e como a amizade nos tem igualado tanto, ſendo ſua a cauſa, tambem he minha. Minto que ella he mais minha do que ſua. *á part.*

Rey. Com tão poderoſa interceſsão, bem póde Policena pretender animoſa.

Polic. Pois que tanto me anima o teu favor, mais alentada proſigo. Eſſe infeliz Eſtrangeiro, que opprimido dos laços da tua ira, eſtá para ſer objecto dos teus olhos, he irmão meu, que a eſtas Regiões chegou por hum acaſo da ventura; acha-ſe prezo ſem culpa, pois nem huma acção obrou, que lhe tiraſſe a innocencia.

Rey. Eſpera, não proſigas. Notavel engano! *á part.* Pois affirmas ſer irmão teu eſſe infeliz?

Polic. Huma, e mil vezes o affirmarei.

Roſim. Já de toda a verdade de ſeus ſucceſſos eſtou informada; e como tudo condiz com o que deſſe Eſtrangeiro já ſe me contou, não acho nenhuma razão em que funde a minha incredulidade.

Rey Grave damno receio; pois já eſcrupoliſo até da verdade de Roſimunda. *á part.* Sujeito tão indigno he impoſſivel ſer irmão de Policena.

Roſim. ElRei na ſua ſuſpensão ſe moſtra vacilante. *á part.*

Rey.

Rey. Quero deixar-me enganar para aſſim deſcobrir novos enganos. *á part.* Pois qual foi, Roſimunda, a cauſa que te obrigou a tanto enfado a ti, e a Floriandro, contra elle?

Roſim. Como ignorava, Senhor, o que já Policena tem declarado, eſtranhava que ella, e eſſe que agora reconhecemos irmão ſeu, eſtiverão em tal ſitio ſós, e a tal hora; pois nelle julguei algum atrevimento indecoroſo ás paredes de teu Real Palacio. Levados pois deſte motivo, rompemos eu, e Floriandro no exceſſo que ouviſte.

Rey. E tu como nomeaſte em tal occaſião ao Principe de Polonia, meu inimigo?

Polic. A natureza, Senhor, formou em meu irmão hum tão vivo retrato do Principe Polidoro, que era na Corte paſmoſa admiração de quantos a ambos os admiravão; pois não ſó erão na fyſionomia ſemelhantes, mas até parece que hum meſmo eſpirito os anima. Vendo eu em fim que todos contra elle irados ſe moſtravão, quiz defendello com o que mais o arriſquei, dizendo que elle era o Principe Polidoro; mas já vejo que ſahio errado o meu diſcurſo, e caſtigado o meu engano.

Rey. Cada vez vou reconhecendo maior o que me querem fazer. *á part.* Sempre do Principe de Polonia ouvi exaggerar a bizarria, e agora me querem perſuadir o que tem ſemelhanças com hum pobre mendigo.

Roſim. Modéra pois a ira, que contra elle moſ-

moſtras; e ſeja a ſua innocencia motivo da tua piedade.

Polic. Eſpera, que o teu peito mais ſe enternece, e rende ás minhas vozes.

Canta Policena a ſeguinte

ARIA.

Vive izenta a planta humilde,
Pois dos raios a violencia
Só onde acha reſiſtencia,
Executa o ſeu furor.
Aſſim pois no heroico peito
Não conſentirá a piedade,
Que a innocencia, que a humildade
Seja objecto do rigor.

Rey. Quero já expôr aos ſeus olhos na couſa de minhas duvidas, o motivo do meu receio. Olá, trazei á minha preſença livre das prizões que o opprimem, a eſſe infeliz Eſtrangeiro.

Sahem dous Guardas.

Guard. 1. Não ſerá poſſivel, invicto Monarca, cumprir o que nos ordenas; porque com a ſombra notavel de quantos a admirão, abrindo-ſe as portas da ſegura prizão que o guardava, não ſe acha, nem raſto por onde eſcapar pudeſſe.

Guard. 2. E o que mais digno ſe faz de admiração, he que ſe ſoltaſſe de huma groſſa cor-

corrente em que foi poſto, deixando-a dividida em miudos padaços.

Rey. Raro aſſombro! *fica ſuſpenſo.*

Polic. Dura pena! *á part.*

Roſim. Mortal ancia! *á part.*

Rey. Sobrenatural parece quanto ſuccede neſte Palacio: em notavel confuzão me ſinto. Vós outros parti logo acompanhados de maior numero dos da minha guardà, a ver por diverſos caminhos ſe achais eſſe traidor fugitivo.

Vão-ſe os guardas.

Polic. Sem duvida que com a ancia de livrar-ſe da morte, rompeo difficuldades por ir-ſe aonde meus olhos o choraſſem ſem remedio auſente. *á part.*

Roſim. Sem duvida que com o temor de perder a vida, rompeo impoſſiveis por eſcapar-ſe de donde nunca mais ſeja objecto dos meus olhos. *á part.*

Sahe Celeſtina por junto de Roſimunda, e fica ao baſtidor.

Celeſt. A dar parte á Princeza venho, de que não he Polidoro o prezo.

Sahe Merlim por junto de Policena, e fica ao baſtidor.

Merl. A dar aviſo venho a Policena, que não deſcubra ao Principe, emendando de algum modo o paſſado erro.

Sabe Bigorrilhas pela parte de fóra, e faz o meſmo.

Bigor. Seja como for, eu hei de dizer a ElRei, que Merlim he hum fino feiticeiro.
Rey. Tão confuſo, e receoſo me vejo, que não ſei em que hei de determinar-me. *á p.*
Roſim. Sem alma eſtou, quando conſidero a Polidoro auſente. *á part.*
Polic. Sem vida eſtou, quando auſente de Polidoro me conſidero. *á part.*

Celeſtina chega junto de Roſimunda, e logo ſe retira.

Celeſt. Senhora.
Roſim. Póde haver maior infelicidade, que ſer eu com a minha indignação cauſa do meu tormento! *á part.*
Celeſt. Senhora..... *a Polic.*
Polic. Póde haver maior deſventura, que pronunciar a minha voz a ſentença da minha morte! *á part.*
Merl. Ella eſtá deſpachando.

Bigorrilhas chega junto a ElRei, e ſe retira.

Bigor. Saberá V. Mageſtade, que lhe quero fallar em ſegredo.
Rey. Aquellas couſas me dicta o receio de futuros damnos. *á part.*
Bigor. ElRei faz ouvidos de mercador.

Chega

Chega Celeſtina a Roſimunda, a qual na acção de quexar-ſe lhe dá no roſto.

Celeſt. Bella Roſimunda.
Roſim. Deixa-me, moleſta fantaſia.
Celeſt. Ai apello eu! Oh boca que tal diſſeſte Senhora, e não ſei que diabo de nome me chamou.

A Merlim ſuccede o meſmo.

Merl. Policena.
Polic. Vai-te penſamento importuno.
Merl. Penſamento importuno ſe-lo ha ella: fóra com o talho! Ora he a primeira vez que em Palacio me chegárão aos narizes.
Roſim. Vamos a batalhar, cuidados. *Vai-ſe.*
Celeſt. Pois não irá ſó, que ſerão muitos os contrarios. *Vai-ſe.*
Polic. Vamos a morrer, deſvelos. *Vai-ſe.*
Merl. Pois eu te vou metter a véla na mão. *Vai-ſe.*

Chega Bigorrilhas a ElRei, o qual falla entre ſi.

Bigor. Senhor, eu quero fallar ao ſereniſſimo ouvido de Voſſa Realiſſima Mageſtade.
Rey. Que me dizes, coração?
Bigor. Notavel agrado tem eſte Rei de Ungria: olhem o carinho com que me trata! parece que me namora.
Rey. Falla, falla, vaticina-me os meus males.

Olha

Olha Bigorrilhas para todas as partes a ver ſe he com outrem.

Bigor. Comigo he : eu chego animoſo , pois elle meſmo a fallar me convida. Ora eu cuidei que iſto de fallar a ElRei era alguma bicha de ſete cabeças.

Chega ao ouvido d'ElRei , e elle torna em ſi , e ſe enfada.

Bigor. Senhor , eu.

Rey. Que intentas , atrevido ? que ouſadia he eſta ?

Bigor. Digo , que quando , como , já , logo , ao depois , mas eu não ſei o que digo : quero dizer , que ſe acaſo. . . . mas iſto não quer dizer nada.

Rey. Falla , ou te mandarei tirar a vida.

Bigor. Oh quem nunca naſcêra ! Em negra hora me pario minha Mãi ! Soltárão-ſe-me as prezas , e os calções já não pódem com a carga. Digo que ſe voſſa como ſe chama queira ſaber as aquellas do aquelle : como he a ſua graça ?

Rey. Que dizes ?

Bigor. Digo , que Merlim , e Celeſtina , mais eu , mais Celeſtina , mais Merlim , mais ella , mais elle , mais eu : eſta he a pura verdade.

Rey. Não te confundas.

Bigor. Sim Senhor , he feiticeiro.

Rey. Quem.

Bigor. Não Senhor , foi hontem.

Rey.

Rey. O que?

Bigor. Sim Senhor, eu o vi.

Rey. O medo o confunde.

Bigor. Eu já não eſtou capaz de eſtar aqui, porque de neceſſidade hei de eſtar dando máo cheiro ao Real nariz de Voſſa Mageſtade.

Vai-ſe.

Rey. Até iſto que tão mal percebi, me conduz a maiores ſuſpeitas. Ai de mim! grande mal receio!

Sahe Floriandro.

Flor. Senhor.

Rey. Floriandro, que tens de alegria?

Flor. O que a ti te póde dar o maior goſto. Agora junto do Boſque encontrei a eſte Eſtrangeiro a quem deſejas achar.

Sahe Polidoro, e ajoelha.

Polid. Senhor, não ſei porque culpas me condemnão!

Rey. Dize, Floriandro, em que delinquio Polidoro?

Flor. Pois eſte não he, Senhor, o que ſe achou no jardim com Policena?

Merl. Pois ſua irmã era alguma peſſoa eſtranha? Não, diſſo não tinha ella nada, que mui bem ſe chegava para elle. *á part.*

Rey. Ha maiores confuzões! Com que tu és irmão de Policena?

Polid. Ella, Senhor, confirmará eſſa verdade, que hontem a vi, quando mais fóra eſtava de a conſiderar em Ungria.

Flor.

Flor. Já o meu mal he menor do que cuidava. *á part.*

Merl. Aquelle Galego, que alli hontem appareceo, devia de ſer algum grandiſſimo feiticeiro, pois fez taes enredos. Polidoro, Senhor, diz que quando vio o negocio mal aſſombrado, ſe fez deſentendido, ou ſe metteo no eſcuro, que he o meſmo, e valendo-ſe das ſombras, poz arvores em meio para eſcapar de tanto rigor.

Rey. Agora com mais razão pódes viver em Palacio, pois nelle ſe acha tua irmã, e nelle de novo te offereço amparo. Vem. Florindro. *Vai-ſe.*

Flor. Já te ſigo: tu em mim terás o maior amigo. *Vai-ſe.*

Polid. Favor he que eſtimo quanto devo.

Merl. Ora fique-ſe nas horas de Deos, que deſta já eſtá livre; ahi vem Roſimunda, e eu vou a caſa de Celeſtina. *Vai-ſe.*

Sahe Roſimunda.

Roſim. Polidoro, Senhor, he certo que eſtou logrando o bem de tua viſta?

Polid. Roſimunda, Senhora, he verdade que eſtás ſendo objecto dos meus olhos?

Roſim. Que já ſem ſobreſaltos te vejo?

Polid. Que já ſem embaraços te admiro?

Roſim. Já ſatisfeita eſtou do que contra ti julgava, pois ſei da boca de Policena, que nenhuma inclinação te deve.

Polid. E eu fóra eſtou do meu ciume, pois

ſei que Floriandro a Policena dedica os ſeus obſequios.

Roſim. Oh que feliz he quem merece os teus affectos!

Polid. Oh que ditoſo he quem ſabe idolatrar-te!

ARIA A DUO.

Roſim. Caro bem, gloria de huma alma,
Que por ti vive entre ardores.

Polid. Meu feitiço, meus amores,
Por quem ſinto huma auſencia ardente.

Roſim. Serás firme?

Polid. Eternamente { te hei de adorar.

Roſim. E eu tambem { até eſpirar. *Amb.*

Pois em fé de tal promeſſa.

Polid. Pois em fé deſſa lealdade.

Roſim. Deſte mal na ſaudade.

Polid. Deſte bem no ſentimento.

Amb. O viver ſerá violento,
Será doce o acabar. *Vão ſe.*

SCENA II.

Ante-Sala. Sahe Merlim, e pouco depois Bigorrilhas ao baſtidor.

Merl. SEnhores, onde poderei eſcapar deſte duendo, deſte demonio de Bigorrilhas, que com preſumpçõcs de ſer minha ſombra, a todas as horas me ſegue, e me perſegue a todos os inſtantes. Se elle fora dinheiro,

nheiro, que mais queria eu, ſe o trazia ſempre comigo. Tenho ajuſtado com Celeſtina hir vella ao ſeu quarto, e não ſei ſe o poderei conſeguir, porque por não hir á vinha de amor, me poz eſte trambolho a minha deſgraça, ſe não foi pregar-me o mono andar ſempre amarrado a eſte cepo.

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. Hei de vigiar eſte feiticeiro não me faça algum maleficio a Celeſtina, ſe he que ella, e elle me não fez já algum beneficio.

Sahe Celeſtina.

Celeſt. Merlim, já não poſſo paſſar com ſaudades; aſſim venho a buſcar-te correndo. Que fazes? por onde andas?

Merl. Pergunta-o a Bigorrilhas, que elle o ſabe tambem como eu.

Celeſt. A eſſe monſtro queres que o pergunte? Eſſe he o amor que me tens? Tão mal me queres, que me mandas fallar com elle?

Bigor. Tomai lá.

Merl. Porque? elle eſtá eſcommungado? Ora não o achava voſſé tão máo, quando lhe queria dar hum abraço.

Celeſt. Abra..... que? antes eu fora a baraço pregão pelas ruas publicas.

Bigor. Olhem a patifona.

Merl. Não he o diabo tão feio como o pintão; porque Bigorrilhas he alguma couſa do outro mundo?

Celeſt. Sim, porque he couſa má.

Merl. Pois olha não te vá arraſtar alguma noite.

Bigor. Arraſtar-lhe-hei eu a aza, que he o que poſſo fazer.

Celeſt. Ai, não me metas medo. Apello eu!

Merl. Tu não pódes negar-me que elle he airoſo.

Celeſt. Elle ſim tem ar no corpo, mas he depois que lhe deu hum eſtupor.

Bigor. E não te dá a ti huma paralyſia na lingoa?

Merl. Ora elle não he feio de cara.

Celeſt. O roſto he huma panella velha com dous olhos de gordura.

Bigor. Ah quem te chegára com hum chicote!

Celeſt. Agora do nariz cá para traz, que haja algum que lhe chegue á ponta do pé; pois as ventas de propoſito as inventou a natureza para elle; porque são taes como os ſeus narizes.

Bigor. Ah quem te chegára aos reus!

Merl. Tu vas-me puxando pela lingoa; pois ſabe que he a boca da noite, e em ſe pondo nella o Sol da india, faz hum eſcuro nos dentes, que he meter o dedo pelo olho; e diſſo deve de naſcer o máo cheiro que della ſahe, que he tão valente, que a todos chega aos narizes.

Bigor. Eu eſtou deſvanecido de ouvir eſtes louvores.

Merl.

Merl. Que tal eſtará a ſua alma a eſtas horas! *á part.* E as mãos?

Celeſt. São duas mãos de papel pardo, que pelo grande, bem podião ſer duas reſmas.

Bigor. Oh más balas te paſſem; já não ha quem tanto ſoffra. Baſta, Celeſtina, que deſta ſorte pondes a boca em mim por detraz, aſſim na minha auſencia tomais na boca a minha peſſoa? *ſabe.*

Celeſt. Ui, Deos me livre! Eu havia fazer tal porquidade? antes comer murrões de candêas.

Merl. Meu amigo, quem eſcuta de ſi ouve.

Bigor. Deſta vez eu farei queixa á Princeza minha Senhora, e ella ſaberá quem vós ſois.

Celeſt. Baſta, Bigorrilhas, que entendias que aquillo era de veras? Não foi ſenão huma peça, que te quiz fazer, por te ver eſcondido.

Bigor. Pois eu cá..... he boa hiſtoria!

Merl. Andai que não ſois capaz de gracejar comvoſco.

Bigor. Ora eſpere: pois eu cá.....

Merl. Por teu reſpeito me não faz ella mais favor.

Bigor. Ora minha Celeſtina, aqui para nós, ainda tem valimento para comtigo o teu amor?

Celeſt. Porque nenhum de voſſés ſe queixe, hei de dar o premio do ſeu amor a quem para iſſo me moſtrar o maior merito.

Bigor. Pois tenha mão, que eu digo primeiro as minhas boas prendas. Eu ſou muito bem naſcido.

Merl. Tambem eu naſci muito bem, ſem me ficar nenhum pedaço na barriga de minha Mái: e de mais eu ſou muito bem criado.

Bigor.

Bigor. Tambem eu, graças a Deos, eſtou muito bem nutrido: e ſobre tudo tenho tantas forças, que me atrevo a levantar hum falſo teſtemunho por mais peza do que ſeja.

Merl. Eu não fallando nas forças, ſou tão galante, que tenho dado cutiladas ſem numero, e em gente de bigode. Iſto he quando fui barbeiro. *á part.*

Bigor. Eu ainda fiz mais; porque tenho feito mais mortes que cabellos tenho na cabeça. Iſto he quando me cato. *á part.*

Merl. Vá bugiar mentiroſo.

Bigor. Vá elle.

Merl. Não ſeja atrevido, que me diga a mim iſſo

Bigor. Não ſeja inſolente, que me diga a mim eſſoutro.

Merl. Olhe que lhe hei de dar hum couce nas canellas.

Bigor. Olhe que lhe hei de dar huma cabeçada nos dentes.

Celeſt. Bom! hum tem marradas de boi, e outro manhas de beſtas: boas circunſtancias são as que nelles deſcobri.

Ambos. Pois qual te parece melhor?

Celeſt. Antes beſta, que do mal o menos; mas deixemos iſſo, em que parará a pendencia, vamos a prendas to cantes.

Merl. Eu ſou hum Orfeo de obra groſſa.

Celeſt. E tu?

Bigor. Eu alguma couſa faço por mim, ſem que ninguem me enſinaſſe.

Celeſt.

Celeſt. Ora vá, Merlim.
Merl. Lá vai.

MINUETE.

Por te dar goſto
Já vou cantando,
E entoando
Fa, re, ſol, do,
Vai para lá
Vem tu cá ſol
Fa, re, ſol, do.
Quem tanto afina
Sabe ſer fino,
Mas do mofino
Náo tenhas dó.
Oh quem me déra
Ser de teu goſto,
Porque bem poſto
Só eu o ſou.

Celeſt. Agora tu.
Bigor. Lá vou eu.

MINUETE.

Eu tambem quero
Dar-te hum deſeante,
Ainda que cante
Sem tom, nem ſom.
Que eu em cantando
Já deſafino,
E ſó dou fino
Pontos de amor,

Pois

Pois nelle eſtou
Sempre de ut,
Re, mi, fa, ſol.

Celeſt. Merlim, quando canta eſpanta os males, tu eſpantas a gente.
Bigor. A moſina em tudo lhe acha geito.
Celeſt. Vá de verſos: lá vai

MOTE.

Eu vou de cá para lá

GLOSA.

Merl. A dama a quem quero bem,
Me foge, e andamos ahi,
Ella dalli para aqui,
E eu cá daqui para álem:
Perſigo-a; e ella tambem
Me faz andar doudo já:
A mim ſempre á poſta eſtá
Paſſa para lá conforme,
Se eu eſtou de cá, mas ſe aporme
Eu vou de cá para lá.

Celeſt. Que? viva, viva. Agora tu.

MOTE.

Amores ſe tu quizeres.

GLOSA.

Bigor. Aqui perco a opinião, que eu náo ſou para repentes; mas lá vai.

Filis

Filis ſe queres, verás
Hum, e dous, e argolinha,
Fica pé de papoulinha,
E o rapaz que jogo faz,
Paſſarás, ſim paſſarás
Bello páo para colheres
Mal me queres, bem me queres
Tu que vais, e tu que vens
Dá-me cá os meus vintens
Amores ſe tu quizeres.

Ambos. Qual he melhor obra?

Celeſt. Direi. Merlim faz melhor os verſos; mas tu pareces mais Poeta. Ora lá vai a ſentença poſta por ſolfa.

ARIA.

Vai-te, vai-te rameloſo,
Não te moſtres tão teimoſo,
Que he tolice:
Eu comtigo deſeſpero,
Vai-te embora, não te quero,
Já to diſſe.
Vem tu cá minha doudice,
Que naſceeſtes para mim
Tu namoras? bom arrocho.
Ai que goſto! ai que nojo!
Eu vomito,
Eſte ſim que he mais bonito,
Goſto muito delle ſim.

Lá te eſpero. *para Merlim Bigor.*

Bigor. Mui bem deſpachado fiquei dos meus ſerviços.

Merl. Os ſeus ſerviços não cheirão bem, ninguem dará real e meio por elles.

Bigor. Por amor de ti me vejo deſvalido.

Merl. A'gora homem, elle em caſa te ha de cahir, que mulheres ſempre eſcolhem o peior.

Vai ſe.

Bigor. Sim vai-te eſgueirando, que eu não vou já nas tuas ancas, e aſſim ha de ſer até te apanhar em alguma diabrura. *Vai-ſe.*

Mutação de apoſento de Celeſtina, e junto ao eſcotilhão huma arca, e ſahe Celeſtina.

Celeſt. Muito tarda Merlim! Elle não devia de poder eſcapar de Bigorrilhas: mas ei-lo que chega.

Sahe Merlim, e depois vem Bigorrilhas.

Merl. Se eſcaparei aqui daquelle maldito? Ora baſta, Celeſtina, que te são bem aceitos os meus rendimentos?

Celeſt. Primeiro quero ſaber a quanto chegão cada anno os teus rendimentos.

Merl. Ah não foras tu lacaia, logo não ſerias intereſſeira.

Celeſt. Ora porque tu não entendas que eu ſou das que querem, porque querem muito; eu te vou buſcar hum mimo de doces, que tenho guardado.

Faz que ſe vai, e diz Policena.

Merl. Para mim?

Bigor.

Bigor. Aquillo.
Polic. Celeſtina. *Dentro.*
Celeſt. Ai meus peccados! Ahi vem Policena: que dirá ſe aqui te vê? Coitada de mim! Eſconde-te neſta arca.
Merl. Eu não hei de eſconder-me.
Celeſt. E a minha honra?
Merl. E o meu valor?
Celeſt. Faze iſſo por mim.
Merl. Iſſo, e tudo o mais farei eu.
Celeſt. Pois não; iſto foi arremedar hum bocadinho de paſſo de Comedia.

Mette-ſe Merlim na arca, e ſahe Bigorrilhas depreſſa, e aſſenta-ſe na arca.

Bigor. Ah velhacos, iſto queria eu ver; agora não me levantarei daqui, ainda que venha ElRei, ſem vir alguem que veja as voſſas tratadas.
Celeſt. Ai pobre de mim!

Sahe Policena.

Polic. Celeſtina.
Celeſt. Senhora. Tantas mercês!
Polic. Que faz aqui o Porteiro?
Bigor. Eu bem ſei o que faço; agora eſtá elle debaixo.
Celeſt. Senhora, he hum louco.
Bigor. Cahio o rato na ratoeira.
Polic. Que dizes?
Bigor. Eu bem ſei o que digo. Agora hei de pôr em publico a ſua tratada.

Polic.

Polic. Levanta-te, e vai-te. Eu farei, inſolente, com que te caſtiguem.

Bigor. Eu me vou; mas eu tornarei logo. Ora o diabo não tem ſono. *Vai roſnando.*

Celeſt. Ora graças a Deos.

Polic. Celeſtina, eu quero valer-me de ti para neſte teu quarto fallar a meu irmão em couſa particular, por ſer parte mais retirada.

Celeſt. Já elle, Senhora, o ſabe?

Polic. Tambem queria que tu o aviſaſſes, e eu ficarei aqui eſperando.

Celeſt. Vou, Senhora, a obedecer-te.

Faz Celeſtina que ſe vai, e ſahe Bigorrilhas, e Floriandro.

Bigor. Senhor, aqui eſtá neſta arca eſcondido: eu cá não quero arcas encoiradas: abra-ſe, e ver-ſe-ha a minha verdade. Eu meſmo vi eſconder a Merlim.

Celeſt Ai deſgraçada de mim, que agora ſe ſabe tudo! *á part.* Póde haver maior falſidade! Aqui eſtá alguem? *chora.*

Flor. Não te affliijas, Celeſtina, que já conheço devia de ſer engano o que elle tanto affirma; pois de ti ſe não deve eſcrupuliſar; e mais eſtando neſta caſa o ſol de Policena, cuja luz he efficaz para deſterrar a menor ſombra de duvida.

Bigor. Senhor, aqui eſtá. Proteſto que ſe abra a caixa.

Celeſt. Primeiro a ti te hão de abrir a cabeça.

Polic. Não haverá ninguem, que ponha a menor

menor duvida na tua verdade ; porém para ſeu caſtigo faça ſe o exame , que em ſe achando o contrario do que elle affirma , por minha conta fica a remuneração do teſtemunho.

Bigor. Sim , Senhor , eu tomo ſobre mim toda a carga.

Celeſt. Senhora.

Flor. Diz bem Policena , em teu abono , e ſeu prejuizo he toda a diligencia : abre tu , Bigorrilhas.

Celeſt. Deſgraçada mulher !

Bigor. Sim , Senhor. Vou como hum Gamo: ora ſaia cá para fóra , ſe he homem.

Abre a caixa , e ſahe de dentro huma mulher com manto , e toalha.

Merl. Ai ſe eſtou mais hum moimento abafo na arca ; já me hião dando os meus fratros menencorios.

Bigor Senhores , eu eſtou fóra de minha Mãi.

Celeſt. Senhores , eu eſtou admirada de tal ver.

Flor. Que mulher he eſta ?

Polic. Eſte era o homem que viſte ?

Bigor. Eu não ſei o que digo. Eſte Merlim , não he Merlim , he o diabo.

Celeſt. Senhora , eu ſe agora. . . . .

Merl. Senhores , eu nunca fui amiga de fantaſtegas , nem de eſquimeras , porque ao ſer prove tira o creto ; proveza não he vileza , eramos de peſcaria. Eu ſou Avó deſta moça ha muitos annos ; e como quiz a perminencia

cia Divina, que ella vieſſe ſervir ao Paço de inRei meu Senhor, enche-ſe toda de vergonha cada vez que me vê tão deſpreſivili, e agora vendo que vinhão Suas Senhorias me eſcondeo neſta arca, porque me não viſſem.

Celeſt. Aquelle eſcommungado quiz que eu tiveſſe agora eſta afronta.

Polic. Antes deves agradecer-lhe o pezar, pelo goſto de ſe conhecer a tua innocencia, e a ſua maldade.

Flor. Eu me alegro, Celeſtina, de que fique mentiroſo, quem vos fez a vós mais verdadeira.

Bigor. Eu havia de jurar em cem pares do que quizerem, que he verdade o que diſſe. Ainda agora me eſtá parecendo eſta mulher ſer Merlim.

Polic. Que ſimplicidade!

Merl. Que diz o Senhor? que eu pareço jorzelim? Ai filho não faça eſcarne das velhas, olhe não o caſtigue Deos, que ainda póde vir a ſer mais velho do que eu ſou.

Bigor. Sim, eſſa praga me caia.

Merl. Ai Deos dê o Ceo a Marta Fragoſa, minha Mãi; na grolia eſteja a ſua alma, que foi mulher muito groſſa, tinha hum patrocinio de dinheiro, era tão amiga de todos, que nunca negou o ſeu a ninguem, e por iſſo ſe vio tantas vezes arraſtrada; mas o que mais a deſtruio, foi mei Pai, que pagou grande tirbuto á mocidade, gaſtando todo o cabidal com tanta giribitancia, que

todos

todos ficárão atolicos de tal ver; mas depois que vio huma noite huma avanteſma ficou intimidado; mas deſde que iſſo lha ſoncedeo, compeçou a ſer hum eſprital de miſerias, teve huma manica de achaques; porque elle teve gota armeniça, teve dores eſferas, teve refeição de oirinas; e quando diſto melhorava, tinha na cabeça humas dores de enchaquetas, que andava a tombos, e ſendo elle bem carnudo, e bem repoſto, veio a pôr-ſe tão acabado, que parecia hum eſcarleto vivo, huma eſcapula de morto: por eſta cauſa não precipitei eu dos ſeus cabedeis, que vim a tanta proveza, que bem diz lá o ditado, que onde has de hir, não has dementir.

Polic. Divertida me tem a eſquiſita fraze deſta velha.

Flor. Boa occaſião perdi de fallar a Policena com algum deſcanço.

Bigor. E v. m. foi caſada?

Merl. Eu fui caſada com hum homem marinho, e muito altoriſado, porque era Gardião de huma náo; antes de me areceber andava feito hum cambalião, bebendo os ares por mim, e era de tanto reſpeito na peſſoa, que cada vez que me paſſeava arodiado de todos os ſeus marujos, parecia o Rei de divina marca com toda a ſua comeſtiva.

Bigor. A mulher he divertida.

Merl. Ai filho, iſto eſtá acabado, no meu tem-

tempo ninguem me punha o pé adiante; mas depois que tive os meus flatos vitorinos, que he a maior pinsão do ſexo femilino, nunca mais pude bailar, nem cantar.

Bigor. Oh, pela ſua vida, vá alguma couſinha.

Celeſt. Olhe agora o que diz! minha Avó já não eſtá para iſſo.

Merl. Ora por dar goſto a eſtes Senhores quero cantar hum bocadinho.

Bigor. Abençoada ſejas.

Canta Merlim a ſeguinte

ARIA.

Ai! já eſtou muito acabada,
Não ha mal que me não ſiga,
Cando eu era rapariga
Era muito folgazona:
Antances bailava, aytona
Dous são dous, e tres são tres:
Ai os frautos, ai, hum ai; *arrota.*
Ahi tem voſſas merces.
Eis-aqui todo o meu mal.
Pois que vai? eu não o dixe;
Eſte frauto eſcommungado
Em tudo ſe quer meter,
Como he tão entremerido,
Não me deixa bem fallar.

Flor. Notavel he o genio da velha, eu prometto favorecer-te por cauſa de Celeſtina:

e agora vai tu meſmo; Bigorrilhas, a conduzilla.

Merl. Noſſo Senhor lhe pague eſſa caridade. Ora entrementes, meus Senhores: adeos minha Senhora, noſſo Senhor lhe dê huma fortuna muito formoſa. Celeſtina, adeos menina, obſervai-vos com eſtes Senhores, não deſacrediteis a voſſa recendencia.

Bigor. Vamos, Senhora Velha. *Vão-ſe.*

Celeſt. De boa me livrou Merlim com ſuas prodigioſas artes. *á part. e vai-ſe.*

Flor. Meu bem, Senhora, he poſſivel que ſeja competidora a minha fineza da tua tyrannia? He poſſivel que ſeja tal a tua dureza, que oſtente igualdades com a minha conſtancia? o que a tudo leva exceſſo, ſó ache exemplares o meu damno?

Polic. Não ignoro, Floriandro, as circunſtancias que concorrem para fazer attendiveis os teus obſequios: eſte conhecimento ſeja allivio aos teus pezares. Da minha parte faço o que devo em reconhecer tanto as minhas obrigações, como as tuas perrogativas; ſe não pago os teus extremos, não me culpes a mim, que te não ſou adverſa; culpa as eſtrellas, que te não são propicias.

Flor. Para mim não ha mais eſtrellas que as dos teus divinos olhos: e já que eſſas influem ſempre em meu damno, ſem que baſtem exceſſos amantes a merecellos propicios a meus decentes obſequios, trocado o ſoffrimento decoroſo em furioſa deſeſperação,

conſeguirá a força o que não póde a brandura, acabará a violencia o que não conſeguio a ſuavidade.

Canta Floriandro a ſeguinte

ARIA.

Oh belliſſima tyranna,
Quem he eſſe que te engana?
Oh cruel, que me mataſte
Deſprezando a minha fé!
Se conheces o meu trato,
E eſſe amante he ſempre ingrato,
Ultrajar-te para que?

SCENA III.

Sala. Sahem ElRei, e Roſimunda.

Rey. HE preciſo, Roſimunda, que para ſuſtentar o pezo da Coroa, ſe appliquem mais hombros; pois como o reinar he tão pezado, que quanto mais dura, mais fatiga, já os meus ſe ſentem enfraquecidos; e ſe lhe não duplico as forças para a ſegurança, os que hoje ſe vem opprimidos, cedo ſe verão proſtrados. Já huma vez te dei noticia de que varios Principes te pretendem para eſpoſa; ficaſte de reſolver-te na eleição, que o carinho antepoz ás leis do teu goſto as razões do meu eſtado; e como até aqui me não tenhas reſpondido, agora te mando

tomes

tomes a reſolução ultima, para o que te concedo ſómente o termo de dous dias. Niſto intereſſo não ſó o allivio de tanto pezo que me opprime, mas o deſcanço de tantos cuidados que me deſvelão; depois que ouvi nomear o Principe Polidoro, a quem tenho natural aversão.

Roſim. Pai e Senhor, bem reconheço a eſpecial mercê, que me fazes, em permittir que ſe execute pela minha eſcolha o que ſó depende de tua reſolução; porém quizera, que me concedeſſes mais dilatado tempo, para a eleição do que ha de durar toda huma vida. Não ſei como embarace a ſua reſolução, pois a brevidade he tanto contra os meus intentos. *á part.*

Rey. O que tenho dito ſe execute ſem mais demora. Não ſei que receia a alma deſta repugnancia. *á part.*

Roſim. A' tua diſpoſição reſponderá a minha obediencia. Toda a alma ſe enche de ſentimento. *á part. e vai-ſe.*

Rey. A ſemelhança que me dizem tem eſte eſtrangeiro com o Principe Polidoro, me trás inquieto, pois ſó a ſua imagem me offende; e tanto que agora do natural amor que me devia, ſe trocou em natural aversão que já lhe tenho.

Sahe Merlim pela meſma parte por onde entrou Roſmunda.

Merl. Aonde acharei Polidoro, para lhe dar

o recado que agora me deu Roſimunda? Mas cá eſtá Sua Mageſtade. Senhor.

Rey. Merlim como te vai em Palacio?

Merl. Entre mal, e bem: ha muito comer, mas ha muito que trabalhar.

Rey. Pois tu tens trabalho? Que occupação he a tua?

Merl. A minha occupação he eſtar ocioſo.

Rey. Iſſo he deſcanço.

Merl. Não he tal, que o meu officio he o mais trabalhoſo, que ha na caſa Real.

Rey. Que officio he o teu?

Merl. Eu, Senhor, ſou Sevandija de Palacio: o meu exercicio he fazer rir a todos: vê tu ſe ha maior trabalho, que viver de graça, aonde o melhor que me ſuccede he rirem-ſe todos de mim.

Rey. Ha maior fortuna, que ter o dom de fazer rir a todos? Para ti o riſo he applauſo, não he ludibrio.

Merl. Eu, bem ſei que bom he ter eſſe dom, mas eu antes quizera ter huma Senhoria, que mais me havião de eſtimar.

Rey. A eſtimação melhor he a que adquirem as prendas. *Vai-ſe.*

Merl. Não pegou a labia. Grandes applauſos, Senhor Merlim! ElRei favorece-me muito; mas eu não me animo muito diante delle, alguma couſa devo de dever-lhe.

Sahe Polidoro.

Merl. Polidoro, ſe tu tardavas, a Princeza Roſi-

Roſimunda me diſſe tinha couſas muito importantes que communicar-te, e que para eſſe effeito te conduziſſe ao pomar, por ſer parte mais retirada.

Polid. Pois Merlim, que eſperamos? não dilatemos a occaſião de fallar-lhe; vamos.

Merl. Segue-me. *Vão-ſe.*

Mutação de pomar, e huma arvore eſtará junto aos baſtidores de ſorte que não embarace a viſta do fundo, e ſahem ambos por outra parte.

Merl. Aqui eſperar póde, em quanto eu vou fazer certa diligencia de goſto.

Vai-ſe pela banda da arvore.

Polid. Ainda cá não eſtá Roſimunda: couſas devem ſer de grande cuidado as que quer communicar-me, pois a obrigão a tal exceſſo.

Sahe Merlim com huma cadeira, que põem atraz da arvore.

Merl. Deixa-te eſtar ahi, que a ſeu tempo ſervirás.

Polid. A que effeito conduzes, Merlim, para eſte ſitio eſſa cadeira?

Merl. Has de ſaber, que ſegundo a força do meu genio fiz eſta cadeira, com tal arte, que quem lhe pozer a mão ficará immovel, e quem nella ſe aſſentar adormecerá com hum ſomno tão profundo, que não acordará, ſem que eu lhe toque com a pedra deſte annel:

annel: e tudo iſto ſe encaminha a fazer huma notavel peça a Bigorrilhas.

Polid. Notavel he a tua traveſſura.

Sahe Roſimunda apreſſada.

Roſim. Ai Polidoro, morta venho!

Merl. Pois retira te, que nós não goſtamos de couſas do outro mundo.

Polid. Que he, Senhora, o que tanto te afflige?

Merl. Alguma reſtituição, que deixou de fazer.

Roſim. Tormentos que hei de ſentir eternamente.

Merl. Se a pena he eterna, condemnada eſtá a tua alma.

Polid. Declara-te já, não me dês o veneno com pauſas; que quando aos ſeus impulſos ſe ha de perder a vida, na brevidade da morte ſe transforma o rigor em beneficio. Dize, que a tudo o que for allivio teu, acharás diſpoſto o meu animo.

Merl. Es grande devoto das almas do inferno: não vês que já lhe não aproveitão os ſuffragios?

Roſim. Has de ſaber, que ElRei meu Pai com rigor inhumano me deu ſómente dous dias de prazo, para dentro delles me reſolver na eleição de eſpoſo: bem ſabes que ſendo iſto contra o noſſo amor, he para mim occaſião de maior ſentimento.

Merl. Ah! eſta padece por cazar: muitas companheiras tem.

Polid.

Polid. Pois, Senhora, agora não he tempo de ponderar o mal, ſenão de remediar o damno.

Sahe El Rei por junto da arvore, e detraz della ſe põem junto á cadeira.

Rey. Para aqui vi entrar a Roſimunda apreſſadamente, e como de tudo tira cuidado o meu receio, quero examinar a cauſa. Mas aqui Polidoro! Não foi em vão o meu receio. *á part.*

Roſim. Não he neceſſario, amado Polidoro, certificar eſte exceſſo da fineza com que te amo; pois as peſſoas como eu, em materias de amor, baſta confeſſallo para encarecello.

Rey. Que he o que eſcuto, pezares!

Polid. Pois ſuppoſta eſſa verdade, he preciſo dar a grande mal, grande remedio. Farás pelo meu amor huma fineza?

Roſim. A' tua diſpoſição eſtão os meus exceſſos.

Merl. Ella eſtá por tudo. Não he tão má alma como eu cuidava.

Rey. He certo o que vejo, penas!

Polid. Pois ſerás minha, a pezar de todo o mundo que te embarace?

Roſim. Palavra te dou de não admittir para conforte meu outro, que não ſeja o Principe Polidoro, mais que niſto aventure a propria vida.

Rey. Darei credito aos olhos? darei fé aos ouvidos?

Polid. Pois meu bem, já que logro tanta ventura

tura na tua promeſſa, ſeja a tua nevada mão, não ſó fiança da tua palavra, mas principio ditoſo de minhas felicidades.

Rey. A cólera me ſuffoca; pagará com a vida a ſua aleivoſia, e a minha offenſa.

Quer mover-ſe, e não póde.

Mas que he iſto! immovel eſtou! O ſuſto me embaraça o movimento.

Merl. Ora que lhe ha de fazer, ſe lha offereceſte de eſpoſa, que importa que agora lha dês de antemão? Iſto são máos perdidas, ſendo ventura que elle ganha por mão.

Roſim. Seria tão impoſſivel, que em mim houveſſe acção menos modeſta, como tornar-ſe em deſertos montes o ameno deſtricto deſtes pomares.

Merl. Pois não ſeja eſſa a duvida, que já eſtás na ſolidão dos montes.

Mutação de montes, e correndo-ſe a arvore fica ElRei patente.

Roſim. Notavel prodigio!

Rey. Raro aſſombro!

Polid. Já não pódes negar o favor que ſolicito.

Roſim. Admirada eſtou!

Merl. Ai meus peccados! Não te admires diſſo ſó; ſe queres admirar-te mais, olha para teu Pai ElRei.

Rey. Não tenho mais ſinal, que de vivo ſentimento que me irrita.

Roſim. Ai de mim! Sem alma eſtou!

Cahe deſmaiada.

Polid.

Polid. Deſmaiada eſtá Roſimunda! Merlim, que hei de fazer?

Merl. Não te afflijas, que ElRei eſtá immovel, e eu vou buſcar agoa para o deſmaio. *Vai-ſe.*

Rey. Já deſta continua luta me ſinto tão proſtrado, que faltão forças para ſuſtentar-me em pé. Aqui tomarei algum deſcanço. *aſſenta-ſe.* Mas que nova offuſcação de ſentidos me opprime! Já vai ſepultando-ſe a luz do dia em negras ſombras, ſe não he que a horrivel parca me cerra os olhos em ſompiterna noite. *adormece.*

Canta Pelidoro a ſeguinte

ARIA.

Ai de mim!
O rigor de meu deſtino
A tal ancia me condemna:
Se he verdade o que examino,
Baſta o ſuſto, baſta a pena
Para ſer da morte enſaio.
Ai meu bem, no teu deſmaio
Meu alento ha de acabar!
Torna em ti
Doce prenda, não me eſcuta
Bello encanto a triſte ſorte:
Já o rigor da dura morte
No meu peito ſe executa;
E acha a parca enfurecida,
Quando em ti me tira a vida,
Novo modo de matar. *Sabe*

Sahe Merlim com huma quarta de agua, e torna em ſi Roſimunda.

Roſim. Ai de mim!

Polid. Torna, meu bem, a dar vida a quem de ſentimento eſpira.

Merl. Ora com o favor de Deos não ha de ſer nada: aqui lhe trago huma bilha; mas ella não tem agoa, nem me parece que a teve nunca, porque eſtá ſeca como hum páo; mas já não ſerá neceſſario. Ainda bem.

Roſim. He poſſivel, que ElRei meu Pai, foi teſtemunha dos meus occultos ſegredos!

Polid. Ao ſomno parece que o vejo rendido.

Merl. Aſſentou-ſe na cadeira? pois bem pódem deitar-ſe a dormir, deſcancem que elle não acordará, ainda que lhe toquem tambores aos ouvidos.

Polid. Que havemos de fazer?

Merl. Eu darei remedio a tudo. Agora quero divertillos hum pouco, moſtrando-lhe o que vai pelo mundo. Queres, bella Roſimunda, ver a batalha que ſe eſtá dando entre o exercito Ungaro, e o de Polidoro teu eſpoſo? pois inclina a viſta.

Mutação de campo de batalha, e dentro ſe ouve eſtrondo de armas.

Roſim. Admiração, e horror me cauſa ao meſmo tempo eſta prodigioſa viſta.

Polid Eu eſtimarei, Senhora, ſer o vencido, porque ſejão voſſos todos os triunfos.

Merl.

Merl. Pois eſta vez não ſerá aſſim, porque já os teus Soldados acclamão victoria.

Dentro. Viva Polonia.

Outros Rendidos ſomos.

Roſim. Venceſte, Polidoro, mas não he novo achares em Ungria rendimentos.

Merl. Ora vejão agora anticipadamente o luzido applauſo, com que na Corte ſe ha de celebrar a victoria as primeiras noites das noticias.

Mutação de Cidade, e as janellas cheias de luminarias.

Roſim. Oh quam plauſiveis me são os teus triunfos!

Polid. He porque todos são troféos de tuas plantas.

Merl. Digão o que quizerem, elle ſempre eſtá huma galante preſpectiva. Quem vir tantas luzes, não ha de dizer ſenão que são janellas com luminarias. Vem todos eſſe apparato luzido, pois proveito dos ratos.

Polid. Porque?

Merl. Porque das propinas deſtas luminarias, elles he que hão de lamber a torcida. Oh Senhores, tem voſſas mercês viſto? pois adeos luzes.

Corre-ſe a mutação, e fica de pomar.

Polid. Pois, Roſimunda, já que me prometteſte obrar por mim quanto eu diſpozeſſe, tenho determinado levar-te para Polonia roubada

bada, já que eu comtigo não poſſo ficar em Ungria; para o que tenho diſpoſto, que huma pequena fragata ao cahir das ſombras nos venha a eſte ſitio eſperar, para conduzir-nos a huma forte náo, que no mar nos eſpera. Que reſpondes, meu bem?

Roſim. A tudo ſe offerece quem a amar ſe ſujeita. Goze eu da tua companhia, ainda que ſeja á cuſta dos maiores perigos.

Polid. Pois, Senhora, com o ſeguro de tanta felicidade começa a alentar o meu coração. Vamos; que de tarde eu te aviſarei por Merlim.

Roſim. Ai amor, a quanto obrigas! *Vão-ſe.*

Merl. Já lá havião de eſtar, que tenho aqui que fazer. Ora vamos acordar ElRei, fazendo pedra de toque deſte annel. Agora por aqui me ſirvo. *Vai-ſe.*

Rey. Que pezado he eſte ſomno! Que ſonho tão terrival!

Canta ElRei a ſeguinte

ARIA.

Triſte ſuſpiro,
Louco delirio,
Sem ter ſocego
Neſte pezar.
Ai filha ingrata
Aonde eſtás?
Sinto, padeço,
Louco endoudeço

De-

Deſeſperado
Com tanto mal.

Rey. Olá, Floriandro, Roſimunda, Criados.

Sahem Floriandro, Roſimunda, Celeſtina, e Bigorrilhas.

Flor. Senhor, de que dás vozes?
Roſim. Que he, Senhor, o que te afflige?
Celeſt. Que he iſto?
Bigor. ElRei devia ver alguma couſa má.
Rey. Floriandro, não viſte mudar-ſe o agreſte dos montes para eſte ſitio, trocando a agradavel verdura deſtas ramas em toſcas aſperezas dos ſeus penhaſcos?
Flor. Não te entendo; mitiga, Senhor, o ſentimento.
Rey. Não viſte que em offenſa da minha Real peſſoa, em parte mais ſenſivel que a meſma vida, executou os golpes ſua aleivoſia, o meu maior inimigo.
Roſim. Que dizes, Senhor? Mitiga hum pouco a paixão.
Celeſt. Elle eſtá louco.
Bigor. Queira Deos não andaſſe por aqui Merlim.
Rey. Ai de mim! hide-vos todos, hide-vos da minha preſença.
Flor. Já, Senhor, te deixamos. *Vão-ſe.*
Rey. Eſpera tu, Floriandro.
Flor. Que he, Senhor, o que me mandas?
Rey. Floriandro amigo, eu eſtou mortal. Meti-

do

do eſtive até agora em hum profundo lethargo: eu vi que eſtas arvores ſe transformárão em montes: eu vi, ai infeliz! que o Principe de Polonia eſtava com minha filha Roſimunda, e que em minha offenſa lhe dava ella a mão de eſpoſa, e em meio de tantos pezares me vi ſem forças para caſtigar a injuria, e ſem alento para ſuſtentar a vida.

Flor. Notavel força de melancolia! Senhor, eu me perſuado a que foi ſonho, e não realidade quanto me referes; porque tão difficil he mudar-ſe os montes, como faltar na Princeza os pundonores de filha tua. Socega, Senhor, a vaga imaginação, e diſcorre com melhor acordo.

Rey. Já concedo, que feria ſonhada a cauſa do meu ſentimento; mas porque eſte ſonho não ſeja prognoſtico da minha deſgraça, eu quero pôr todo o cuidado em evitar a cauſa de tantos ſobreſaltos: e aſſim, Floriandro, eſta tarde quero que diſponhas huma caçada, aonde vá toda a familia de Palacio, e nella determino tirar a vida a Polidoro, atribuindo a erro de algum monteiro a ſua infelicidade. Iſto ha de ſer, de ti me fio, e logo quero que executes as minhas ordens.

Flor. Senhor, a tua vontade he lei da minha obediencia.

Rey. Vamos pois. Ai Roſimunda, quantos deſvelos me cauſas!

Flor. Ai Policena, quanto a tua pena me afflige! *Vão ſe.*

SCE-

SCENA IV.

Sala. Sahem Policena, e Merlim.

Merl. QUeres, Policena, que te torne a dizer o recado para que te não eſqueça? Ora lá vai.

Polic. Não, Merlim, não te canſes, que já eſtou muito bem advertida.

Merl. Saiba que na deſcida dos Acipreſtres, junto á fonte que tem cara de Leão de pedra, has de eſperar alli á boca da noite; mas não lhe metas o dedo, que te póde morder, ahi te hiremos buſcar, não para pôr pés em polvoroſa, que em te metendo no mar, não has de ver palmo de terra, mas para metter pé em barco com Polidoro.

Polic. Em fim tornaſte a dizer tudo; és teimoſo.

Merl. Tenho dado o meu recado: adeos até á tarde. *Vai ſe.*

Polic. Ainda não creio a minha ventura. He poſſivel que me hei de tornar a ver em Polonia, e que hei de hir na doce companhia de Polidoro! Oh ſe quizeſſe amor, que eu tiveſſe abrigo em ſeu peito, para ſer completa a minha felicidade!

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. ElRei me chama; grande mercê! Eu eſtou que não caibo na pelle, e iſto deve ſer porque trago a ElRei na barriga.

Polic.

Polic. Mui divertido vás.

Bigor. Eu já não fallo a todos.

Polic. Porque? eſtás com alguns augmentos?

Bigor. Sim, Senhora, não vês como eſtou gordo.

Polic. Da meſma ſorte te vejo.

Bigor. He que me não vês com bons olhos: ſenão eſtou gordo, eſtou inchado.

Polic. Inchado, com que?

Bigor. Com o favor de ElRei.

Polic. Es agora valído?

Bigor. Antes elle he que ſe quer valer de mim, pois me chama: eu ſupponho que iſto reſultou deſtes novos namorados.

Polic. De quem?

Bigor. He cá hum certo rum rum, que anda em Palacio.

Polic. Dize-me o que he iſſo.

Bigor. Ora eſſa he boa, pois eu havia ſer tal, que diſſeſſe huma couſa de tanto ſegredo? eu havia declarar-te que Polidoro namora a Roſimunda? Boa graça! apello eu por mim!

Polic. Que eſcuto, adverſos fados! Ainda me faltava eſte tormento que ſentir. E dize, como ſe ſabe iſſo?

Bigor. Ai Senhora, a muito má porta vens bater: da minha boca havia ſaber-ſe couſa que defamaſſe ninguem? iſſo não; outro fora eu que diſſera que ElRei ſe esbravejou muito, e que diſſe que vira a Polidoro com a Princeza fallando de amores; que havia fazer, e acontecer; mas eu, Deos me livre. Senhora, fica-te embora, e de mim não eſperes ſaber nada. *Vai-ſe.*

Polic.

Polic. Ai de mim! Se haverá mais penas a que me condemne a minha infauſta ſorte? Polidoro deſprezando os meus affectos, me obrigou a ſentir ingratidões: o fado deſterrando-me de Polonia me condemnou a chorar auſencias, e agora amor apurando os ſeus rigores me mata com ciumes. Se haverá quem naſceſſe com menos ventura? Porém ſe Polidoro me determina levar de Ungria, e elle ſe auſenta para Polonia, como póde ſer certo o que ſinto? Piedoſos Ceos, dai algum allivio a meus pezares.

Sahe Floriandro.

Flor. Galharda Policena, ainda que o teu rigor faz em mim inutil o merito, hão de competir com as tuas tyrannias as minhas finezas, e receebe por huma das maiores o aviſo de que ha quem determina dar morte a teu irmão Polidoro: ſuppoſto que eſta declaração ponha em grande riſco a minha peſſoa, quero antes perder por ti a vida, que ver derramado o teu ſangue: aviſa-o pois que logo ſe auſente.

Polic. Deitou a fortuna o reſto, eſte he o maior de todos os pezares. *á part.* Sem dúvida he certo o que ſe me diſſe. Ah ingrato, tyranno, que te expões a morrer, ſó por tirar-me com a pena a vida.

Flor. Faze o que te digo com todo o ſegredo, e fica-te embora, que mais me não poſſo dilatar. Eſta tarde ſerás roubada na mon-

tanha, que já para iſſo não conſegue o rogo. *á part. e vai-ſe.*

Polic. Vou aviſar a Polidoro, e ſerá o conſervar-lhe a vida fazer maior a ſua ingratidão. Oh quanto te devo, Floriandro! Se forem certos os meus aggravos, proteſto correſponder ás tuas finezas.

Mutação de boſque. Sahem ElRei, e Bigorrilhas.

Rey. Vê o que te encarrego, tem cuidado, e tem ſegredo.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Não percas de viſta os Soldados.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Se ſe executar a morte da peſſoa que eu diſſer, vai tu publicando, que por erro matárão os monteiros a Polidoro, hindo a atirar a huma féra.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. E vê que em iſto ſe executando, ſenão deixe paſſar ninguem para fóra da montanha.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Diſto darás logo aviſo aos Soldados.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Nada te eſqueça.

Bigor. Não Senhor.

Rey. Vai agora ver ſe ſahio já a familia de Palacio para a caçada.

Bigor. Sim Senhor. *Faz que ſe vai.*

Rey. Mas eſpera.

Bigor. Não Senhor.

Rey.

Rey. Que dizes?
Bigor. Sim Senhor.
Rey. Homem eſtás fóra de ti?
Bigor. Não Senhor
Rey. Faze o que primeiro te ordenei. *Vai-ſe.*
Bigor. Sim Senhor. Ora Senhores, tenha hum homem juizo, ainda que ſeja hum aſno. El-Rei havia dizer que eu ſou homem de poucas palavras; pois ſó duas lhe diſſe em todo o tempo que lhe fallei.

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. São horas de hirmos ao ſitio que ſe nos ordena.
Sold. 2. A' ſua ordem vimos.
Bigor. Não he nada, eſtou feito official de ordens, ainda que melhor fora de matrimonios: já me luzio o valimento. Vamos, Senhores Soldados.
Sold. Vamos. *Vão-ſe.*

Sahem Polidoro, e Merlim,

Polid. Se me favorece a fortuna, como o pede o meu atrevimento, hoje terá principio a minha felicidade.
Merl. Grande mal nos eſpera.
Polid. Que dizes?
Merl. Não he quaſi nada, não te aſſuſtes, que não he mais que eſtarmos ambos condemnados á morte: eſta montaria não he mais que para nos caçarem.
Polid. Ha mais adverſa fortuna!

Merl. Vindo agora em buſca de ti encontrei toda a comitiva de Palacio, que acompanhava a Princeza, e paſſando por junto a mim Policena, me diſſe com grande diſſimulação, que eſta tarde eſtava determinado o tirar-te a vida, que logo te retiraſſes para a náo, e que eu a conduziria a ſeu tempo. Pois que te parece?

Polid. He a maior infelicidade que a ſorte me tinha guardado. Ai de mim!

Merl. Ora ei-lo vai, não comeces a fazer choradeiras, tu bem pódes hir para a tua terra.

Polid. Antes quero perder a vida, que perder a Roſimunda, que he a alma que me anima.

Merl. Pois eu antes queria hir para Polonia deſalmado, que ficar eſtripado em Ungria.

Polid. Ai amada Roſimunda!

Merl. Coitadinho! Ora não chores, que a tudo te hei de dar remedio.

Polid. Oh Merlim, quanto me tens obrigado! já he pouca a vida para pagar-te, pois tantas vezes ta devo.

Merl. Ora deixa-te de comprimentos, que não eſtamos agora para iſſo, toma ſentido: para tu-paſſares pelas guardas tens o meu annel que te fará inviſivel, e eu, porque ſerá lá preciſa a minha aſſiſtencia, hirei diſſimulado com a fórma de rapaz pequeno, que ninguem me impedirá a paſſagem.

Polid. Dáme os braços, Merlim, por tão bem diſpoſta traça.

Merl. Irra! guarde para lá: com que eu ſou o que lhe faço os beneficios, e eu ſou o que

lhe

lhe hei de dar de mais a mais os braços; dou-te hum pé para eſcapares dos perigos, e tu queres ſer como o villão, que lhe dão o pé, e toma a mão. Mas eſpera que alli vem ElRei eſcondido atraz daquellas matas, eſpera que não quero que me veja comtigo. *Vai-ſe.*

Sahe ElRei, e hum Soldado.

Rey. Aqui vai Polidoro, ediantar-me-hei a dar aviſo aos Soldados; e tu torna para traz, e em vendo que eſte Eſtrangeiro terá paſſado pelos guardas, que eſtão junto ao poço, vai dar-me aviſo do que ſucceder.

Vai ElRei para outra parte, e o Soldado vai para onde veio.

Polid. Agora que ElRei paſſou, hirei buſcar a Merlim, que eſcondido me eſpera. *Vai-ſe.*

Apparece o fundo de montes, e junto ao eſcotilhão hum bocal de poço, e ſahe Bigorrilhas, e os Soldados com eſpingardas, e põem-ſe Bigorrilhas da parte eſquerda, e os Soldados da direita.

Bigor. Ora Senhores Soldados, ponhão-ſe á lerta, que ſe caçáo o tal coelho, eſta vez pelos noſſos ſerviços ficaremos com o habito; mas ſerá de algum vicio.

Sold. 1. Em mim não haverá deſcuido.

Sold. 2. Eu de tudo eſtou advertido.

Sahe

Sahe ElRei por junto de Bigorrilhas.

Rey. Em ſe executando o que ordenei, vai logo publicar o que te diſſe.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Ao primeiro homem, que depois de mim paſſar, atirareis, e depois o precipitareis na profundidade deſte poço.

para os Soldados, e vai-ſe

Sold. Tudo ſe executará como ordenas.

Sahem Polidoro, e Merlim de rapaz.

Merl. Vás aqui, Senhor.

Polid. Aqui vou.

Merl. Pois vai afouto, que ſendo hum tão grande Principe, me pareces hum ninguem.

Paſſa Polidoro por Bigorrilhas, e pelos Soldados, e ſe vai.

Merl Ora vamos debicar hum pouco com Bigorrilhas.

Bigor. Oh pequeno, aonde vás?

Merl. Eu?

Bigor. Pois quem? tu.

Merl. Vou, vou... eu bem ſei para onde vou.

Bigor. Guarda-te para lá.

Merl. Apoſtemos nós que não ſabe v. m. para onde eu vou?

Bigor. Pois dize para onde.

Merl. Eu vou aquillo.... vou a.... como ſe chama? Oh, já ſei; vou ver caçar.

Sold. 1. Olhem a curioſidade do rapaz.

Sold. 2. Eſte não póde ſer o que ElRei nos diſſe.

Sold. 1.

Sold. 1. Porque? elle he Herodes, que mande matar innocentes.

Bigor. Rapaz, vai-te embora para tua caſa, não queiras levar alguma dentada de algum porco montez.

Merl. Ora v. m. ha de me deixar hir; que ha de fazer?

Bigor. Guarte lá; que diabo he iſto?

Merl. V. m. tem a fralda ſóra, ſurriada, ſurriada. á, á, á, á. *ri-ſe.*

Bigor. Vem voſſés o rapaz dando-me vaias.

Sold. 1. O maroto he deſcambado.

Merl. Ora deixe me paſſar, que eu lhe cantarei huma cantiga bem bonita.

Bigor. Canta lá.

Merl. Ai tam farram tam fam. *ri ſe.*

Sold. O rapaz parece que nos logra.

Bigor. Tu andas na eſcóla?

Merl. Sim Senhor.

Bigor. E que dás?

Merl. Eu dou beliſcões nos rapazes.

Bigor. Soletra lá alguma couſa.

Merl. S. P. qto. caixo, f. x. me le o máo de gral.

Bigor. Ora o rapaz he ſolemne! *ri ſe.*

Merl. Quer v. m. que eu lhe cuſpa na cara?

Bigor. Não, não, eſtá quieto: que mais ſabes fazer?

Merl. Eu ſei fazer, e mais ſei muitos jogos, e pois? Eu ſei fazer o ſom da caixa, ſei a roda dos altos couces, ſei a correta lá vai Luzina, ſei o páo manda, o páo fica, e...

Bigor.

Bigor. Baſta, baſta, rapaz, de não ſei que diga.

Merl. Sei dizer ſeſta bareſta; ſei dizer ferrolho, ferrolho, o diabo te quebre hum olho; taramella, taramella, o diabo te quebre huma perna.

Bigor. Baſta, homem, baſta.

Merl. Sei fazer pocinhas de mijo na praia, ſei fazer caca por mim, e mais por v. m. e ſei fazer aſſim.

Sold. 1. Oh ſim, he bonito!

Merl. Ora deixe-me paſſar, que eu lhe contarei huma hiſtoria.

Bigor. Ora dize lá.

Merl. Era huma vez hum corujo de penedo, que tinha ſeis cornos tamanhos, e hum rabo tão comprido; com que, Senhor, foi elle, hia paſſando por huma rua, ouvio chorar hum menino, vai elle que faz? ſubio pela eſcada acima para pegar no menino, vai o menino, vai elle, e antance o corujo, vai, e toma o corujo, e o menino: e não ſei mais. Ora deixe-me paſſar.

Bigor. Ora vai-te já com não ſei que diga.

Merl. E v. m. deixa-me paſſar?

Sold. Paſſa, avia.

Merl. Surriada, que os logrei. *Vai-ſe.*

Bigor. Ver o deſaforo do rapaz!

Sahe hum Soldado.

Sold. Supponho que já terá paſſado o ſujeito, que ElRei diſſe. Senhores Soldados.

Vai aos Soldados.

Sold. 1.

Sold. 1. Eſte he ſem duvida o que eſperamos.
Sold. 2. Pois morra. *Atirão-lhe, e cahe no chão.*
Sold. Morto ſou. Ai de mim, triſte!
Sold. 1. No poço o precipitemos.
Bigor. Ai que medo! os cabellos ſe me arrepião! Que tiveſſem valor dous bonecros para matar hum homem! eu me vou depreſſa deſte ſitio. *Vai gritando.*
Matárão ao Eſtrangeiro Polidoro huns monteiros, que hindo matar hum porco, matárão ao moço mais aſſeado que havia. *Vão-ſe.*

Corre-ſe a corrediça do poço, e ſahe Celeſtina.

Celeſt. Que diacho he iſto, que anda neſte boſque! Não ouço mais que vozes deſconcertadas, tiros horroroſos, e todos em ranchos cochichando huns com outros, Policena aſſuſtada, Roſimunda penſativa, ElRei jogando os ſegredos, eu arrenegada entre tanta confuzão!

Sahe Roſimunda.

Roſim. Ouvi dizer que he morto Polidoro: ſe iſto he certo, que eſpera a dura parca, que não executa o meſmo rigor!
Celeſt. Peior he eſta!

Canta Roſimunda a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh parca mais cruel, em não matar-me,
Que na gloria que chegas a uſurpa-me
Acaba já comigo

Que

Que de huma eterna auſencia na dor forte
A vida he maior mal que a meſma morte.

ARIA.

Mas pois na mortal pena
Sinto as ancias com que aſpiro,
Parte eſta alma em hum ſuſpiro
A buſcar o amado bem.

Sahe Polidoro, e canta a meia Aria.

Roſim. Eu falleço.
Polid. Ai doce gloria
Não me mates.
Roſim. Que he o que vejo!
He illuzão do meu deſejo?
Polid. Não meu bem, he realidade
Amb. Ha maior felicidade!
A lograr eſta ventura
Não eſtá a vida mais ſegura,
Pois mata o goſto tambem.

Polid. Segue-me amada Roſimunda. *Vai-ſe.*
Roſim. Vem Celeſtina. *Vai-ſe.*
Celeſt. Já te ſigo. Queira Deos que pare em bem eſte enredo. *Vai-ſe.*

Sahe Policena.

Polic. Aqui me mandou eſperar Polidoro, verei ſe Merlim me vem conduzir aonde diſſe, e ſe eſtará já em ſeguro a vida deſte ingrato, que ainda que offende a minha, e deſeja defender a ſua.....

Sahem

Sahem dous Soldados, e a tomão no meio, e detraz hirá Floriandro.

Sold. A buſcar-vos vimos com ordem de quem póde mandar-vos: vinde voluntariamente, não ſeja preciſo que com a violencia ſe profane o decoro.

Polic. Para que he levar por força, a quem vos ſegue por vontade? Eſta he ſem duvida a traça de Merlim, e a ordem de Polidoro. *á p.*

Levão-na no meio, e detraz vai Floriandro.

Flor. Admirado me tem a pouca repugnancia, com que ſe houve Policena: bem me ſuccede nos meus amoroſos empenhos. *Vai-ſe.*

Sahem, Polidoro, Roſimunda, Celeſtina, e Merlim.

Polid. Merlim, como havemos vencer eſta grande difficuldade? Tomadas eſtão todas as ſahidas do boſque. Como nos havemos de eſcapar deſte perigo? Não fellas? não reparas? não reſpondes?

Roſim. Merlim, já que nos meteſte no empenho, não nos deixes padecer ſem remedio. Eſtás mudo?

Celeſt. Merlim, meu menino, tira-nos deſta ratoeira, mais que ſeja com a mão do gato. Eſtás ſurdo? não me ouves?

Merl. Eu ſei cá diſſo? Deixem-me aqui: eu cá pari-os? agora me eſtão debaixo da mão, todos me rogão, tudo são conſumições, daqui

daqui á manhã hão de me dar dous couces na boca do eſtomago.

Polid. Que reſolves?

Roſim. Que determinas?

Celeſt. Que intentas?

Todos 3. Merlim.

Merl. Outra vez, Merlim, o diabo da gente hão de me ſurrar o nome, e eu hei de ficar ſem elle. Ora não ſe deſconſolem, que tudo tem remedio.

Celeſt. Boas novas te dê Deos.

Merl. Já o boſque ſe vai cobrindo de huma tão cerrada nevoa, que todos hão de andar ás apalpadellas; e para que aqui não eſtejão dous Principes deſaccomodados, já minhas artes fabricão hum delicioſo jardim, aonde nos recebão dous Satyros amigos, que habitão neſtas ſalvas.

Mutação de Jardim de caniços, e dous Satyros.

Roſim. Que formoſa eſtancia!

Polid. Bello emprego do meu cuidado, á medida do meu deſejo ſe diſpõem tudo o que he agradavel.

Celeſt. A habitação he boa, mas os hoſpedes são horrendos.

Merl. Ora Senhores Pés de Cabra da Fonſeca, cantem voſſas mercês alguma couſa triſte, que nos alegre.

Cantão os Satyros.

Reſoe em doce clamor. amor.
Que levando em tudo a palma alma.
Infunde aos troncos que eleva leva.
A gloria mais ſuperior:
E no encanto apetecido,
Sendo paſmo do ſentido,
Doce leva á alma amor.

Diz dentro ElRei.

Rey Entre o grande horror de que ſe cobre a ſelva, ſerve de norte ao ouvido a harmonioſa voz, que a eſta parte ſe eſcuta.
Roſim. Eſte he ElRei, que aqui ſe encaminha.
Polic. A eſta parte ſe percebe claridade; e pois fluctuamos em golfos de ſombras, tomemos porto aonde ſe nos offereça luzes. *Dentro.*
Polid. Eſta he Policena, que ſe nos aviſinha.
Merl. Pois he juſto que a recebamos em caſa, e não em o jardim.

Mutação de Sala de eſtatuas.

Polid. Que admiração!
Roſim. Que pordigio!
Merl. Agora Polidoro ſe eſconda, que eu quero tornar a ſer criança.
Celeſt. Outra vez?
Merl. Não vês que duas vezes ſomos meninos.

Reti-

Retira-ſe Polidoro, e Merlim para ſahir de menino, e ſahe por huma parte ElRei, e Bigorrilhas, e por outra Policena, e Floriandro.

Rey. He ſonho, ou verdade o que admiro?
Bigor. Eu eſtou tolo!
Flor. He engano da viſta o que contemplo?
Polic. Que nova admiração he eſta? Mas que vejo! Floriandro he o meu condutor? Engano foi da ſombra. Ai de mim!
Rey. Filha Roſimunda, que prodigio he eſte?
Roſim. Eu, Senhor, na meſma duvida eſtou.
Rey. Aqui anda impulſo ſobrenatural. Policena, muito ſinto dar-vos a noticia de que voſſo irmão he morto, e que hum monteiro o matára por engano, indo a atirar a huma féra; e viſto eſte engano, e ficar impoſſivel o remedio, quando queirais aſſiſtir neſte Reino, ſereis tratada com grande eſtimação no meu Palacio; e quando não, me obrigo a mandar-vos conduzir com maior decencia á voſſa Patria.
Polic. Ai infeliz, que naſci para repreſentar na minha vida huma continuada tragedia! Pois, Soberano Monarca, já que a fortuna com o maior infortunio quiz apurar a minha deſgraça, agora com a maior dita, quero dar principio á minha ventura: e aſſim com tua licença darei a mão de eſpoſa a Floriandro, de tantas finezas como lhe devo.
Flor. Toda a ventura ſerá minha, ſe amor...
Rey. Floriandro, repara que o meu ſangue enche

de

de eſpirito o teu peito, e ſe desluſtra na deſigualdade.

Roſim. Grande amor!

Polic. Não julgues, Senhor, que com eſte conſorcio fica desluſtrada a tua Soberania; e aſſim ſabe, que o meu naſcimento he Real: ſobrinha ſou de Iſar de Moſcovia, que com huma irmáa ſua vim ao Reino de Polonia, aonde vivendo no Palacio d'ElRei ſeu eſpoſo, amei ao Principe Polidoro, ao qual hoje em Ungria derão morte os teus vaſſallos, fazendo mais ſenſivel o meu pezar, ſer eu a cauſa da ſua deſgraça; pois vindo em buſca minha, achou a morte neſte Reino.

Rey. Notavel deſgraça!

Flor. Infeliz tragedia!

Merl. Deixallos lamentar, que elle logo ha de reſuſcitar. *á part.*

Rey. Grande laſtima me couſa a morte do Principe.

Bigor. Eu eſtou arrebentando por dizer, que não era elle o que matárão.

Rey. Se imprudente fui na minha reſolução; mas pois ao effeito não hà remedio, daqui não hei de hir, Roſimunda, ſem que tu elejas eſpoſo, para logo reſponder aos Embaixadores dos Principes, que te procurão; e ſuppoſto que o de Polonia já he falecido, os demais deixo á tua reſolução.

Roſim. Boa occaſião. Pois Pai, e Senhor, ſuppoſto que o Principe de Polonia he morto...

Merl. Toda a ſuppoſição he falſa.

Roſim.

Roſim. Poſſo eleger o que quizer ?
Rey. Já eſtá empenhada a minha Real palavra.
Roſim. Pois fiada neſſe ſeguro elejo eſte.
Vai buſcar a Polidoro.
Merl. A rapariga tem juizo.
Rey. Logo elle não he morto : que pena !
Flor. Que alegria me cauſa eſte ſucceſſo !
Polic. Que novo extremo de goſto , e pezares !

Sahem Polidoro , e Roſimunda.

Polid. Eſta he , Senhora , a minha máo , e eſta , Senhor , a minha garganta : ſe te offende a minha ouſadia , tira-me a vida que alento ; pois já me não pódes tirarar a gloria que conſigo. *ajoelha.*
Roſim. Senhor.
Rey. Levantai-vos a meus braços , que já trocado o rancor em agrado , elles meſmos duplicaráõ os laços com que vos unio o amor.
Flor. Mereça eu , Policena , a tua divina máo por premio de minhas finezas.
Polic. Com ella recebe huma alma , que já ſe empenha a adorar-te.
Celeſt. Todos cazáo , ſó eu não ſei qual he o meu ?
Bigor. Eu eſtou para hir pedir a ElRei a Celeſtina , mas tenho tamanha vergonha , como hoje , e á manhá.
Celeſt. Eu não tenho com quem cazar. Oh menino , quereis vós cazar comigo ?
Merl. Ai v. m. eſtá feita a carouxinha , dizendo quem

quem quer cazer com a carouxinha, que he bonita, e formoſinha.

Celeſt. Pois queres?

Merl. Eu não ſei cazar; mas ſe v. m. me enſinar, aqui eſtou.

Bigor. Ha maior deſamparo! Iſſo he huma criança: ſe queres cazar, aqui eſtou eu, dá cá eſſa mão.

Eſconde-ſe o rapaz, e ſahe Merlim.

Merl. Tenha mão para lá, que cá eſtou eu primeiro.

Bigor. Eu te arrenego, já eu eſtava admirado de tu aqui não fazeres das tuas.

Merl. Rei invicto, Soberano Monarca, com razão vos admirão as couſas ſobrenaturaes, que no voſſo Palacio, e neſtes boſques tem ſuccedido, e agora ſe eſtá vendo; e aſſim declaro, que eu tenho ſido o author de todas, uſando da magica branca, que Pedro de Bayalarde me enſinou em Pariz; porém ſe diſſo te dás por offendido, ſuppoſto nunca foi eſſe o meu intento, todos por mim já intercedem.

Todos. Senhor.....

Rey. Baſta, perdoado eſtás.

Merl. Pois na fé deſte ſeguro, repitão-ſe alegres vozes, e todos conformes digamos.

Cantão , e repreſentão.

Nobre auditorio , ſe o affecto aſſentar
Neſtes obſequios , que ſabe fazer ,
O voſſo agrado chegue a merecer ,
Pois nunca erra quem quer agradar.

FIM.

INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTÉM eſte quarto Tomo.

Filinto Perſeguido , e Exaltado , pag. 3.
Os Encantos de Circe , pag. 100.
Semiramis em Babylonia , pag. 159.
Os Encantos de Merlim , pag. 224.

CATALOGO

De alguns Livros que ſe vendem na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, ao Bairro Alto, na rua da Atalaia.

Operas Portuguezas, que ſe repreſentárão nos Theatros públicos do Bairro Alto e Mouraria. 4 vol. em 8.º

Hiſtoria do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França, 3 Partes em 1 vol. de 8.

Adão Remido por Jeſu Chriſto, Poema Evangelico, em 8. 1 vol.

A Conversão miraculoſa da Felice Egypcia penitente Santa Maria, ſua Vida e Morte compoſta em Redondilhas por Leonel da Coſta, 1. vol. em 12.

Exercicio Devoto para pedir o Amor de Deos, e outras Virtudes, pelo Veneravel Padre Fr. Luiz de Granada, 1 vol. em 12.

Luz e Methodo facil para todos os que quizerem praticar o importante exercicio da Oração Mental. Pelo P. Fr. Manoel de Deos Miſſionario do Varatojo, 1 vol. em 24.

Taboada Geral, ou Noções preliminares da Arithmetica de novo recopilada pelo methodo Socratico, ou Dialogiſtico, para inſtrucção da Mocidade Portugueza, com o accreſcentamento do valor, e ſubdivisão de todas as moedas

de

de cambio das principaes Praças da Europa, declarando-ſe a real correſpondencia que as meſmas moedas tem com o curzado velho de Portugal, 1 folheto em 8.

Elementos da Arithmetica, ou Regras da Numeração, e das quatro operações fundamentaes da Arithmetica, para uſo das primeiras Eſcólas, 1 folheto em 8.

Orações para aſſiſtir ao Santo Sacrificio da Miſſa, conforme o Miſſal Romano, e para antes e depois da Confiſsão e Communhão; e accreſcentado novamente com a *Magnificat* de N. Senhora em Portuguez, 1 vol. em 16.

Taboada Exacta em folha para uſo de Meninos, principiantes das Eſcólas.

Cartilha da Doutrina Chriſtã, ordenada á maneira de Dialogo para inſtrucção dos Meninos 1 vol. em 16.

Breve Compendio da Doutrina Chriſtã, por methodo claro, e accommodado aos meninos que aprendem. No fim ſe enſina o modo de ajudar á Miſſa, conforme o uſo Romano, do Carmo, e de S. Domingos.

Manual Devoto para aſſiſtir á Miſſa, accreſcentado com varias Orações offerecido a todo o Fiel Chriſtão, para ſe encomendar cada *hum* a Deos N. Senhor. Ultima Impreſsão mais accreſcentada, e com eſtampas.